UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Bruno Monteiro Herculino

Discurso e Psicanálise: Efeitos de Corpo nas Transidentidades

Ribeirão Preto
2021

BRUNO MONTEIRO HERCULINO

Discurso e Psicanálise: Efeitos de Corpo nas Transidentidades

(Versão Corrigida)

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação

Orientador(a): Prof.ª Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa

Ribeirão Preto

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Herculino, Bruno Monteiro.

Discurso e Psicanálise: Efeitos de Corpo nas Transidentidades/ Bruno Monteiro Herculino; orientadora Lucília Maria Abrahão e Souza. – Ribeirão Preto, 2021
242 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Processos Culturais e Subjetivação.

1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3. Palavra-chave. 4. Palavra-chave. 5. Palavra-chave. 6. Palavra-chave.

Herculino, Bruno Monteiro

Título: Discurso e Psicanálise: efeitos de corpo nas transidentidades.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em: 02 / 12 / 2021

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) Prof.º Dr.º Lauro José Siqueira Baldini

Instituição: Universidade de Campinas – UNICAMP

Assinatura: _____

Prof.ª Dr.ª Aline Fernandes de Azevedo Bocchi

Instituição: Universidade de Franca – UNIFRAN

Assinatura: _____

Prof.ª Dr.ª Dantielli Assumpção Garcia

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Assinatura: _____

Aos meus pais, ***Vicente*** *e* ***Joana****.*

Que na feitura do amor me colocaram na ciranda do desejo e da linguagem.

A vocês, minha (e)terna gratidão!

Aos corpos errantes, transitantes, loucos, transtornados. Aos corpos que se destinam não a uma anatomia, mas a um dizer. Aos corpos dissidentes que insistem nas diferenças e no fazer diferença. À Dandara, à Matheusa, à Roberta, a todes aqueles que, infelizmente, não podem mais habitar os seus corpos, mas que sempre irão habitar uma memória.

UMA CARTA DE RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

Àquela que, pela poesia, fez do seu coração um peito-ninho.

Cara Dr.ª Prof.ª Lucília,

Começo essa carta tecendo algumas palavras sobre a epígrafe escrita, uma vez que essa seja a mais vã tratativa de palavras que eu consiga escrever sobre sua presença em minha vida e no decorrer desta dissertação de mestrado. Se sabemos que as palavras não dão contam de envelopar toda a experiência humana, sabemos, também, que elas não cansam de tentar representar o irrepresentável, de dar face ao impossível, ao inefável. Portanto, diante deste impossível, lanço mão da poesia. E me recordo que nossa primeira partilha de escrita foi um artigo sobre poesia, a de Manoel Barros, aquele que é um apaixonado em desarrumar a linguagem, acredito que partilhamos dessa paixão com o poeta.

Assim, na escritura desta carta, metaforizo teu coração em peito-ninho, um coração que metonimicamente se faz corpo. Corpo de afeto, de linguagem, de habitação, que na urdidura de um fazer, de uma orientação acadêmica, acolheu seu "filhote-(des)orientado" em seu peito-ninho, o alimentando com toda humildade, paciência, teoria consistente e afeto cativante, dando, além de asas, um chão. Eu, na esteira do desejo em querer ser "mestre", mesmo esquivando desse lugar, encontrei no caminho um espaço no peito-ninho, que desde o começo se mostrou convidativo. Um ninho que fez ressoar um dizer de incentivo, autonomia e amadurecência. Em seu dizer po(ético), aquarelado, artístico, inquieto, curioso, particular, encontrei um território para que minha voz também encontrasse ressonância, escuta, autorização.

Lucília, significante pertencente à luz, o que brilha, que se faz farol na vida dos "filhotes-(des)orientados", permitindo que os recém chegados também brilhem, por meio desta carta venho agradecer e reconhecer a sua presença, sua escuta, seu acolhimento. Agradeço pela doçura com que me acolheu no E-L@DIS, um significante que pelo equívoco eu tomei por outra sonoridade "Ela-diz", um dizer dela, Lucília. Um espaço tão potente como possível, dado a amabilidade presente nesse laboratório discursivo, uma rede, como de pesca, com furos e nó(s). Agradeço e reconheço a importância de sua presença em minha travessia, em meu amadurecimento pessoal e como pesquisador.

Atenciosa e agradecidamente,

Bruno

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor recebido, pela aposta em meus desejos, pelo cuidado. Ao meu pai, Vicente, por ter me dado um nome, por ter me ofertado o silêncio e o vazio, deixando um lugar para criar e inventar. À minha mãe, Joana, pelo amor incondicional, pelas palavras emprestadas, por ser anfitriã do desejo. A eles, trago os versos da canção: "é preciso amor para poder pulsar"[1]. Obrigado!

Aos meus irmãos Alex, Alexandre, Adriano com quem aprendi (e aprendo) a fazer laço, a lidar com a alteridade, a me desdobrar com o amor que nos (des)encontra, trago a poesia de Zack Magiezi que diz "separados crescemos, mas quando estamos juntos é sempre infância"[2].

A Monique, minha amiga-irmã, que sempre esteve comigo nas melhores e piores fases da minha vida. Meu cais, meu porto, minha (des)organização. Obrigado por existir! Há braços!

Aos queridos amigos Bia (minha dupla), Tiago, Amanda (prima querida), Matheus, Denise, Joyce (parça), Pri e Josy. Obrigado por me proporcionarem momentos de tomada de fôlego para seguir (inclusive nesta pesquisa).

Aos E-l@dianos (aos de hoje e aos de sempre): Lu (nossa capitã), Mel, Gu, João Flávio, Karen, Glaucia, Aline A., André, Duda, Rodrigo, Marco Antônio, Bia, Paulo, Carlos, Thales, Juliana, Silvia, Elaine, Thaisa, Ane, Aline, Danti, Juliana, Adonai e Stefanie.

Agradecimento especial a Mel, minha "irmã de mestrado", obrigado pelas dicas, conselhos e por me hospedar em seu ap (saudades do Jamie). André, um querido, que com sua humildade e experiência nos estudos discursivos me deu caminhos fundamentais para minha pesquisa. A Karen, pelas trocas, pelo acolhimento, pelas dicas. A Juliana, pelas caronas, pelos papos e pelo carinho. Obrigado!

A minha psicanalista Silvia Guanciale Andreo que, por cumprir sua função de causa de desejo, foi fundamental no meu percurso enquanto sujeito desejante, pois, além de acompanhar minhas angústias, meus giros nos discursos, minhas peripécias com as palavras, meus tropeços com o real, testemunhou a edificação deste trabalho de mestrado.

A Glaucia Nagem, supervisora clínica, que tanto me causa, contribuindo para meu fazer clínico, meu amadurecimento teórico e para uma escuta ética.

A Bere, minha querida professora, mestra, amiga. Você que sempre apostou em mim, que viu potencialidade aonde eu mesmo não enxergava. Meu muito obrigado!

A Ane Patti, minha (e)terna professora e minha anfitriã na psicanálise, que no seu estilo particular transmitiu a peste, o desejo pela psicanálise e pela escuta das diferenças.

---

[1] Tocando em Frente (Almir Sater e Renato Teixeira, 2004).
[2] Disponível em <https://www.instagram.com/p/CTcbfkfssfW/>.

A Aline Bocchi, que me apresentou a AD, uma parceria que se iniciou em uma pesquisa de iniciação científica (pesquisando o corpo infantil medicalizado). Pesquisadora voraz, disciplinada e de uma humildade que poucas vezes experimentei nos solos acadêmicos.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e de Curitiba, dos Seminários de Topologia, da Rede de Pesquisa em Linguística e Psicanálise, e dos Seminários de Leitura. Espaços que tanto enriquecem meu percurso de (de)formação e que tanto contribuíram para o tecer deste escrito.

Ao Furo, grupo de estudos psicanalíticos que coordeno, que ao transmitir um saber percebo-me também afetado pelo saber e curiosidade dos colegas participantes.

Aos professores e pesquisadores que compuseram minha banca de qualificação, Prof.ª Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa (orientadora), Prof.º Dr.º Lauro José Siqueira Baldini e Prof.ª Dr.ª Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, que enriqueceram tanto a pesquisa quanto o pesquisador. Agradeço pela leitura cuidadosa, pelos apontamentos necessários, contribuições enriquecedoras para o texto final.

Aos professores e pesquisadores Prof.ª Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa, Prof.ª Dr.ª Dantielli Assumpção Garcia, Prof.º Dr.º Lauro José Siqueira Baldini e Prof.ª Dr.ª Aline Fernandes de Azevedo Bocchi pela leitura e contribuição na banca de defesa. Agradeço por ter tido vocês, pesquisadores que tanto admiro, em meu percurso neste escrito de mestrado.

Aos professores Lucília Sousa, Pedro Ambra, Maria Alves Toledo Bruns, Maria Lívia Tourinho Moretto, Ana Paula Soares da Silva e José Francisco Miguel Henriques Bairrão pela transmissão do saber nas disciplinas. Obrigado!

Aos analisantes que atendo, que tanto me ensinam e que também me causam!

A todes os pesquisadores que apostam na construção de um saber cientifico no Brasil e que embasaram os questionamentos, as construções teóricas e as formulações desta dissertação de mestrado.

Um agradecimento especial a todes aqueles que se identificam no oceano das dissidências de gênero, esta pesquisa é para vocês!

Por fim, agradeço à Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Corpo sem juízo.

Minha filha continua me escrevendo
Me afirmou que vai voltar
Que vem me ver por esses dias
Pediu-me perdão, dizendo que havia transformado seu corpo em outro corpo
E que eu teria dificuldade em reconhecê-la
Eu lhe respondi que o corpo era dela. Era ela a única dona!
E que meu amor por ela estava sacramentado desde sempre
O meu coração estaria sempre do lado do corpo dela
Qualquer que fosse a forma que esse corpo tivesse
E cá estou eu. Nem sei por que contemplando esse corpo caído no chão
Debruço. Olho a cabeça do corpo morto
Parece de uma mulher bem jovem. Ela devia ser vaidosa
Longas tranças espalhadas lhe cobrem a nuca e parte dos olhos
Sinto arrepio. Parece que eu já vi esse corpo por trás
Essa silhueta não me é estranha. Tenho essa imagem no fundo de minhas lembranças
Quem será essa mulher?
Alguém me sussurra, ao lado, que foi um crime de homofobia
Penso em Josué, meu filho. Que não é filho. E, sim, minha amada filha
Preciso me afastar daqui. Essa cena me traz lembranças de antigas dores
Minha filha disse que virá por esses dias
Estou cansada. Tudo em mim dói
Crime de homofobia? De quem é esse corpo?
É preciso resguardá-la. A polícia está demorando
Preciso me aproximar mais. Quero ver esse corpo de perto
Há um detalhe, perto do corpo que eu não tinha visto: Uma pequena bolsa tiracolo
Bolsa igual a minha. É a bolsa que a minha filha me pediu, um dia
Presente que eu lhe dera escondido do Josué pai
Preciso me aproximar
Dá licença! Dá licença! Dá licença! Vejo-me empurrando todos
Dá licença! Vida, me dá licença! Me dá licença!
Conheço esse corpo
Saio de mim
Planto-me aqui
Eu, sentinela de um corpo assassinado, que não consegui guardar
Essa é a minha menina. Tenho dor
Meu peito explode
Algo me fere o peito
Quem matou a minha menina?
O pai?
Eu?
Vocês?
Quem matou minha menina?
Quem matou minha menina?

(Jup do Bairro, 2020)

RESUMO

Herculino, B. M. (2021). Discurso e psicanálise: efeitos de corpo nas transidentidades. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Nessa pesquisa de mestrado, pretendemos investigar os efeitos de corpo nas transidentidades à luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso constituída por Michel Pêcheux e da Psicanálise fundada por Sigmund Freud e avançada por Jacques Lacan. A temática se apresenta emergente em determinadas condições contemporâneas que de certo modo insistem em (psico)patologizar dissidências de gênero que fogem de uma categorização manobrada e administrada ideologicamente por um "cistema-mundo", ou seja, uma formação discursiva cisgênera e heterossexual. Interessa-nos, nesta pesquisa, observarmos quais e como alguns sentidos sobre o corpo nas experiências transidentitárias são formulados e circulam na contemporaneidade, uma vez que, ao compreender o discurso como efeito de sentidos, visa-se neste trabalho, descrever e interpretar como o sujeito-trans e seu corpo são atravessados por discursos outros que insistem em defini-lo. Com a psicanálise, tenciona-se traçar um percurso que vai da pulsão ao nó, para pensarmos o corpo, o sujeito do inconsciente e os processos de identificação em dada posição sexuada, além de estabelecer algumas críticas ao campo psicanalítico no tocante à sua visão sobre os corpos dissidentes. À vista disso, intentamos, através de um olhar-pesquisador, examinar como os discursos e os sujeitos são discursivizados em materialidades significantes, como *charges*, documentários, reportagens e livros, que engenham uma textualidade, onde surge a dimensão simbólica e um trabalho interpretativo poderá ser realizado. Objetivamos, portanto, estudar sentidos sobre a relação sujeito, corpo e subjetividade, mais especificamente, questões que irrompem as experiências de identidades trans, visando compreender o processo de produção discursiva de sentidos sobre um corpo em trânsito, que resiste a uma memória discursiva de uma diferença sexual que insiste em administrar os corpos e subjetividades, promovendo um silenciamento de corpos possíveis e de gêneros plurais.

Palavras-chave**:** Análise do Discurso. Psicanálise. Sujeito. Corpo. Transexualidade.

ABSTRACT

Herculino, B. M. (2021). Discourse and Psychoanalysis: the body effects within the trans identities. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

The present master thesis intends to investigate the body effects within the trans identities, meeting the theoretical assumptions of the Discourse Analysis comprised of Michel Pêcheux in conjunction with the Psychoanalysis founded by Sigmund Freud and broadened by Jacques Lacan. The theme presents itself emerging in certain contemporary conditions that somehow insist on psycho(pathologize) gender dissonance that flee from an ideologically categorization maneuvered and managed by a cis world pattern. In other words, a cisgender and heterosexual discursive formation. The research aimed to investigate which and how some senses about the body in trans identities experiences are formulated and circulate in contemporaneity. From such discourse understanding of senses effects, the present research pursues the description and the interpretation on how a trans subject and its body are permeated by other discourses that insist on defining them. Along with psychoanalysis, the research seeks to delineate a pathway that treads from drive to knot in order to conceive the body, the subject of the unconscious and the self-identification process given a sexual position, in addition to establishing some criticisms of the psychoanalytic positionings regarding their perspective on dissonant bodies. Based on that, this thesis intends to examine how discourses and subjects are presented in signifier materialities like cartoons, documentaries, reports and books that conceive a textuality in which a symbolic dimension emerges and an interpretive work can be conducted. Therefore, it is aimed to study the relationship meanings amongst subject, body and subjectivity, mainly matters that arise from trans identities experiences to further understand the process of discursive production of senses about a body in motion, that resists a discoursive memory which insists on controlling the bodies and the subjectivities, promoting the silencing of possible bodies and plural genders.

Key words: Discourse Analysis. Psychoanalysis. Subject. Body. Transsexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES[3]

Ilustração 1 – Capa da dissertação – Sem título (2020) 01
Ilustração 2 – Introdução – Broderagem (2021) 17
Ilustração 3 – Capítulo 1 – Exposição (2018) 30
Ilustração 4 – Capítulo 2 – Quebrar da aurora (2020) 89
Ilustração 5 – Capítulo 3 – Sem título (2021) 141
Ilustração 6 – Capítulo 4 – Sem título (2019) 183
Ilustração 7 – Capítulo 5 – A motoqueira (2020) 220
Ilustração 8 – Referências – Quando o tesão passa (2019) 227

[3] As obras presentes na capa e na abertura de cada capítulo são pinturas de Fefa Lins, artista plástico pernambucano, formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE. Suas obras estão marcadas com sua própria vivência enquanto corpo dissidente, movimentando sentidos relacionados a corporeidades não normativas. As pinturas foram colhidas da conta do Instagram do artista (@fefa.lins), que registrou em seu trabalho um olhar sensível e crítico ao mesmo tempo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Signo linguístico de Saussure.....42
Figura 2 – O signo lacaniano.....43
Figura 3 – Cadeia Significante.....44
Figura 4 – Metáfora e Metonímia.....45
Figura 5 – Banda de Moebius.....55
Figura 6 – O nó borromeano.....66
Figura 7 – O corpo e o nó.....87
Figura 8 – Tríplice Aliança da Análise do Discurso.....105
Figura 9 – Estrutura do Discurso em Pêcheux.....106
Figura 10 – As Formações.....142
Figura 11 – O primeiro homem grávido.....144
Figura 12 – Corpos que gestam.....145
Figura 13 – Formações Imaginárias.....146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

AAD – Análise Automática do Discurso (de Michel Pêcheux)

AAD69 – Análise Automática do Discurso publicada em 1969

AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado

AE – Aparelhos (repressivos) de Estado

CP – Condições de Produção

FD – Formações Discursivas

FI – Formações Ideológicas

SD – Sequências Discursivas

RSI – Real, Simbólico, Imaginário

UNICAMP – Universidade de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O CORPO TAMBÉM MERECE QUE SE LUTE POR ELE 17
1. NO HORIZONTE: A PSICANÁLISE E A SUBJETIVIDADE DE SUA ÉPOCA 30
1.1. O sujeito em imisção de Outridade: o inconsciente estruturado como linguagem 39
1.2. Transidentidades e Psicanálise: por dizeres inventados de outro modo..... 53
1.3. O corpo e seus destinos: pulsão, discurso e o nó borromeano 73
2. OUSAR PENSAR, OUSAR SE REVOLTAR: A ANÁLISE DO DISCURSO 89
2.1. A arte de refletir nos entremeios: criticando a afirmação do óbvio 91
2.2. De novo (mais de outro modo) o sujeito: na captura da ideologia..... 115
2.3. Um corpo semanticamente (tido como) normal..... 126
2.4. Da língua-concha ao mar do discurso: o método discursivo..... 132
3. TRANSIDENTIDADES E(M) DISCURSO: O CORPO EM MOVIMENTO..... 141
3.1. A memória do corpo: a sexuação dos corpos e o "cistema-mundo"..... 148
3.2. Condições de produção discursivas: (trans)feminismos, gênero e estudos *queers* 160
3.3. Das transexualidades às transidentidades: efeitos de diagnóstico entre interlocutores168
4. GESTOS DE ANÁLISE: EFEITOS DE (NÃO) SENTIDO NO CORPO OU DO QUE SE COLHE DO REAL 183
4.1. Não fossem seus pelos vários..... 186
4.2. Uma viagem solitária de um corpo-transtornado 196
4.3. O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha..... 206
4.4. Um corpo não resolvido para todo sempre..... 211
5. EFEITOS DE CONCLUSÃO (E TAMBÉM DE TRAVESSIA)..... 220
REFERÊNCIAS..... 227

INTRODUÇÃO:
O CORPO TAMBÉM MERECE QUE SE LUTE POR ELE

"Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome" (Emicida, Pabllo Vittar e Majur, 2019).[4]

"Essa foi a grande chave que foi virada, quando fui entendendo quantas mais eu poderia ser, quantas mais de mim eu já havia negado, quantas mais de mim eu nem havia sonhado com a possibilidade de ser e estava descobrindo quem eu era no corpo e pelo corpo. Nesse território da verdade que é o corpo!" (Mc Linn da Quebrada, 2018).[5]

[4] Música: AmarElo, 2019. Emicida é *rapper*, cantor e compositor brasileiro. Pabllo Vittar é um cantor e *drag queen* brasileiro. Majur é uma mulher trans, cantora e compositora brasileira.
[5] Mc Linn da Quebrada é uma travesti transviada (nomeação própria), cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira.

O corpo também merece que se lute por ele. É com essa luta que inicio esta dissertação de mestrado. Michel Pêcheux em sua obra "*A língua inatingível*" escreve que "a metáfora também merece que se lute por ela", tomando de empréstimo as palavras do analista do discurso, inscrevo o corpo. Um corpo. Meu corpo. Teu corpo. De quem é o corpo? A carne que toma corpo via metáfora, um corpo que substitui, que está posto no lugar de outra coisa. A Coisa perdida, resto escorregadio, eternamente. O que fica? Fica um corpo! Um corpo que merece que se lute por ele. Um corpo pulsional, desnaturado, desnaturalizado, (des)formado, (des)montado pela língua, pela história, pelo sujeito. Metamorfose linguageira que faz da carne discurso. Diz-curso! O corpo em curso. Movência! Da dor à cura, do trauma à palavra. Movimento. Experimento. Um corpo a cada dia. O que mais o corpo poderia? Poder. Esconder. Revelar. O que mais pode o corpo alcançar? Substância gozante. O corpo é um instante. Um acontecimento. Infame. Culposo. Pecaminoso. Qual a culpa do corpo? Corpo-vivo. Partido. Epifania de sentido. Corpo em trânsito. Sinalizado. Controlado. Pare! O corpo é meu. É seu. É dele. É do Outro. Pertencimento!

O corpo, objeto de análise elegido em uma pesquisa de iniciação cientifica[6], onde tomamos o corpo infantil medicalizado pelas práticas discursivas mercadológicas e de consumo que determinavam uma injunção à potência do corpo e uma normalização do comportamento da criança. Finalizada a pesquisa mencionada, juntamente com a graduação em psicologia, decidi me aventurar em uma pesquisa de mestrado, que teve seus primeiros passos no ano de 2019, com a Prof.ª Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa na Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP). Com um bocado de indecisão fiquei às voltas com a escolha do objeto de análise, do tema de pesquisa, porém logo o corpo se impôs novamente em meu caminho (e na movência do desejo); desta vez, no entanto, o corpo infantil daria lugar ao corpo dissidente, vivenciado pelas/nas transidentidades, que compreendemos como toda pessoa que não se identifica ou se reconhece no "cistema-mundo"[7]: transgêneros, transexuais, travestis, não-bináries, agêneres, *queer*, entre outros.

---

[6] Pesquisa de Iniciação Científica intitulada "O discurso sobre/da medicalização da infância: formulação e circulação de sentidos sobre o corpo infantil medicalizado na materialidade digital" (2017), realizada por mim sob orientação da Prof.ª Dr.ª Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, na Universidade de Franca (UNIFRAN) – Franca, SP. A pesquisa teve apoio Fapesp.

[7] Termo utilizado por Vergueiro (2016) que consiste em hierarquias epistêmicas, onde perspectivas não cisgêneras são excluídas, silenciadas e apagadas. Em vista disso, trata-se de denunciar o caráter estrutural e institucional de perspectivas cissexistas, da lógica binária dos sexos e dos gêneros e de extermínio de gêneros e sexualidades dissidentes do "cistema-mundo".

Assim, esta pesquisa intitulada "*Discurso e Psicanálise: Efeitos de Corpo nas Transidentidades*" tem como principais pilares teóricos a Análise do Discurso (AD) materialista fundada por Michel Pêcheux e a Psicanálise estabelecida por Sigmund Freud na aurora do século XX, e relida por Jacques Lacan com suas contribuições que retoma e faz avançar a proposta freudiana. À vista disso, no intuito de marcar aproximações, como também distanciamentos entre os campos teóricos e epistemológicos, delineamos um percurso de escrita onde dividimos as propostas teóricas da psicanálise e da AD, a fim de extrair consequências de cada área para nosso objeto de pesquisa: o corpo nas transidentidades. Um gesto performativo, ao nosso ver necessário, para não cairmos no risco de transmitir uma ideia de que se trata de uma única e mesma proposta de leitura, interpretação, intervenção e método.

Isso posto, começamos com Freud (1930/2010) quando diz que o corpo é um dos lugares onde o mal-estar na civilização se inscreve, o que acaba fazendo do corpo um enigma para qualquer sujeito falante; no caso das transidentidades, parece-nos que o mal-estar toma uma outra proporção. Mal-estar, mal-estou, mal-estou no meu corpo, mas que corpo é esse? O que podemos teórica e conceitualmente compreender o que é o corpo? De qual corpo se queixam as pessoas trans? Trata-se de uma geografia anatômica? De um corpo que segue uma bio-lógica? Ou o mal-estar comparece em um corpo revestido por sentidos, pela linguagem e pelo discurso? Diante dessas questões chegamos a outra, à nossa questão de pesquisa: quais os efeitos de corpo nas transidentidades? Questões para as quais iremos tentar ofertar respostas no decorrer dos capítulos desta pesquisa. Sobre o mal-estar no corpo nas transidentidades, Cavalcante (2021) descreve que:

> No que diz respeito aos corpos e, sobremaneira, aos corpos trans, o mal-estar é latente, sobretudo, em função da relação com os outros sujeitos, na qual ocorre uma pretensa demanda aos sujeitos-trans para que seus corpos sejam docilizados, isto é, normatizados. Isso se inscreve, grande parte das vezes, no discurso sobre os corpos trans, na tentativa de controlar os sentidos que podem/devem produzir esses sujeitos. (Cavalcante, 2021, pp. 83-84)

Diante disso, lançamos alguns objetivos de pesquisa, que além de contribuir cientificamente com os estudos da AD e da Psicanálise, bem como com pontos de intersecções com outros saberes como os estudos sobre gênero, *queer* e pós-coloniais, intenta-se, com esta pesquisa de mestrado, sobretudo compreender quais os efeitos de sentidos de/sobre o corpo nas transidentidades. Como os corpos de sujeitos-trans são discursivizados em materialidades significantes como documentários, *charges*, reportagens e livros autobiográficos? Materialidades que circulam majoritariamente em plataformas digitais no grande mar da *web*. Assim, privilegiando o discurso do sujeito-trans, objetivamos observar no arquivo escolhido como esses

sujeitos falam e significam seus corpos, além de problematizar em quais discursividades o sujeito[8] se inscreve para efetivar um dizer e para significar.

Enquanto psicanalista que está na prática tanto em consultório particular quanto em trabalhos voluntários e em um ambulatório privado de saúde mental, pude testemunhar alguns casos de pessoas que se autodeclaravam no repertório das dissidências de gênero e de sexualidade, e sim, em sua grande maioria, o corpo participava das narrativas daqueles sujeitos. Uma insatisfação com uma arquitetura corporal que, de certo modo, trazia e impunha uma verdade sobre o ser. Um ser de (e na) linguagem que tocava principalmente nos dois pilares que sustentam a sociedade, isto é, o ser homem e o ser mulher. Dois polos de inscrição de identificação, estruturação, desejo, sexualidade, prazer, reconhecimento e comportamentos, dois campos discursivos que por vezes são tomados como evidentes até mesmo no campo psi (psicologia, psicanálise, psiquiatria). Em vista disso, fui convocado pela escuta a participar (como causa de desejo) de uma outra vida, e isso, antes de tudo, demanda ética, ao modo das palavras de Tzvetan Todorov (1995) "A ética é quando surge o outro" (p. 41).

Assim, ao me deparar com diversos discursos que denunciavam violências cotidianas, estruturais e institucionais para com esses sujeitos, me vi recrutado, pelo desejo e pela ética que constituem uma prática analítica, a uma tomada de uma posição política. Afinal, lançando mão do trabalho de Spivak (2010), o que pode um psicanalista escutar se o subalterno não pode falar? O que pode um psicanalista diante das transidentidades? Será que possuímos um arcabouço teórico que dê conta da subjetividade de nossa época? Ou podemos dialogar com outros campos de saberes que estão às voltas das dissidências de gênero? Claro, sem cair em um apagamento das especificidades da psicanálise.

Spivak (2010) em seu livro "*Pode um subalterno falar?*", compreende o subalterno como sujeitos que ocupam as camadas sociais mais baixas, de exclusão, de não representação política, sujeitos que transitam nas margens, sujeitos invisíveis e silenciados. Nesta obra a autora não deixa de dialogar com outras vozes como Derrida, Foucault, Deleuze e outros, visando debater a violência epistêmica, a partir dos estudos pós-coloniais, criticando como a produção de saberes não é construída pelos sujeitos subalternos, mas sim por pessoas estruturalmente privilegiadas em nossa sociedade (Spivak, 2010). Ou seja, o que se opera aí é um processo de colonização do outro, não apenas em territórios geográficos, mas sobretudo uma colonização de subjetividades. Em sua

[8] Utilizaremos no decorrer deste trabalho a terminologia "sujeito" devido ao arcabouço teórico em que nos posicionamos.

conclusão, Spivak (2010), principalmente em relação à mulher (negra e pobre), conclui que não, o subalterno não pode falar, e esse não poder falar de modo algum significa que as subalternidades não têm o que dizer.

À vista disso, apresento de modo resumido a grandeza da obra de Spivak, a fim de problematizarmos o lugar da psicanálise (e dos psicanalistas) diante das subalternidades, que aqui podemos incluir as subjetividades trans. Ambra (2019, p. 56) lança uma provocação importante para refletirmos sobre nosso campo: "existe associação livre se o subalterno não pode falar?", ou seja, tomando a regra de ouro da psicanálise, a da associação livre, que consiste em que a pessoa fale o que vier à cabeça, livremente e sem censuras, o autor nos convida a revermos um suposto fantasma da neutralidade do analista. Com isso, proponho, parafraseando o enunciado descrito acima: existe escuta analítica das subalternidades se o analista, por vezes, é o Outro do subalterno? Já que em grande maioria o campo da psicanálise é composto por homens/mulheres, brancos, cisgêneros, heterossexuais e de classe média?

Destarte, consideramos a contribuição de Santos e Polverel (2016), que no texto "*Procura-se psicanalista segurx. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica*" as autoras discorrem sobre um movimento na França[9] que consiste em uma busca de pessoas por psicanalistas, psicólogos e psiquiatras "*safe*" (seguro em português), capazes de acolher pessoas que se identificam com identidades e orientações sexuais consideradas marginalizadas. Tal procura se baseia em experiências de violência e preconceito vividas por tais pessoas em ambientes clínicos; deste modo, as autoras afirmam que o movimento é uma busca por psis que assumam uma posição não neutra em suas práticas, ou seja, que levem em conta para além do sujeito as forças sociais de opressão e violência com as minorias (Santos & Polverel, 2016).

> Dito de outra forma, trata-se de tentar estabelecer um protocolo que garanta (na medida do possível) que discursos e atitudes preconceituosos e homo/bi/transfóbicos não se repitam no consultório, o que quer dizer assumir uma postura de atenção redobrada quanto a representações potencialmente opressoras presentes nas teorias que orientam as práticas clínicas e analíticas. (Santos & Polverel, 2016, s/p.)

Logo, apostamos que o debate não tem que ser depositado nessas pessoas que procuram profissionais psis x ou y, mas sim do lado dos analistas, pois, se há uma ideia de que existem psicanalistas seguros, podemos, a contraponto, questionar se existem psicanalistas perigosos? Provocação feita pelas autoras, que enfatizam que o "psicanalista perigoso" seria aquele que expressa opiniões de julgamentos normativos sobre o analisante, dado que sua escuta estaria

[9] O movimento também pode ser encontrado no Brasil.

prejudicada pelas normas do seu tempo (Santos & Polverel, 2016). Assim, defendem as autoras que tal busca não consiste em uma ilusão de completude, de encontro com o mesmo, mas pelo contrário de alguém que acolha as diferenças, corpos dissidentes, para que as mesmas não sofram no ambiente clínico o que já sofrem cotidianamente em outros espaços.

Diante disso, em acordo com a proposta de Lacan (1966/1998), que nos convida enquanto analistas para que coloquemos algo nosso no fazer analítico, recusamos essa instância fantasmagórica de uma dada neutralidade dos psicanalistas e assumimos um gesto (não neutro) de leitura da obra psicanalítica, retomando pontos de subversão da teoria, inclusive aquela empreendida em seus primórdios com Freud, de um corpo pulsional, de um inconsciente contingente e, com Lacan, de um sujeito vazio, não domesticável, correspondente do real enquanto impossível lógico. Como aponta Rivera (2020) sobre a lógica da psicanálise:

> Sua lógica deveria desafiar-nos a apontar os esgarçamentos e remendos do discurso predominante e incitar à enunciação de construções plurais, fragmentadas e não-lineares. Assim como a escuta da/do psicanalista, no dispositivo analítico, dá lugar a atos falhos e lapsos e recoloca em jogo a linguagem e a posição do sujeito, sua tarefa frente à questão do estado da psicanálise no Brasil seria então a de sublinhar *fatos falhos*, por assim dizer, fazendo surgir dissonâncias e quebras de sentido, suspendendo imagens e discursos encobridores, para que ressoem suas latentes linhas de força. (Rivera, 2002, p. 11 – [*itálicos da autora*)

E, consoante Rivera (2020), tomar por conta própria a teoria psicanalítica, traçando um percurso particular da apropriação teórica, de modo algum diz de um fazer solitário e embotado, pois devemos manter o diálogo com nossos pares, até para que não nos inclinemos em uma prática universal da psicanálise, mas sim para construir espaços de enunciação plurais e diversificados, inclusive no campo psicanalítico. Assim, estar atento, no horizonte, à subjetividade de nossa época (Lacan, 1953/1998), não equivale a estabelecer parcerias imaginárias com o outro, mas de tomar uma posição que para além do horizonte existe um lugar, o do desejo, que não nos deixa cair em um ideal de sociedade, de como ser, como desejar, como gozar, mas que vale como um eterno convite para mudança.

Assim, este trabalho orbita ao redor desses *fatos falhos*, como dito acima, pois, partindo do escopo teórico da psicanálise de Freud e de Lacan e da AD concebida por Michel Pêcheux (1969; 1975; 1982; 1983; 1990), orientamo-nos de que só há causa para o que manca e para o que falha, engendrando um corpo como uma materialidade onde práticas ideológicas se assentam e como uma materialidade pulsional que só pode ser apreendida em uma realidade constituída real, simbólica e imaginariamente. Para tanto, desdobraremos a noção de sujeito no campo da AD especificando-o como efeito de uma interpelação ideológica e com a psicanálise, como efeito de uma inscrição na linguagem e de uma operação significante. Alcançando, no

horizonte, um sujeito que com corpo resiste ao ritual ideológico, fraturando seu rito e um sujeito que se ancora no deserto do real, inscrevendo seu pedaço de impossível, não permitindo uma total dominação pelo Outro.

Enquanto pesquisadores que se localizam e estudam a linguagem e o sujeito em relação com a cultura, somos implicados em refletir sobre como os discursos tocam, modelam, formam e determinam sentidos sobre o corpo. Em vista disso, a AD é a região teórica-metodológica que nos situamos para analisar nosso objeto de investigação, o corpo nas transidentidades e, com isso, destacando nosso lugar de analistas do discurso, intentamos na movência da língua, nos fios históricos, nas tramas entre ideologia e inconsciente, compreender o sujeito falando e produzindo sentidos (Orlandi, 2007a), inclusive para/sobre o corpo.

Nessa urdidura, os corpos dissidentes, como veremos, instalam uma torção nos sentidos até então sedimentados sobre essa caixa semifechada de pele, carne, órgãos, músculos, sangue e furos, que estava sob o manto da dicotomia do biológico feminino e masculino. Diante disso, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, no meio do caminho tinha um corpo, tinha um corpo no meio do caminho. É neste ponto nodal, o corpo, que as discussões e vivências acerca das transidentidades se assentam. O corpo nas subjetividades trans se instala como um discurso em que se colocam algumas dúvidas que (ilusoriamente) já estavam resolvidas, estabilizadas socialmente, isto é, o que é ser homem e o que é ser mulher. O que ele/ela é? Isso é masculino ou feminino? Pode um homem usar saia ou uma mulher ter um pênis? Mulher com pelos e músculos? Homem feminino e com seios? Homem grávido?

À vista disso, em nossa contemporaneidade, questões sobre identidade de gênero, orientação sexual e corporeidades estão tomando praticamente todos os tecidos sociais, basta ver as plataformas multimidiáticas, os terrenos acadêmicos e de pesquisas, a política, as ciências sociais, médicas, filosóficas, as artes, as ruas, estão às voltas com essas questões. O corpo nas transidentidades é um corpo que não é tido como (re)conhecido, ou seja, coloca-se como estrangeiro, um corpo que se furta, que embaraça, faz questão para sujeito que o possui e para a sociedade que o espia. Assim, na tentativa de nomear esse corpo, as pessoas (trans/ou não) lançam mão de palavras como: errado, falso, defeituoso, transtornado, monstruoso, estranho, imposto(r), inexistente, (in)definido, confuso. As transidentidades e seus corpos estão ressoando por aí, como resistência, fascínio, objeto mercadológico, fetiche, luta política, musicalizado, atuado, patologizado ou assassinado: eis alguns modos de narrá-lo, denominá-lo e situá-lo na contemporaneidade.

Em um primeiro gesto pesquisamos alguns significantes como “corpo”, “corpo trans”, “transexualidade e corpo”, “corporeidade trans” na *web*, e o que mais saltava aos olhos era a

quantidade de resultados de violência contra pessoas trans em nosso país. Assim, infelizmente, nos deparamos com diversas notícias como “corpo de mulher trans é encontrada morta”, “homem trans é agredido”, “corpo de mulher trans continua desaparecido”, “mulher trans é queimada viva e morre”, entre outros. Sublinhamos que, em sua grande maioria, as violências e assassinatos ocorrem com mulheres trans, retrato de um país estruturalmente machista e patriarcal. O Brasil segue liderando a lista dos países que mais matam pessoas trans no mundo (Antra[10], 2020) e curiosamente (ou nem tanto), o Brasil é o país que mais se interessa por pornografia envolvendo participação de pessoas trans. Portanto, além de sofrer uma constante (psico)patologização, como veremos neste trabalho, também sofrem violências transfóbicas de todos os tipos e com os mais requintes de crueldade, como ficou conhecido no caso de Dandara dos Santos[11], brutalmente assassinada em 2017, com imagens criminosamente divulgadas na internet.

Neste trabalho, portanto, intenta-se marcar que tal violência é indiciária de sentidos sobre as transidentidades que convocam uma prática de extermínio de corpos individualmente, mas que não cessa neste ponto, dado que explode na trama social. Em vista disso, ressaltamos a importância de atravessar os efeitos de sentidos naturalizados para as transidentidades e tomar essa marca em sua opacidade a fim de produzir um gesto de leitura sobre a mesma. Portanto, no intuito de romper com determinados discursos, que, como veremos, acabam por alimentar tais práticas de violência, tomamos o significante “transidentidade” para nomear pessoas inconformes com o sistema cisgênero, considerado como uma identidade hegemônica. Cisgênero consiste em uma identidade de gênero em que a pessoa se identifica com o sexo designado ao nascer; no entanto esta pesquisa tenta traçar um gesto de leitura que toma a cisgeneridade para além de uma identidade, mas sim como um sistema, ou melhor, um “cistema” (Vergueiro, 2015) que determina, controla e recruta os sujeitos para ali se identificarem. No campo da AD, o “cistema” pode se aproximar do que é tido como evidente, naturalizado e legitimado como sentido domimante em dada conjuntura sócio-histórica.

Com relação à escolha do uso do significante “transidentidade” nos baseamos em Ayouch (2015) e Cunha (2021), que defende que a transexualidade é um conceito forjado na bricolagem entre medicina e o jurídico, mais especificamente os autores dizem que a

---

[10] Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

[11] Em 2019, a travesti Dandara do Santos ganhou uma homenagem do artista Rubem Robierb, que confeccionou uma escultura em formato de asas de uma borboleta, intitulada “Casulo Dandara”, que ficou exposta em Nova York, nos Estados Unidos.

transexualidade é uma invenção médica, considerada um corpo errado, onde as intervenções cirúrgicas e hormonais funcionam como uma correção desse erro e para que o sujeito "transexual" possa se submeter ao processo de redesignação do sexo, conhecido como processo "transexualizador"; para tanto, é preciso um diagnóstico de patologia mental realizado por uma equipe transdisciplinar, como psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas (Ayouch, 2015). A transexualidade, portanto, surge em um processo que Ayouch (2015) descreveu de uma "juridificação da medicina e uma medicalização do jurídico" (p. 24), revelando um poder disciplinar e normativo.

Já a noção de transidentidade é realocada fora das amarras psiquiátricas e do rochedo da binariedade dos sexos, do "cistema-mundo", o que nos leva a pensar que as experiências transidentitárias vão além de uma inconformidade com o corpo, de pessoas que necessitam dos cuidados médicos e psis, uma vez que essas pessoas sofrem pela sua condição "transexual". No entanto, como afirma Ayouch (2015), não há um sofrimento dado de antemão, ou seja, ser trans é igual a sofrimento por ser trans, pois existem diversos casos em que o sujeito trans não sofre exatamente pela sua identidade de gênero, mas sim pelo não reconhecimento, social e político, da sua identidade. Com isso, desvinculando o prefixo "trans" do sufixo "sexual", deslocam-se as experiências identitárias do sexo, inclusive determinado biologicamente (Cunha, 2021).

Portanto, transidentidade é um termo guarda-chuva que abriga diferentes dissidências de gênero e de corpo, que não se enquadram ao "cistema", norma instituída pela lógica binária dos dois sexos (Ayouch, 2015; Cunha, 2021; Vergueiro, 2015). O que deságua em uma posição que não compete substancializar e essencializar, haja vista que as transidentidades consistem em experiências particulares e que, como afirma Cunha (2021), trata-se de um ato de reconhecimento das pessoas trans como cidadãos e cidadãs de direito, qualificados em falar e assumir suas próprias vivências subjetivas, sem ser submetidos obrigatoriamente às prescrições de especialistas que irão determinar quem são, o porquê são ou como deveriam ser.

> O uso preferencial da categoria *transidentidades* se faz assim no entrecruzamento de razões epistemológicas, teóricas, clínicas, éticas e políticas e pretende produzir certos efeitos na articulação entre esses diferentes campos. Efeitos que possam ser percebidos, sobretudo, no território específico da prática psicanalítica, com desdobramentos inclusive sobre a nossa compreensão do que os objetivos de uma análise. (Cunha, 2021, p. 18-19 – [*itálicos do autor*]).

Destarte, falar sobre identidade de gênero na contemporaneidade, no atual 2021, parece ter se tornado algo de práxis, ainda mais nos solos acadêmicos. Nos veículos de comunicação de grande porte, sempre há algum especial, documentário, reportagem sobre identidade de gênero, mais especificamente sobre as transidentidades. Uma das maiores marcas televisivas

brasileiras veiculou, em 2017, em sua grade de programação uma telenovela onde havia uma personagem homem trans como uma das personagens principais da trama[12], o que implica uma visibilidade e uma determinada representação sobre/para as transidentidades.

No caso da trama novelesca, a personagem Ivana/Ivan (nome designado ao nascer e o nome social escolhido pela personagem) se identificava enquanto homem trans e estava sendo representada pelo saber/poder médico, uma vez que Ivana/Ivan pleiteava a cirurgia de retirada das mamas para tornar-se definitivamente homem, limitando diversidades outras dentro das subjetividades trans; manter, porém, uma personagem trans em uma trama de grande visibilidade contribui também contra a violência a comunidade LGBTQ+ e a transfobia (Santos & Mattos, 2020).

Do outro lado temos, por exemplo, posicionamentos conservadores, inclusive no Congresso Nacional, onde a chamada "bancada da bíblia", pautada em dogmas religiosos, prega discursos de segregação e violência aos sujeitos que não se situam em uma ala normativa de sexo e gênero. Assim, topamos com movimentos (ou paralisações) como proibição de adoção de crianças e adolescentes por casais homoparentais, inviabilização de alteração do nome no registro civil para o nome social em casos de sujeitos trans, mesmo já sendo um direito dessas pessoas.

Assim, em termos de legislação da esfera coletiva e de políticas públicas ligadas aos direitos LGBTQ+, a bancada da bíblia, neste caso, acaba por legitimar práticas de segregação e marginalização de determinadas pessoas, além de promover um retrocesso em políticas para tais públicos, como podemos ver em projetos de leis como a PL 2731/2015 e PL 3236/2015, que criminalizam o debate sobre identidade de gênero e orientação sexual nas escolas, como também no chamado Estatuto da Família (PL 6583/2013), que demanda a valorização à instituição familiar; segundo esse projeto de lei, "família" é definida como um núcleo formado pela união entre um homem e uma mulher e seus filhos. Além da vedação de adoção por casais homoeróticos (PL 620/2015), a criminalização da "heterofobia" (PL 7382/2010), o estabelecimento do Dia do Orgulho Heterossexual, entre outros.

Deste modo, enquanto (psic)analistas somos fisgados pela máxima lacaniana que devemos alcançar a subjetividade de nossa época e de que, em nossa posição de analistas de discurso, temos de construir gestos de leitura com as questões de nosso tempo. E isso diz

[12] Trata-se da telenovela brasileira "A força do querer" veiculada em 2017 pela Rede Globo, onde mantinha entre suas personagens Ivana/Ivan, um homem transexual.

sobremaneira de uma tomada de partido, de uma posição política. Assim, intenta-se com esta pesquisa problematizar os efeitos de corpo nas transidentidades, perscrutando as posições subjetivas em que estes sujeitos se inscrevem, ou seja, de qual lugar eles falam de si e de seus corpos, bem como compreender esse corpo como solo onde os sentidos são (im)plantados. Nos servindo de uma noção de um corpo pulsional, com uma realidade enodada borromeanamente entre os registros real, simbólica e imaginária, onde poderá se efetivar um dizer, que não ocorre sem o sujeito. E, por fim, visamos traçar leituras clínicas e discursivas que não promovem uma (psico)patologização das experiências transidentitárias.

Visto isso, no decorrer dos capítulos apresentados neste trabalho, teremos:

No primeiro capítulo "*No horizonte: a Psicanálise e a subjetividade de sua época*", partindo da emblemática pontuação de Lacan (1953/1998) que diz que, se desejamos continuar ocupando o lugar de psicanalistas, devemos, no horizonte, estar à altura de nossa época, tencionamos, pelo conceito de sujeito e do inconsciente estruturado como uma linguagem, problematizar a imisção de Outridade, ou seja, de que não há sujeito sem o Outro e quais as implicações dessa formulação no campo psicanalítico. Em vista disso, teceremos alguns pontos teóricos sobre as transidentidades e a psicanálise, questionando o político e a história no registro simbólico, bem como apresentaremos psicanalistas contemporâneos que estão às voltas das discussões sobre gênero e processos de identificação. E, por fim, encerramos esta seção, problematizando o enunciado freudiano de que "a anatomia é o destino" (Freud, 1924/2011), aspirando uma rota do corpo na psicanálise que perpassa por conceitos como sintoma, pulsão, discurso e o nó dos registros real, simbólico e imaginário.

No capítulo dois *"Ousar pensar e ousar se revoltar: a Análise do Discurso"*, pretende-se trabalhar o chão epistemológico e de interlocuções em que a AD foi edificada. Assim, teceremos os (des)encontro teóricos entre alguns pensadores importantes na produção de conhecimento e de um campo crítico sobre a interpretação da linguagem, mais precisamente do discurso. Deste modo, neste capítulo observaremos esse encontro entre linguística, materialismo histórico e psicanálise, com importantes nomes como Ferdinand Saussure, Sigmund Freud, Karl Marx, Louis Althusser, Michel Foucault e Jacques Lacan. É com esses expoentes que Michel Pêcheux, fundador da AD materialista na França, irá manter um diálogo fundamental para sua empreitada de construir um modo de leitura que não fique cego à exterioridade do discurso, sendo este último, seu elementar objeto de investigação, um discurso afetado pela historicidade, pela ideologia e pelo inconsciente. Neste capítulo, iremos pela ótica discursiva traçar gestos de leitura sobre o sujeito do discurso, o corpo na teoria discursiva e a metodologia utilizada nesta disciplina de interpretação da linguagem.

No terceiro capítulo, intitulado "*Transidentidades e(m) discurso: o corpo em movimento*", seguiremos rumo à noção de memória discursiva, que nada tem a ver com a memória psicológica, mas sim com o já-lá do discurso, a exterioridade, o que sustenta os dizeres. Iremos, portanto, pensar a memória do corpo, de como foi se estabelecendo a sexuação binária dos corpos, distribuídos na polarização homem e mulher, e que essa operação tem ligação com o "cistema-mundo", que determina lugares no discurso para que o sujeito se inscreve para falar e significar o seu corpo. Posteriormente, discutiremos as condições de produção discursivas em nossa contemporaneidade, pensando sobre campos de estudos que intersecionam nosso tema de pesquisa; assim, iremos percorrer os estudos sobre gênero, os (trans)feminismos e os estudos *queer*. Ultimando esta seção, intenta-se ponderar sobre os sentidos de diagnósticos no itinerário que atravessa da transexualidade às transidentidades.

No capítulo quatro desta pesquisa *"Gestos de análise: efeitos de (não) sentido no corpo ou do que se colhe do Real"*, debruçar-nos-emos sobre as análises do nosso *corpus* recortado do nosso arquivo composto por um documentário "*Laerte-se*" e dos livros autobiográficos "*A viagem solitária*" e "*Trans: a coragem de existir*", materialidades significantes escolhidas por um trajeto temático em um gesto teórico-metodológico discursivamente constituído. Diante disso, definimos quatro entradas de análise, quais sejam: 1. Não fossem seus pelos vários; 2. Uma viagem solitária de um corpo-transtornado; 3. O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha; e, 4. Um corpo não resolvido para todo sempre. Nestas entradas de análise que compõem nosso *corpus*, visa-se desdobrar em quatro narrativas discursivas os efeitos de corpo nas transidentidades.

E, por fim, nas considerações finais com "*Efeitos de conclusão (e também de travessia)*", onde, em uma tentativa fracassada de concluir um trabalho – fracassada porque falha e só há causa para o que manca, como já colocado – intenciona-se pontuar o trajeto percorrido nesta pesquisa, de como respondemos nossa questão, ou seja, quais os efeitos de corpo nas transidentidades? Uma resposta não toda, dado que partindo do nosso arcabouço teórico não desejamos esgotar nenhuma questão, mas sim traçar um possível para se dizer e para se significar, sem, no entanto, saturar o furo que constitui a história, a língua e o sujeito. Assim, as considerações finais são também travessia, ir além, atravessar os sentidos sedimentados sobre o corpo nas transidentidades, deixando sempre uma brecha para um advir.

Pretendemos, então, contribuir com o debate sobre as transidentidades, principalmente no tocante a seus corpos, que alguns discursos insistem em patologizar, silenciar e marginalizar. E é nesse enredo que sublinhamos a importância desta pesquisa, e sua relevância científica, pois

nessas tramas das subjetividades e das elaborações simbólicas intentamos compreender e escutar quais os efeitos de corpo nas subjetividades trans.

1. NO HORIZONTE: A PSICANÁLISE E A SUBJETIVIDADE DE SUA ÉPOCA

"Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. [...] Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas" (Jacques Lacan, 1953/1998, p. 322).

"Olha só doutor, saca só que genial. Sabe a minha identidade? Nada a ver com genital. Estou procurando. Estou tentando entender. O que é que tem em mim que tanto incomoda você? Se a sobrancelha, o peito, a barba, o quadril sujeito. O joelho ralado apoiado no azulejo. Que deixa na boca o gosto, o beiço, saliva, desejo. (Mc Linn da Quebrada, 2017).[13]

[13] Música: Absolutas, 2017.

Neste capítulo nos debruçaremos sobre o campo teórico da Psicanálise fundada por Sigmund Freud e avançada por Jacques Lacan, articulando noções fundamentais para mobilizarmos o objeto desta pesquisa, qual seja: o efeito de corpo, de acordo com a psicanálise e a AD, nas transidentidades. Para tal fim, iremos percorrer primeiramente o conceito de sujeito na psicanálise lacaniana, sua relação com o tesouro dos significantes, isto é, o Outro, bem como as consequências da primazia do significante na constituição do sujeito do inconsciente. Isso feito, iremos traçar algumas discussões sobre as transidentidades na psicanálise, trazendo algumas leituras não excludentes, psicopatologizantes e normativas para tais experiências subjetivas. E, por fim, iremos fechar esse capítulo com o estatuto do corpo em psicanálise, tomando como porta de entrada para apreendê-lo a noção de sintoma, depois a pulsão, a fim de pensar o corpo pulsional enodado nos três registros da realidade humana: real, simbólico e imaginário.

Assim, na aurora do século XX surge a psicanálise, fruto dos estudos e investigações do médico neurologista Sigmund Freud (1856-1939), que, implicado por um não saber sobre a causa dos sintomas das histéricas, desbrava uma jornada que irá tomar quase toda sua vida, uma jornada que se inicia com o intuito de desvendar o que estaria por detrás dos sofrimentos daquelas mulheres internas dos hospitais psiquiátricos. Entretanto, se o sintoma se manifestava no corpo, regido por uma (bio)lógica, o criador da psicanálise irá questionar se não há uma outra causalidade para os sintomas naquelas mulheres.

Freud, portanto, começa a tecer sua teoria sobre a etiologia sexual das neuroses e juntamente com um dos seus mestres, Dr. Breuer, em 1895, publica os "*Estudos sobre a histeria*", nos quais descreve os sintomas manifestos nos casos de histeria, escrito que trará o famoso caso de Ana O., onde o psicanalista vienense começa a perceber algo do funcionamento de uma linguagem. Assim, ele dizia que "simultaneamente à formação das contraturas, ocorrera uma profunda desorganização funcional da linguagem. Primeiro, observou-se que lhe *faltavam palavras* e isso, pouco a pouco, recrudesceu" (Freud, 1895/2016, p. 36 – [*itálicos nossos*]) e continuava a descrever sobre a paciente, pontuando que "*sua linguagem perdeu toda gramática, toda sintaxe, a conjugação inteira dos verbos*; por fim, ela empregava apenas infinitivos [...] No desenvolvimento subsequente, também as palavras *faltaram-lhe* quase por completo" (Freud, 1895/2016, pp. 36-37 – [*itálicos nossos*]).

Assim, através de uma intervenção de uma de suas pacientes (Ana O.), que convida seu médico, Dr. Freud, a se calar, para que ela fale, para ela "limpar sua chaminé", fundou-se a regra fundamental de uma psicanálise, qual seja: a associação livre. Ao associar livremente, isto

é, que o analisante fale, sem censuras, sem arestas, o que vier à cabeça, pois é através das palavras deslizando para outras palavras que algo do inconsciente poderá ser fisgado; nas palavras de Ons (2018): "o inconsciente é evasivo, mas se mostra; é preciso pegá-lo em flagrante" (p. 43). Sobre o inconsciente freudiano, Zizek (2010) pontua que:

> O inconsciente freudiano causou tamanho escândalo não por afirmar que o eu racional está subordinado ao domínio muito mais vasto dos instintos irracionais cegos, mas porque demonstrou como o próprio inconsciente obedece a sua própria gramática e lógica: o inconsciente fala e pensa. O inconsciente não é terreno exclusivo de pulsões violentas que devem ser domadas pelo eu, mas o lugar onde uma verdade traumática fala abertamente. (p. 9)

Em seu escrito "*O Inconsciente*" (Freud, 1915/2010), o psicanalista vienense demonstra uma preocupação em definir conceitualmente o inconsciente em sua positividade, ou seja, afirmando-o, pois para Freud é preocupante definir o inconsciente como apenas uma oposição do consciente ou empreender uma descrição do que o inconsciente não é. Deste modo, em seu projeto, ele irá definir que o inconsciente opera pelo processo primário, enquanto o consciente será pelo processo secundário. O processo primário diz de um funcionamento que ocorre através das noções de condensação e deslocamento; em vista disso, o psicanalista configura a condensação como uma aglutinação de elementos heterogêneos em um único elemento e deslocamento consiste na alteração de valor dos elementos, ora supervalorizando o que tem pouco valor, ora empobrecendo os elementos que portam um valor significativo. Diante da lógica de funcionamento do inconsciente, Freud, irá delinear que este se manifesta pelos sonhos, sintomas, lapsos, atos falhos, chistes.

Freud anseia, portanto, uma assunção de um novo registro psíquico que funcione diferentemente do plano da consciência, pois o fundador da psicanálise se debruçou sobre o conceito de inconsciente para compreender um outro tipo de causalidade da conduta humana. Dessa maneira, Freud funda uma terceira causalidade, pois, diante dos sintomas das histéricas, o enigma da neurose, o médico neurologista se deparou com sintomas que não possuíam uma causa natural nem livre (as pacientes não escolhiam conscientemente a enfermidade), levando o psicanalista vienense a pensar em uma outra causa. Portanto, não consistia em uma causalidade psíquica consciente (livre), nem em uma causalidade natural, mas numa terceira causa, isto é, uma causa inconsciente. Nesta lógica, o analisante fala sem saber que há um

inconsciente que fala dele e nele, “que o Eu não conhece todos os cômodos de sua casa”14, ou seja, há um outro, estranho, que transita neste espaço (in)familiar (Freud, 1919/2020).

Diante disso, podemos dizer que a psicanálise surge a partir uma questão, um não-saber sobre o corpo, sobre o sintoma histérico, podendo dizer que o inconsciente ingressou no campo do saber pela via do corpo, do sintoma do/no corpo. Como pontua Cabas (2010) o sintoma é caracterizado por ter um esqueleto, uma aparência, já que, independentemente de sua fonte de satisfação, o sintoma é feito para se apresentar a céu aberto. Assim, Freud, que não recuou diante da questão da carne, deu ao sintoma o estatuto de embaixador do inconsciente, junto à governabilidade do consciente (Cabas, 2010). Com sua descoberta, Freud demarcou o surgimento da psicanálise como um dos três momentos em que a espécie humana se deparou com sua potência vulnerável e com seu ideal de grandiosidade no mundo fraturado. Destarte, como afirma Jorge (2005), a psicanálise conferiria uma das três grandes feridas narcísicas da humanidade: a primeira realizada por Copérnico quando revelou que a Terra não seria o centro do Universo, depois foi a vez de Darwin retirando o Homem do centro da criação e, por fim, Freud, que demonstrou que o Eu não possui a chave de sua própria morada. Nas palavras de Soler (2020):

> a verdadeira subversão freudiana ficou um pouco mascarada: foi aquela da descoberta desse pensamento sem pensador, desse saber sem sabedor, ao qual ele deu o nome de “inconsciente” e que revolucionou a concepção de sujeito clássico da filosofia, suposto mestre em sua habitação. Lembremo-nos de Immanuel Kant: “O *eu penso* deve acompanhar todas as minhas representações”. Pois não, desde Freud, “Isso pensa”, há pensamentos que funcionam sem o “eu penso”. (Soler, 2020, p. 20, [*itálicos da autora*])

Um dos pontos mais importantes no decorrer da edificação teórica de Freud foi o lugar notável que o inventor da psicanálise deu à sexualidade, situando-a não no campo da reprodução humana e manutenção da espécie, pois, com o conceito de inconsciente, a sexualidade é ampliada e transcende a simples necessidade orgânica, além de estar presente no fio que conduz a vida do nascimento à morte. Aí está a grande polêmica freudiana: a sexualidade está presente desde a infância. Nos “Três Ensaios...” (Freud, 1905/2016), o psicanalista vienense irá pontuar que existe a sexualidade infantil e que acredita que todos os seres humanos têm como ponto de partida a bissexualidade. Ou seja, a partir do momento em que o sujeito se localiza na cultura e, consequentemente, na linguagem “a sexualidade não poderia mais ser reduzida ao aspecto

---

[14] Fala da Prof.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa na disciplina “Discurso e Psicanálise” ministrada em agosto/setembro de 2020 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP).

animal que busca procriação, reprodução humana, à busca sexual por prazer genital, ou mesmo a um atributo que algumas pessoas têm e outras não" (Patti & Patti, 2016, p. 89).

O que nos salta aos olhos para os fins desta pesquisa, em relação à sexualidade, são os conceitos de inconsciente e de pulsão, dado que são essas noções que irão alinhavar linguagem e sexualidade (Jorge, 2007). Assim, com Freud, sabemos que a pulsão não depende nem se fixa em nenhum objeto, o que desloca a sexualidade de qualquer sentido comum, promovendo uma sexualidade perversa e polimorfa, caracterizando a sexualidade como uma baliza de economia psíquica entre prazer e desprazer; deste modo, o ato sexual, o desejo, a escolha de objeto dizem de manifestações desse sexual-infantil, por consequência "a psicanálise não se interessa pelos fenômenos visíveis da prática sexual, mas pelas suas expressões não aparentes, recalcadas, inconscientes" (Ayouch, 2015, p. 15).

Em vista disso, Freud, ao desenvolver uma teoria da sexualidade infantil e de como aquele ser bissexual torna-se menino e menina, em suas concepções, consoante à Rubin (1975/1993), podemos questionar: a psicanálise não se concebe como uma teoria (ou estudos) do gênero? Nas palavras da antropóloga feminista, "a psicanálise dá uma descrição do mecanismo pelo qual os sexos são divididos e alterados, de como as crianças andróginas, bissexuais, são transformadas em meninos e meninas" (Rubin, 1975/1993, p. 33). Com isso, como aponta Ayouch (2015), enquanto psicanalistas circunscritos na história, podemos falar dessa sexualidade infantil perversa e polimorfa separadamente de questões sociais de práticas da sexualidade? Como, também, pensar as questões relativas às resistências a determinadas subjetividades sexuadas, afinal, além de compreender as transidentidades, com o objetivo de construir dispositivos de leituras não hegemônicas e cisheterocentradas, devemos também pensar sobre as práticas de violência físicas, psicológicas e sociais que desembocam em atos homotransfóbicos. Inclusive dentro da prática psicanalítica.

Desta forma, alguns questionamentos são indispensáveis para esta pesquisa, dado que, ao nos situarmos em uma *pólis* enquanto psicanalistas, de qual lugar falamos? Haja vista que não existe "A Psicanálise", enquanto uma instituição universal. Isso posto, reforçamos o que foi colocado na introdução deste escrito, que, ao falarmos "psicanálise", estamos localizados no chão assentado por Freud e por Lacan. Contudo, esses dois pensadores do campo psicanalítico, ao mesmo tempo que são contemporâneos ao nosso tempo, são também datados, filhos de suas épocas. Assim, com a provocação feita por Rubin e Ayouch de pensarmos as questões de gênero relacionadas ao pensamento de Freud e Lacan, principalmente em analisar como o ser bissexuado torna-se menino/menina, podemos atualmente questionar: como o ser

bissexuado torna-se menine? Em outras palavras, como o ser andrógino se aliena em determinadas identidades sexuadas?

Juntamente com Ayouch (2015) e Arán (2006), pontuamos que Freud, ao propor que a pulsão não possui objeto cravado, imóvel e eterno, o fundador da psicanálise nos oferece instrumentos válidos para pensarmos sobre as subjetividades trans, isto é, por mais que Freud não tenha se deparado com as transidentidades em seu percurso teórico-clínico, o mesmo não deixa de promover um barulho nas teorias sexuais desde então. Ambra (2017), ao discorrer sobre a contribuição de Freud para os estudos relacionados as categorias de gênero, sexualidade e corpo, descreve que o psicanalista, ao seu modo, afirma sobre a impotência da psicanálise em descrever, entender, categorizar o que é uma determinada identidade sexuada, o que a psicanálise pode alcançar é como o sujeito torna-se sexuado. Ou seja, identidade não é um conceito psicanalítico, mas sim a identificação, que abarca, portanto, não o que é, mas como torna-se, não o resultado, mas o processo. E nesse ponto, as contribuições de um tal psicanalista francês, chamado Jacques Lacan, torna-se medular.

Jacques Lacan (1901-1981), ao deparar-se em sua época, com uma psicanálise seduzida por um movimento comportamentalista, uma psicanálise adaptativista e biologicista, irá empreender um projeto de retorno aos fundamentos da obra freudiana, a fim de extrair seus fundamentos e sua lógica. Nesse projeto de retornar a Freud, trata-se de um objetivo do psicanalista francês de reintroduzir a peste a qual Freud disse ter levado à América, em um freudismo já adormecido (Ons, 2018). Diante desses vários desvios dos fundamentos básicos da psicanálise, desvios estes já retratados por Freud em "A história do movimento psicanalítico" (Freud, 1914/2012), o ensino de Lacan "floresce na aurora; é no debate das luzes que interpela os analistas a demonstrarem as razões de sua prática" (Ons, 2018, p. 24). Assim, em um primeiro momento, esse retorno se deu pelo chão estruturalista sustentado pelos estudos dos linguistas Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, bem como a antropologia estrutural concebida por Claude Lévi-Strauss. Posteriormente, avançando em seu ensino, Lacan lançou mão de diversos campos de conhecimento como a matemática, a topologia, a cibernética, teoria dos conjuntos, antifilosofia, entre outros.

Um leitor contumaz da obra freudiana, Lacan formou-se em medicina com especialização em psiquiatria, tendo sua formação psiquiátrica "na melhor tradição francesa representada por Gaëtan Gatian de Clérambault" (Ons, 2018, p. 24). O psicanalista francês manteve relações com escritores, poetas, surrealistas, muito bem atualizado com a modernidade filosófica, um "leitor infatigável, homem ávido e curioso" (Ons, 2018, p. 25).

> Lacan é acusado de ser enigmático, barroco; não se entende que sua ideia de que a psicanálise não seja amordaçada pelo saber livresco dá origem a um estilo que não é facilmente compreensível. É considerado obscuro quando seu propósito mais urgente é justamente resgatar a psicanálise do obscurantismo ao qual a relegaram os pós-freudianos, liberar os conceitos do imbróglio sombrio em que estão mergulhados, abalar o comodismo intelectual do silêncio de verdades não discutidas. (Ons, 2018, p. 26)

Lacan torna-se, por consequência, um dos maiores expoentes da psicanálise mundial, viabilizando a afirmação de que "sem Lacan, Freud não seria o que é hoje" (Ons, 2018, p. 27), ao que acrescentamos: a psicanálise também não. Uma das suas grandes contribuições para o campo psicanalítico é radicalizar a proposta de Freud em relação ao imbricamento de inconsciente e linguagem, ao ponto de estabelecer que "o inconsciente, são efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1964/2008, p. 142). Partindo do axioma "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", Lacan irá delinear uma leitura, por exemplo, de que o processo primário do inconsciente freudiano condensação e deslocamento funcionam ao modo das figuras de linguagem metáfora e metonímia, respectivamente.

> [...] quando digo "como uma linguagem" não me refiro a algum tipo especial de linguagem, como por exemplo linguagem matemática, linguagem semiótica ou linguagem cinematográfica. Linguagem é linguagem, e só há um tipo de linguagem: a língua concreta [...] falada pelas pessoas. A primeira coisa que se deve colocar neste contexto é que não há nenhuma metalinguagem. (Lacan, 1976, p. 200)

Com isso, o psicanalista francês ao tomar o inconsciente estruturado como linguagem – o inconsciente não como linguagem, mas estruturado como uma – irá formalizar os fundamentos freudianos em outro campo epistemológico como a linguística, o estruturalismo, a antropologia, a matemática, a topologia, entre outros. Ou seja, Lacan em seu retorno a Freud não ocupa uma posição de discípulo, situando o psicanalista vienense como mestre, mas sim como interlocutor. Podemos dizer que não há Lacan sem Freud, o debate entre os dois campos se mantém no decorrer de todo o ensino de Lacan, em um dos seus últimos seminários, o de Caracas, o psicanalista francês enuncia que "eu sou freudiano, vocês, se quiserem, sejam lacanianos" (Lacan, 1980/1997). Lacan não deixa de lançar críticas ao seu interlocutor, pontuando, por exemplo, que os "seus três" são distintos "dos três de Freud", se referindo as noções de "Id, Eu e Supereu" e aos registros "Real, Simbólico e Imaginário" na amarração borromeana, enquanto conceito para direcionar a prática psicanalítica.

Portanto, para continuarmos, destacamos que, enquanto psicanalistas e analistas do discurso, nos situamos na proposta de Lacan de que devemos alcançar em nosso horizonte a subjetividade de nossa época (Lacan, 1953/1998), e como colocou Pêcheux (1983/2014) que é preciso ousar pensar por si mesmo e é preciso ousar se revoltar. Deste modo, compreendemos que é importante tecer algumas palavras sobre esse enunciado lacaniano colocada em seu escrito "*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*" (Lacan, 1953/1998), dado que com tal formulação não se trata de oferecer escuta a novos sujeitos, pois, como veremos na seção que se segue, o sujeito é um só, uma operação significante, uma função, e que, devido a isso, estamos diante de um sujeito sem subjetividade, tendo em vista que o sujeito não se cola ao significante (Porge, 2017). No entanto, dizer que o sujeito é sem subjetividade não é a mesma coisa que dizer que ele é indiferente a ela, haja vista que a subjetividade é uma questão significante e discursiva, e é esse processo que devemos alcançar em nosso horizonte, uma escuta que esteja ao alcance dessa subjetividade.

Porge (2017) irá desdobrar as consequências dessa fala de Lacan, opondo-se principalmente a leituras que caminham para uma construção teórica de surgimento de novos sujeitos, ou melhor, de uma nova economia psíquica, principalmente pelas propostas dos psicanalistas franceses Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun, que tomam a famigerada "queda da figura paterna" para desenhar uma sociedade sem pai e, por isso, perversa. No entanto, com Lacan, temos o significante pai primeiramente enquanto metáfora e depois no nó borromeano como o pai nomeante, ou seja, de modo algum trata-se de uma figura essencializada, empírica, do pai.

> No que diz respeito ao pai, ele se refere à estrutura, a da metáfora paterna – anunciada de início por Lacan – e, depois, a borromeana, do pai nomeante. Desse ponto de vista, a ação do pai, seja ela identificada à metáfora ou ao pai nomeante, é independente de seu caráter na realidade ou de sua psicologia. Lacan não cessou de se pôr em guarda contra a confusão de natureza psicológica entre as carências paternas concretas na vida cotidiana e a falta do significante na metáfora. O único risco é que um pai se tome pelo pai. (Porge, 2017, p. 14)

Deste modo, a destituição do pai desembocaria em uma sociedade perversa, que funcionaria como uma caixa de Pandora em que todos os tormentos humanos fossem libertos, uma sociedade imperativa do gozo e sem limites. O autor provoca ao colocar que ao abrir essas comportas "a nova economia psíquica participa de uma denegação das consequências do ato de nomeação" (Porge, 2017, p. 15), que estabelece que exista um erro de nomeação. Então, qual seria a moral civilizada para uma sociedade? O que alguns psicanalistas insistem em manter? Para quê? Questões importantes para pensarmos: a quem o fenômeno da queda paterna atinge?

E que pai é esse que cai, o signo de uma sociedade patriarcal ou o pai função, metáfora e nomeante como pontuou Lacan? Safatle (2020) avisa que Lacan insistirá na importância de produzir um vazio no lugar do poder, e que, através dessa operação, caberia à psicanálise mostrar que o único lugar possível para o pai é o do pai morto. Uma leitura interessante para tomarmos o nosso objeto desta pesquisa, o corpo nas transidentidades, dado que o lugar do pai morto diz da inscrição de um lugar vazio do poder, portanto de um lugar em que não há uma verdade única, com sentidos únicos sobre o sexo, o corpo ou o gênero.

Pois bem, ao tomar a frase lacaniana, devemos sublinhar que ela não diz de uma subjetividade para nossa época, mas sim de alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época, com o que, como afirma Porge (2017), não "se trata de fornecer um atributo a essa subjetividade, mas de alcançá-la, e mais, em seu horizonte. Dito de outro modo, não se alcança jamais a não ser no ponto de fuga da perspectiva – na montagem de um quadro, uma armadilha para o olhar" (p. 17). Ponto importante, pois Lacan descreve que:

> Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. [...] Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas. (Lacan, 1953/1998, p. 322).

O psicanalista observa que devemos estar atentos à espiral a que o arrasta sua época, ou seja, assim como uma torre de Babel, o analista deve assumir um lugar de intérprete das discórdias das línguas, visto que pela dialética do desejo que algo da invenção poderá ser construído, ou seja, uma dialética que não é de modo algum individual, mas que carece do Outro, para que o sujeito possa vir a fazer laço na sua máxima diferença (Lacan, 1953/1998). Porge (2017) pontua, ainda, que alcançar no horizonte a subjetividade de nossa época é nos colocarmos em outro lugar, uma travessia que não mire um ideal, dado que "acima do horizonte não há céu", mas sua continuação, projetivamente. O sujeito, que escutamos e operamos em psicanálise, não é a mesma coisa que subjetividade, já que ele não se deixa domesticar por nenhum significante fixo.

> "É preciso desenlamear o sujeito do subjetivo", diz Lacan na sua Proposição de 9 de outubro de 1967. O sujeito não tem subjetividade, ele não se subjetiva, ele se institui na sua destituição [...] porque ele é apenas representado por um significante para outro significante. Onde há sujeito há *fading* da subjetividade. Nesse espaço-tempo entre dois significantes ele é foracluído, signo de nada, pura hipótese. Suposto, ele nada supõe. (Porge, 2017, p. 20)

Se não há céu acima do horizonte, somos convocados a pensar que em psicanálise não há, de modo algum, uma subjetividade ideal, um sujeito ontologizado, um ser esperado, em

outras palavras, quando falamos em uma subjetividade em nossa época, tomando às transidentidades, não estamos falando de novos sujeitos que irromperam devido a uma suposta queda paterna, mas sim de novos modos de subjetivação que ocorrem em determinada época. Assim, da mesma maneira que houve um dizer das mulheres histéricas que denunciavam uma sociedade onde as mesmas não tinham voz e que a partir disso Freud funda a psicanálise, ou seja, um sintoma (histérico) que portava um saber e que causa em Freud a construção de um método de tratamento para o sofrimento humano. Partindo disso, consoante a Cunha (2021), qual saber as transidentidades nos transmite? O que aprender com as transidentidades?

No horizonte, portanto, a psicanálise e a subjetividade de sua época. O alcance? Um trabalho contínuo da classe de psicanalistas de não inclinarem para nenhum suposto ideal, ou seja, como veremos nesta pesquisa, um processo de reconhecimento não de um ideal, mas de um processo emancipatório, um reconhecimento, no entanto, sem produção de identidades. De um eu, que só existe a partir de uma ilusão de unidade, potência e sentido único, noutras palavras, um eu petrificado, sem dialética, sem abertura para as diferenças. Veremos que o significante "identidade" para as lutas identitárias é um "mal necessário" para conquistas políticas na sociedade, uma vez que em sua maioria essas pessoas têm em seu horizonte a morte.

Feita essa breve apresentação da psicanálise de Freud e Lacan, e refletir qual horizonte de nossa época que devemos alcançar, nos subcapítulos que se seguem iremos percorrer, principalmente, as noções de sujeito, Outro, pulsão, corpo, os registros Real, Simbólico e Imaginário, com o objetivo de mobilizarmos leituras não normativas ou psicopatologizante na psicanálise em relação às transidentidades.

1.1. O sujeito em imisção de Outridade: o inconsciente estruturado como linguagem

"Às vezes mino com sutilidade; às vezes, como um trator" (Raquel Virginia, 2018)[15]

Sujeito, um conceito forjado na empreitada lacaniana de pensar o inconsciente estruturado como uma linguagem, ou seja, ao contrário do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, que tinha como objeto de investigação o inconsciente humano, o psicanalista francês, por sua vez, tomou como ponto de partida em sua investigação o sujeito do inconsciente. Nesse conceito de sujeito, como veremos, não se trata do indivíduo (biológico), não é a pessoa (social

[15] Raquel Virginia (1988), mulher trans, cantora, compositora e uma das fundadoras da banda As Bahias e a Cozinha Mineira.

e histórico), nem o cidadão (legal e político) e também não se trata do sócio (coletivo), mas sim do sujeito enquanto efeito de linguagem, mais precisamente resultado de uma operação significante (Eidelsztein, 2020).

Freud nunca construiu um dispositivo teórico sobre o tema sujeito, e este último não compõe o léxico freudiano, contanto em sua obra encontramos material suficiente para afirmar que a noção de sujeito confere uma referência presente em suas elaborações, porém de forma implícita. O psicanalista vienense, descreve Cabas (2010): "optou por alguns termos que podem parecer mais genéricos e talvez, dada a complexidade do tema mais ambíguos", assim, Freud utiliza termos como "vida anímica, a "vida psíquica", a "personalidade psíquica", o "Eu" (*Ich*), e por vezes, o "Si-mesmo" (*Selbst*), mas nunca o "sujeito" no sentido conceitual" (Cabas, 2010, p. 88, [*itálicos do autor*]).

Diante disso, em seu projeto de retorno aos fundamentos freudianos, Lacan se prontificou em assumir "a tarefa de extrair essa referência e expô-la a luz do dia." (Cabas, 2010, p. 13). Podemos, dessa maneira, dizer que a noção de sujeito enquanto um referente lógico está subjacente nas questões freudianas, e que toda obra de Jacques Lacan irá percorrer em torno de um debate em relação à noção e elaboração do conceito de sujeito, conferindo assim um objetivo epistêmico (Cabas, 2010).

Como adverte Garcia-Roza (1985), se o *cogito* estabelecido por Descartes revela um Eu como o lugar da verdade, o *cogito* freudiano irá postular que o Eu é um lugar de ocultamento, ou seja, de dissimulação. Falar de um Eu não se equivale ao termo de sujeito, principalmente no tocante ao ensino de Lacan. Freud, em sua grande operação epistemológica, estabeleceu que há uma cisão da subjetividade humana, ou seja, consciente e inconsciente, que coexistem no sistema psíquico como um pensamento consciente e um pensamento inconsciente.

Garcia-Roza (1985) e Cabas (2010) irão se debruçar sobre a questão do sujeito na obra freudiana e será pelo conceito de desejo inconsciente que os autores irão postular que o desejo em Freud é um dos nomes do sujeito. Será com os sonhos e sua lógica (pelo menos para a instância da consciência) estranha, amedrontadora, *non sense*, que algo da falta, do espaçamento, do nada, de um intervalo comparecerá na clínica freudiana, ou seja, nas beiradas da escuta que o conteúdo do sonho, na narrativa que se conta dele, naquele ponto onde não se lembra, falta sentido e faltam cenas, onde as palavras não dão conta e o sentido é insuficiente, isto é, "um intervalo mudo, um intervalo onde não há palavras para falar" (Cabas, 2010, p. 34), que algo do desejo irá ser apontado.

Assim, do mesmo modo da pulsão que não tem objeto fixo, o desejo é desejo de desejar, mais, ainda, outra vez, novamente. Movência de/na vida. E é com esse desejo que Freud ficará

às voltas em seu ensino, pois, enquanto Descartes parte do pensamento consciente e chega à existência, ou seja, no "eu sou", Freud, por sua vez, parte do pensamento inconsciente e topa com uma falta de ser, isto é, com o desejo (Quinet, 2000). Pois, se não há objeto fixo para o desejo, é que este último se lança à deriva no mar da linguagem, uma vez que, como veremos mais adiante com Lacan, que o desejo é o desejo do Outro, ou seja, que será no campo do Outro, no relicário dos significantes, que o sujeito irá situar o seu desejo. Partindo disso, é correto afirmar que não há uma ontologia de um Eu (ser), uma essência ou substância, mas sim um percurso, um movimento, um transitar do sujeito do inconsciente, por isso a psicanálise não visa dizer o que é o sujeito, mas como se torna sujeito através das duas operações de causação do sujeito, a alienação e a separação ao/do Outro.

Com a noção de Outro, campo simbólico e tesouro dos significantes, podemos dizer que Lacan deslocou o método psicanalítico da biologia para às ciências da linguagem (Ons, 2018). Como vimos anteriormente, em seu projeto de retornar aos fundamentos freudianos, será em três principais obras que Freud funda o inconsciente e que Lacan irá tomar o funcionamento da linguagem, quais sejam: *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *A psicopatologia da vida cotidiana* (Freud, 1901/1996) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905/2017). Lacan irá nomear esses textos como "a trilogia significante". De acordo com B. Machado (2011, p. 272):

> Essa tríade de textos pode ser encarada como a linguística e a "teoria discursiva" de Freud, apresentando uma infinitude de exemplos retirados do cotidiano, de como o sujeito é afetado pela linguagem em período integral e de como operam as associações linguísticas no inconsciente através de homonímias, associações, homofonias e aglutinações de sílabas. O funcionamento discursivo é igualmente tratado, ao demonstrar que o sintoma e o lapso frequentemente se dirigem a 'outro interlocutor'. (B. Machado, 2011, p. 272)

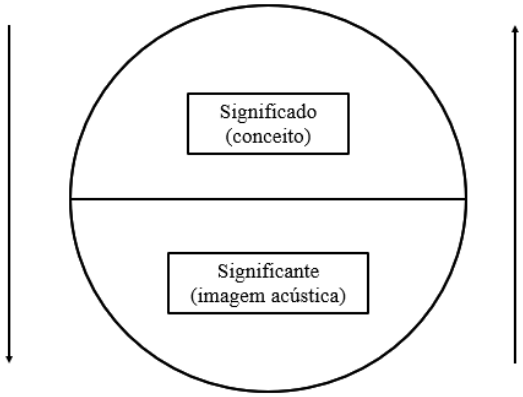
Assim, Lacan adverte em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (Lacan, 1957/1998) que "é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre o inconsciente" (p. 498) e no Seminário livro III, sobre as psicoses, onde Lacan se encontra às voltas com os fenômenos de linguagem, ele postulará que "o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental" (Lacan, 1955-56/1985, p. 139).

Lacan, em um primeiro momento do seu ensino, nos anos 50, se localiza no berço do estruturalismo francês e irá, como muitos intelectuais da época, beber da fonte da linguística estrutural estabelecida por Ferdinand Saussure. Assim, o psicanalista francês lança mão dos

conceitos da linguística saussuriana, em uma aproximação que não é sem consequências para o movimento psicanalítico. No entanto, esse abeiramento entre esses campos de saberes, psicanálise e linguística, ocorre com significativas diferenças, principalmente porque o Saussure do *Curso de Linguística Geral* (CLG) pressupõe um sujeito consciente, que sabe e controla o que diz e, em contrapartida, o psicanalista francês se situa na esteira da psicanálise, que compreende o sujeito do inconsciente e do desejo enquanto dividido.

Como pontua Jorge (2005, p. 70), o que "caracteriza a definição lacaniana do significante em relação à definição saussuriana do signo é a *inclusão do sujeito* no primeiro e sua *exclusão* no segundo" (p. 70 – [*itálicos do autor*]). Lacan, portanto, irá contestar dois dos princípios outorgados por Saussure, quais sejam, a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. Vejamos o signo linguístico apresentado no CLG (Saussure, 1916/2006):

Figura 1 - Signo Linguístico de Saussure



Fonte: elaborado pelo próprio autor, baseado em Saussure (1916/2006).

Para Saussure o signo é uma entidade com duas faces interdependentes, como uma folha que ao rasgar o verso rasga-se também o anverso. Assim, o signo linguístico "une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica" (Saussure, 1916/2006, p. 80), dito de um outro modo, não se trata do som material, físico, mas sim da impressão psíquica deste som. Portanto o significado consiste no conceito, no sentido, enquanto o significante na impressão psíquica do som. Por exemplo, ao falar a palavra MULHER, pensando no signo saussuriano, temos os sentidos, o significado do que venha ser uma mulher, o que reconhecemos enquanto mulher em uma dada época e cultura, como também, ao ouvir a palavra MULHER se inscreve no psiquismo uma imagem acústica, fazendo irromper uma imagem de uma mulher de cabelos longos, curtos, uma avó, a mãe, a mulher por quem está apaixonado/a, uma professora, uma árvore, um homem, uma roupa, uma xícara etc.

Assim, no que tange ao caráter arbitrário do signo, que consiste em uma relação biunívoca, ou seja, uma correspondência entre dois conjuntos, como descrito no CLG: “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (Saussure, 1916/2006, p. 80), Lacan irá promover uma reestruturação do signo saussuriano e o formulará como no algoritmo abaixo:

Figura 2 - O signo lacaniano

$$\frac{S}{s}$$

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

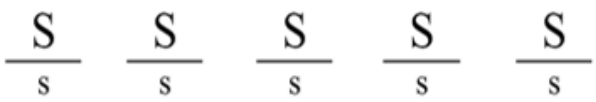
Que pode ser lido como S (significante) e s (significado). O que ocorre nessa mudança que Lacan promove no signo linguístico de Saussure?[16] Retirado o círculo e as flechas em sentidos opostos e invertendo significado e significante, Lacan dará primazia ao significante, sobrepondo-o ao significado, e irá determinar que não há relação biunívoca entre eles, não há uma relação íntima entre S e s. O psicanalista francês mantém a barra entre significante e significado (S/s), pois ela representa o recalque, representa a divisão constituinte, que demonstra que o Eu desconhece o que fala, pois sempre há um mais além do dito, há um dizer, além de representar uma barragem ao significado, pois nesta nova perspectiva o significante resiste à significação.

Isso posto, Lacan inscreve “a categoria de *falta* na cadeia significante e, a partir do conceito de sujeito fora da conotação ontológica que implica na alternativa: sujeito pleno do humanismo filosófico ou morte do sujeito” (Jorge, 2005, p. 70 – [*itálicos do autor*]). Diante disso, se na perspectiva de Saussure, apresentando no CLG, significado e significante eram interdependentes, em Lacan, o significante é independente do significado. E essa releitura do signo saussuriano realizada por Lacan é prenhe de consequência, uma vez que nenhum sentido é capaz de colar, se fundir em um significante; em outros termos, significante e significado são

[16] A tese de Bruno Molina Turra (2018) intitulada “Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma”, demonstra que o próprio Saussure já havia realizado essa mudança do signo linguístico.

autônomos e, devido a isso, podem deslizar pela cadeia da linguagem em um fluxo independente. Deste modo, temos a cadeia significante, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 3 - Cadeia significante



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Destarte, tomando o significante como algo descolado do conceito e dos sentidos, este é evanescente e desliza na esteira dos significados, pois não tem uma relação fixa com este último, consequentemente cada significante na cadeia pode portar diferentes sentidos/significados, conferindo assim uma contradição estrutural a todo discurso, como assinala Quinet (2000, p. 30): "O inconsciente é constituído dessa forma: pelo desfilamento dos significantes articulado a outro, a outro, a outro"; relaciona-se esse funcionamento significante em cadeia com a ideia de associação livre (cadeia associativa) apresentada por Freud.

Estamos falando aqui dessa rede significante, pois o aforisma lacaniano é que "um significante é o que representa o sujeito para outro significante", isto é, o sujeito se faz presente/ausente nesses intervalos significantes, ou seja, Lacan irá ancorar a psicanálise na linguística enquanto um estatuto cientifico, que irá responder à questão de ouro que a psicanálise carrega desde sua fundação: onde localizamos o inconsciente freudiano? Está no cérebro? Qual sua anatomia? Onde capturamos o sujeito do inconsciente? A resposta é: na linguagem, ou melhor, na articulação significante (Eidelsztein, 2020). Em vista disso, nas palavras de Leite (2017), "trata-se de promover a noção de significante como *necessária* a qualquer articulação do fenômeno analítico, exatamente em função da *oposição* entre significante e significado" (p. 29 – *itálicos da autora*). Uma articulação necessária entre sujeito e o Outro da linguagem.

Assim, a noção de Outro (grande Outro, representado pela letra A – *Autre* em francês) foi utilizada por Lacan no decorrer de todo o seu ensino. O Outro como campo simbólico, tesouro significante que se funda em relação ao sujeito, um sujeito como operação lógica entre significantes, efeito de linguagem (Lacan, 1964/2008), ou seja, o sujeito é uma consequência, uma decorrência da movência da cadeia significante.

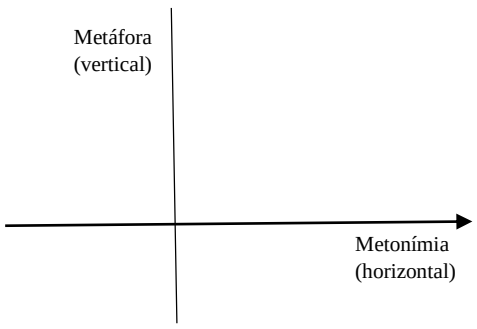
Eidelsztein (2020) em sua obra "*A origem do sujeito em psicanálise*" irá retomar a máxima lacaniana de que não existe sujeito sem o Outro. O psicanalista argentino descreve em

seu livro que a causa do sujeito é a linguagem, mais precisamente o significante; retomando Lacan, o autor traz a seguinte citação: “o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde” (Lacan, 1964, p. 849, citado por Eidelsztein, 2020, p. 16). Ou seja, tendo concebido que a ordem significante é a causa do sujeito, este último não se caracteriza como um indivíduo biológico afetado pela linguagem, o sujeito do inconsciente não é forjado por matérias primas substanciais, como um corpo biológico, por exemplo, mas é criado, existe a partir do nada, na medida em que o significante não significa nada em si mesmo (Eidelsztein, 2020).

> No modelo freudiano, a constituição do aparelho psíquico supõe, em primeiro lugar, o acontecimento do fenômeno real, sua posterior inscrição mediante um traço e, por último, a sua articulação com as palavras. Lacan, por sua vez, a partir dos conceitos de significante e de sujeito, postula que primeiro é a ordem significante e o Outro, permitindo a existência de “fenômenos significantes”, o que implica a perda de todo referente real, em um tempo distinto do tempo linear. (Eidelsztein, 2020, p. 18)

Ainda com Eidelsztein (2020), encontramos que a dimensão de espaço que corresponde ao sujeito do inconsciente é bidimensional, uma vez que o significante corresponde a um universo com duas dimensões, quais sejam: metáfora e metonímia. A primeira diz de um funcionamento de substituição de um significante por outro, e a segunda configura o funcionamento conectivo entre significantes. Assim, o autor na obra supracitada apresenta o seguinte esquema:

Figura 4 - Metáfora e Metonímia



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, baseado em Eidelsztein (2020).

Essa é a estrutura da linguagem e do inconsciente estruturado como tal. Deste modo, temos pelo eixo vertical o funcionamento diacrônico, metafórico (substituição), e, no eixo horizontal, o funcionamento sincrônico, ou seja, metonímico (conexão). Para pensar alguns

conceitos clínicos psicanalíticos, o sintoma, por exemplo, possui um caráter metafórico, tratando-se de uma substituição significante, isto é, o sintoma está posto no lugar de outra coisa. E o desejo, por sua vez, que não possui objeto fixo, funciona metonimicamente, pois dispõe da faculdade de deslizamento na cadeia significante, conectando um com outro. O inconsciente estruturado como uma linguagem revela, portanto, uma imisção de Outridade, isto é, que não existe sujeito sem o Outro (Lacan, 1964/2008).

Com isso, para pensarmos o sujeito do inconsciente, é necessário lançar mão da pré-existência do Outro, relicário dos significantes, e a consequência disso é que do nada se cria. Eidelsztein (2020) descreve que enquanto a teoria de Freud é evolucionista, isto é, que o psicanalista vienense parte do corpo particular e biológico do ser humano para pensar um processo de maturação psíquica em uma escala do tempo linear, Lacan, por seu turno, parte da teoria criacionista, ou seja, aquilo que parte do nada, criação *ex nihilo*, tomando o corpo de linguagem onde habita o *falasser*. Este é um ponto importante, pois Freud parte da filosofia para se chegar ao ser, configurando um posicionamento ontológico. Por outra via, Lacan parte da antifilosofia e chega no conceito de falasser, neologismo cunhado pela psicanalista francês para pensar a desontologização da psicanálise e do sujeito, visando pela teoria criacionista de que só existo a partir do momento que falo (falasser), só se é quando se fala (Eidelsztein, 2020). Não à toa que grande parte dos conceitos lacanianos partem de uma negatividade: sujeito, significante, desejo, objeto *a*. Do nada se cria.

> O posicionamento de Lacan é tão claro quanto decisivo: não há nenhuma realidade pré-discursiva (Lacan, 1972-73, 09/01/73). Ou seja, toda realidade de falasseres é antecedida pelo discurso, isso implica, necessariamente, que primeiro atuaram a articulação entre os significantes e outros falasseres. Em síntese, sempre estão primeiro a ordem significante e o Outro. (Eidelsztein, 2020, p. 25)

Lacan é um radical em matéria significante, uma vez que irá partir dessa materialidade que, em sua condição oca, só toma sentido em relação a outros significantes em cadeia. Se uma andorinha só não faz verão, um significante sozinho não quer dizer nada, dado que, entre o filhote humano e o seu mundo de experiências, existe alguma coisa que recorta sua realidade, e podemos dizer que o que faz função de cisalha aí é a linguagem, dado que é pela linguagem que, antes de esse animal humano falar (tornando-se sujeito), ele é falado. Alguns exemplos triviais: a bebê é menina, vai usar roupas cor rosa, irá puxar a mamãe, vai ser bailarina, princesa, advogada, doce, meiga, forte como à avó, de quem receberá seu nome: Maria. Significantes que sozinhos não fazem verão, ou melhor, não fundam uma subjetividade, eles precisam estar em relação com outros significantes para assim representarem um sujeito. Dito de outro modo, o

sujeito não existe antes do Outro e da ordem significante, se fala do filhote humano, mas o sujeito é efeito no encadeamento significante. O sujeito não é o filhote humano, não é o corpo biológico, o sujeito é o resto de uma operação significante.

Deste modo, o que é dito antes sobre o filhotinho humano, o bebê, trata-se de um amontoado de palavras, sentidos e significantes que se precipitam sobre o humano, mas que ainda não compõem um sujeito, dado que este precisa se inscrever na linguagem para se assujeitar a ela. Antônio Quinet em "*Os outros em Lacan*" pontua que:

> O grande Outro como discurso inconsciente é um lugar. É o alhures onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa. É a alteridade do eu consciente. É o palco que, ao dormir, se ilumina para receber os personagens e as cenas dos sonhos. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido. (Quinet, 2012, p. 20-21)

Com isso, Lacan, irá desbravar um percurso nas voltas dos efeitos da incidência da linguagem sobre esse animal humano e que neste caso o Outro é tomado como estruturante. Em relação a essa incidência da linguagem, sublinhamos que o filhote humano adentra o mundo imerso em um banho de linguagem, essa é a porta de entrada. E aqui é importante destacar que o sujeito é fruto de uma operação significante e de uma intervenção do analista, de um corte, em outros termos, o sujeito não bate na porta ou manda uma mensagem no celular do analista agendando um horário, quem faz isso é uma pessoa. Desta maneira, destacamos que, em se tratando de psicanálise, o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Nos dizeres de Lacan (1964/2008):

> O que é preciso acentuar [...] é que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante. O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, pretrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (p. 203)

Ou seja, podemos afirmar que não há sujeito que não seja esse que irrompe a cadeia significante e que um "significante supõe – sempre – um sujeito e – nunca um significado.". (Cabas, 2010, p. 221). Todavia, o autor diz que apesar de um sujeito ser aquilo que um significante representa para outro significante, eles não são, de modo algum, a mesma coisa, dado que, enquanto o sujeito é uma função, o significante é uma matéria, ou seja, dimensões bem definidas em suas diferenças. Em suas palavras:

> [...] a função do sujeito é estritamente compatível com a dimensão significante. É que postular que o sujeito é um efeito da linguagem equivale a dizer que não há outra maneira de apontar sua presença a

> não ser no plano do significante. A contrapartida é igualmente verdadeira. É só porque há o campo do significante que é possível existir a função subjetiva. (Cabas, 2010, pp. 220-221)

O escrito lacaniano *"Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise"* retoma a função do sujeito no campo da linguagem, ou seja, o sujeito falante só fala a partir de um lugar, o Outro, em um determinado campo, isto é, o da linguagem. Partindo disso, pode-se postular que o Outro enquanto tesouro dos significantes é o campo significante sobre o qual se precipita o animal humano recém-chegado ao mundo e constitui uma subjetividade, significantes que fazem corpo, estrutura e diz sobre e no sujeito. Porém, essa estreia só se dá de modo claudicante, para recuperar o dito lacaniano presente no seminário XI, "só a causa para aquilo que manca" (Lacan, 1964/2008, p. 27), ou seja, é preciso mancar para desejar e isso só é possível pela condição vazia do significante. Se significante e significado fossem fundidos não haveria possibilidade de advir outra coisa, configurando uma linguagem estática, uma paralisia.

O sujeito, em vista disso, como descreve Sousa e Herculino (2020), se inscreve no intervalo entre dois significantes, não estando nem em um nem noutro, mas no espaço de hiância que sustenta e faz mover a cadeia de suas palavras. Um sujeito que se sustenta a partir da operação de um dizer que conta com o vazio, que marca o tropeço e a falha, que busca uma ancoragem na racionalidade justamente onde ela não garante e que tenta se amarrar para fazer girar os efeitos de seus significantes (Sousa & Herculino, 2020). Assim, o sujeito do inconsciente, em sua constituição, é estruturalmente dividido, posto que ele se articula no campo do Outro, lugar onde o sujeito encontra morada; ele paga, no entanto, pela sua residência, isto é, paga com sua divisão, uma fenda, um corte.

Desde Freud em *"Projeto para uma psicologia científica"* (Freud, 1895/1996), que pensa sobre o funcionamento psíquico no tocante à existência de uma presença constante de algo que presentifica um desencontro primordial, qual seja, aquilo que faz ressoar o descompasso entre o grito do bebê e o que lhe foi dado como resposta pelo outro/Outro, pois esse outro (ajudante alheio e experiente) irá interpretar tal grito (ou qualquer outro som) com certa arbitrariedade, ou seja, marcando um equívoco estrutural entre o Um e o Outro, porém não deixando de emprestar um bocado de satisfação (Harari, 2001). Com isso, entre a demanda do bebê e a resposta oferecida pelo Outro para tal demanda há uma arritmia que faz falhar uma suposta comunicação linguageira entre o ajudante alheio, no termo de Harari (2001), e o recém estreante no mundo de linguagem.

O Outro, por consequência, é tomado como um lugar de ocupação dos outros (outrinhos – semelhantes), um outro que encarna e representa um Outro e que exercerá funções, em outras

palavras, um já-sujeito, marcado pela falta e que irá inscrever sua falta no recém-chegado: essa é a herança simbólica. Deste modo, quando falamos de mãe, pai, homem, mulher, criança, bebê, em psicanálise, eles não passam de significantes que, reiteramos, sozinhos não dizem nada. Eidelsztein (2017) traz uma interessante contribuição para pensar a função materna, haja vista que a mãe, em psicanálise, não é aquela que está prenhe de uma criança, isto é uma fêmea, a mãe é aquela que está prenhe do Outro para uma determinada criança. Assim, a função materna configura uma função de parir o Outro, tesouro dos significantes, para aquela criança.

Lacan pontua que: "uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?*" (Lacan, 1964/2008, p. 209 – *itálicos do autor*). Essa é a questão feita ao desejo "o que queres?", inscrevendo que o animal humano, diferente do dito animal irracional, é manco, deficitário em seus instintos, não busca sozinho o seio que amamenta[17] para se alimentar, precisa de um outro que faz circular, pela cadeia significante, a pulsão; portanto, "dependemos do campo do Outro, que estava lá há um bocado de tempo antes que viéssemos ao mundo, e cujas estruturas circulantes nos determinam como sujeito" (Lacan, 1964/2008, p. 239).

As estruturas circulantes nos determinam como sujeito, não há realidade pré-discursiva (Lacan, 1974-75), o inconsciente como o discurso do Outro (Lacan, 1957/1998), o inconsciente é a política (Lacan, 1966-1967/2008), são aforismas que dizem de um sujeito em uma relação de imisção com o Outro, ou, como pontuou Lacan (1976), o sujeito existe em imisção de Outridade, o que quer dizer que nada pode ser atribuído como exclusivo de um sujeito. Ponto importante delineado por Lacan e retomado por Eidelsztein (2020) no que tange à ideia de singularidade do sujeito, dado que, como vimos anteriormente, o sujeito não é um indivíduo substancial, não é a pessoa, nem mesmo é o analisante (Eidelsztein, 2020), o sujeito é efeito da operação significante que só é possível pela pré-existência do Outro. Mas como fica essa tal singularidade do sujeito? O um a um da clínica? Fica na particularidade. Singular tende aquilo que é só, sem o outro, independe do outro, o particular, a sua maneira, caracteriza aquilo que é estabelecido em relação com o Outro, ou seja, para Lacan o sujeito é uma parte de uma estrutura (Eidelsztein, 2020).

[17] Utilizamos aqui o "seio que amamenta" e não a mãe ou seio materno, dado que hoje temos pais/homens que amamentam seus filhos com seus seios.

> Cada sujeito ocupa o lugar vazio entre dois significantes, dos quais, além de se articularem entre si, se distinguem de todos os outros no cerne de uma estrutura e participam da articulação em rede de várias cadeias significantes, o que, evidentemente, é particular. [...] O sujeito ocupa, também, um lugar particular na cadeia ou trança do discurso, que articula o tecido histórico das relações significantes – como instituições familiares – entre os membros de pelo menos três gerações no que está incorporado, por exemplo: como neto, filho, irmão, pai, filho adotivo, etc., que atribui a cada falasser um lugar particular no cerne de uma estrutura heterogênea. (Eidelsztein, 2020, p. 59-60)

O sujeito, portanto, é causado por duas operações, quais sejam: alienação e separação. Ao contrário do que circula majoritariamente no lacanismo em que as operações de alienação e separação são evolutivas e lineares, isto é, que primeiro o sujeito se aliena ao Outro para depois se separar e constituir uma singularidade, compreendemos que essas operações são lógicas e funcionam pelo tempo circular e não cronológico (Eidelsztein, 2020). Assim, a operação de alienação consiste em um processo de localização do sujeito no intervalo entre dois significantes, delimitando uma impossibilidade de ser um ou outro, sujeito intervalar que diz de um impossível de ser apenas si mesmo, ou seja, revelando uma falta a ser do sujeito. A separação, no que lhe diz respeito, trata-se de uma articulação de faltas, ou seja, da falta em ser do sujeito com a falta presente nos intervalos significantes em cadeia (Eidelsztein, 2020), revelando que o Outro, assim como o sujeito, carrega uma estrutura faltante, esburacada, não toda, incompleta.

Assim, o sujeito só emerge lá onde o Outro manca. Só há causa para o que manca. Se o Outro fosse absoluto, completo, rematado, não haveria sujeito, dado que este último só comparece no intervalo significante. Em vista disso, Lacan (1964/2008) irá desbancar um Outro absoluto, um lugar sem falhas, sem equívocos, sem mal-entendidos, passando a compreender esse Outro como furado, esburacado, capenga. Ou seja, nas palavras de Sousa e Herculino (2020): “Se é certo que alguém acolheu o grito do infans e se fez presença de corpo (inclusive de palavra) no momento de fragilidade do humano, é igualmente certo considerar que não houve (não há nem nunca terá) correspondência entre tal grito e o tratamento de palavra que ele fez irromper” (p. 4).

Haja vista que o Outro estruturalmente não pode oferecer uma garantia ao ser falante, como lembra Lacan, retomado por Lima e Vorcaro (2019), que o “grande segredo” da psicanálise é de que não há Outro do Outro. Nas palavras dos autores: “é certo que a ordenação simbólica não deixa de incidir sobre o sujeito; no entanto, o que não é nada certo é a resposta que cada um dará, uma vez que esse Outro é incompleto, barrado em suas tentativas de determinar completamente o sujeito” (Lima & Vorcaro, 2019, p. 475). Ou seja, há o Outro, há o sujeito, há o particular, na medida em que o sujeito é uma parte, um resto, uma sobra de uma

articulação significante e só há articulação significante e deslizamento significante se tomarmos esse Outro como incompleto e faltante.

Lacan nos diz que "o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que se vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer" (Lacan, 1964/2008, p. 200). O sujeito do desejo inconsciente é aquele que emerge da relação significante, que está no campo do Outro. *Isso* fala, diz do sujeito, e *Isso* fala no Outro, diz de um sujeito que só aparece no clarão de um instante intervalar entre significantes, em uma estrutura de imisção de Outridade. Podemos aqui estabelecer um parentesco com a linguística saussuriana, pois não há fala sem a língua, e Lacan define o inconsciente estruturado como uma linguagem, ele não diz que o inconsciente é estruturado como uma língua, nem como uma fala, mas como linguagem, aquilo que comporta língua (universal – social) e fala (particular).

> Lacan, de acordo com esses desenvolvimentos, contemporâneos ao desenvolvimento de sua obra, apresenta que o sujeito, pelo menos na clínica psicanalítica, deve ser considerado em imisção de Outridade, o que implica que "não há sujeito sem Outro", o que, por sua vez, significa que nada pode ser postulado como exclusivo de "um" sujeito individual ou singular; justamente porque, no seu ensino, o termo sujeito foi proposto para rejeitar o ser individual. Não se trata de existir um sujeito individual sobre o qual incide o Outro, mas que, quando se considera um sujeito, sempre deve ser aceito que já não se pode distinguir o que é do sujeito e o que é do Outro. Assim, na clínica psicanalítica, não se pode distinguir entre o que foi dito pelo analisante ou pelo analista, pois "Isso fala", "Isso pensa" e "Isso goza" entre eles e independentemente de seus respectivos eus. (Eidelsztein, 2020, p. 64)

O sujeito da psicanálise, logo, é despossuído de qualquer predicado, consistência, substância, essência e identidade. Um sujeito que tem em sua constituição a divisão, e por isso, um sujeito faltante, que por sua condição de faltoso, é desejante. Nas palavras de Quinet (2000, p. 13), "o sujeito para a psicanálise é essa lembrança apagada, esse significante que falta, esse vazio de representação em que se manifesta o desejo", um sujeito errante, que desliza na cadeia significante, ora fazendo presença, ora fazendo ausência. O sujeito do inconsciente é puro vazio, bordejado pelo nada e, devido a essa condição oca, ele pode ser vários (Sousa & Herculino, 2020).

No Seminário *"O eu na teoria de Freud e na teoria da psicanálise"* (Lacan, 1954-55/2010), Lacan nos adverte que tomar o sujeito na práxis psicanalítica é não situá-lo em um organismo que se adapta, trata-se de um outro sujeito que fala "a partir de um outro lugar que não o deste eixo que podemos apreender quando o consideramos como função num indivíduo, ou seja, com um certo número de interesses concebidos na aretê individual (Lacan, 1954-55/2010, p.19). Vejamos que Lacan sustenta uma preocupação em relação ao conceito de sujeito

durante todo seu ensino, principalmente em não o reduzir ao indivíduo, na pessoa que fala, em outras palavras, no sujeito (eu) do enunciado.

Lacan, como veremos mais adiante, irá se filiar discursivamente com Althusser e Pêcheux, principalmente no movimento de ruptura com as correntes humanistas e psicológicas que tomam o sujeito enquanto indivíduo, consciente, senhor de sua própria casa. Lacan, com seu cunho freudiano, não deixará de sustentar fundamentalmente esse sujeito que pulsa no coração da linguagem, ou seja, nos batimentos significantes, este é seu lugar, esta é sua morada; morada, porém, em que o sujeito entrou, cuja chave perdeu sem jamais poder reencontrá-la. Nas palavras de Lacan (1967/2006):

> Por que introduzi a função de sujeito como algo distinto do que é do âmbito do psiquismo? Não posso fornecer verdadeiramente uma teoria sobre isso, mas quero mostrar-lhes como isso se liga à função do sujeito na linguagem, que é uma função dupla. Há um sujeito que é o sujeito do enunciado. É fácil reparar nisso. Eu [*Je*] quer dizer aquele que está falando agora no momento em que digo eu. Mas o sujeito nem sempre é o sujeito do enunciado, pois nem todos os enunciados contêm eu. Mesmo quando não existe eu, mesmo quando vocês dizem "está chovendo", há um sujeito da enunciação, há um sujeito mesmo que não seja perceptível na frase. Tudo isso permite representar muitas coisas. O sujeito que nos interessa — sujeito não na medida em que faz o discurso, mas em que é feito por ele, [...] — é o sujeito da enunciação. (p. 45)

Para finalizarmos esta parte, sublinhamos que, ao tomar o sujeito do inconsciente enquanto uma função, não podemos negligenciá-lo enquanto um referente clínico, pois, nas palavras de Cabas (2010): "a função concerne ao campo epistêmico. O referente clínico, à prática da cura" (p. 15). Portanto, ao desenvolver uma pesquisa no qual o conceito de sujeito do inconsciente é medular para a investigação, devemos portar uma perícia em relação à diferenciação do sujeito enquanto referente epistêmico ou tomá-lo como um referente clínico; em outras palavras, não iremos trazer para este trabalho casos clínicos, onde uma práxis analítica estaria em vigor. No entanto, apostamos que tencionar o conceito teórico de sujeito do inconsciente com sua referência epistêmica nos viabiliza, enquanto clínicos, uma escuta atenta às transidentidades sem cair em armadilhas ideológicas de segregação ou (psico)patologização.

Em vista disso, problematizamos aqui um posicionamento político que toma o papel do psicanalista. Ao produzir um arcabouço teórico frente às questões sociais, intenta-se, inclusive por uma via epistemológica, propor uma teoria do sujeito que não promova discursos de opressão e de violência contra grupos minorizados (Ambra, 2017), seja em questões relativas à raça, orientação sexual, identidade de gênero, entre outras. Deste modo, um dos nossos objetivos é investigar e compreender o conceito de sujeito enquanto efeito significante – este por si só, foi e sempre será, uma operação subversiva. Como veremos no decorrer deste texto, a realidade psíquica se dá de modo real, simbólico e imaginário (RSI), onde não há uma

hierarquização entre esses três registros; assim, a identificação a uma determinada identidade de gênero deve ser pensada enquanto um enodamento RSI, ou seja, as experiências identitárias não podem ser alegadas apenas ao registro imaginário, como conservam alguns psicanalistas, mas sim como efeito de um nó.

Posto isso, pensar o conceito de significante neste trabalho é indispensável, pois a escuta do psicanalista deve ser direcionada ao sujeito do inconsciente, totalmente desontologizado. Um psicanalista não sabe nada antecipadamente sobre o sujeito, ele é munido teoricamente para direcionar um tratamento psicanalítico, mas de modo algum direcionar o analisante. Assim, as transidentidades, no plural, podem ser experiências subjetivas que dizem de um enodamento, e o psicanalista, que empresta escuta para o sujeito sexuado, mesmo sabendo da imisção de Outridade, que *Isso* fala e *Isso* pensa no sujeito (Lacan, 1964/2008), o tomará também em sua particularidade.

1.2. Transidentidades e Psicanálise: por dizeres inventados de outro modo

> *Viver o peso real de nunca se sentir o bastante de leveza, banhado constantemente de espumantes estranhezas, saber-se olhado – sem modelos. É preciso os sentidos. Pegar, só em sonhos – enlouquece. Gritar por carne e sem carne! Não me peço liberdade naquilo, que nem mesmo tenho direito de me aprisionar.* (Estranho – João W. Nery, 2011).[18]

Neste subcapítulo iremos apresentar alguns pontos teóricos da psicanálise para inscrever leituras psicanalíticas não normativas, ontológicas e preconceituosas acerca das vivências subjetivas em relação a sexualidade, gênero e corpo, principalmente no tocante às transidentidades. Para tanto, delinearemos um percurso teórico que envolve críticas a um simbólico ahistórico e apolítico, o complexo edípico, o Outro barrado, o nó borromeano constituído pelos três registros RSI e a invenção particular de cada sujeito frente ao real. Com o intuito de alcançarmos nossos objetivos para esta seção iremos, além de Freud e Lacan, utilizar produções de pesquisadores contemporâneos que estão às voltas das categorias de sexualidade, gênero e corpo na psicanálise.

Deste modo, consoante a Ambra (2018), a relação entre as teorias de gênero e a psicanálise é melindrosa, haja vista que muitos psicanalistas se posicionam contra essa interlocução, pois esse movimento das teorias de gênero promoveria, segundo alguns

[18] João W. Nery (1950-2018), homem trans, psicólogo e escritor brasileiro. Considerado o primeiro homem trans a se submeter a uma cirurgia de designação sexual no Brasil.

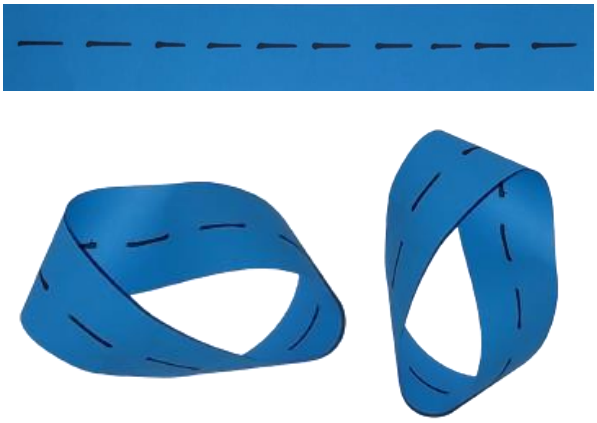
psicanalistas, uma “sociologização” da psicanálise, além de apresentar uma ameaça ao real lacaniano, já que negariam a famigerada diferença sexual. De acordo com Cunha (2021) a relação dos psicanalistas com as dissidências de gênero é marcada por aproximações e distanciamentos, por uma convergência, marcas que desempenham por muitas das vezes o estranhamento, o julgamento moral e a insistente classificação diagnóstica. Como ressalta o autor, pensar a relação entre transidentidades e psicanálise confere um exercício antes de tudo político e ético, na medida em que devemos deixar claro de qual lugar escutamos as dissidências de gênero (Cunha, 2021).

Segundo Ambra (2018, p. 45), os estudos *queer* e sobre gênero “teriam cometido o pecado de tocar o sacrossanto tema da sexualidade, que, durante quase um século, esteve sob a tutela da psicanálise”; em vista disso, devido uma falta de elaboração de um luto, as teorias psicanalíticas encaminharam-se para si mesmas, em um embotamento, onde ficaram cegas a toda interlocução e intersecção possível com outros campos de produção de conhecimento (Ambra, 2018).

Nesses termos, em relação ao fenômeno de uma tal “socialização da psicanálise”, destacamos que não nos posicionamos nesta corrente, uma vez que se trata de um movimento antifreudiano, já que o fundador da psicanálise postulou que não há uma separação entre o social e o individual (Freud, 1921/2011), e antilacaniana, dado que ignora a proposta do psicanalista francês de que a epistemologia psicanalítica, a estrutura do inconsciente, bem como o do sujeito, segue uma lógica moebiana (Ambra, 2017). A banda ou fita de Moebius, é uma figura topológica[19] em que se caracteriza como um retângulo em que se aplica uma torção e o fecha sobre si mesmo, deslocando uma superfície bilateral para unilateral, viabilizando formalizar a estrutura do inconsciente como linguagem e de um sujeito em imisção de Outridade.

[19] Um ramo da matemática que irá estudar os espaços topológicos, ou seja, objetos que mantém suas propriedades mesmo sofrendo deformações, torções e alongamentos.

Figura 5 - Banda de Moebius



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como podemos ver na figura 5, o que a lógica moebiana revela é que não há como delimitar um dentro e um fora, um externo e um interno, um começo e um fim, uma separação entre o corpo e a "alma", um mundo sensível e um mundo inteligível, o sujeito e o Outro, o particular e o coletivo, ao modo dos versos da canção "sou o certo, sou o errado, sou o que divide. O que não tem duas partes na verdade existe"[20]. Portanto, ao tomar a estrutura do inconsciente como linguagem na topologia moebiana, o exercício de separação do sujeito e do Outro, do particular e do coletivo, é em vão.

Isso posto, pretendemos nesta seção tecer algumas palavras em relação ao processo de identificação do sujeito falante, isto é: como o ser bissexual e perverso polimorfo de Freud aliena-se em dada identidade sexuada? Assim, partindo de um gesto de leitura em que mesmo estando cientes das diversas controvérsias e polêmicas que alguns postulados freudianos e lacanianos promoveram ao tocar sobre sexualidade e identidade sexuada, uma vez que, tratando-se de duas pessoas datadas, históricas, localizadas em seu tempo, falando a partir de discursividades possíveis de determinadas épocas, nos interessa aqui o ensino e a proposta teórica de ambos, que nos proporcionam um chão epistemológico para discorrermos acerca da sexuação e das transidentidades.

Achamos interessante pensar que, por vezes, Freud e Lacan nos oferecem o veneno e o antídoto, em um movimento pendulante em um conservadorismo e uma subversão; e a nossa aposta é de uma psicanálise subversiva, de um Freud pulsional, como defende Laufer (2014), "nos textos de Freud, como sempre, há reviravoltas que podem fazer algo e seu oposto entender

[20] Música: Mal Necessário, interpretada pelo cantor Ney Matogrosso.

- prova de um pensamento dialético em constante movimento" (p. 18 – *tradução livre*). Assim, o mesmo Freud que empreende um lugar de "continente negro a feminilidade", a inveja do pênis, a maternidade como compensação pela falta do falo, estabelece que devemos ter cautela para não subestimar as influências das organizações sociais que forçam as mulheres em posições passivas na sociedade (Laufer, 2014).

Sublinhamos, nesta urdidura, que o termo gênero ou identidade de gênero, não faz parte do ensino freudiano, no entanto o criador da psicanálise não deixou, de certo modo, de tatear questões relativas a uma identidade sexuada. Podemos iniciar esse diálogo no ponto em que Freud precedeu Simone de Beauvoir, pois, em 1933, o criador da psicanálise, pontuou que, "Corresponde a singularidade da psicanálise, não querer descrever o que a mulher é", uma vez que, descrevê-la é da ordem do impossível, deste modo, a psicanálise só poderia pesquisar, isto é, dar escuta "como ela se torna mulher" (Freud, 1933/2019, p. 318). Nas palavras de Ambra (2017): "Freud é claro quanto à impotência da psicanálise em descrever o que *é* uma dada identidade sexuada, mas também quanto ao fato de que ela pode, sim, se perguntar sobre como o sujeito *se torna* sexuado (p. 29, *itálicos do autor*).

Em seu texto "*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*" (Freud, 1925/2011), Freud, às voltas de algumas especificidades na diferença sexual, pontua que "a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto" (p. 298). Diante disso, o que podemos extrair de consequências do escrito freudiano é de que por mais que há uma incidência do biológico no psíquico, isso se dá de modo incerto, desembocando assim na hipótese de que não se nasce homem ou mulher, mas torna-se e "concluir que o que constitui a masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não pode apreender" (Freud, 1933/2019, p. 317).

Assim, como revela Ambra (2017) as características psíquicas masculina e feminina não seriam inatas, mas consequências da interpretação que o infans faria da diferença anatômica dos órgãos no corpo biológico. E ressaltamos: uma interpretação que também não é inata, mas que parte do Outro, de como tais órgãos são in(re)vestidos pela linguagem; afinal, se as mulheres não fossem colocadas em um lugar de subalternidade e os homens em lugares de tantos privilégios, quais seriam as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos? Uma questão para se pensar.

Arán (2009) afirma que a concepção da sexualidade infantil empreendida por Freud em 1905, em seu escrito "*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*" (Freud, 1905/2016), pode ser considerada uma proposta revolucionária em vista das produções de conhecimento vigentes

na época. Essa nova forma de conceber a sexualidade do animal humano terá como sua principal característica o seu caráter perverso-polimorfa. Nas palavras da autora:

> Freud inicia a sua teorização nos "Três ensaios para uma teoria sexual", de 1905, opondo-se à "opinião popular" segundo a qual a sexualidade não existiria na infância, mas se manifestaria somente na puberdade, e que ela se revelaria através de uma atração natural entre os sexos opostos, cuja finalidade seria a reprodução. O autor discorda dessas premissas no que se refere à época do surgimento da sexualidade, à natureza necessariamente heterossexual do objeto e à limitação da sexualidade ao primado genital. Sua discordância incide primeiramente sobre o estudo das perversões, inaugurando um deslocamento sem precedentes à normalização sexual instaurada pela psiquiatria, medicina e sexologia do século XIX. (Arán, 2009, pp. 655-656)

O escrito "*Três ensaios...*" é uma resposta ao compêndio "*Psychopathia Sexualis*" (1886) do psiquiatra alemão Krafft-Ebing, no qual ele apresentava que tudo que foge da cópula homem e mulher (mais precisamente penetração pênis-vagina) com o intuito da reprodução da espécie humana representava uma perversão. O que Freud irá estabelecer em seus ensaios sobre a sexualidade é que tudo o que eles chamam de perversão no compêndio mencionado é a própria sexualidade, ou seja, o ser humano é um perverso poliformo. Nas palavras de Melo (2018, p. 26): "transgressora é a pulsão, na condição inicial das pulsões parciais, que leva o sujeito a experimentar todas as transgressões possíveis. Daí por diante, perversas e polimorfas são as pulsões".

Em "*Três Ensaios*", o psicanalista irá pontuar que existe a sexualidade infantil e que acredita que todos os seres humanos têm como ponto de partida a bissexualidade. Freud postula que o sexual-infantil pousa sob o signo de uma bissexualidade. Em suas palavras: "em geral a pessoa oscila, toda a vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais, e a frustração ou desilusão de um lado costuma empurrá-la para o outro" (Freud, 1905/2016, p. 41). Diante disso, Ayouch (2015) pontua que a bissexualidade em Freud faz com que se questione toda a essencialização e ontologia do ser masculino e feminino. Deste modo, por ter a sexualidade como morada, o animal humano tem sua sexualidade desnaturalizada por estrutura, a sexualidade humana é essencialmente desnaturada, uma vez que, com o conceito de inconsciente, a sexualidade é ampliada e transcende a simples necessidade orgânica de reprodução da espécie, além de estar presente no fio que conduz a vida do nascimento à morte.

Em vista disso, ao separar a noção de pulsão e de objeto sexual – compreendendo essa relação em seu caráter variável – Freud propõe que tanto o percurso nomeado de perverso quanto aqueles identificados como normais "passam a ser compreendidas através da relação do sujeito com o outro" (Arán, 2009, p. 656). Por mais que Freud não tenha trabalhado a questão das transidentidades nos "*Três ensaios*", o psicanalista vienense, ao propor essa variável entre

a pulsão sexual e a cultura, promove consequências em todas as teorias sexuais desde então (Arán, 2006). Como pontua Arán (2006), “as possibilidades subjetivas se fazem de acordo com a contingência da experiência com o outro, a qual sempre será determinada pelos contextos históricos e sociais” (p. 55).

Em “*Novas conferencias introdutórias em psicanálise*” (Freud, 1932/2019) no texto “*A Feminilidade*”, Freud, afirmar que:

> Dizemos, então, que uma pessoa, seja homem ou mulher, comporta-se de maneira masculina num ponto, e feminina em outro. *Mas logo vocês verão que isso apenas significa ceder à anatomia e à convenção***.** Não podem dar nenhum conteúdo novo aos conceitos "masculino" e "feminino". A distinção não é psicológica; quando falam em "masculino", normalmente querem dizer "ativo", e quando falam em "feminino", "passivo". (Freud, 1932/2019, p. 266 – *itálicos nossos*).

Parece que o criador da psicanálise afirma que as diferenças entre o masculino e o feminino podem ser compreendidas como uma mera convenção; assim, com relação à ideia de atividade para o masculino e passividade para o feminino, Freud pontua que essa identificação é sempre insatisfatória e que quanto “mais nos afastamos do estrito âmbito sexual”, mas nítido ficará esse “erro de superposição” (Freud, 1932/2019, p. 267). Descrevendo que a mãe/mulher, por exemplo, é ativa na maternidade, mas não apenas nela, o psicanalista discute essa prescrição de ativo/passivo ao masculino/feminino. Em suas palavras:

> As mulheres podem despender grande atividade em diferentes áreas, e os homens não podem conviver com seus iguais se não desenvolverem um alto grau de passiva docilidade. Se vocês agora disserem que esses fatos demonstrariam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais no sentido psicológico, concluirei apenas que decidiram fazer "ativo" coincidir com "masculino" e "passivo" com "feminino". Mas aconselho que não o façam. Parece-me inapropriado e nada acrescenta ao que sabemos. (Freud, 1932/2019, p. 267)

Será com o conceito de Complexo de Édipo, uma experiência inconsciente que configura um momento em que ocorre uma mobilização de afetos, pulsões sexuais e representação ligadas a figuras parentais, que podemos começar a pensar uma espécie de dispositivo de controle sobre a sexualidade na psicanálise, caracterizando um modelo normativo que ditará regras para o sexo e a identidade sexuada, isto é, os ditos masculino e feminino (Arán, 2006; Arán, 2009; Ayouch, 2015; Laufer, 2014; Porchat & Ofsiany, 2020).

Segundo Ambra (2017), um dos principais méritos de Lacan foi de emancipar o Édipo freudiano preso nos porões de um imaginário remodelado de simbólico, para recolocá-lo em um campo formal e lógico; assim, o que Lacan promove é uma destituição fenomenológica da psicanálise. Como vimos anteriormente, o psicanalista francês se valerá de uma acepção singular da linguística saussuriana, na qual a escuta psicanalítica não sofrerá uma surdez frente

ao imaginário, às ideias e aos sentidos, mas sim configurará um ouvido que empresta escuta para os significantes, que só possuem valores ao estar relacionados a outros significantes, em encadeamento. Com isso, essa operação significante é o que "permite que a psicanálise se emancipe de sua dívida inconfessa do biologismo ainda presente em Freud, proporcionando toda uma nova matriz de compreensão da subjetividade humana" (Ambra, 2017, p. 230).

Se não se trata mais de uma leitura fenomenológica, a estrutura do complexo de Édipo não mais se reduz a uma configuração vitoriana e burguesa de família – pai, mãe, filho –, pois Lacan, pelos menos a princípio, pensou essa estrutura enquanto uma operação lógica, com elementos e funções; assim, pai e mãe passam para o estatuto de funções na constituição psíquica do bebê, de operações significantes (Ambra, 2017). Neste propósito, Lacan irá beber da fonte estruturalista de Lévi-Strauss, com sua proposta das trocas nos sistemas de parentesco, isto é, ocorrem trocas simbólicas entre essas posições/funções materna, paterna e bebê. Neste projeto de um Complexo de Édipo estrutural, um outro elemento de grande importância que compõe o complexo é agregado: o falo. Na leitura lacaniana, com o conceito de falo, trata-se de um significante que representa a falta; no entanto destacamos: o falo não existe na realidade, quer dizer, nós não podemos pegar em um falo (embora muitos o quisessem), não podemos ter nenhuma experiência sensível com ele, pois ele é uma representação.

Nessa conjuntura, o falo representa um operador da entrada do bebê na linguagem, instalando-se um posicionamento do sujeito no inconsciente, que nessas trocas simbólicas define a *priori* a estruturação dos sintomas, bem como uma assunção subjetiva de um tipo ideal do sexo e da relação sexual. Como pontuam Lima e Vorcaro (2019), "tomado de empréstimo por Lacan como uma forma de reler o Édipo e a castração, o esquema lévi-straussiano das trocas nos sistemas de parentesco foi posteriormente denunciado como um arranjo a serviço da norma heterossexual" (p. 476). Isso posto, Arán (2009) problematiza uma ideia de cultura associada à figura do pai; em suas palavras:

> É a interpretação lacaniana que fará do Édipo um processo de acesso ao simbólico, pelo qual a criança vai se constituir como sujeito, mediante a operação inaugural da metáfora paterna e seu mecanismo correlativo, o recalque originário da "coisa" materna. Sabemos o quanto essa interpretação teve eco na comunidade psicanalítica como um todo e inclusive pretendeu definir a própria ideia de cultura como ligada necessariamente ao pai. Com efeito, para Lacan, a função separadora atribuída ao pai vai constituir tanto o ideal do ego, quanto a conexão da normatividade libidinal com uma normatividade cultural. (Arán, 2009, p. 657)

Em vista disso, pensando o Complexo de Édipo enquanto uma estrutura de trocas simbólicas, no Lacan dos anos 50, o simbólico é o destino (Lima & Vorcaro, 2019), porém este

registro subjetivo da constituição e da realidade humana torna-se problemática no momento em que o simbólico é compreendido enquanto ahistórico e apolítico, pois um simbólico ancorado em uma concepção estrutural da diferença sexual, isto é, daqueles que possuem e os que não possuem o pênis/falo, acaba por se caracterizar como "um limite às tentativas de reconfiguração das relações sociais, limite este expresso principalmente no debate contemporâneo sobre as novas formas de subjetivação e construções de gênero" (Arán, 2009, p. 659).

O próprio Lacan irá, no seminário "*O avesso da psicanálise*" (Lacan, 1969-70/1992), desdobrar um debate para pensar o "para além do Complexo de Édipo". O psicanalista francês questiona Freud perguntando: por qual motivo o psicanalista vienense substitui o saber colhido de seus casos como de Ana, Emmie, Dora, pelo mito edípico? E revela que o Édipo desempenha uma função de saber com pretensão de verdade (Lacan, 1969-70/1992). Em suas palavras:

> De fato, quem utiliza, que lugar tem numa análise a referência a esse famoso complexo de Édipo? [...] Obviamente, isso não dá em nada, e acaba resultando no mesmo que para os outros. É estritamente inutilizável, salvo por esse grosseiro lembrete do valor de obstáculo que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa do desejo. (Lacan, 1969-70/1992, p. 93)

Neste seminário, Lacan, reforça que sua utilização do Édipo não foi de outro jeito senão pela via da linguagem, enquanto metáfora. O que Freud não o fez, pois, como conclui Lacan (Lacan, 1969-70/1992), ele insistiu que o mito realmente havia acontecido pela história do assassinato do pai da horda primitiva, como se tivesse existido em algum momento da história esse pai, que é mítico. Nas palavras do francês: "viu-se orangotangos. Mas do pai da horda humana, jamais se viu o menor rastro" (Lacan, 1969-70/1992), p. 105). Assim, continua o francês a sua crítica de que o Complexo de Édipo é uma historieta freudiana, tomando o mito de Sófocles para construir um dispositivo de leitura do inconsciente e direcionamento clínico.

Soler (2018), em seu livro "*Lacan, leitor de Joyce*", irá desbravar alguns apontamentos acerca do lugar do Édipo em Lacan, principalmente no final de sua obra com a topologia do nó borromeano. A autora enfatiza que a função do Complexo de Édipo na obra freudiana é normativa e disso não restam dúvidas, e que frequentemente a lógica metafórica do Édipo é reduzida a tal historieta. Isso posto, podemos pensar que ir para além do Édipo é ir para além da historinha, e não da sua lógica, que revela uma operação de separação do objeto primordial, "a mãe", enquanto função de um Outro absoluto. Soler (2018) sublinha, portanto, que não se tratava apenas de uma fábrica de corpos sexuados, de identificação como homem e como mulher, mas sim da possibilidade de fazer laço social.

> Todavia, com seu Édipo, Freud legitimava, de fato, uma autoridade dos pais instaurada bem antes da psicanálise e trazida pela instituição da família conjugal clássica. Ela estava estruturada como um laço social, especificamente o do discurso do mestre. Com efeito, ela instaurava uma ordem por meio de um semblante, um significante mestre, S1, o do chefe da família, o pai, que comandava seu outro, sua mulher-mãe, e sua família. Ela assegurava, portanto, a sobreposição de dois pares – o social, dos pais, e o sexuado, de homem e da mulher. Ele se mantinha às custas de uma relação de dominação, dominação legalizada da esposa, que era submissa por todas as atividades sociais à autorização marital, não o esqueçamos. (Soler, 2018, p. 206)

Com relação ao mito do pai da ordem primeva, apresentado por Freud em "Totem e Tabu", a psicanalista Tânia Rivera (2020) traz importantes contribuições. Segundo a autora, o mito da horda primitiva estabelece uma sociedade onde se situa um grupo de homens (irmãos) submetidos às tiranias de um pai que detinha todo poder, inclusive a posse das mulheres dessa sociedade. Cansados desse pai tirano, os irmãos se unem e matam o pai, e depois, em um banquete antropofágico, o devoram, incorporando-o de modo igualitário. Assim, ocorre um processo de identificação com o pai morto, e, influenciada pela leitura lacaniana, Rivera (2020) descreve que se trata de uma identificação ao significante, que representa esses homens, fundando uma sociedade de irmãos que, impedidos por uma lei simbólica, não podem vir a ocupar o lugar tirânico do pai.

Pois bem, Rivera (2020) irá delinear uma crítica a esse mito, dado que ele atribui às mulheres apenas o lugar de objeto de gozo dos homens, ou seja, as mulheres não têm um significante para representá-las, não possuem qualquer tipo de reconhecimento. O mito de *Totem e Tabu* diz de um ato fundante onde se prescreve a universalidade dos irmãos (homens) em detrimento do "apagamento de alguns significantes, a carrear com ele a exclusão de muitos/as sob a ilusão de 'todos'" (Rivera, 2020, p. 24). Ou seja, consoante a Rivera (2020), a fundação de um significante que possa identificar o sujeito emerge no campo do coletivo, "em um ato de reconhecimento na cultura que se declina em reconhecimento mútuo e pretensa igualdade de direitos" (p. 24), no entanto neste processo ocorre um velamento da violência sofrida por alguns outros que não fazem parte "dos irmãos"; em outras palavras: por carregarem a marca da diferença, esses outros sofrem práticas de opressão e exclusão. E, aqui, podemos pensar essa sociedade "dos irmãos" enquanto a sociedade cisheteronormativa que promove uma prescrição de sexualidade e de gênero, viabilizando práticas violentas para corpos dissidentes da hegemonia cultural e discursiva. Esses sujeitos, no pacto social, não são reconhecidos como filhos, e a eles "só cabe, no discurso 'dos irmãos', a posição de espoliados" (Rivera, 2020, p. 24). Desta forma, descreve Rivera (2020):

> O totem pode, por essa via, ser entendido como instrumento de poder de alguns sobre muitos outros, em vez de traço identificatório inclusivo e igualmente partilhado entre todos. E os tabus podem se revestir

> do papel de "recalcadores", por assim dizer: práticas que impedem que alguns significantes sejam acessados. [...] Está assim em pauta, hoje, a necessidade de reconhecermos, ética e politicamente, que a narrativa mítica das origens do pacto social que se declina em Totem e Tabu não só jamais se cumpriu como modelo de sociedade justa e igualitária, como seu próprio surgimento pode ser tomado como uma hipócrita denegação da exploração e violência colonial sobre a qual se edificou o Iluminismo europeu. E em um país periférico, desigual e ainda hoje sob o jugo do neocolonialismo como o Brasil, trata-se de revelar que tal narrativa, que costumamos tomar como um esquema estrutural do advento da Lei, só pode agir como uma farsa – na medida em que simplesmente não há e nunca houve uma "sociedade dos irmãos", a não ser localizadamente, entre aqueles que detêm os privilégios. (pp. 24-25)

Em vista disso, a autora propõe como saída destes processos hegemônicos, excludentes e coloniais, a instauração de ações políticas que busquem significantes capazes de reestabelecer o pacto social em direções plurais, reivindicando territórios capazes de acolher vozes outras, significantes outros, seja em relação a classe, raça, gênero, sexualidade e corpos. De acordo com Rivera (2020), e aqui nos posicionamos juntamente com a autora, essas direções plurais devem ser comemoradas e "seria grave equívoco a elas se opor em nome da crítica psicanalítica à lógica identitária e narcísica" (Rivera, 2020, p. 25). Pois os grupos identitários ocorrem por meio do processo de identificação que testemunha uma reivindicação política de subjetividades não hegemônicas, denunciando a violência sofrida por se identificarem ao lugar vazio deixado estruturalmente pela "sociedade dos irmãos", um lugar vazio (significante) que convida a cada um criar caminhos plurais. Neste ínterim, a autora aponta que:

> De fato, recusar a identidade em nome da alteridade, da diferença e da singularidade, hoje, é ignorar que se trata, com o recurso a significantes identitários, justamente de afirmar diferenças secularmente denegadas por discursos pseudo-desidentitários que relativizam a cor da pele pela afirmação de uma mestiçagem generalizada e despistam a violência de gênero através de uma suposta libertinagem carnavalesca. Isso não significa, porém, que a psicanálise deva ser descartada do debate – pelo contrário, acredito que ela tem muito a contribuir. Mas para podermos efetivamente nele tomar voz, parece-me necessário reconhecer a existência de uma espécie de hiato entre o terreno no qual a psicanálise surge na Europa e aquele do colonialismo no qual ela é chamada a comparecer, no Brasil. (Rivera, 2020, p. 25-26)

A autora defende, portanto, que, em uma sociedade colonizada, regida pelos "irmãos" que majoritariamente são homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, a questão dos movimentos identitários está, paradoxalmente, a serviço da alteridade (Rivera, 2020) e não de uma formação de massa narcísica, buscando sempre o mesmo e negando as diferenças. Aqui, podemos retomar a noção lacaniana de que não há sujeito sem o Outro, um sujeito sempre em imisção de Outridade, podendo assim instaurar um processo de identificação com opressor, eliminando qualquer resistência de oposição. Veremos que ocorre um processo diferente, mas parecido com isso, pela ótica discursiva de Michel Pêcheux, dado que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para servir a determinado discurso. Assim, pela via da contradição, nos deparamos, por exemplo, com sujeitos-trans que se identificam com discursos de opressão. O que Rivera (2020) propõe encontra ressonância em Butler (1990/2020), quando a filósofa

feminista diz que as categorias identitárias são um erro necessário, dado que são movimentos que buscam territórios de existência.

Nessa toada, como pontua Arán (2009), o Complexo de Édipo e a Lei Simbólica fundada no mito do pai morto por seus filhos são considerados como um dispositivo, ao modo foucaultiano, de controle sobre os corpos e os gêneros, que ditam regras acerca do masculino, do feminino e de uma verdade real que é a diferença sexual; o próprio Lacan advertiu, no Seminário 5, que o complexo edípico mantinha uma função normativa, tanto na estrutura moral do sujeito como também na assunção do seu sexo (Lacan, 1957-58/1999, p. 209). Em vista disso, uma psicanálise atenta eticamente às subjetividades trans precisa historicizar a diferença sexual na lógica binária dos sexos (Ayouch, 2015).

> De fato, se compreendermos a lei como uma estrutura anterior e transcendente às manifestações sociais, políticas e necessariamente históricas, o simbólico na sua versão diferença sexual será apresentado como uma força que não poderá ser modificada e subvertida sem a ameaça de psicose ou perversão. Ao contrário, se compreendermos a lei como algo que é vivido e constantemente reiterado de forma imanente às relações de poder, as possibilidades de modificação e subversão, inclusive do simbólico, não necessariamente significarão uma ameaça à cultura e à civilização. (Arán, 2009, p. 669)

Devemos disponibilizar algumas palavras em relação a essa ameaça da psicose e da perversão, uma vez que se trata de um dispositivo psicopatologizante, pelo qual se pensam as estruturas clínicas neurose, psicose e perversão, desenvolvidas enquanto quadros clínicos de diagnóstico por Lacan em grande parte de seu ensino, em que a neurose carrega o signo de uma normalidade, e em que, por sua vez, a psicose e a perversão portam um estigma psicopatológico; a autora propõe que tudo que escapa a uma certa e determinada normalidade, onde a neurose (leia-se também cisgênero e heterossexualidade) se acomoda muito bem, trata-se de um desvio de uma norma dita simbólica (Arán, 2009).

Portanto os sujeitos que subvertem a norma simbólica da diferença sexual, o que ocorre nas transidentidades, compulsoriamente são marcados pelo diagnóstico de psicose, do mesmo modo que outrora as homossexualidades foram inscritas no rol das perversões[21], haja vista que, a partir de uma imposição de uma norma heterossexual e de reprodução da espécie, ocorreu o fenômeno da psiquiatrização e, portanto, de uma psiquiatrização do prazer considerado perverso.

---

[21] É importante destacar o movimento de psicanalistas, por exemplo, contra analistas homossexuais praticarem a psicanálise. Cf. Ayouch (2015).

> Dessa forma, retomando o fio condutor da nossa argumentação, podemos perceber que ou a psicanálise se transforma em um saber normativo – que estabelece um esquema psicológico universal e a-histórico tendo o Édipo como referência – ou recusa essa posição e parte em busca de outra leitura das sexualidades. Nesse caso, ela precisaria distinguir o que permanece como fantasia edipiana no processo de subjetivação, e o que pode ser um arranjo histórico e contingente ligado às mudanças nos destinos da diferença sexual e à distribuição das funções materna e paterna na cultura contemporânea. (Arán, 2009, p. 658)

Assim, as experiências trans e homossexuais, ou demais diversidades que desviam-se da norma cis-hetero (discurso dominante e de normalidade), são tomadas enquanto anormais e patológicas; como pontua Ambra (2016), "o ato de nomear o discurso dominante da sexualidade como distinto de um natural, de um universal silencioso é um ato político por excelência", e, continua o autor, "pois dar um nome é confrontar o sujeito com a impossibilidade de uma suposição imaginária compartilhada e, portanto, leva necessariamente a um questionamento sobre sua posição no discurso do Outro" (p. 104). Por consequência, as discursividades sobre as transidentidades, como na sexologia, psiquiatria, psicologia e, por vezes, na psicanálise, concebem as experiências dissidentes de gênero enquanto uma patologia, um transtorno de identidade, pois elas dizem de uma não harmonia entre sexo (anatômico) e gênero.

Assim, no campo da psicanálise (principalmente na abordagem lacaniana), as transidentidades podem ser consideradas enquanto uma estrutura psicótica, dado que apresentam uma recusa da diferença sexual, isto é, da castração simbólica (Arán, 2006); assim, quando vemos as pessoas trans serem descritas em termos que, mesmo sutis, sugerem uma doença, o discurso psicanalítico flerta com o discurso médico (Porchat & Ofsiany, 2020). E destacamos, consoante Soler (2018), que psicose e perversão não implicam nenhuma diminuição: são modos de dizer, discursivamente, de fazer laço social. A questão é a herança psiquiátrica que atinge o diagnosticar na psicanálise e, por vezes, estabelece questões morais que envolvem essa querela dos diagnósticos.

Portanto, ao considerarem as transidentidades um fenômeno elementar da estrutura psicótica, muitos psicanalistas são incisivamente contrários a cirurgias de "transgenitalização". Contanto, há também uma corrente de psicanalistas que compreendem as cirurgias enquanto um operador de organização subjetiva (Arán, 2006). Dessa maneira, veremos com mais detalhes no capítulo 4 que a entrada da "transexualidade" na psicanálise com Robert Stoller se dá pela via psicopatológica; no entanto, com Stoller, não se trata de uma recusa ao simbólico caracterizando um estado psicótico, uma vez que Stoller perceberá que a capacidade social das pessoas trans com quem teve contato permanecia intacta, porém ele não deixa de psicopatologizar as experiências trans.

O interessante, nesse processo de produção de quadros psicopatológicos, é que a doença é criada para servir à saúde. Como questiona Porchat (2013), "em nome do que esse poder de definir doenças é exercido? [...] em nome da saúde: em nome da medicina, da psicologia e da própria psicanálise" (p. 200). A dicotomia saúde e doença não cessa de se inscrever nos debates dessa trilogia psi (psiquiatria, psicologia, psicanálise), apesar de Lacan propor que as estruturas clínicas sejam discursos e sirvam para a direção do tratamento, elas não deixam de ser herdeiras das terminologias psiquiátricas e que acabam estigmatizando sujeitos. Vale a pena ressaltar aqui que as estruturas clínicas orientam uma prática clínica, ou seja, as formalizações delas se dão e avançam à medida que se escutam os analisantes em um tratamento psicanalítico, o que não é nosso objetivo neste trabalho, dado que nossa discussão abrange os efeitos de corpo nas transidentidades, os quais extrairemos de alguns discursos vigentes presentes em nosso material de análise, ou seja, o discurso materializado na língua.

O que nos interessa, portanto, são os discursos *sobre* e *do* sujeito-trans a fim de extrair os efeitos de corpo em suas experiências subjetivas, o que acaba englobando o discurso psicanalítico, uma vez que este acaba por formalizar sentidos sobre nosso objeto de análise. Com isso, nos dias atuais, já nos deparamos com discursos psicanalíticos em que as transidentidades são admitidas enquanto neuróticas, perversas e psicóticas; porém, como bem pontua Porchat (2013) sobre os diagnósticos estruturais:

> [...] entre pares, essa conversa poderia ser considerada legítima, afinal, como já se disse, todos seríamos ou neuróticos ou psicóticos ou perversos. Mas cabe perguntar: qual a consequência do uso desse tipo de terminologia quando se dialoga com a sociedade? As palavras, os termos usados e os conceitos têm um peso, produzem efeitos. O uso da linguagem não é sem ideologia. Para uma sociedade que tende ao preconceito em relação às diferenças, sejam elas quais forem – sabe-se que toda e qualquer sociedade tende a excluir o diferente (Lévi-Strauss, 1950) – usar termos como psicose e perversão (pois neurose já se aceita bem melhor), no caso específico de pessoas trans, é dar munição para o inimigo e também para si próprio. É difícil se livrar de preconceitos tão bem construídos dentro de nós mesmos. (Porchat, 2013, p. 199)

Diante disso, filiamo-nos à corrente de psicanalistas que tomam as transidentidades enquanto uma expressão de uma experiência identitária e que só pode ser compreendida de modo singular (Arán, 2006; 2009). Diante disso, tomaremos a topologia dos nós borremeanos a fim de traçar um modo de formalizar uma escuta atenta às particularidades do falasser, pensando uma clínica que não cai nas armadilhas de um ideal, de um ser ontologizado e de diagnósticos psicopatologizantes para as transidentidades.

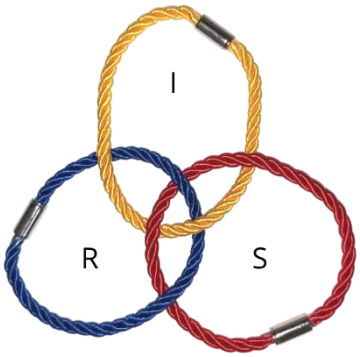
Lacan (1953/1998), então, determinará que real, simbólico e imaginário são "os registros essenciais da realidade humana", ou seja, a realidade não é o real, mas a realidade é construída real, simbólica e imaginariamente (Faria, 2019), três registros que não funcionam

em uma lógica hierarquizada, mas sim equivalente, onde um registro sempre estará em relação com os outros dois. Esses registros estão de ponta a ponta no ensino de Lacan, porém, de acordo com Faria (2019), foram necessários vinte anos para que o psicanalista francês conseguisse encontrar uma medida em comum para tais registros, isso é, o nó borromeano, que consiste em um nó que, ao ter solto um de seus elos, os outros dois se desfazem.

> Os meus três são o simbólico, o real e o imaginário. Vi-me levado a coloca-los em uma topologia, a do nó, chamado borromeano. O nó borromeano põe em evidência e ao menos três. É o que une os outros dois, desenrolados. Eu dei isso aos meus. Dei-lhes isso para que se orientem na prática. (Lacan, 1980/1987)

Vejamos, na figura 6, a representação do nó borromeano que enoda os três registros mencionados (RSI).

Figura 6 - O nó borromeano[22]



Legenda: amarelo (imaginário), azul (real), vermelho (simbólico).

Desse modo, como podemos notar na figura acima, o RSI se constitui de um laço constituído por três aros que se entrelaçam e passam a depender um do outro, sendo que, ao tirar um dos aros, os demais não se sustentam e se estilhaçam. O RSI são registros que comportam funções distintas, não estanques, são dinâmicos, além de serem constituídos de maneira particular e, portanto, um não pode exercer a função do outro (Lacan, 1974-75 – seminário inédito), e, apesar de os apresentarmos aqui separadamente, os registros operam simultaneamente. Lacan destaca que os registros RSI são a condição de todo ser falante, ou seja, é nesses registros que o sujeito irá peregrinar e são eles que constituem a relação de todo ser falante com seu corpo, estabelecendo um corpo RSI, como veremos na seção seguinte.

---

[22] Fonte: produção do próprio autor, baseado em Lacan (1973-74/2018 – Aula 3, 11/12/73).

Neste ínterim, de modo breve, podemos colocar que o imaginário é tudo aquilo que corresponde a uma ilusão de unidade e de um sentido único; por exemplo, quando falamos para um grupo de pessoas imaginar uma mulher, acredita-se que a maioria dessas pessoas irá pensar em um corpo com seios, vagina, vestido, unhas pintadas, cabelo longo etc. Essa imagem unificada, que se estabelece por um único sentido, é da ordem do imaginário. Ao simbólico, por sua vez, corresponde uma estrutura, a da linguagem, o que nos leva para o campo significante e das trocas simbólicas, conferindo, antes de tudo, um lugar, onde o Outro é convocado a participar. É a estrutura da linguagem, portanto, do simbólico, que estabelece lugares onde o sujeito irá se localizar. E, por fim, temos o registro do real, ou seja, um registro contraintuitivo, uma lógica que inscreve um furo, abalando a estrutura. O real enquanto impossível diz daquilo que não é apreensível nem por categorias imaginárias, nem simbólicas, o que não cessa de não se inscrever. O que não faz proporção e o que impede tanto a primazia do imaginário quanto a do simbólico (Lacan, 1953/2005).

Assim, apresentamos uma interessante leitura acerca do RSI, colocada por Lima e Vorcaro (2019): trata-se de uma leitura de tomada do Outro barrado, incompleto e faltante, [S(Ⱥ)]; em vista disso, ocorre uma incompletude simbólica, na medida em que há uma irrupção contingente da falta, ou seja, não há um Outro que garanta a verdade sobre o sexo e sobre o gênero (Lima & Vorcaro, 2019). Assim, não há significante que represente o sujeito enquanto uma identidade fixa e imutável; nesta perspectiva, o Édipo não mais serve como bússola de uma normatividade que irá proporcionar uma amarração ao sujeito. Dessa maneira, "as transexualidades não podem ser descartadas como um problema ou uma patologia, mas, antes, passam a ser abordadas como uma tentativa de solução de um sujeito para se virar com o real" (Lima & Vorcaro, 2019, p. 477). Portanto,

> Como consequência, na medida em que o Outro é barrado [S(Ⱥ)], a norma edipiana, em sua vertente cis-heterossexual, não é capaz de regular completamente o sujeito, abrindo para uma dimensão da escolha inconsciente da posição sexuada, que franqueia ao corpo um destino contingente para o gozo. Dessa forma, ao recair sobre a anatomia com um efeito de desnaturalização, o significante torna imprevisível o destino de um sujeito, ainda que ofereça a ele um balizamento normativo que lhe serve como um ponto precário de referência. Assim, a psicanálise mais além do Édipo significa que podemos acolher as mais variadas invenções subjetivas em sua dignidade para se virar com o real. (Lima & Vorcaro, 2019, p. 483)

Deste modo, as transidentidades, ao contrário de muitas leituras de alguns psicanalistas que relegam o gênero apenas ao campo imaginário, podemos propor uma leitura em que as transidentidades consistem numa amarração entre os três registros, de uma articulação entre essas três instâncias (Lima & Vorcaro, 2019). Frisamos: um fazer com o real que se dá no um

a um, haja vista que para alguns sujeitos as cirurgias são reivindicadas, paras outros só o tratamento hormonoterápicos basta, para outros, ainda, outras coisas. Sublinhamos que essa amarração não é exclusividade das transidentidades, dado que o nó borromeano é a condição de todos os falasseres, o que implica dizer que o mesmo ocorre na cisgeneridade, esta última também consistindo num efeito desse enodamento. Ora, pensando por essa via, a transidentidade pode ser efeito de uma operação subjetiva, que afiançou o sujeito de entrar no laço social, produzindo um enodamento que mantém os três aros da realidade psíquica RSI juntos, um quarto nó, o *sinthome* (Lacan, 1975-76/2007)[23], isso independentemente das estruturas neurose, psicose e perversão.

E compreendemos que o que contribui para tais práticas de controle das dissidências de gênero é a noção da diferença sexual, tomado como um rochedo na psicanálise. Ambra (2017) em sua tese irá traçar um percurso em relação às formulas da sexuação, ponto teórico de Lacan muito utilizado para pensar as experiências trans, versando tanto em uma leitura normativa ou de reconhecimento particular. Assim, o autor destaca que, ao invés de pensarmos o real da diferença sexual, devemos abrir nossas chaves de leitura, fundamentado-nos no próprio Lacan, ao conceituar o sexual como diferença (Ambra, 2017), pois, tomando o real como impossível, contingente, o que faz furo, podemos dizer que a diferença é efeito do real.

> Elevar a diferença sexual ao seu estatuto propriamente real implica, assim, abdicar de coordenadas dadas de antemão (simbólicas ou imaginárias, de sexualidade ou de gênero, de semblante ou de anatomia) na direção de uma compreensão na qual o verdadeiro encontro com o outro no sexo é que faz emergir a diferença sexual. (Ambra, 2017, p. 72)

Ambra (2017) propõe uma leitura da obra lacaniana indispensável para pensarmos as dissidências de gênero. O psicanalista insiste com uma passagem do seminário 21 "*Os não tolos erram/Nomes-do-pai*" de Lacan, em que o francês relata que, ao encontrar um *chofer*, que hoje poderíamos identificar como *queer*, constrói pontos no mínimo interessantes, pois, longe de impor uma leitura de uma recusa da diferença sexual e diagnosticar uma psicose, Lacan diz em relação ao encontro com essa pessoa que "há saberes inventados mais inteligentemente" (Lacan, 1973-74, p. 144, citado por Ambra, 2017), localizando o real não enquanto a diferença sexual, mas o real enquanto um invenção particular de um sujeito.

Assim, o psicanalista francês, como apresentado por Ambra (2017), diz que ali onde há um furo real, há invenção, mais especificamente, para além de um binarismo (inclusive presente

---

[23] Sobre a noção de sinthome em relação com as transidentidades, cf. Cossi (2010).

nas fórmulas da sexuação), Lacan irá propor uma lógica ternária, ao menos três: real, simbólico e imaginário. E que nesse enodamento há um dizer, uma invenção, que tem dimensão de um acontecimento (Lacan, 1973-74/2018, p. 69).

> Há saberes inventados mais inteligentemente. [...] E é bem nisso que digo que o Real, não só ali onde há um furo, isso se inventa; mas que não é impensável que seja por esse furo que avançaríamos em tudo o que inventamos do Real, que não é pouco. [...] Num mundo nem feito, nem por fazer, um mundo totalmente enigmático, desde que se tente fazer entrar esse algo que seria modelado na lógica, e se fundaria apenas na espécie dita humana, ou se é *homem* ou se é *mulher*. É muito especialmente contra isso que a *experiência* se ergue. [...] Quando digo que *isso corre as ruas*, no entanto, não é pouco! E é daí, inclusive, que Freud parte. [...] É totalmente supérfluo porque bem se vê que o que determina, inclusive, é não um saber, é um dizer. A saber, não porque é um dizer logicamente inscritível. (Lacan, 1973-1974, p. 144, citado por Ambra, 2017, p. 70 [*itálicos do autor*]).

Assim, tomando o axioma de Lacan de que não existe relação sexual, o real é o que impossibilita uma proporção entre o um e o outro, e muito menos garantiria um saber sobre o sexo, pois o saber inteligentemente inventado passa para um dizer particular de cada sujeito, um enodamento que necessita de ao menos três. Um dizer que faz vacilar qualquer saber pré-existente em relação ao sexo e à dita diferença sexual (Ambra, 2017). Ainda sobre a tese de Ambra, que toma o enunciado do Lacan "o ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo [...] e de alguns outros" (Lacan, 1973-74/2018, p. 188), revela que é um enunciado emblemático, pois diz de uma nomeação, de um resultado de uma operação realizada no enodamento dos registros RSI, qual seja: *o sinthome*, um quarto nó que estaria localizado para além dos três registros. Assim, Ambra (2017), propõe uma leitura em que essa autorização do ser sexuado seja uma nomeação enquanto amarração. Lacan, portanto, adverte que:

> [...] se há alguma coisa que eu gostaria de fazer vocês notarem, é que essas fórmulas ditas quânticas da sexuação poderiam se exprimir de outra forma, e isso talvez permitisse *avançar*. Eu vou dar a vocês o que disso se implica. Isso poderia *se dizer* assim: *"o ser sexual só se autoriza de si mesmo*." É nesse sentido que... que ele tem a *escolha*. Quero dizer que isto a que a gente *se limita*, enfim, para *classificar* como "masculino" ou "feminino" no registro civil... enfim, isso... isso não impede que haja escolha. Isso, certamente todo mundo sabe. "*Ele se autoriza senão por ele mesmo*" e eu acrescentaria: "*e por alguns outros*". (Lacan, 1973-1974, citado por Ambra, 2017, p. 236 [*itálicos do autor*]).

Consoante a Ambra (2017), esse dizer de Lacan é prenhe de consequências, pois apresenta a questão da escolha, de que as categorias de masculino e feminino são limitações, da autorização do ser sexuado e, o mais interessante, o que está em jogo nesse processo de autorização não é o Outro simbólico, mas sim o outro semelhante. Aqui o autor retoma a importância do imaginário nesse processo de autorização de si a partir de alguns outros, pontuando que será no nó borromeano que Lacan encontrará uma medida para dissipar qualquer hierarquização entre os três registros RSI.

Destarte, de antemão, podemos pensar que a psicanálise opera com seus conceitos na direção do tratamento, e podemos questionar: a favor de quem estes conceitos operam? Do sujeito que estamos ali para escutar ou dos dispositivos de controles socialmente traçados? A psicanálise não descreve uma etiologia do que venham a ser as transidentidades, no máximo, ela nos oferece instrumentos teóricos para tomarmos o sujeito em imisção de Outridade, ou seja, que há o particular, mas também há o Outro que o constitui e alguns outros que o autorizam.

Deste modo, pensar as transidentidades enquanto um dizer efetivado por um enodamento não é a mesma coisa que traçar categorias diagnósticas e etiológicas pré-estabelecidas; como pontua Ayouch (2015): “quando a psicanálise considera a transexualidade como uma categoria que existe ontologicamente, em si, ela se torna antipsicanalítica, produzindo uma resistência a si mesma e ao seu exterior” (p. 24), ou seja, ao situar de modo compulsório as transidentidades, a psicanálise acaba por cair em um ontologia que por si só é antipsicanalitica.

E não podemos nos esquecer que a psicanálise também é uma produção discursiva, ao modo pêcheutiano, o que a atribui um lugar de poder na política dos sentidos sobre subjetividades, sobre saúde e doença, sobre o sexo e atualmente sobre a identidade de gênero. Com isso, uma psicanálise que trabalha com as transidentidades é um modo de produzir sentidos outros para as subjetividades trans (Porchat & Ofsiany, 2020). Nas palavras de Ambra (2016): “Palavras são políticas. Não propriamente em sua natureza, mas em seu uso, em sua relação com outras palavras e, eventualmente, em sua subversão” (p. 102). Assim, tomando que sujeito e corpo são coadunados, as modificações corporais reivindicadas pelas pessoas trans podem ser legítimas, em consonância com o desejo do sujeito, além de ser um arranjo de uma invenção diante do real, como uma maneira de constituir uma identificação/identidade (Porchat & Ofsiany, 2020).

Com isso, como alerta Arán (2009), o que a clínica psicanalítica ensina é que pela escuta devemos acolher as mais diversas possibilidades e manifestações das subjetividades. A escuta, nosso mais refinado instrumento de trabalho, ou seja, um ouvido que empresta escuta ao outro, ao diferente, órgão-buraco, erogeneizado, que sempre permanece aberto, que recai sob um objeto, o *a*, signo do real, que tem como função causar desejo no sujeito ali escutado, reforçamos, causa de desejo, movência e não contê-lo em uma camisa de força psicopatologizante e cisheteronormativo, como também não catapultá-lo rumo às modificações corporais enquanto uma saída compulsória para a construção de uma subjetividade. Nas palavras de Arán (2009):

> A clínica psicanalítica nos ensina que, antes de tudo, devemos escutar e basicamente tentar acolher as diversas manifestações das subjetividades. Sabemos muito bem que estamos num território movediço, bastante complexo, e que não devemos ceder de imediato ao apelo do imperativo tecnológico e científico que pretende capturar e modelar os corpos. Porém, mais do que nunca, não podemos – em nome de uma antiga forma de organização social, que alguns preferem chamar de Lei – impor de forma violenta um diagnóstico psiquiátrico ou formular uma interpretação psicanalítica coercitiva apenas para manter o nosso horizonte simbólico intocável. (p. 688)

Deste modo, destaca-se que as transidentidades são plurais: não se trata de uma morada fixa do sujeito em uma única posição subjetiva, mas de uma diversidade de modalidades de formas de subjetivação e de (des)construções de gêneros nas subjetividades trans (Arán, 2009). Como descreve Ambra (2016):

> [...] em um tratamento o que está em jogo é descentrar o sujeito de um conjunto de crenças que ele ou ela tem tanto sobre si quanto sobre o mundo ao seu redor. Ao proporcionar um percurso dessa natureza a partir do inconsciente – e, portanto, sem nenhum tipo de direcionamento ou controle possíveis – a análise operaria uma subversão do sujeito a partir da dialética do desejo, para recuperar os termos do conhecido texto de Lacan. (p. 106)

Com isso, o autor nos provoca a pensar: até que ponto uma certa prática de escuta dos psicanalistas não se assenta em uma cisnormatividade? Em suas palavras: "em que medida, então, pode-se praticar a esperada abstinência analítica se suas posturas podem estar imersas em uma cisnormatividade?" (Ambra, 2016, p. 107), uma vez que, por mais que o analista faça semblante de objeto *a*, lugar vazio, portador de uma escuta vazia, causa de desejo, a pessoa do analista é um sujeito interpelado ideologicamente e atravessado pelo inconsciente. Assim, já dizia Lacan (1958/1998) que o lugar da pessoa do analista na cena analítica é o lugar do morto, o que implica a prática de uma abstinência, como pontuou Ambra na citação acima. Com isso, o analista, enquanto função, opera pela via e lógica inconsciente e não pelo conjunto de suas convicções e de moralidades (Ambra, 2016).

Como revela Porchat e Ofsiany (2020), uma vez que "a psicanálise recusa a ideia de um bem-estar completo, pois considera que o conflito psíquico é constitutivo da existência humana, não sendo possível livrar-se dele" (p. 6), nossa proposta não é de abolir o mal-estar da vida das transidentidades, no entanto esse mal-estar não precisa estar atrelado compulsoriamente à sua identidade de gênero, principalmente no ponto em que se refere a um "sofrimento de gênero dado de antemão que necessitaria respostas médicas, mas é, ao revés, a acumulação de adversidades sociais, familiares, médicas jurídicas que provoca uma vulnerabilidade (Ayouch, 2015, p. 30).

Isso posto, tomamos de empréstimo a provocação de Laufer (2014), que propõe um convite de irmos ao encontro de um Freud pulsional, subversivo, que irrompeu diversas normas da sociedade de sua época. Esse retorno é necessário, e talvez devessemos também retomar o Lacan subversivo, para que a psicanálise não se petrifique, para que ela não fique em uma "birra infantil" de quem detém o poder sobre o sexo e muito menos para que ela não se localize do lado dos dispositivos de violência e extermínio de determinadas existências (Laufer, 2014). Apostamos em uma psicanálise viva, uma psicanálise posta em marcha pelas críticas, para que, em uma ótima metáfora de Laufer (2014), ela não se torne uma velha senhora conservadora.

> Rimos baixinho diante da velha heterossexual e desalinhada que ela se tornou, uma pequena burguesa dominada pelas hordas de quem quer cada vez mais rápido, que prefere o prazer dos corpos ao desejo atrelado à sua falta do Outro, que clama por perversão social porque ela não entende mais nada sobre essas técnicas de reprodução assistida, sobre seus casais homoparentais que agora querem se casar, para esses transexuais que escolhem seu gênero, para "bichas místicas, fantasias, drag queens e drag kings, clones , couros, mulheres em smokings, mulheres feministas ou homens feministas, masturbadores, mulheres loucas [...]. Rimos dela de maneira simpática ou mais violenta diante de suas divagações de outra época. Ainda deixamos para ela uma palavra na mídia onde ela repassa seus velhos hábitos. O simbolismo, a castração, o desejo e a carência, o declínio do pai são noções amenizadas. Ela está presa entre a sedução da psicologia do ego adaptativa para o comportamentalismo e o aparato dogmático do discurso medicalizante e psicopatologizante que, digam o que se diga, sempre encontrará uma categoria que o imobiliza. Diante desses exércitos, a velha tropeça e divaga. Ela não é mais subversiva, a velha senhora, nem mesmo indigna. Nada que a fizesse parecer ultrajante, sua ideia maluca de impulso excessivo e sexualidade polimorfa não resistia a seu moralismo hipócrita. Ela guardou os carros ou talvez esteja no armário! Então, se ela está no armário, há esperança - se ela se tornar indigna de novo? A psicanálise, hoje, na transmissão de seus discursos atuais, em sua própria prática, corre um grande risco. Ela corre o risco de perder o encontro com as teorias feministas, ela corre o risco de fracassar com estudos de gênero, estudos queer. A chance epistemológica hoje de reviver a psicanálise em sua prática e transmissão é não negligenciar o debate com os estudos gays e lésbicos, talvez evite o sufocamento pelo congestionamento do moralismo e a asfixia da normatividade. (Laufer, 2014, p. 26 – *tradução dos autores*)

Com isso, como bem retoma Ayouch (2015), devemos propor e praticar uma clínica da escuta de um sujeito por outro, ou seja, uma escuta "destinada a ajudá-lo a se subjetivar, se desalienar, e se situar no próprio desejo: ela visa oferecer um acompanhamento para o sujeito pensar seu percurso individual além do determinismo das repetições subjetivas e das prescrições sociais" (p. 30), isto é, uma psicanálise "em movimento, desvinculada da identidade consigo mesma, desejosa de se renovar com as transformações clínicas" (Ayouch, 2015, p. 31). Uma clínica pulsante, curiosa, inquieta e subversiva, que alcance a subjetividade de sua época, que reveja sempre que convocado seu lugar na pólis, sua clínica, seus conceitos. Finalizamos este subcapítulo com a seguinte pontuação de Soler (2018), que diz que os analistas devem estar em "sintonia com seu tempo, isto é, que eles abandonem as velhas categorias, não para ceder às modas para fins de mercado, mas simplesmente para poder responder como analistas aos casos que lhes são endereçados neste início de século" (p. 222).

1.3. O corpo e seus destinos: pulsão, discurso e o nó borromeano

> *É conquistar e diante da morte permanecer imortal. É como lançar a própria sorte, não ter direito igual. Mas eu insisto, eu resisto, eu insisto. Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo. Um corpo sem juízo não quer saber do paraíso. Mas sabe que mudar o destino é seu compromisso.* (Jup do Bairro, 2018)[24]

Desde os primórdios da descoberta freudiana, a questão do corpo sempre esteve presente na prática e nas teorizações da psicanálise. Freud (1893-95/2016) já falava de um corpo que manifestava um dizer: trata-se do corpo das histéricas que carregavam, nos movimentos da carne, o verbo de um mal-estar que não era escutado, ou seja, havia algo da linguagem no corpo, uma linguagem que, por meio de um corpo que fal(h)ava, reclamava uma decifração, um saber, uma nova significação. Assim, a questão do corpo funcionou como uma baliza para diversos conceitos da psicanálise.

Será por via do sintoma que o corpo adentra o campo da psicanálise, não qualquer sintoma, mas o sintoma histérico. Como recorda Soler (2019, p. 15), a psicanálise consiste em uma "prática no centro da qual se encontra a questão do corpo", e essa questão está presente desde a aurora psicanalítica, "especialmente pelo sintoma histérico sob sua forma mais evidente, a da conversão. Ela está aí também, desde o início, pela noção de traumatismo sexual" (p. 15). De acordo com Freud (1908/2015) o sintoma consiste no efeito de um conteúdo recalcado, isto é, sendo conceituado como retorno do recalcado que demanda uma decifração e, também, o sintoma mostra-se como uma realização de um desejo reprimido. Após Freud perceber que o sintoma resiste mesmo em processo de análise, o analista vienense compreende que o sintoma não é algo a ser arrancado ou extraído do indivíduo, mas escutado e (re)significado, pois ele é porta(dor) de sentido; assim, Freud "inscreve as formações sintomáticas na dimensão simbólica. Portanto, sabia que – a princípio – o sintoma é passível de tradução" (Cabas, 2010, p. 47).

Lacan, consoante a Freud, no começo de seu ensino, vai dizer que o sintoma é uma metáfora, isto é, uma mensagem, um significante direcionado ao Outro (Lacan, 1956-57/1995). Com isso, "[...] o sintoma perde sua dimensão de transtorno ou desordem e é alçado à ordem do significante, demandando decifração, porque é uma formação do inconsciente, isto é, uma formação do significante, logo, da linguagem" (Gerbase, 2008, p. 20). O sintoma, portanto, possui uma estrutura de linguagem, assim como o inconsciente, sendo constitutivo do sujeito,

---

[24] Jup do Bairro (1993), mulher trans, cantora, compositora e apresentadora brasileira.

"pois lá onde há sintoma, está o sujeito" (Quinet, 2006, p. 13), uma vez que o corpo que interessa na escuta, no tratamento psicanalítico, é um corpo afetado pela linguagem.

O sintoma, afirma Lacan (1975-76/2007), é um acontecimento de corpo, isto é, mais do que referenciar o sintoma no corpo, é dizer de um encontro, de uma contingência, que faz topar sintoma e corpo em um acidente. Um acidente onde um funcionamento da linguagem está imbricado, ou seja, esse encontro entre sintoma e corpo diz de um corpo que sofre a incidência da linguagem. Deste modo, a psicanálise, diferentemente do campo médico, compreende o sintoma como algo a ser (a)bordado, algo a ser escutado e questionado, não eliminado, ou seja, o corpo tomado pela psicanálise não se confunde com o corpo orgânico, fisiobiológico, ele não é definido apenas pelas ideias desenvolvimentistas, mecanicistas, médicas e biologistas. O corpo fisiológico-orgânico é afetado pela linguagem e, nesta operação, a carne é incorporada, apalavrada, tomada de/por sentidos, tornando-se um corpo-reificado (Lacan, 1975-76/2007).

Lacan (1970/2003) em *"Radiofonia"* diz que o primeiro corpo, isto é, o simbólico, fará o segundo corpo, incorporando nele, portanto. Soler (2019), retomando a questão do corpo na obra de Lacan, nos diz que a inscrição do sujeito no mundo da linguagem promove a mortificação da carne, isto é, há aí uma passagem do mundo instintivo para o mundo das pulsões, para o mundo das palavras. Isto posto, é indispensável registrarmos como Freud e Lacan tatearam, cada um ao seu modo, o conceito de pulsão, considerado como um dos conceitos fundamentais da psicanálise.

Iremos, portanto, traçar algumas palavras sobre o conceito de pulsão em Freud e em Lacan, pontuando distâncias e aproximações entre os dois campos teóricos. Assim, começamos com Freud, que irá situar a pulsão como aquilo que está na fronteira entre o psíquico e o somático (Freud, 1915/2019) ou, ao modo lacaniano, as pulsões moram entre o couro e a carne (Lacan, 1964/2008). Conceito desenvolvido por Freud, a pulsão (*Trieb*, em alemão) consistiria então em um estímulo constante que surge do próprio corpo e alcança a psique. Em *"As pulsões e seus destinos"* (Freud, 1915/2019), o psicanalista vienense descreve:

> Voltando-nos agora do lado biológico à observação a partir da vida anímica, então nos aparece a "pulsão" como um conceito fronteiriço entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. (Freud, 1915/2019, pp. 23-25)

Assim, a pulsão consiste em um estímulo que possui atributo de excitação constante e que não tem origem no exterior, mas no próprio organismo, atuando diretamente (sem qualquer mediação) sobre o psíquico, exigindo para sua supressão um ato específico, um ato que tem

como objetivo suprimir um desconforto tensional provocado (Cabas, 2010). Visto que a pulsão configura uma espécie de costura entre a carne e o psíquico, para ocorrer essa inscrição, a pulsão precisa de um representante que tem a função de apresentá-la (Cabas, 2010), ou seja, uma representação que será uma anfitriã para a pulsão no campo do simbólico, para o pensamento inconsciente.

Freud, de acordo com Cabas (2010), postulou que o representante da pulsão no psíquico, ou melhor, no simbólico, é uma necessidade da estrutura do funcionamento pulsional, no entanto o psicanalista vienense observou que se trata de uma condição necessária, porém não suficiente, uma vez que, o simbólico não dá conta, há um "algo a mais" que precisa ser considerado, alguma coisa a mais que às vezes emerge "como um excesso e às vezes como uma fatalidade ou uma imposição do destino" (Cabas, 2010, p. 59). Esse "algo a mais" é um resto, uma sobra que não se inscreve, uma coisa para a qual não há representação possível; nas palavras de Cabas (2010) "há 'algo' na estrutura da pulsão que transcende e ultrapassa a dimensão simbólica e o plano inconsciente" (p. 59).

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento teórico de Freud em relação à pulsão, o que nos interessa para os fins desta pesquisa, isto é, de pensar o corpo pelos vieses tanto da AD como da psicanálise em relação com as transidentidades, é a concepção de que a pulsão não possui objeto fixo, e aqui temos um dos pontos mais subversivos na obra freudiana: o corpo pulsional. Como vimos anteriormente, a pulsão perverso-polimorfa está na base da constituição de todo sujeito e ela por si só é transgressora; a noção de pulsão torna-se assim indispensável para pensarmos os processos de identificação e de tomada de objeto, o que nos leva para um lugar na psicanálise de escuta vazia, sem pré-conceitos contratransferênciais (Laufer, 2014). E aqui, como pontua Laufer (2010) retomando Foucault, que diz que devemos ser justos com o criador da psicanálise, em suas palavras:

> Porém, e "devemos ser justos com Freud", para usar uma expressão do próprio Foucault, ainda que a psicanálise em seus desdobramentos discursivos delimitasse os contornos da sexualidade nos padrões de sua época, devemos reconhecer que Freud 'teorizou a perversão polimorfa, a sexualidade infantil, o inconsciente que não conhece a diferença entre os sexos e com tudo isso o conceito de pulsão. Lembro a você, a pulsão não tem objeto ou objetivo predeterminado. (Laufer, 2010, p. 239 – *tradução livre*)

Assim, Freud (1905/2016), ao se debruçar sobre os estudos da inversão (homossexualidade), postulará que, por mais se veja impossibilitado em esclarecer a origem dos casos de inversão, no decorrer de sua investigação ele chegou a um ponto muito mais interessante e importante, quer dizer, que há entre a pulsão e o objeto apenas uma solda, que a pulsão não traz o objeto consigo, mas sim que "ela elege" um objeto ao mesmo tempo que o

destitui. Nas palavras do psicanalista: “é provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos encantos atrativos deste”. (Freud, 1905/2016, p. 38)[25]. Nas palavras de Ayouch (2015):

> O aporte principal da concepção freudiana da sexualidade é a "necessidade de despertar, afrouxar a relação entre a pulsão e o seu objeto", quer dizer, indicar a contingência do objeto pela pulsão, contra toda a opinião popular ou científica que submetia a sexualidade ao alvo da reprodução. A noção freudiana de sexualidade infantil, perversa polimorfa, introduz uma desbiologização inédita da sexualidade, e, portanto, da sexuação. Quando o alvo da prática sexual não é o destino biológico da reprodução, a complementariedade dos dois sexos da espécie se revela totalmente relativa. (p. 36).

De acordo com Ayouch (2015) esse movimento de separação da pulsão e do objeto desencadeia a desnaturalização e desbiologização da sexualidade, localizando a psicanálise em outra matriz de sentidos diferente das correntes médicas e sexológicas da época. Como vimos na sessão anterior com Laufer (2010), devemos retomar esse Freud pulsional, de um corpo pulsional. Ou seja, como já dito, Freud e Lacan, por mais que em determinados momentos de seus respectivos ensinos revelem uma inclinação a leituras e posturas normativas, dado que são pessoas e teorias datadas, também constroem em seus suportes teóricos o antídoto subversivo para o veneno normatizante e hegemônico. Freud, ao estudar os casos dos invertidos, considerados à época como anormais, dirá que é pela investigação da “anormalidade” que se descobrem pontos muitos mais interessantes, ou seja, de que a normalidade não passa de uma ilusão, em suas palavras “que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal” (Freud, 1905/2016, p. 38).

As pulsões sob a pena de Lacan tomaram outros destinos, não abandonando o que estava lá em Freud, mas avançando e localizando-se em outro chão epistemológico. Foi no seminário *“Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise”* (Lacan, 1964/2008) que Lacan deu uma atenção especial ao conceito de pulsão – sendo condecorado como um desses quatros conceitos. Neste seminário, o psicanalista francês destacou que não se devem equivaler as noções de pulsão e de impulso, visto que o segundo faz parte do primeiro, mas não são única e mesma coisa; assim, podemos ler no lugar de impulso (*Drang*) o termo pressão.

Soler (2019) avisa que a proposta de Lacan, ao retomar o conceito de pulsão da obra freudiana, é de compreender que a pulsão é um efeito de linguagem e isso é uma tese de Lacan e não de Freud. O médico neurologista fundador da psicanálise, de certa forma, manteve uma leitura biologicista do corpo em psicanálise, talvez por isso ele não tenha dado grande

[25] A tradução foi modificada, substituindo “instinto” por “pulsão”.

importância ao corpo (Soler, 2019). Lacan deslocou o corpo da seara organicista biológica para o campo da linguagem que, ao contrário do criador da psicanálise, tinha em mãos outros paradigmas epistemológicos e outros campos de conhecimento. Um deles era a linguística.

Em seu seminário XI, Lacan (1964/2008) irá discorrer sobre a pulsão e inicia o diálogo questionando: o que seria a pulsão? Seria do registro do orgânico, alguma manifestação de inércia na vida orgânica, como postulou Freud? O psicanalista francês descreve que ele não pensa por esse viés, e dirá que, ao seu ver, nem Freud. Com a noção de objeto *a*, Lacan irá registrar que a pulsão tem como próprio de seu funcionamento contornar esse objeto e que a pulsão é uma montagem, mais ainda, uma "colagem surrealista", dado que ela contorna e não se fixa a objeto algum. À vista disso, a pulsão é sempre parcial, não fixa, não domesticável, muito menos por um corpo biológico. Nas palavras do francês:

> É na função em que o objeto sexual desliza pela encosta da realidade, e se apresenta como um pedaço de carne, que surge essa forma de dessexualização tão manifesta que se chama, na histérica, reação de desgosto. Isso não quer dizer que dizíamos que o prazer é localizado nessas zonas erógenas. O desejo interessa [...] bem outra coisa, e mesma coisa completamente diferente do organismo, sem deixar de implicar, em diversos níveis, o organismo. Mas a função central da pulsão, que satisfação ela se destina a engendrar? É justamente na médica em que as zonas anexas, conexas, são excluídas, que outras tomam sua função erógena, que elas se tomam fontes específicas para a pulsão. (Lacan, 1964/2008, p. 170)

Eidelsztein (2017) descreve que a pulsão é um testemunho de uma localização do sujeito em alguma parte do corpo, o que não é a mesma coisa da proposta freudiana da pulsão enquanto uma dobradiça entre psíquico e somático. Assim, o psicanalista argentino enfatiza que Lacan definirá que a pulsão emerge no momento que o sujeito não comparece nem no enunciado nem na enunciação, mas sim no corpo (Eidelsztein, 2017). E enfatizamos, não um organismo, mas um corpo. O organismo é reificado pela via do significante, tornando-se corpo. Portanto, nessa passagem do orgânico para o corpo, ocorre uma perda. O que isso quer dizer? O que se não passa ao nível do significante está perdido.

Aqui podemos lançar mão de alguns casos particulares nas subjetividades trans, quando os órgãos se tornam significantes pela inscrição do sujeito na linguagem, ou seja, pênis, seio, vagina, voz, podem carregar sentidos como "intrusos", "errados", "sobras", "estranhos" entre outros. Lacan (1964/2008), ao postular que algo se perde nessa colisão entre o corpo biológico e o significante, revela que não há pulsão total, mas sim pulsões parciais, o que acaba por caracterizar que "a pulsão sexual só representa a sexualidade na vida psíquica, não representa o corpo biológico. O fato de que a pulsão 'representa' nos coloca diretamente na via do significante" (Eidelsztein, 2017, p. 185). É por a pulsão reportar a rede significante que ela tem uma estrutura de montagem, e Lacan irá posteriormente chegar à desmontagem da pulsão, para

incitar que a pulsão não é, de modo algum, natural; como demonstra Eidelsztein (2017), "é a desmontagem de uma montagem não concebida para cumprir com nenhuma finalidade biológica" (p. 190).

Destarte, Lacan (1975-76/2007) postulou que "as pulsões são, no corpo, o eco do fato que há um dizer" (p. 18), ou seja, a partir do momento em que o corpo se torna pulsional, o organismo é desnaturalizado. Diante disso, podemos destacar que o interesse da psicanálise não engloba o organismo, mas como o corpo é experienciado e vivido em dada realidade, mais ainda, uma realidade real, simbólica e imaginariamente instituída. Ou seja, qual a relação do sujeito com seu corpo, um corpo que ele não é, mas ele tem, haja vista que o sujeito não é a carne, nem se fez carne, ele é falta de carne, dito de outro modo, o sujeito não é seu corpo (Soler, 2019). Lacan (1975-76/2007) disse que a "relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo ter. Tem-se seu corpo, não se é ele em hipótese nenhuma" (p. 146).

O sujeito, portanto, precede o seu corpo, pois está solidário ao significante, sua morada é no entremeio significante, como nos diz Soler (2019):

> Um sujeito enquanto tal, assim como nós o definimos com Lacan [...] é solidário da cadeia significante, quer ela se presente como uma cadeia articulada na fala ou articulada no sintoma, ou escrita alhures, ele lhe é solidário de modo preciso. Ele é representado por esta cadeia, tendo como resultado que o seu ser, se se interroga sobre o que ele é, seu ser está sempre em outro lugar, alhures mesmo, lá onde o significante o representa – seja sob este significante no lugar do significado, seja já deslizando em direção ao outro significante –, ele está, essencialmente, entre dois significantes. A disjunção com o seu corpo é muito fácil de perceber: fala-se do sujeito, ou seja, nós o representamos pelos significantes antes de seu nascimento, o que vale dizer que um sujeito precede o seu corpo na cadeia que o conduz ao seu nascimento. Poder-se-ia dizer: enquanto representada pela cadeia, ele, o sujeito, precede o corpo que será o seu. (pp. 22-23)

Partindo disso, o corpo será do sujeito, não será ele. Um sujeito que emerge antes mesmo de vir a existir e que irá "habitar" um corpo sem empiria, pois o corpo que este sujeito habita é corpo de linguagem; ou, melhor dizendo, o sujeito já está lá (linguagem) antes mesmo de estar aqui (nascimento), um sujeito que precede o corpo que lhe será atribuído, inclusive com um sexo designado: "é uma menina". No entanto, Lacan postulou que o sujeito sobrevive a seu corpo; de acordo com Soler (2019), existe uma margem que situa o sujeito aquém e além do corpo que ele possui, ou seja, se compreendo bem, o corpo não é um corpo encarcerado por uma anatomia, que determina o sujeito e determina o seu destino. Lacan critica essa noção freudiana de que a anatomia sexual é o destino; o psicanalista francês, segundo Soler (2019), pontuou que o discurso é o destino, uma vez que o que regulamenta o sujeito é o significante,

inclusive o falo é compreendido por Lacan como um significante e não nos esquecemos: o significante é vazio, deslizante, movente e inquieto.

Como colocado no capítulo 2, sobre o sujeito do inconsciente, não há realidade pré-discursiva (Lacan, 1974-75), ou seja, não faz sentido falar de um corpo biológico a partir do momento que nos localizamos na primazia do significante e da teoria criacionista. Como avisa Eidelsztein (2020): a partir da "existência da linguagem e do Outro, o corpo anatômico também se transforma em significante". (pp. 33-34), o que implica uma lógica de descontinuidade absoluta do que veio antes. Com isso, a partir do momento em que surge o Outro, campo da linguagem, o corpo orgânico se perde, torna-se esquecido (Eidelsztein, 2020). Ainda, o autor afirma que a pulsão é um saber que só é constituído pela cadeia significante, um texto inscrito no corpo como mensagem originada da linguagem e do discurso; em vista disso, há um fato de dizer que se precipita no corpo pelo equívoco, fazendo-nos crer que a origem é o corpo biológico, e, entretanto, as pulsões são como um eco que gera uma ilusão de que quem fala é a montanha (organismo) (Eidelsztein, 2020).

Soler (2019) mostra que o corpo é uma matéria que se localiza em um espaço, pelo menos no nível de percepção; e aqui está um ponto capital sobre a diferença entre corpo e sujeito, pois, enquanto o primeiro é perceptível e encontra-se materialmente em um lugar no espaço físico, o segundo não. O corpo está em algum lugar, apenas um, não dá conta de estar em dois ou mais lugares ao mesmo tempo, trata-se de um corpo castrado, que se move e é movimentado; há, assim, "a suspeita de que o ser do sujeito, sempre alhures, se encontra localizado por seu corpo, que o corpo é o que torna presente o sujeito evanescente da cadeia" (Soler, 2019, p. 26). Frisamos: o sujeito pode ser localizado em um corpo, mas não é ele, o corpo é um chão onde o sujeito pisa, mas não enraíza, deixa suas pegadas, mas não faz morada fixa. À vista disso, é pelo corpo que se fisga o sujeito, pois, pela ótica lacaniana, a dominação dos sujeitos se dá pelo corpo (Soler, 2019), não o corpo biológico, já que "a psicanálise não contribuiu em nada para o conhecimento biológico do organismo: zero" (p. 26-27).

Desse modo, escolhemos uma leitura sobre o corpo em psicanálise em que se levam em conta os três registros que constituem a realidade psíquica, portanto dizer "que o corpo é uma realidade é dizer que, como ela, ele é tríplice – simbólico, imaginário e real" (Soler, 2010, p. 67). Não se trata de três corpos, é só um corpo que se encontra em uma realidade RSI. Para começarmos a pensar sobre o corpo na psicanálise em relação aos registros RSI, destacamos o seguinte escrito:

> O corpo é o eu, feito de imaginário, ou seja, constituído pela imagem especular do eu-ideal composta através do espelho do ideal do eu, que é o ideal do Outro. O corpo é tecido de linguagem, pois ele se incorpora ao grande Outro que é o primeiro corpo, prévio, o corpo simbólico, lugar da linguagem que não se distingue do lugar do Inconsciente. O corpo tem nome, assim como suas partes, como o demonstra a anatomia. O corpo humano é o único que traz uma marca própria que lhe permite colocar-se numa cadeia significante. O corpo imaginário não é apanágio do corpo humano, pois como *res extensa* ele pode ser medido e pesado como qualquer objeto do mundo fenomênico: corpo, cadeira, mesa, lápis. Assim como se pode descrever suas características e atributos como de qualquer objeto. O corpo humano é mais um objeto do mundo fenomênico. O corpo simbólico não é tampouco necessariamente o corpo vivo, pois o cadáver também tem essas características. Ele está preso na cadeia de linguagem e é mortificado pelo significante ao ser tomado no registro simbólico. O significante mapeia o corpo e nele escreve a história e a anatomia histérica próprias a cada um. O corpo é um corpo *histoérico*. Mas este corpo pode estar morto ou vivo, estar calado no silêncio da pulsão de morte ou vibrar com Eros. Para estar vivo este corpo precisa ser também um corpo que goza. Deste modo o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real. (Quinet, 2009, p. 71 [*itálicos do autor*])

O texto *"O estádio do espelho como formador da função do eu"* (Lacan, 1949/1998) é o ponto de partida de Lacan para começar a pensar o corpo. Assim, como nos diz Soler (2019), o primeiro corpo no ensino de Lacan é o corpo da imagem. O estádio do espelho confere ao modo como a imagem do próprio corpo é constituído através de uma relação imaginária com o outro, portanto possui um papel constituinte do eu e da imagem assumida pelo sujeito. Lacan, nesse texto, tomou Henri Wallon – médico e psicólogo francês – como um interlocutor, para pensar a importância do espelho para a constituição do próprio corpo. No entanto, para o psicólogo, Wallon, a noção do próprio corpo é algo inato, e será apenas mais tardiamente que a criança irá reconhecer seu corpo; já para o psicanalista, Lacan, o estádio do espelho não se reduz apenas a uma tomada de consciência, de um reconhecimento de um corpo próprio, mas sim de um processo de constituição de um corpo e do eu, através de um outro, que fará função de espelho (Lacan, 1949/1998).

Com isso, Lacan postulou que a percepção sensório-motora de uma criança recém-nascida é de um corpo despedaçado e que a integração desses "pedaços de corpo" se dá através do outro e não de um processo natural. A criança, então, enxerga no outro uma imagem de um corpo unificado, integrado, identificando-se com essa imagem e constituindo um eu, construindo um corpo; como avisa Lacan (1938/2003), "imago do outro está ligada a estrutura do corpo próprio e, mais especificamente de suas funções de relação, por uma certa similitude objetiva" (p. 44).

Em "O eu e o id", Freud pensou o corpo na tópica dos sistemas pré-consciente, consciente e inconsciente, aproximando-o do processo de constituição do eu e diferenciando em relação ao id. De acordo com o criador da psicanálise, o corpo é um objeto que possui uma projeção de superfície e que porta um funcionamento perceptivo interno e externo, ou seja, que através dos sentidos, do toque, da dor, do prazer, auxilia na construção de uma ideia de um

corpo. Freud nos diz que o "eu é sobretudo corporal" (Freud, 1923/2011, p. 32), ou seja, o eu seria a imagem do corpo e, também, o lugar de desconhecimento (Freud, 1923/2011; Lacan, 1949/1998).

O corpo imaginário comporta uma ignorância constituinte, devido ao fato de que nunca capturamos ou percebemos nosso corpo como ele é, mas sim como gostaríamos (ou não) que ele fosse. Em vista disso, o eu e o corpo estão inscritos na instância imaginária e constituem-se a partir da imagem que o outrinho – o seu semelhante – lhe devolve, portanto, possuem um caráter de ficção, pois anunciam um desconhecimento sobre si próprio e um processo de alienação, isto é, o eu aliena-se na imagem refletida (e refratada) do espelho, ou seja, do outro semelhante. Esse "espelho" consiste numa metáfora lacaniana para se pensar nesse reconhecimento de sua imagem no Outro, pois, de acordo com Z. Machado (2010), o espelho é esse "Outro que reflete ao sujeito sua imagem e o marca anunciando aquilo que ele é" (p. 107).

De acordo com Sternick (2010, p. 33) o estádio do espelho configura-se em três momentos, três tempos lógicos. Assim, em um "primeiro tempo, a criança vê apenas um outro no espelho; no segundo, ela compreende que não se trata de outro, mas sim da imagem que ela tem do outro e, no terceiro, ela conclui que aquela é sua imagem". Neste percurso, o *infans* parte de um corpo despedaçado para integração de um corpo e isso se dá devido a uma percepção gestáltica de um corpo unificado e de um eu integrado: "a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como Gestalt, isto é, uma exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída" (Lacan, 1949/1998, p. 98).

> Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu. (Lacan, 1949/1998, p. 100 [*itálicos do autor*]).

Sabe-se por Lacan (1949/1998) que o imaginário representa um papel fundamental nesse nó borromeano, pois é ele que irá proporcionar uma apreciação do corpo. Vinte anos depois, no seminário *"O sinthoma"*, Lacan (1975-76/2007) retoma o corpo imaginário, dizendo que o corpo tem uma consistência e isso só é possível devido ao registro imaginário; assim, o "corpo decerto não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente [...] porque ela crê nisso, ter um corpo para adorar" (Lacan, 1975-76/2007, p. 64). Diante disso,

> [...] quando se diz "eu tenho um corpo", o Um do corpo – o que fez com que digamos o corpo Um – é o Um de uma imagem, da imagem do organismo, portanto da forma, esta forma consistente na medida em que ela se mantém mais ou menos idêntica a ela mesma durante um tempo. (Soler, 2019, p. 28)

Destarte, o corpo do estádio do espelho é o corpo imagem, um corpo que terá sua importância, principalmente no tocante à libido, ao modo de uma criança que, como Lacan alertou (Lacan, 1949/1998), entra em jubilação, isto é, uma satisfação ao unificar seu corpo e reconhecer-se diante do espelho. No final de seu ensino, Lacan retoma esse estado de júbilo, de satisfação consigo próprio, onde ele diz: "o amor-próprio é o princípio da imaginação. O falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante" (Lacan, 1975-76/2007, p. 64). Soler (2019) adverte que a experiência de jubilação não é uma doutrina, mas sim um fato clínico e que se trata de uma potência narcisista: "é que Narciso acha feio o que não é espelho", ressoando versos de Caetano Veloso.

> Lacan conclui então que, do lado do organismo prematuro, há um mal-estar vital, real, originário e que este ser inacabado, sofrendo ademais de uma não coordenação motora – é um fato – não sabendo, por exemplo, se seus pés são seus pés, se suas mãos são suas mãos, este ser despedaçado em suas funções encontra, na imagem do espelho, a unidade que falta a seu organismo. (Soler, 2019, p. 30)

Em vista disso, o que Lacan propõe é que diante de um real, de um corpo despedaçado, o imaginário vem como uma máquina de costura, emendando esses pedaços, fazendo o Um corpo; mais ainda: é um processo que enuncia uma totalização desse corpo, pela prematuridade, fragmentado. Assim, ao perceber esse corpo enquanto uma unidade, ocorre a jubilação, pois no que era um ponto real, de mal-estar, surge uma solução imaginária, uma resposta mediadora (Soler, 2019). Lacan, no seminário inédito "*R.S.I*" (1974-75), reforça que "o corpo é imaginário", pois não se reduz a apenas uma representação de uma forma, mas é uma consistência de uma forma. Nno decorrer de seu ensino, Lacan, usou uma série de nomeações desse corpo imaginário, como: "corpo imagem", "corpo vestes", "corpo pele", "corpo casca", "corpo saco", "corpo pote".

O corpo no registro simbólico é um corpo de palavras, atravessado e constituído na/via/pela linguagem, uma carne marcada e mortificada pelo significante, que desencarna o corpo biológico e provoca uma metástase linguageira, costurando no organismo um tecido de representação, onde cada sujeito irá vestir-se ao seu modo (Castanet, 2010). Portanto, seguindo pelas trilhas lacanianas, o corpo é um (e)feito de linguagem, ou seja, a linguagem, de acordo com Soler (2019), "toca o organismo, o desnatura, o modifica" (p. 35). Lacan, apresentado por

Soler (2019), diz que o corpo faz o leito do Outro, isto é, se o Outro é o tesouro dos significantes, o corpo confere uma materialidade onde esses significantes operam.

Assim, pelo imaginário o sujeito constitui um eu e um corpo através do espelho, isso é, pelo olhar direcionado ao outro (semelhante) que será atribuído um valor para a sua imagem, podemos afirmar que o Outro será o elemento que outorgará ao sujeito a possibilidade de uma integração de um corpo imagem e um corpo atravessado pela/por palavra; um exemplo é quando o Outro/outro nomeia o corpo do bebê. Detalhe, não nomeia apenas uma geografia anatômica, mas sim um corpo: "que pezinho gostoso, vou morder o pé do bebê", "olha essa barriguinha fofa", "que vontade de apertar essas bochechas", "que cabelo feio, credo!", uma fala com todas as acentuações prosódicas e onomatopeicas possíveis. Deste modo, esse polo confere uma rede de "significantes mais ou menos ligados num discurso" (Lacan, 1960/1998, p. 659), ou seja, um discurso que rodeia e embrulha o sujeito, faz do organismo corpo, não qualquer corpo, mas um que se espera, pois o "corpo se distingue do organismo animal, ele é desnaturado e, ainda mais, ele é produzido como socializado" (Soler, 2019, p. 40).

Lacan (1953/1998), em *"Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise"*, conclui que a linguagem é um corpo sutil, mas um corpo, pois a linguagem não é imaterial; assim, a linguagem é corpo e marca o corpo, e isso não é sem consequências, na medida em que o corpo não é algo natural que segue uma (bio)lógica organicista que nos é dado ao nascimento, o corpo é algo concedido pelo Outro da linguagem. Dessa linguagem que é um corpo e que produz um corpo, desse funcionamento dentro/fora, Soler (2019, p. 41) nos avisa da utilização da topologia do toro por Lacan em "*Função e campo*...":

> Vocês sentem bem que é difícil dar conta deste corpo incluído na linguagem e desta linguagem incorporada no corpo, simplesmente pela referência ao interior/exterior. Não é por acaso que Lacan se refere à topologia mais complexa, a do toro, que ele introduz em "Função e campo da fala e da linguagem", isto é, bem no começo de seu ensino: o toro, como estrutura, permite aproximar a linguagem na medida em que ela está, ao mesmo tempo, dentro e fora ou nem dentro, nem fora. (Soler, p. 41)

Portanto, o corpo simbólico é um corpo admitido pelo significante, ou seja, um "corpo de homem" só se torna um corpo de homem, pois é elevado a um estatuto significante: "o corpo tornado significante adquire o traço do significante. (Soler, 2019, p. 45). Com isso, sublinhamos, o significante afeta o corpo, não o sujeito, pois, o significante representa o sujeito, porém o corpo ele marca (Soler, 2010). Assim, o significante mortifica a carne, isto é, a palavra é a morte da coisa (Lacan, 1953/1998), pois, se o sujeito porta em sua condição a linguagem, esta última opera uma perda de gozo, uma subtração, pois, para Lacan, a perda de vida é perda de gozo.

> Assim, o corpo que é admitido no habitáculo da linguagem ganha algo com isso, ganha um pouco de perenidade do significante. Mas há um preço: ele perde, com isso, o traço de vivente. Nesta passagem do corpo ao significante, já vemos que o *habitat* linguagem, o ambiente linguagem, transforma o habitante. [...] É uma tese antiga em Lacan, segundo a qual, aí onde passa o significante, alguma coisa da morte passa. (Soler, 2019, p. 46)

Destacamos que, em psicanálise, pensar o significante enquanto uma mortificação do traço vivente não é a mesma coisa que um processo de desvitalização que a linguagem nos impõe; colocando em outras palavras, ao dizer que o corpo é um significante que não implica vida, não estamos dizendo que o corpo simbólico, elevado ao caráter significante, é um percurso de desvitalização do corpo (Soler, 2019). De acordo com Soler (2019), Lacan esteve às voltas de pensar como o ser falante desvitaliza tanto o seu corpo, e, com isso, ele retoma Descartes, que faz do corpo uma extensão quando promove o corte entre alma e corpo. Pensemos o corpo na medicina enquanto um organismo, um aparato fisiológico, químico, anatomicamente distribuído entre órgãos, pele, músculos, ossos, sangue, um corpo desvitalizado, um corpo máquina (Soler, 2019), onde o que se vê é a doença e não o "doente", não há sujeito, não há corpo, há organismo.

Propor que o estado de vivo ou morto para a psicanálise é coadjuvante, não é desvitalizá-lo, pois um corpo pela ótica psicanalítica é contornado pela linguagem antes de existir, de nascer, e continua sendo após a morte, haja vista os rituais de sepultamento, identificação nas lápides, processos de enlutamento, as memórias avivadas dos entes que permanecem, ou seja, o corpo "a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes. A partir dessa marca, ele é suporte da relação, não eventual, mas necessária, pois subtrair-se dela continua a ser sustentá-la" (Lacan, 1970/2003, p. 407).

Assim, o corpo simbólico é este "símbolo escrito na areia da carne" (Lacan, 1953/1998). Como revela Soler (2019), "isso começa com a etiquetagem no punho do recém-nascido, de uma pequena placa, ou de um esparadrapo que identifica esse corpo como um corpo e com um nome" (p. 48); começa-se a numeração da vida "este é o bebê do quarto 2", acrescentamos, começa com o sexo designado, o tão na moda "chá revelação" do sexo do bebê, começa nessa partilha discursiva dos sexos, "minha princesinha", "meu garotão", diminutivos para o feminino, aumentativo para o masculino.

Destarte, nessa operação de fabricar um corpo, de mortificação do organismo pelo significante, algo escapa da morte, isto é, o significante não dá conta do todo, algo dessa mortificação não se completa, algo cai, deixa um resto, é o "algo a mais", que tem relação com a pulsão. Trata-se de um resto dessa operação significante, que Lacan nomeou de objeto

pequeno *a*, elegido por Lacan como sua única invenção na psicanálise, objeto causa de desejo, objeto mais-de-gozar.

À vista disso, após um passeio pelo corpo da consistência imaginária e do corpo cisalhado pelo significante, iremos agora elaborar algo sobre o corpo real, isto é, o mistério do corpo falante (Lacan, 1972-73/2008). Elaborar, escrever, conceituar, tratar o registro do real pela perspectiva lacaniana nunca é uma tarefa fácil, pois como dizer daquilo que não se diz? Ou melhor, que não tem como se dizer, ao modo de Dom Casmurro, após o encontro dos seus lábios com o de Capitu, "não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua" (Assis, 1899/2006, p. 71). Assim, mesmo com essa falta de língua, nos contentamos com os pedaços para falar sobre o corpo real. O real, portanto, que nos interessa aqui, é da ordem de um impossível, ou seja, um real que não é possível simbolizar, núcleo duro, onde a palavra não adentra, o significante não encosta. Lacan (1964/2008) dizia que o real não se pega, nem se fala, mas se topa com ele, tropeça, um real que não cessa de não se inscrever. Assim, no registro do real, tomaremos o corpo pela falha da língua, lá onde o gozo se deposita.

O mistério do corpo falante é um correlato ao corpo real, corpo que se goza, substância gozante (Lacan, 1972-73/2008). Podemos iniciar uma reflexão sobre o gozo, tomando-o como uma parte do corpo sem significante, um pedaço do corpo onde o significante não tocou. Soler (2010) avisa que gozo não se reduz à volúpia, pois o gozo mantém um parentesco com a dor, com o (mais) além do princípio do prazer, com as satisfações paradoxais do curto-circuito pulsional, ou seja, quando o prazer cede ao desprazer, o gozo foi colocado em cena. O sintoma é o que carrega um bocado de gozo ao corpo, uma contradição, pois aquilo que traz sofrimento também se revela prazeroso, uma vez que o sintoma é uma espécie de negociação entre a exigência de satisfação da pulsão e uma estratégia de defesa contra o gozo, ou seja, gozar, mas nem tanto; o gozo é aquilo que não se deve experimentar demais (Soler, 2010; 2019).

Lacan ressalta que para gozar é preciso um corpo, não um sujeito, e destaca que o corpo é um deserto de gozo (Lacan, 1967/2006), um corpo deserto de gozo que, diante disso, encontra nos furos do corpo pontos de paradas e de fixação, furos que possuem bordas e por cujas beiradas o circuito pulsional irá perpassar. Com isso, o "gozo entra em ação por intermédio da pulsão" (Castanet, 2010, p. 61), ou seja, o corpo real, portanto, é um corpo que possui uma materialidade pulsional.

Se a linguagem cisalha o corpo ao sabor das zonas erógenas (boca, ânus, genital), dos objetos pulsionais, como pontuou Freud, ou dos objetos parciais, objetos mais-de-gozar (seio, fezes, voz, olhar), conforme Lacan, ela faz função de causa do corpo pulsional (Soler, 2010) e de aparelhagem do gozo. Será pelos furos, pelos orifícios de um corpo, que a pulsão circunda

o objeto mais-de-gozar, isto é, o objeto *a*. Lacan abordou os orifícios do corpo pela perspectiva topológica do toro, trabalhando o interno e o externo dessa figura topológica. Em suas palavras, o "privilégio dos orifícios orais, anais e genitais nos retém, porque não são verdadeiramente orifícios que deem no interior do corpo; o tubo digestivo é só uma travessia, é aberto para o exterior" (Lacan, 1961-62/2011, p. 321). E é importante sublinhar que não estamos falando do organismo, mas de um corpo que contém um furo, que carrega em si uma estrutura de linguagem.

Assim, a noção de objeto *a* é fundamental, pois, nas palavras de Lacan (1972-73/2008), "o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*" (p. 13). Um corpo imbricado no movimento desse pequeno objeto, o *a*, o corpo real é um corpo que sobra, esse resíduo não imaginado do corpo (Lacan, 1962-63/2005), um corpo impensado, não visto nem apalavrado, mas que existe, insiste.

> Lacan o nomeia de objeto mais-de-gozar seguindo o modelo da mais-valia de Marx, esse "mais" indicando a compensação com relação ao "menos" mencionado anteriormente. Por causa do significante algo é perdido, algo que não vai ser restituído, mas, em parte, compensado. Por causa disso, aliás, esse objeto tem um estatuto particular: ele é ao mesmo tempo perdido e não reapropriável, incluído na série dos *déficits*, mas também é repositivado e comporta um certo coeficiente de gozo. (Soler, 2010, p. 83 [*itálicos da autora*]).

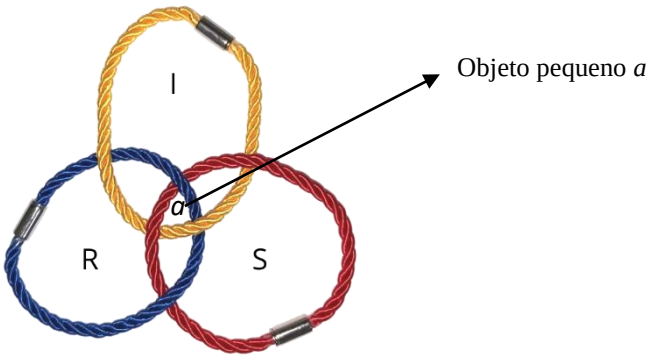
Aqui podemos aludir ao axioma lacaniano de que "Não há relação sexual" (Lacan, 1970/2003), e isso não quer dizer que não há ato sexual, mas que, devido à operação significante, há um efeito da perda de um objeto, a *Coisa* freudiana, isso é, *Das Ding*, que Lacan tomou como matéria-prima para elaborar o seu objeto *a*, um objeto para sempre perdido, que será (re)encontrado "no máximo como saudade" (Lacan, 1959-60/2008, p. 68).

> [...] esse objeto que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o que a pulsão se refecha – este objeto que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só podemos conhecer na forma de objeto perdido a minúsculo. O objeto a minúsculo não é a origem da pulsão oral. Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão, contornando-se o objeto eternamente faltante. (Lacan, 1964/2008, pp. 176-177)

Portanto, esse objeto eternamente faltante nos traz notícias de uma impossibilidade de haver relação sexual, no sentido de uma complementariedade dos seres falantes, pois, ao buscar o mesmo, o sujeito topa com o diferente. E, nessa falta de complemento, o gozo aparece como coeficiente, um gozo que não cessa de se inscrever, um gozo que tem como função gozar mais, ainda, outra vez. Esse é o corpo real, corpo de gozo; como pontua Soler (2010), na prática sexual o outro não é nada mais, nada menos, que um objeto mais-de-gozar. Assim, o objeto *a* é

o que faz furo, não deixando que os três registros se tornem um só, marcando a impossibilidade de existir a proporção sexual. Com isso, temos o corpo em uma realidade tríplice, não uma ou duas realidades, mas ternária.

Figura 7 – O corpo e o nó



Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Lacan é radical ao pensar a questão da falta: não há escapatória, é uma falta que jamais deixará de comparecer, portanto a falta é um operador elementar da constituição da subjetividade humana, inclusive do corpo, a falta é um objeto (*a*) para sempre perdido, um pedaço de corpo jamais recuperado. E isso é um processo constituinte, a irrupção da falta é motor da subjetividade humana e da relação do sujeito e de uma corporeidade. O corpo real revela um corpo incompleto, não concluso, aberto pela irrupção da falta. O que veremos como ponto de encontro com o corpo pela perspectiva da AD, um corpo que sempre sofre a irrupção do real.

Assim, tomar o corpo na clínica psicanalítica é compreendê-lo como algo constituído por uma tríplice realidade, um nó que efetiva um dizer, como vimos anteriormente, um dizer com o corpo, não sem ele. E isso é uma das coisas que podemos aprender com as transidentidades, de que há um fato de dizer que ecoa nesse corpo pulsional, movente, inquieto e contingente. Um corpo onde o único destino é o discurso, donde podemos compreender que a anatomia enquanto destino (Freud, 1924/2011) é consequência de um discurso de mestria que detém um saber. Reiteramos, não há Outro do Outro, o que implica que não existe nenhum saber absoluto, inscrevendo que o destino é o significante, que em sua estrutura é vazio e movente. Nas palavras de Lima e Vorcaro (2019):

> Como consequência, já ao final da década de 50, a teoria lacaniana desbanca a norma paterna que o sujeito encontraria ao termo do Édipo freudiano, norma segundo a qual o menino deveria igualar-se ao pai via identificação e, a menina, ter um filho como substituto do pênis suposto perdido. Contrariando a

> asserção edípica de Freud de que a anatomia é o destino (Freud 1924 [2018]), podemos pensar que uma contribuição fundamental trazida por Lacan (1962-1963 [2005]) é a de que, entre a anatomia e o destino, está o significante. É a partir da forma como o significante incide sobre o sujeito que sua resposta ao Outro poderá acontecer de maneira contingente. Assim, o destino subjetivo, com seu toque de imprevisibilidade, depende do modo como a linguagem irá ressoar no corpo de cada um, desnaturalizando a relação ao sexo. Entre anatomia e destino não há relação direta, mas uma articulação contingente, mediada pelo significante. (p. 477)

Podemos, portanto, pensar o corpo nessa amarração RSI enquanto um modo de leitura que avança o cerceamento anatômico do corpo estabelecido pelo discurso médico, um corpo transparente, que diz o que quer dizer, um corpo que se mostra por exames laboratoriais, ressonâncias, raios-x, etc., um sintoma tomado em sua evidência. Tomar o corpo em sua realidade RSI é propor um dispositivo de escuta clínica, que promova uma não fixidez psicopatologizante deste corpo, inclusive nas transidentidades, insistentemente coadunados com a psicose (que inclusive também não deve ser lida pelas lentes psicopatológicas).

Com a AD, iremos falar de um corpo próximo e distante ao visto aqui. Nesta seção, discutimos a partir do ensino de Lacan e avançamos essa questão da anatomia enquanto destino, ao tomar que não há Outro do Outro [S(Ⱥ)], ou seja, que não há garantias que determinam um destino, pois esse Outro, ao modo do sujeito, também é faltoso. Ademais, também compreendemos que entre a anatomia e o destino está o significante, e que, diante disso, nos colocamos ao lado de Lacan, que não toma a anatomia enquanto destino, mas sim enquanto discurso. Partindo do discurso enquanto destino, promovemos um gesto de aproximação (com seus devidos distanciamentos) entre a psicanálise e a AD, pois segundo esta última o corpo é tomado enquanto um objeto discursivo, o corpo para a AD é feito e efeito de linguagem, e também de discurso.

2. OUSAR PENSAR, OUSAR SE REVOLTAR: A ANÁLISE DO DISCURSO

"Quando me desvinculei dessa doutrinação, eu assumi meu corpo. Acho que é até mais interessante pensar em me assumir corpo do que necessariamente me assumir gay ou qualquer outra coisa, porque ainda venho passando por transições. Compreendo o corpo como um processo vivo." (Mc Linn da Quebrada, 2018).

"Não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso "ousar se revoltar". Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso "ousar pensar por si mesma". (Michel Pêcheux, 1983).

No capítulo que se segue, pretendemos trabalhar o chão epistemológico e de interlocuções em que a Análise do Discurso foi edificada. Assim, teceremos nesta seção o encontro teórico entre alguns importantes pensadores em cuja urdidura de uma massiva e importante produção de conhecimento foi tecido um campo crítico de interpretação da linguagem, mais precisamente do discurso. Deste modo, nesse encontro entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, importantes nomes foram convocados a participarem desta interlocução; são eles: Ferdinand Saussure, Sigmund Freud, Karl Marx, Louis Althusser, Michel Foucault e Jacques Lacan. É com esses expoentes que Michel Pêcheux, fundador da Análise do Discurso na França entre a década de 60 e 70, irá manter um diálogo fundamental para sua empreitada de construir um modo de leitura que não fique cego à exterioridade do discurso, sendo este último, seu elementar objeto de investigação, um discurso afetado pela historicidade, pela ideologia e pelo inconsciente.

Descreveremos, ainda, a noção de sujeito discursivo, que tem como matéria prima tanto o sujeito do inconsciente de Lacan como sua face materialista pensada por Louis Althusser ao seu retorno a Karl Marx. Aqui o sujeito também é efeito de linguagem, mas sobretudo de uma interpelação ideológica que faz do indivíduo sujeito do seu discurso. Com isso, partimos de Pêcheux (1975/2014) que afirma que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, isto é, efeito de sentidos entre sujeito em diferentes posições do discurso. O sujeito para a AD é uma posição-sujeito no discurso: para se dizer é preciso se filiar a determinadas formações discursivas, na medida em que, para que minhas palavras façam sentido, é necessário que elas já tenham sentidos (Orlandi, 2007a). Assim, neste capítulo, iremos tecer a teoria do sujeito na feitura da ideologia a fim de extrairmos a posição sujeito-trans no discurso sobre o corpo. Assim, frisamos nossa proposta de análise: quais os efeitos de sentido de corpos nas transidentidades?

Com relação ao corpo na AD, partimos de duas principais formulações de Pêcheux sobre o corpo, onde na primeira o fundador da AD estabelece que o mundo preza uma normalidade semântica e que esse processo tem início no corpo, isto é, um corpo semanticamente (tido como) normal, que não tolera ambiguidades, contradições e falhas, e, na segunda formulação, pensando sobre o real da língua, em que Pêcheux diz que se trata de um corpo atravessado por falhas, iremos desenvolver uma leitura em que o corpo carrega em sua materialidade a irrupção da falta, no ponto em que não há corpo que se completa, uma (des)aproximação com a teoria lacaniana de pensar o "mistério do corpo falante".

Por fim, iremos detalhar o método utilizado na escolha do *corpus* de análise, traçando que a AD possui uma metodologia discursiva própria, que leve em consideração as disciplinas

que constituem seu escopo teórico, bem como não iremos descartar que os processos históricos e ideológicos afetam o sujeito-pesquisador. Assim, no método discursivo, partimos do pressuposto de que não há separação entre teoria e metodologia, pois, será num movimento pendular entre descrição e interpretação que realizaremos gestos de análise do nosso material discursivo. Portanto, tomamos o corpo enquanto uma materialidade significante, objeto simbólico, que engenha uma discursividade abrindo um caminho possível para que um trabalho interpretativo possa ser confeccionado.

2.1. A arte de refletir nos entremeios: criticando a afirmação do óbvio

> *"Estamos fazendo história e vamos continuar fazendo história até que sejamos respeitadas, vistas, vistos e ouvidos como humanos. Enquanto não tivermos nossa humanidade plena garantida, seguiremos fazendo história"* (Erika Hilton, 2021)[26]

Michel Pêcheux foi graduado em filosofia. No início de sua jornada, encontrou-se inserido em um contexto onde suas críticas são lançadas rumo às concepções epistemológicas no campo das Ciências Humanas e Sociais. No texto *"Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e especialmente da Psicologia Social"*, publicado a *Les Cahiers Pour I'Analyse* da ENS em 1966, Pêcheux, que na época assinava com o pseudônimo Thomas Herbert, questionou

> [...] o modo como as Ciências Sociais, que deveriam debruçar-se, de forma permanente, sobre "questões de fronteira", dialogando com outras áreas de conhecimento, interagem com a teoria – sobretudo a Filosofia – de modo a legitimar uma concepção de ciência neutra (id., p. 142) e, em conseqüência, cega às relações de desigualdade social que permeiam as condições de produção das práticas teóricas, técnicas, políticas, sociais, ideológicas etc. (Zandwais, 2009, p. 14)

Diante disso, Pêcheux (ainda Thomas Herbert), criticou as ciências ensimesmadas que não estabelecem uma relação de fronteira com outros conhecimentos; deste modo, como salienta Zandwais (2009), Pêcheux já começa a revelar sua veia marxista ao pensar sobre a ciência, isto é, ele empreende uma recolocação dos estudos das Ciências Sociais que não seja o positivismo, em que a ciência fica cega ao contexto histórico, as práticas, ao conceito de sujeito e às questões relacionadas a linguagem. A caricatura do homem cartesiano, centrado, consciente, incomodava Pêcheux, e mais ainda uma história não marcada por contradições e

[26] Erika Hilton (1992-atual), mulher trans, ativista dos direitos negros e LGBTQ+ e política brasileira. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), sendo a primeira vereadora transgênero eleita na cidade de São Paulo.

uma língua transparente que diz o que ela quer dizer. Pêcheux, portanto, com seu pensamento vigoroso e inquieto, desbrava uma aventura de desabrigar as Ciências Sociais de paradigmas positivistas e situá-las no campo marxista, onde questões sobre subjetividade, ideologia e luta de classes são levadas em conta (Zandwais, 2009).

Com isso, a AD foi fundada e desenvolvida nas décadas de 1960 e 1970 por Pêcheux, na fervilhante Paris, em volta dos acontecimentos de maio de 68, que foram marcados por confrontos, contestações e transformações epistemológicas no fazer científico. Patti, Garcia e Sousa (2017) em relação aos movimentos de maio de 68, dizem que:

> A conjuntura sócio-histórica da França, em especial, da Paris de 1968, era composta de uma espécie de fúria estudantil contra os valores tradicionais e a favor da "liberdade" (de pensamento, de expressão), em prol da conquista dos direitos das minorias (trabalhadores, mulheres, homossexuais, não-brancos, etc.), da reforma do ensino nas Universidades, etc., em confluência com a postura crítica dos formadores de opinião, pensadores dos mais diversos campos do saber que sustentavam algo de novo, especialmente nas Universidades, e que faziam uma contraposição aos Psicologismos, Sociologismos, Logicismos e empirismos gerais da ciência positivista vigente na época. (p. 222)

Neste ínterim surgiu um estruturalismo triunfante (Maldidier, 1993), que propôs outro modo de compreender e ler a estrutura que edifica o mundo e o seu funcionamento; assim, a década de 60 marca o auge do estruturalismo, considerado como uma das principais correntes de pensamento do século XX. O estruturalismo "permitiu que as ciências humanas criassem métodos específicos para o estudo de seus objetos, livrando-as das explicações mecânicas de causa e efeito, sem que por isso tivessem que abandonar a ideia de lei científica" (Chauí, 2002, p. 274). Com isso, a linguística tornou-se uma "espécie de ciência-farol" (El-Jaick, 2016), onde era convocada por diversos ramos das ciências humanas, já que ela oferecia um método científico, propondo novos avanços em diversos nichos do conhecimento.

> Dissemos que o estruturalismo é sobretudo uma *nova linguagem*. Este ponto pode aparecer um pouco estranho a quem pensar que a linguagem é apenas um *instrumento* de que cada um de nós se serve para exprimir as suas ideias. Ora não é nada disso. A linguagem é o *lugar onde* essas ideias emergem sem que alguma vez deixem de ficar ligadas a esse ponto de origem. Nenhuma linguagem é inocente ou natural. Toda a linguagem contém implícita a sua própria teoria (ou ideologia). (Coelho, 1968, p. X [*itálicos do autor*]).

Assim, nas palavras de Maldidier (1993, s.p.) "o trajeto teórico de Michel Pêcheux é marcado, desde o início, por uma visada global, por uma fantasia, sobre a qual ele trabalhará dolorosamente para desfazê-la". Projeto que já anunciava o seu campo de trabalho, qual seja, uma junção entre redondezas: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise; destacamos, porém, que não se trata de uma bricolagem teórica simplória em um debate sobre

a noção de discurso (Bastos, 2018), mas sim de fundar uma relação entre esses três campos do conhecimento a fim de estabelecer algo que é particular da AD, ou seja, um método de interpretação com objetivos e objetos próprios.

De acordo com Plon (2012), Michel Pêcheux defendeu sua tese sobre a análise automática do discurso (AAD) em 1968, uma tese que tinha claramente como objetivo revolucionar a análise de conteúdo de Harris. A publicação de sua tese em 1969 é considerada o marco inaugural da AD. Assim, a AAD69, como ressalta Maldidier (2003), confere um verdadeiro "laboratório de uma teoria do discurso ainda por vir" (p. 19), um escrito onde Pêcheux estabeleceu um diálogo crítico com Saussure, Althusser e a noção de sujeito descartado pelo humanismo e psicologismo.

Deste modo, a proposta inicial de Pêcheux a de construir um dispositivo teórico de leitura que questiona: o que ler significa? Pois, diferente de Harris, que compreendia a leitura como um processo de passar da palavra à frase, Pêcheux irá postular que isso não basta, pois é preciso deslocar-se de terreno, localizar-se em outra região teórica em que o sócio-histórico e a língua imbricam-se de modo constitutivo (Mazière, 2007); dito de um outro modo, é preciso considerar a exterioridade como constitutiva do discurso, uma vez que ler significa não ficar cego ao que está do "lado de fora" de um texto. Assim, como destaca Mariani (2012), a tese de Pêcheux representa uma reviravolta na análise de conteúdo que caracterizava como um modo de leitura que tomava o texto em sua literalidade, em sua transparência que, como consequência, compreendia o sujeito cognoscente, consciente de seus atos, apagando o que a tese pecheutiana defendia, ou seja, que havia algo do lado de fora, isto é, a historicidade.

Em suas proposições, Michel Pêcheux tinha como propósito provocar uma ranhura teórica e científica no campo das ciências sociais e, em especial, na psicologia social. O fundador da AD visava instaurar uma nova configuração nessa esfera de pesquisa que se iniciava, fruto de novas inscrições a partir do social, do histórico e do ideológico (Ruiz et. al., 2021). A Análise Automática do Discurso (AAD69) foi responsável por conduzir pela primeira vez um objeto radicalmente novo: o discurso.

> Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? Há aí um deslocamento, já prenunciado pelos formalistas russos, onde a questão a ser respondida não é o "o quê" mas o "como". Para responder, ela não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade. (Orlandi, 2007b, p. 18)

E, como veremos no decorrer deste capítulo, os pontos de ancoragem para alcançar esse objetivo, como chamava Pêcheux, será a linguística moderna estabelecida por Ferdinand Saussure, o materialismo histórico fundado por Marx e relido por Louis Althusser e, por último, mas não menos importante, temos a psicanálise instituída por Freud com a leitura realizada pelo psicanalista francês Jacques Lacan.

> Saussure, Lacan e Althusser são os grandes nomes que balizam a construção da teoria da Análise do Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux e seus colaboradores; e o elemento crucial desta construção encontra-se na crítica bem fundamentada e feroz a uma concepção psicossocial ou biológica do sujeito e a uma abordagem pragmática da língua que reduz o discurso a um planejamento estratégico de um sujeito intencional em um situação de interação comunicativa (Zoppi-Fontana, 2013, p. 5 – *tradução livre*).

Saussure (1857-1913), considerado como o pai do estruturalismo e da linguística moderna, foi o responsável por coroar a linguística com o estatuto de ciência. O "*Curso de linguística geral*" (CLG), é uma obra publicada postumamente em 1916, que "criou um novo objeto para a Linguística, a *langue*, e suas teses sobre a língua como instituição social" (Fiorin, Flores & Barbisan, 2013, p. 7 – [*itálicos dos autores*]), será um marco na história dos saberes e das ciências humanas. Saussure irá propor o signo linguístico como uma associação entre uma imagem acústica (o significante) e o conceito (o significado), isto é, a impressão psíquica de um som e o seu sentido; e que a língua confere um sistema de signos, "um todo por si" (Saussure, 1916/2006, p. 17) que não se reduz a uma simplória união entre coisa e palavra. Assim, será com as produções acerca do signo linguístico que o pai da linguística estrutural irá negar a visão tradicional que toma a língua enquanto um sistema classificatório. O corte saussuriano propõe, portanto, uma mudança radical com uma pergunta simples e talvez óbvia, qual seja: "o que é a língua?" (Saussure, 1916/2006, p. 17). Encontramos a resposta para tal questão no CLG: a língua

> [...] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (Saussure, 1916/2006, p. 17)

À vista disso, Saussure possibilitou um trabalho de análise da língua enquanto uma materialidade, uma parte social da linguagem que se manifesta em um processo onde uma impressão psíquica de um som se associa com um conceito, isto é, um significado (Saussure,

1916/2006). Convém destacar que o CLG é uma obra atribuída a Saussure, porém se trata de um compilado de anotações de dois alunos que frequentaram os cursos do mestre genebrino ministrados em Genebra, são eles: Charles Bally e Albert Sechehaye. Com isso, o livro não foi escrito por Saussure, no entanto não deixa de ser efeito de seus pensamentos expressos em seus cursos.

Após alguns anos do lançamento do CLG, encontra-se na estufa do hotel da família do mestre genebrino um conjunto de manuscritos sob a pena de Saussure, escritos que revelaram diversos pontos paradoxais em relação ao compilado realizado por Bally e Sechehaye. Essa descoberta não desemboca em um gesto em que os manuscritos apresentariam um "verdadeiro Saussure", mas sim em uma abertura para se formular novas leituras da obra saussuriana (El-Jaick, 2016). No entanto, de modo geral, foi o conteúdo de CLG que afetou boa parte dos pensadores como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Michel Foucault, Louis Althusser, Jacques Lacan, Michel Pêcheux, entre outros. Nas palavras de Benveniste (2005) em relação ao efeito Saussure: "não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome" (p. 34).

A linguística foi um dos campos que compôs a tríplice aliança que edificou a AD, portanto Pêcheux manteve um importante diálogo com o pensamento saussuriano e acolheu a teoria linguística para fundamentar seu objeto de estudo, isto é, o discurso. À vista disso, o fundador da AD estabeleceu uma leitura afinada do CLG que teve como efeito uma expansão da obra atribuída a Saussure ao promover uma "mudança de terreno" com conceitos como discurso e sentido. Deste modo, Pêcheux bebeu da fonte de Saussure, principalmente quando o mestre genebrino definiu a língua enquanto um sistema de signos, uma instituição social; mais ainda: a língua carregava o caráter social da linguagem e que possuía um funcionamento e um ordenamento próprio.

O que salta aos olhos de Pêcheux em relação à proposta saussuriana é, portanto, a língua e(m) seu funcionamento, já que, em vista disso, o analista do discurso "parte do pressuposto de que já está em Saussure a ideia de que a língua não desempenha uma função qualquer, seja ela enunciativa, comunicativa ou interacional, uma vez que, pelo social, a língua tem um funcionamento próprio" (Petri & Cervo, 2016, p. 266). Assim, se a língua tem seu próprio modo de funcionamento, compreende-se através desse campo epistemológico que ela não é estanque, muito menos transparente, mas que revela, fundamentalmente, no que se refere à ideia de que a "linguística demonstra que no discurso ou na fala alguma coisa se repete materialmente" (Henry, 2013, p. 155).

Petri e Cervo (2016, p. 262) descrevem que a "teoria saussuriana está na base da reflexão de Pêcheux sobre o conceito de língua, em particular naquilo que singulariza tal definição, que é a materialidade e o efeito metafórico" (p. 262), ou seja, a materialidade é uma condição *sine qua non* para a fundação da língua enquanto alicerce para os processos discursivos. Continuam as autoras pontuando que

> A língua é "a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados", afirma Pêcheux (1975/2009, p. 81, grifo do autor). Alicerçada no diálogo que o autor francês estabelece entre Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise, tal definição pressupõe um deslocamento substancial em relação à teoria saussuriana de sistema linguístico, uma vez que é proposta para dar conta de uma teoria do discurso, uma "teoria geral da produção dos efeitos de sentido" (Maldidier, 1990/2003, p. 21), os quais só podem ser trabalhados na/pela ordem da língua, ou, em outras palavras, considerando-se a língua em funcionamento, e não apenas o seu sistema formal. (Petri & Cervo, 2016, p. 263)

Gadet, Leon, Maldidier e Plon (2014) pontuam, portanto, que desde 1969 Pêcheux mantém um forte parentesco com o texto saussuriano, "uma leitura informada, inteligente e pessoal, que faz realmente operar as noções saussurianas" (p. 41). É claro que a ADD69 configuraria um corolário de uma convivência íntima entre Pêcheux e o pensamento de Saussure; alguns efeitos foram:

> - Com respeito à concepção geral de língua: na passagem do interesse pela função ao interesse pelo funcionamento das línguas, ele tira proveito do fundamento do deslocamento saussuriano, ao reconhecer o traço fundamental sobre o qual repousa a linguística moderna a partir de Saussure: a língua é um sistema;
> - Se é verdade que ele constata, como os sociolinguistas, que a oposição língua/fala não poderia se incumbir da problemática do discurso, não é pela diluição da oposição que ele vai procurar resolver o problema, mas por meio de uma reflexão sobre o polo da oposição menos desenvolvido por Saussure: a fala;
> - O papel atribuído ao "efeito metafórico". Certamente influenciado também pela leitura de Jakobson (par metáfora/metonímia tal como é apresentado em "Linguística e Poética"), mas talvez, acima de tudo, pela compreensão de uma posição saussuriana sobre a língua, que parece dever algo ao mesmo tempo ao conceito de valor e à convivência com os Anagramas. (Gadet et al., 2014, p. 42)

Pêcheux dedicou várias páginas da ADD69 para dialogar de maneira crítica com a teoria de Saussure. Um dos nódulos do texto saussuriano operado por Pêcheux foi em relação à noção de fala e a de instituição, pois, para o fundador da AD, a língua é social e, também, política. Como nos pontua Henry (2013), "ainda que a língua só se manifeste pela fala (atividade individual), ela pode ser estudada nela mesma e é ela que faz a unidade da linguagem" (p. 163).

> [...] mesmo que explicitamente ele não o tenha desejado, é um fato que esta oposição autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados à sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas

> ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade. (Pêcheux, 1969/2014, p. 70 [*itálicos do autor*])

Ocorre que Pêcheux (1975/2014) realocou "a noção de fala" no campo do discursivo, pois, consoante ao pensamento pêcheutiano, fala e discursividade são noções distintas, já que o processo discursivo toma como materialidade a língua, sendo esta última definida por Pêcheux como indiferente à luta de classes. No entanto, a luta de classes não é apática à língua, tendo em vista que o discurso se inscreve em uma relação ideológica de classes (Pêcheux, 1975/2014), ou seja, a língua é chão onde as práticas discursivas, e consequentemente ideológicas, são implantadas. Nas palavras de Orlandi (2007a): "partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia" (p. 17).

De modo geral, a peculiaridade em relação ao gesto de leitura que Pêcheux dá aos escritos saussurianos consiste no "lugar particular que ele dá à língua" (Orlandi, 2007b, p. 17), isto é, um lugar de entremeio onde, de um lado, temos o encontro com Marx e Althusser para pensar a língua enquanto um sistema que funciona, uma materialidade na qual a ideologia irá inscrever-se e, do outro, o encontro com Freud e Lacan, tomando o inconsciente no ponto de relação entre língua e lalíngua (ou *alíngua*). Segundo Gadet e Pêcheux (1981/2004, p. 63):

> Pensar na revolução saussuriana como em algo que rompe, com certeza, com um passado realizado, é provavelmente a pior maneira de se representar o efeito Saussure. Saussure não resolve a contradição, invisível antes dele, que une a língua à alíngua: ele a abre, tornando-a visível. (Gadet & Pêcheux, 1981/2004, p. 63)

Ou seja, o fundador da AD não estabeleceu diálogo apenas com o Saussure presente no *Cours*, isto é, do CLG, mas também com um Saussure pouco conhecido e apresentado: trata-se do Saussure saturnino, o dos manuscritos mencionado acima, escritos furtivos e ocultados historicamente como "um fantasma a sujar a reputação do mestre genebrino" (Patti et al., 2017, p. 222), que de certo modo causa um furo nesse sistema quadradinho, cimentado e estrutural, pois será nesses escritos que um Saussure dos anagramas, do jogo de palavras, de uma artesania dos sons quebrados irá se revelar (Sousa, 2016). Em relação ao Saussure dos manuscritos, El-Jaick (2016, p. 207) pontua que:

> Saussure escreve com uma mão hesitante, transbordando dúvidas, indecisões, suas rasuras, suas lacunas (que os editores dos manuscritos indicaram por meio de colchetes vazios [...]. É nesse movimento (errático, errante) que testemunhamos, agora, o *fundador* da linguística construir sua *ciência* linguística. Nos manuscritos, então, vemos o mestre genebrino tateando através da complexidade do objeto que elegeu para investigar; vemos o linguista expondo (à sua revelia, visto que esse não era um material para ser publicado) suas dúvidas e seus *discípulos*. Vemos, então, um investigador que se engana, se desvia e

> que, por vezes, anota depois de uma longa consideração: "Mas não era isso que eu queria dizer inicialmente. Eu me desviei". (El-Jaick, 2016, p. 207 [*itálicos da autora*])

Ora, ocorre que Pêcheux não ficou surdo, como muitos pós-saussurianos ficaram, à voz de um Saussure que não tomava a língua como um sistema totalmente fechado, mas sim aberto, poroso, furado, que compreendia a língua em sua divisão. Como descreve El-Jaick (2016): "Os *Escritos* confirmam a desconfiança que a leitura do *Curso* suscitava: o pensamento de Saussure é inconcluso – o que aumenta sua potência" (p. 208, [*itálicos da autora*]). Ou seja, devemos ler o CLG em sua incompletude.

Um ponto elementar da obra saussuriana é a noção de valor, já que, de acordo com El-Jaick (2016), "um elemento só diz seu valor diante de outros elementos de mesma ordem" (p. 210). Isso significa que o valor só existe ao ser colocado em relação a um referente, e, como é apresentado por Depecker (2010, como citado por El-Jaick, 2016), o valor deve ser compreendido em seu caráter social. Portanto trata-se também de um Saussure pós-estruturalista, pois, se no CLG ele se empenha em trabalhar o funcionamento da língua (estruturalismo), os manuscritos apresentam a língua em seu funcionamento (pós-estruturalismo), dado que institui uma sistematização sempre aberta, uma estrutura dinâmica e movente. Saussure (2002) expõe em seus manuscritos que a língua "não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar (p. 249)". Um Saussure que proseia com Pêcheux no que concerne ao acolhimento de um "vazio na ordem da língua, seja como intervalo seja como impossível" (Sousa, 2016, p. 33).

Com isso uma matriz teórica e de fundamental importância para os efeitos de fundação da AD foi Saussure, pois com ele Pêcheux apanhou a língua no campo saussuriano como base para a constituição dos processos discursivos. Deste modo, Pêcheux lançou olhar e escuta às contradições da língua e o que esta carrega de um real enquanto impossível, ontem, hoje e sempre, um real como aquilo que resiste, nas palavras de Pêcheux (1983/2015) um real "constitutivamente estranho à univocidade lógica" (p. 43).

Diante desse paradigma epistemológico, trata-se de uma língua como um sistema em funcionamento, que opera através da contradição e divisão dos sentidos, como veremos mais adiante. Uma divisão que o criador da AD creditou também aos sujeitos e aos discursos. Deste modo, a língua torna-se materialidade para as práticas discursivas, e o discurso, por seu turno, é materialidade para as inscrições ideológicas (Orlandi, 2007a). Aqui passamos para uma outra matriz de conhecimento que irá alicerçar a AD, isto é, o materialismo histórico e os estudos sobre a ideologia, principalmente no que tange à leitura de Althusser da obra de Marx.

Louis Althusser, eminente teórico marxista, foi membro do Partido Comunista Francês (PCF), o que, segundo Pêcheux (1983/2014), fez com que algo de novo fosse ouvido no interior do movimento operário, já que, enquanto um intelectual inquieto, Althusser promove uma articulação melindrosa dos conceitos teóricos do marxismo com a psicanálise, sendo esta última considerada pelo movimento marxista como uma "ideologia reacionária" (Althusser, 1985). Assim como Lacan, o teórico marxista se propôs um retorno aos textos fundadores de Marx e Freud, acionando uma leitura que rompe com a ciência humana que intentava empenhadamente, sem muito sucesso, obturar o furo que nos constitui como humanos (Patti, 2014), ou seja, a cissura epistemológica althusseriana rompe com a vivência fenomenológica e com o sujeito cognoscente da psicologia (Carvalho, 2008).

Em *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIE), Althusser, em um primeiro momento, retomou os fundamentos do pensamento de Marx como superestrutura e infraestrutura, e destacou a noção de que a formação social necessita reproduzir suas condições de produção a fim de permanecer viva, isto é, nas palavras do filósofo, "a condição última da produção é, portanto, a reprodução das condições da produção" (Althusser, 1970/1980, p. 9). À vista disso, a reprodução das condições de produção tem como funcionamento a reprodução das forças produtivas e a reprodução das relações de produção existentes; em outras palavras, na primeira temos a mão de obra, terra, ferramentas, máquinas, tecnologia e na segunda encontramos a relação entre burguesia e proletariado, ou seja, uma relação que implica diferenças.

Deste modo, podemos dizer que as relações de produção interferem nas forças produtivas; por exemplo, em uma formação social capitalista temos um determinado grupo de pessoas que se tornam proprietários das forças produtivas e, doutro lado, um grupo que fornece sua mão de obra[27]. Isso posto, a reprodução dos modos de produção visa alimentar a formação social vigente, que no nosso caso é o capitalismo; o que alimenta este último, portanto, é a desigualdade social.

Em AIE, Althusser irá descrever sobre os Aparelhos (repressivos) de Estado (AE) e os AIE, sendo que o primeiro age por via da violência e o segundo consiste num conjunto de realidades que se apresentam para o sujeito. Deste modo, em relação aos AE que atuam pela via da violência, Althusser (1970/1980) diz que eles compreendem

[27] Aqui destaco as contribuições do Curso de Extensão "Bases Teóricas da Análise do Discurso", realizado nos dias 25 de setembro a 20 de novembro de 2019 na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto (FFFCLRP/USP), organizado pelo Laboratório Discursivo E-L@DIS coordenado pela Prof.ª Dr.ª Lucília Maria Abrahão e Sousa.

> o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão 'funciona pela violência', – pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo, administrativa, pode revestir formas não físicas). (Althusser, 1970/1980, pp. 42-43)

Althusser avisa que os AE tomam a violência como força de execução e de intervenção repressiva para assegurar a reprodução dos modos de produção da formação social dominante, isto é, a reprodução das relações de exploração do Estado capitalista; em outras palavras, permitir que as classes dominantes garantam a sua dominação sobre a classe oprimida (Althusser, 1970/1980), além de promover as condições política para o funcionamento dos AIE. Na perspectiva althusseriana o AIE consiste em "um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas" (Althusser, 1970/1980, p. 43), ou seja, instituições como família, escolas, religião, partidos políticos, mídias, arte e cultura, sistema jurídico compõem os AIE.

Portanto, o que diferencia os AE dos AIE é que os primeiros funcionam pela violência, já os segundos pela ideologia; em vista disso, quando os AIE começam a falhar, a não manter a formação social dominante, os AE entram em cena com a repressão (inclusive física) para proteger os AIE. Consequentemente, podemos inferir que é pela ideologia que os AE e AIE convivem harmoniosamente (as vezes de modo precário), pois um garante a sobrevivência do outro (Althusser, 1970/1980).

Podemos pensar aqui sobre as transidentidades como modos de subjetivação que acabam por irromper as classes hegemônicas em relação às categorias de gênero e sexualidade. Ou seja, quando as instituições que compõem o AIE falham, isto é, não dão conta de manter uma formação social cisheteronormativa, por exemplo, o que irá aparecer para conter tais resistências ao ritual ideológico serão os AE. Vide os casos de violências diversas sofridas por pessoas que se identificam nas transidentidades, a morte enquanto horizonte possível, as privações dessas pessoas em circularem em determinados espaços, o silenciamento da fala dessas subjetividades dissidentes etc. No entanto, como posto anteriormente, será pela ideologia que AIE e AE irão conviver harmoniosamente; assim, em uma formação social capitalista, a tratativa para as transidentidades acontece por via do extermínio ou da inclusão desses sujeitos por via do consumo e de categorias de gêneros, como forma-sujeito capitalista (Orlandi, 2007a).

Outros pontos importantes desenvolvidos por Althusser, e aos quais Pêcheux não fica cego, são as noções de sujeito e ideologia, conceitos medulares levados até as últimas consequências pelo analista do discurso. Deste modo, como já mencionado, o materialismo

histórico será peça fundamental no empreendimento de Pêcheux em sua construção da AD, principalmente na feitura de Pêcheux em desenvolver uma teoria não-subjetivista da subjetividade, uma vez que, bebendo da fonte de Althusser, irá conjeturar que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos de seus discursos.

Assim, foi amparado em AIE que o fundador da AD fisgou o seguinte enunciado: "o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão" (Althusser, 1970/1980, p. 124). Althusser, ainda em AIE, relata que "só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos" (p. 93); dito de outro modo, "a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia [...] na medida em que toda ideologia tem por função (que a define) constituir os indivíduos concretos em sujeitos" (p. 94). Compreendendo que a ideologia "representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência" (Althusser, 1970/1980, p. 77), percebe-se que essa relação dos homens com suas condições reais de vida se dá por meio da ilusão de liberdade, pois o desenvolvimento das forças produtivas exige que o sujeito se torne seu próprio proprietário.

Althusser, ainda, preconiza o caráter material da ideologia, ou seja, a ideia de que toda ideologia se realiza num aparelho e em suas práticas, tendo assim sua materialidade; em outras palavras, os sujeitos devem agir segundo os preceitos ideológicos nos quais inscrevem suas práticas materiais, de acordo com os atos esperados para aquela ideologia: "só existe prática através e sob uma ideologia" (Althusser, 1970/1980, p. 91). Althusser alerta contra as tradicionais noções filosóficas que visam fazer do sujeito um ser livre e não determinado, imputando-lhe a origem de todo fenômeno. Para Althusser, a forma-sujeito que toma todo indivíduo explica-se pelo fato de que toda ideologia tem por função "constituir" indivíduos concretos em sujeitos. Ele ensina que os sujeitos agem em e sob as determinações das formas de existência histórica das relações sociais, dando a entender que tanto a ideologia quanto a possibilidade de ser sujeito são uma só e mesma coisa.

Em vista disso, no seu anseio de estabelecer uma relação entre teoria marxista e alguns conceitos da psicanálise (Pêcheux, 1983/2014), Althusser promoveu muitos ruídos e rupturas nos campos teóricos do século XX. Foi com seu encontro com Jacques Lacan que Althusser estreitou mais ainda sua relação com a psicanálise e o pensamento de Freud, pois foi Lacan considerado o grande freudiano que também empreendeu um retorno aos fundamentos da psicanálise. Um encontro além do conhecimento teórico produzido por cada um, mas que também se deu através de um acolhimento que Althusser faz a Lacan, após este último ter sido "excomungado" da Sociedade Francesa de Psicanálise (filiada à Associação Internacional de Psicanálise – IPA).

No ano de 1964, Lacan inicia seu Seminário intitulado *"Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise"* na *École Normale Supérieure* (ENS), e no mesmo ano Althusser publica seu artigo *"Freud e Lacan"*, um texto de diálogo com o Seminário de Lacan. Como descreve Carvalho (2008), "Althusser retoma nesse artigo, ponto por ponto, o caminho de Lacan, mostrando como a psicanálise se estrutura como uma ciência que tem por objeto o inconsciente, e como esse objeto vem a ser tratado a partir dos dados da linguística estrutural" (p. 31). A acolhida de Althusser ao ensino lacaniano foi também o que propiciou o encontro de Michel Pêcheux – recém-formado pela ENS – com Lacan, um encontro que não é sem consequências, haja vista que o pensamento lacaniano irá ressoar na obra pêcheutiana (Patti et al., 2017).

Nas palavras de Lacan (1964/2008), "só existe causa para o que manca" (p. 29), o que irá aparecer sob a pena de Pêcheux (1983/2014) como "só há causa daquilo que falha", algo que sempre escapa, não fecha, o que faz Pêcheux pensar que não há ritual ideológico que se complete. Com isso, podemos começar a observar os respingos do ensino de Lacan na obra pêcheutiana. Patti (2014) pontua que Pêcheux estabelece uma forte transferência[28] com a psicanálise lacaniana. E foi Althusser quem mediou os fios transferências entre Pêcheux e a psicanálise, já que Althusser, um dos mestres do jovem filósofo formado na ENS – Pêcheux –, era amigo de Lacan e leitor assíduo da obra freudiana. Assim, algo desse desejo de Althusser pelo ensino e transmissão da psicanálise chegará de algum modo a Pêcheux.

A obra AAD69 foi publicada no mesmo ano que Lacan ministrava mais um de seus seminários, intitulado *"O avesso da psicanálise"*. Foi neste seminário que o psicanalista francês desenvolveu sua teoria acerca dos quatros discursos que, de modo sucinto, consistiam numa forma de fazer laço social e de escutar a posição do(a) analisante em um processo de análise. O discurso no campo lacaniano pode ser definido da seguinte maneira:

> Um discurso funda um laço social, é sua função e também sua definição. Esse laço social entre dois indivíduos está condicionado pela estrutura da linguagem que faz que um significante represente um sujeito para outro significante. Para que haja laço social, é necessário que haja esse princípio de base que é a identificação: que cada um seja identificado pelo outro que o reconhece. (Nominé, 2018, p. 58)

[28] Sobre o conceito de transferência (*Übertragen*), trago uma definição de Hanns (1996): *Übertragen* compõe-se de *über* (por sobre) e *tragen* (carregar). Evoca um "arco de ligação" que mantém interligados dois pontos. [...] Em português talvez pudéssemos descrever algo semelhante através da sequência: "carregar-de-lá-pra-cá-e-depositar-aqui" [...] que pode referir-se a voltar a um ponto passado (de origem) e trazer o material para o presente. [...] Há no termo plasticidade e reversibilidade. É como se pudesse continuar a transitar entre os pontos (Hanns, 1996, p. 413 citado por Patti, 2014, p. 70).

Lacan desenvolve a teoria dos discursos nos anos 70, que aos olhos de Nominé (2018) parece ter sido uma resposta ao "barulho de 68", movimento que debatia justamente a mestria nos espaços universitários e produção de conhecimento. Neste trabalho não recorremos aos discursos de Lacan como aporte teórico para pensar o nosso objeto de estudo, não sendo de nosso interesse escutar o particular de um analisante; em vista disso, trouxemos à tona os discursos formulados pelo psicanalista francês a fim de apresentar como Lacan esteve às voltas com o conceito de discurso.

Como alerta Plon (2012), há nessa topada teórica entre Pêcheux e Lacan aproximações e distanciamentos importantes, pois, como vimos anteriormente, por mais que não exista sujeito sem o Outro, que o inconsciente seja o discurso do Outro, que o inconsciente seja a política, a psicanálise é um método de investigação e tratamento, ou seja, uma clínica que visa oferecer escuta e tratativas para dado processo de sofrimento. A AD, por sua vez, se estabelece como uma disciplina de entremeio e de interpretação, que faz questionar a transparência da linguagem, uma vez que há uma historicidade inscrita na língua impedindo um sentido literal, denunciando em seu âmago as operações ideológicas e inconscientes. Com isso, ao pensarmos os abeiramentos entre AD e psicanálise, sublinhamos que se trata de campos teóricos diferentes, com objetos de investigação distintos, dado que a AD toma como objeto o discurso (Pêcheux, 1975/2014) e a psicanálise lacaniana o sujeito do inconsciente (Eidelsztein, 2020).

No percurso pêcheutiano se construiu um dispositivo teórico-metodológico, todavia ainda faltava o que ligaria as noções de ideologia e discurso. Foi em Althusser, como vimos, principalmente no AIE, que Pêcheux tomou o sujeito como uma espécie de "solda" entre esses dois termos, pois com Althusser o sujeito é compreendido como um efeito ideológico elementar, que promove tanto a evidência do próprio sujeito e também dos sentidos (Carvalho, 2008). Em 1975, Pêcheux publicou seu artigo intitulado *"A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas"*. De acordo com Carvalho (2008), o artigo porta como propósito uma espécie de atualização e transição para a obra *"Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio"*; à vista disso, este escrito visa apresentar o quadro epistemológico geral do empreendimento que é a AD. O texto escrito em parceria com Catherine Fuchs apresenta a articulação das já mencionadas três regiões que embasam a AD:

> 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
> 2. a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
> 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.
>
> Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014, p. 160)

De acordo com Patti et al. (2017), Pêcheux, também em 1975, irá publicar uma obra de fôlego: *"Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio"*, uma obra que marca uma segunda fase da AD e que é considerada um dos trabalhos mais importantes propostos pelo analista do discurso. Nas palavras de Carvalho (2008):

> Mais que um texto, *Semântica e discurso* é o grande *livro* de Pêcheux, aquele em que testemunhamos o ponto culminante dos desenvolvimentos conceituais anteriores e que apresenta o estado mais acabado da teoria. Ele tem o fôlego de uma obra que pretende intervir teórica e politicamente no cenário francês em nome de uma concepção materialista do discurso. (p. 43)

Semântica e Discurso traz um seu mote um escopo teórico robusto, diretrizes metodológicas, uma teoria materialista do discurso e, também, será nele que toparemos com o par inconsciente e ideologia em uma época mais madura de Pêcheux (Patti et al., 2017). Essas categorias de ideologia e inconsciente

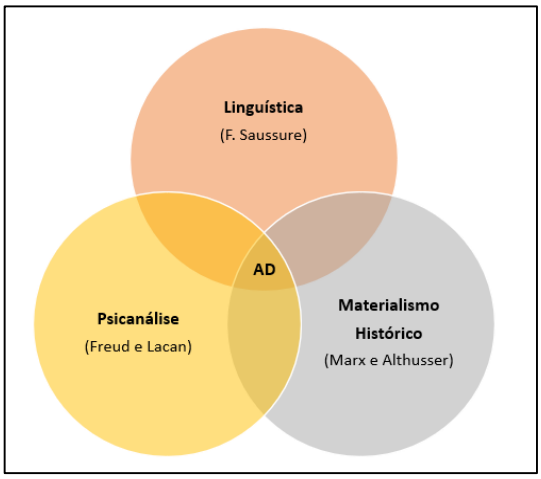
> se encontram em sua forma de funcionamento, ao "[...] dissimular sua própria existência no interior do mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, devendo entender-se este último adjetivo não como "que afetam o sujeito", mas de forma mais visceral, "nas quais constitui o sujeito"" (Pêcheux, 2009a, p. 139). É ainda nesse texto, que Pêcheux [...] conjuga ideologia com inconsciente na seguinte analogia: "[a] Ideologia é eterna" (omni-histórica) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: "o inconsciente é eterno" (Pêcheux, 2009a, p. 138). (Patti et al., 2017, p. 227)

Nessa sua amadurecência presente em *Semântica e Discurso*, Pêcheux chega à sua definição vigorosa do conceito de discurso, para teorizá-lo, tomá-lo como objeto de investigação; com isso, o discurso como objeto científico torna-se matéria prima de análise do momento marcado por uma trilogia relevante, qual seja: a língua, o sujeito e a história, nos entremeios litorâneos entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Eni Orlandi (2015), na *"Nota ao leitor"* da edição brasileira de *"Discurso: estrutura ou acontecimento"*(1983/2015) – último livro de Pêcheux – nos diz que o fundador da AD "exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios" (p. 7), ou seja, Pêcheux, se propôs refletir questões (im)pertinentes ao campo histórico-social, linguístico, ideológico e inconsciente. Deste modo, o discurso, como conta Maldidier (2003, p. 15), porta o estatuto de "um verdadeiro nó", pois, é nesse nó(s) discursivo que irá ocorrer uma encruzilhada dos conceitos de língua, história e sujeito (Patti, 2014).

Deste modo, afetado por essas disciplinas, Pêcheux, teceu sua "teoria não subjetivista da subjetividade" (Pêcheux, 1975/2014), teorizando na urdidura da linguagem, os processos ideológicos e inconscientes que constituem os discursos, conceituado como "efeito de sentidos

entre interlocutores" (Pêcheux, 1969/2014). Assim, em sua aventura teórica, Pêcheux se lançou em uma busca infinita que, sem cessar, lhe escapa; mais ainda, ele se assentou em uma região perigosa, já que a AD carrega em seu caráter um viés de ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica, ou seja, no seu entremisturar de saberes particulares a AD definiu o discurso enquanto um objeto-fronteira, que trabalha na estremadura de grandes divisões disciplinares (Leandro Ferreira, 2003). Portanto, a AD se constitui nesse litoral entre saberes:

Figura 8 - Tríplice Aliança da Análise do Discurso



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Pêcheux, com seu objeto-fronteira, isto é, o discurso, irá desenvolver uma teoria discursiva que irá compreender o discurso como uma prática linguageira, onde não se importa muito com a função da língua, mas sim com o seu funcionamento. Um funcionamento que produz sentidos para e por sujeitos; dito de um outro modo, que entende o discurso como um dizer em sua mobilidade, uma língua dançante, tornando "possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive" (Orlandi, 2007a, p. 15).

> A Análise de Discurso não trabalha com a língua da Lingüística, a língua da transparência, da autonomia, da imanência. A língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência. (Leandro Ferreira, 2013, p. 42).

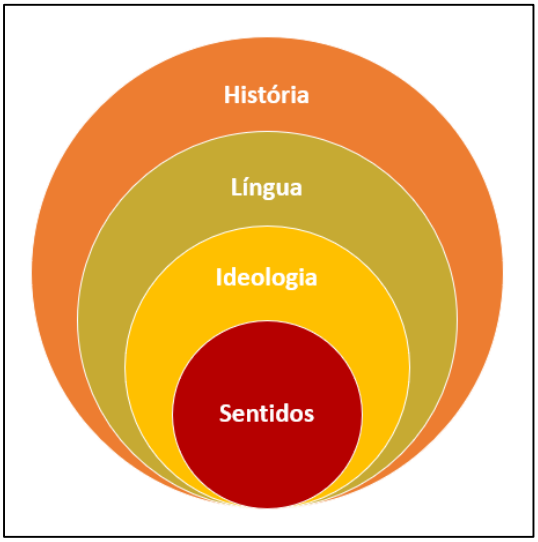
Ou seja, a língua na AD confere um sistema "passível de falhas, e por essas falhas, por essas brechas, os sentidos permitem deslizar, ficar à deriva" (Leandro Ferreira, 2003, p. 42), uma noção de língua muito mais próxima dos manuscritos saussurianos. Desta forma, como

alerta Pêcheux (1975/2014), os sentidos não existem em si mesmos, eles sempre podem tornar-se outros, na medida em que são determinados sócio-historicamente pelas posições ocupadas, evidenciando assim uma contradição, uma tensão na disputa dos sentidos que se triscam e dos sujeitos ideologicamente interpelados.

> O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe "em si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-históricos no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (Pêcheux, 1975/2014, p. 160 [*itálicos do autor*])

Nesses deslizamentos de sentidos, concebemos que o discurso não é estanque, tampouco solitário: o discurso é inquieto, dinâmico, movediço, sempre se mantém perfurado, pois, como pontua Orlandi (2005), a "relação pensamento/linguagem/mundo permanece aberta" (p. 19) e, devido a essa abertura, o processo discursivo é determinado, regido e governado ideologicamente. Portanto, é na trama da língua, isto é, em sua equivocidade, que ocorre o atravessamento da história na língua, produzindo sentidos, concebendo uma discursividade (Orlandi, 2005). Toma-se a linguagem em sua opacidade, ou seja, ela não é transparente, os sentidos não são óbvios ou evidentes, não há literalidade, pois a linguagem (os sentidos) é materializada na ideologia, sendo esta última gravada na língua, que por sua vez se inscreve na história para que haja sentido.

Figura 9 - Estrutura do discurso em Pêcheux



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa relação lacunar entre pensamento, linguagem e mundo, ou seja, a condição de incompletude da linguagem faz com que a falta seja morada do possível (Orlandi, 2005); em vista disso, a incompletude é condição para todo processo de significação. Leandro Ferreira (2003) irá trazer a metáfora da rede de pesca para pensar a importância dessa incompletude, da falta, do furo. Em suas palavras:

> Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. (Leandro Ferreira, 2003, p. 44)

Será nessa determinação, portanto, que a ideologia irá interpelar o indivíduo, tornando-o sujeito de seu discurso, pois para Pêcheux o discurso materializa e faz circular toda uma ideologia dominante, que produz efeito de evidência para o sujeito, isto é, a ideologia funciona na naturalização de alguns sentidos e silenciamento de outros (Pêcheux, 1975/2014).

> [...] é a ideologia que fornece as evidências pelas quais 'todo mundo sabe' o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc. evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que marcaram, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (Pêcheux, 1975/2014, p. 146)

Esse assujeitamento, que não conta com o controle do sujeito, consiste em uma posição em que se faz falar alguns sentidos e censurar, rasurar, silenciar outros. Como descreve Orlandi (2007a), "o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele" (p. 32). Logo, o sujeito do discurso é aquele que, para falar (e produzir sentidos através dessa fala), precisa se submeter a uma formação discursiva (FD), que consiste naquilo que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição numa dada conjuntura, sendo a FD um elemento da formação ideológica (FI). Deste modo, o sujeito discursivo não porta uma essência em si mesmo, mas inscreve-se em determinadas FD, ou seja, o sujeito identifica-se a partir do lugar que o mesmo ocupa nas relações de poder tramadas socialmente (Pêcheux, 1969/2014). Nas palavras do analista do discurso:

> As formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais *formações discursivas* interligadas que determinam o que *pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada: o ponto essencial aqui é *que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida onde elas determinam a significação que tomam essas palavras: [...] as palavras mudam de sentido conforme

> as posições ocupadas por aqueles que as empregam; se pode precisar agora: as palavras "mudam de sentido" ao passar de uma *formação discursiva* à uma outra" (Haroche, Henry & Pêcheux, 1971, pp. 102-103, citado por Carvalho, 2008, p. 40 [*itálicos do autor*]).

Assim, Pêcheux define o sujeito como uma posição no discurso que é ocupada a partir de determinada condição de produção discursiva (CP), e podemos compreendê-la como uma determinada configuração (imediata e sócio-histórica) em que o sujeito que fala se encontra, ou seja, é o contexto que produz e afeta os dizeres, que sustenta e faz circular os dizeres discursivamente; trata-se da exterioridade do discurso.

> O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. [...] Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (Orlandi, 2007a, p. 30)

Com isso, ressaltamos que a referência às CP nos processos discursivo, confere a existência de uma exterioridade que determina o discurso, um exterior que só é fisgado em um procedimento de pulverização do texto, isto é, quando colocamos o texto em relação a um conjunto de outros textos que o antecedem. Deste modo, o que detectamos é que um discurso é sempre atravessado, ou seja, que há um já-lá – um já-ouvido e um já-dito – que de certo modo balizam os dizeres aqui-agora (Carvalho, 2008). Deste modo, a relação entre memória e discurso tem que ser considerada, uma vez que o discurso, como destaca Pêcheux, não é independente dos trás-mundos, ao contrário, será esse pré-mundo – sócio-historicamente inscrito – que determinará o que pode e deve ser dito (Pêcheux, 1982/1990). Aí está o primado do interdiscurso, definido como aquilo que fala antes, noutro lugar, de modo independente (Orlandi, 2007a).

> Alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai-se historicizando aqui e ali, indiferentemente, mas marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder – traz em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos apesar de suas vontades. O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. (Orlandi, 2007a, p. 32)

Após a AD perder prematura e tragicamente seu principal pensador, Pêcheux, em 1983, ocorreu um esvaziamento do seu grupo de pesquisa, e hoje, na França, praticamente não se ouve falar mais de Pêcheux. Será no Brasil que Pêcheux será lembrado e avivado simbólica e teoricamente. A entrada da AD no Brasil ocorre na década de 1980, momento político melindroso, já que o país passava por uma Ditadura Militar, permeada por censuras, repressões e violências.

A leitura de Pêcheux será efetuada especialmente por Eni Puccinelli Orlandi e seu grupo na Universidade de Campinas (UNICAMP), trazendo desenvolvimentos interessantes da teoria, trabalhando sempre no entremeio das disciplinas que a constituem (Orlandi, 2007b).

Orlandi trouxe fortes contribuições para a AD praticada no Brasil, já que os trabalhos desenvolvidos pela analista do discurso deram enfoque em um marco epistemológico importante, pois reconhece na linguística, na psicanálise e no materialismo histórico seus fundamentos teóricos.

> A análise de discurso tem seu método e seu objeto próprios que tocam os bordos da linguística, da psicanálise, do marxismo, mas que não se confundem com eles. Podemos, isso sim, dizer que a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões específicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria psicanalítica do sujeito. É este o contexto teórico da análise de discurso. São essas as condições históricas do aparecimento da análise do discurso. (Orlandi, 2015, p. 15)

Ora, tomando a AD enquanto uma disciplina de entremeio não devemos cair em um reducionismo e atribuir à AD uma designação disciplinar ou uma bricolagem de saberes, pois ao fazer isso podemos instalar um caráter instrumentalista à AD, e isso ela não é, já que estamos diante de uma teoria crítica da linguagem (Leandro Ferreira, 2003), que questiona as evidências implantadas ideologicamente. Uma teoria que questiona o que está por detrás da opacidade da língua, da materialidade discursiva, de uma textualidade; uma teoria que questiona e porta um método próprio com dispositivos de análise próprios.

Realizaremos adiante uma análise discursiva, onde poderemos ver alguns sentidos sendo mobilizados. Para tanto recorremos à noção de sequência discursiva (SD), que, de acordo com Courtine (2013), consiste em recortes discursivos retirados do nosso *corpus* que anunciam materialidades discursivas que podem ser verbo-visuais, verbais e não verbais. Na sequência discursiva abaixo (SD 1), resgatado da página do Facebook Muriel Total, podemos elaborar um gesto de análise acerca dos sentidos sobre o corpo nas transidentidades. Tomamos esta *charge* enquanto uma materialidade significante, isto é, como "sítio de significação" (Orlandi, 2012).

SD 1[29]

Na SD 1, nos deparamos com alguns sentidos sedimentados, como no primeiro quadrinho da *charge*, onde um interlocutor diz que Hugo, a personagem, nunca será "uma mulher de verdade", ou seja, um jogo está em curso, pois o enunciado traz uma evidência de que Hugo, por ser homem, não pode ser mulher, pelo menos não de verdade. Ora, o que se coloca aqui como verdade? O que seria uma mulher de verdade? Qual a verdade que revela (ou esconde) uma mulher? Se Hugo não pode ser uma mulher de verdade, seria ele uma mulher de mentira? E o que seria uma mulher de mentira? A evidência é que existam "mulheres de verdade", de que mulheres de verdade possuem corpos x e não y, assim, o que temos é a produção de uma obviedade que se encontra na ordem do dito, que insreve o fato de Hugo não poder ser mulher de verdade, portanto, o saber sobre o que determinaria ser uma "mulher de verdade" intervém como efeito de um pré-construído.

O corpo nas transidentidades irrompe em uma FD, que determina o jogo das posições imaginárias, já que é a ideologia que determina sentidos de evidência de que todo mundo sabe o que é um homem e o que é uma mulher, onde se compreendem o sexo e o gênero como duas (e únicas) realidades estanques, ou seja, ou se é homem ou se é mulher; aqui recordamos a lógica disjuntiva que fala Pêcheux (1983/2015):

> é impossível que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e que ganha mais, que seja civil e que seja militar, que tenha sido eleito para tal função e que não o tenha sido etc. (Pêcheux, 1983/2015, p. 30)

Vemos na SD 1 que o sujeito foi interpelado pela ideologia como homem, um sempre-já homem, e que ao se vestir de mulher o sujeito carregaria uma mentira; dito de um outro modo, pode até ser mulher, mas trata-se de uma falsa mulher, uma mulher de mentira. Assim, nas tramas do inconsciente e da ideologia o sujeito é interpelado para posicionar-se. Desse

[29] Fonte: Facebook (2012). Disponível em: https://www.facebook.com/Muriel-Total-105426406276818/

modo, a interpelação consiste em que, situado em uma determinada posição, o sujeito fala, coloca a engrenagem do sentido para funcionar. A personagem Hugo, enquanto "condição" de homem, não pode ocupar o lugar de mulher, e caso o fizesse, não seria uma mulher de verdade. E a personagem tenta construir uma reposta para tornar-se uma mulher de "verdade"? "E agora" indicia o esforço de Hugo de ser reconhecido como mulher?

Aqui não podemos nos esquecer do discurso humorístico, muito presente no funcionamento discursivo das *charges*. De acordo com Henge e Behenck (2008), a *charge*, enquanto uma materialidade linguística e imagética, revela um efeito de humor que acontece na língua em sua inscrição na história. Como afirmam Gadet e Pêcheux (1981/2004), o funcionamento do humor opera como uma rachadura de saberes, crenças e preceitos, o que configura o riso como efeito de um estranhamento, de surpresa e de violação de um saber. Na SD 1, o enunciado "Gente, e agora?" inscreve uma questão destinado ao leitor, um Outro, dado que, se Hugo se percebe mulher, ou melhor, subverte a lógica binária do sexo/gênero, e o um Outro diz que ele não pode assim se descrever e ser, o que ele vai ser a partir de agora? Haja vista que Hugo nunca será uma mulher. Esse é o trabalho da ideologia, promover um sentido único, sem brechas, sem abertura, ou se é, ou não se é, ponto.

Freud (1927/1980) desenvolve interessantes contribuições acerca do humor. O psicanalista aponta que o humor não possui um caráter de resignação, mas sim de rebeldia, dado que se trata de uma resposta "à crueldade das circunstâncias reais" (p. 190), o que podemos compreender que o humor carrega uma operação de subverter determinadas formações e normas sociais. De acordo com R. Machado (2000), o humor funcionaria como um "mecanismo capaz de provocar mudanças sociais, tornando explícitas as diferenças com o preestabelecido e a razão imposta ideologicamente, possibilitando, assim, a liberação das tensões psíquicas" (p. 35). O autor continua dizendo que o humor, pela perspectiva discursiva, configura um projeto, cujo efeito de sentido demonstra o equívoco constitutivo da língua; assim, R. Machado (2000), retomando obra de Gadet e Pêcheux (1981/2004) "*A língua inatingível*", pontua que o humor ressoa o real da língua, que se revela através do absurdo, fazendo giros discursivos e tremendo o terreno da linguagem.

Assim, o humor presente na *charge* impõe um "funcionamento de linguagem que aponta para o equívoco e atesta a não-transparência do sujeito e do sentido" (R. Machado, 2000, p. 36). Os enunciados presentes na SD 1: "Quer saber?... Você nunca será uma mulher de verdade!" e "Gente, e agora?", colocam na cena discursiva uma interlocução entre uma posição-sujeito contrária às dissidências de gênero, identificações que questionam uma norma cisheterossexual e uma posição sujeito-trans que inscrevem outros modos de se posicionar do discurso e fazem

circular outros sentidos sobre sexo, gênero e corpo. Pêcheux (1983/2015) descreve que o poético e o humor não são "o domingo do pensamento"; em outras palavras, Pêcheux está criticando um movimento de situar o fazer científico de um lado (durante a semana) e que a poesia, o humor, a arte e a política do outro (finais de semana), ou seja, sentidos do sério e do não-sério. Assim, tanto o humor como o poético dizem do próprio funcionamento da língua, e não de uma operação excepcional, pois trazem em suas materialidades a torção, a metáfora, o joke e o equívoco (Pêcheux, 1983/2015).

Pelos fios da memória, chegamos a um outro recorte, uma outra situação discursiva; trata-se de uma reportagem veiculada em 1984 no jornal "Notícias Populares", onde se escrevia na manchete que *"A mulher mais bonita do Brasil é homem"*, acompanhado do seguinte enunciado "Vira a cabeça dos maridos e mata as esposas de ciúme", como vemos na figura abaixo.

SD 2[30]

Na reportagem, Roberta Close[31], uma mulher trans, é descrita como "uma morena de estonteantes 1,80m de altura, olhos negros, curvas provocantes (93 cm de busto e 103 de quadris) e uma malícia ingênua que não deixa dúvidas, merecia ter nascido mulher". Os sentidos legitimados na SD 2 marcam um jogo das posições imaginárias de um binarismo dos corpos e dos sexos, que, como veremos mais profundamente no capítulo 4, são sentidos que estão

[30] Fonte: O cão que fuma. Disponível em: https://www.caoquefuma.com/2017/04/mulheres-criancas-e-fantasmas.html

[31] Roberta Close (1964-atual) é uma mulher trans, modelo, atriz, cantora e apresentadora brasileira.

presentes na ideia de dimorfismo, ou seja, quando o "macho" e a "fêmea" da mesma espécie são marcados por uma diferença sexual. Trata-se da produção binária dos sexos que parte do isomorfismo (modelo de sexo único) e se desloca para o dimorfismo (modelo de dois sexos - binário). Nos enunciados "mulher mais bonita do brasil **é** homem", e "merecia ter nascido mulher", nos revela que, por mais que Roberta Close se reconheça enquanto mulher, seja "uma morena estonteante" e "curvas provocantes" sentidos atribuídos ao corpo feminino e da modelo, *ela* ainda é *ele*.

Aqui é importante pensar a noção do discurso *sobre* e o discurso *do*, trabalhado por Cassana (2018). A autora aponta que o discurso *sobre* as transidentidades atravessam o discurso dos sujeitos-trans, inscrevendo sentidos ao corpo nas subjetividades trans enquanto "anormais" diante de uma lógica binária dos sexos sustentada por campos de conhecimento como a ciência, a medicina e a biologia (Cassana, 2018). Assim, por mais que o corpo do sujeito-trans na SD 2 receba sentidos de um corpo feminino, "morena estonteante", "curvas provocantes", "mulher mais bonita" não são suficientes para designar a identidade de mulher para "um homem". Diante disso, o discurso jornalístico, que veicula uma reportagem com uma mulher trans na manchete principal, funciona como um discurso *sobre* o sujeito-trans, mais ainda, sobre o seu corpo.

SD 3[32]

Na SD 3, retomamos a lógica disjuntiva de Pêcheux, isto é, da impossibilidade de uma pessoa ser homem e ser mulher. No caso Pabllo Vittar, cantor e *drag queen*[33] brasileiro, foi

[32] Fonte: Pleno News. Disponível em: https://pleno.news/entretenimento/musica/depois-de-ser-mulher-mais-sexy-pabllo-vittar-leva-homem-do-ano.html

[33] Caracteriza uma expressão artística. Via de regra, está associado aos homens cis que usam roupas designadas ao gênero feminino para uma performance. Assim como as drag kings, que consistem em mulheres cis que se vestem com roupas ligadas ao gênero masculino para fins de trabalhos artísticos, como o humor ou a política.

premiado por dois prêmios, um por ser mulher mais sexy e outro por ser o homem do ano, ou seja, a mesma pessoa transitando entre os binarismos do gênero e do sexo. Bocchi (2017), sobre esses corpos contraditores, afirma que esses corpos dizem de uma contradição que denuncia, por um gesto de insubordinação ao "cistema" (sociedade regente pela lógico cis-hetero). Assim, a posição sujeito-trans estabelece outros sentidos para si e para seus corpos. Aqui há uma instalação do discurso *sobre*, ou seja, como o discurso midiático lança sentidos sobre determinado corpo, instalando uma contradição entre ser homem e ser mulher, ou seja, o "óbvio" sobre ser homem e mulher passa a ser remexido com esse dizer midiático.

Portanto, nas SD 1, 2 e 3, estamos diante de um funcionamento da língua em discurso, que entre interlocutores, isso é, posição sujeito-trans e posição sujeito-cistema, inscreve efeitos de sentidos de um corpo paradoxal, para retomarmos a noção de objetos paradoxais de Michel Pêcheux (1982/2011), que diz da presença de sentidos opostos em um mesmo objeto, postulando que não há uma homogeneidade dos objetos ideológicos. Assim, para Pêcheux, o objeto ideológico carrega em sua materialidade a divisão, a ambiguidade e a contradição que os constitui, uma vez que tais objetos, e aqui incluímos o corpo, portam a univocidade e o equívoco, permitindo o ato de resistência no interior da própria ideologia dominante (Azevedo, 2013). Em vista disso, o corpo paradoxal é o que faz conviver sentidos de "homem" e "mulher" no mesmo corpo, que faz coabitar um nome designado masculino "Pabllo" em um corpo compreendido enquanto "feminino", principalmente quando o artista está performando como *drag queen*.

Esse é o trabalho de um analista de discurso, garimpar no que está sendo dito os não ditos, a exterioridade do discurso. A *charge* e as matérias jornalísticas são textualidades que vão engendrando uma discursividade, que na movência da língua, apaga e denuncia o funcionamento ideológico no discurso, bem como revela as FD em que os sujeitos se posicionam para falar, significar e também causar furos, desestabilizar o já estabilizado. Como veremos no próximo capítulo sobre o sujeito para a AD, no intuito de refletirmos e mobilizarmos tal conceito não apenas em uma condição de uma dominação completa, pois algo dessa interpelação, dessa dominação, mantém-se precária, capenga, não toda.

Em vista disso, como nos recorda Patti (2014), o percurso pêcheutiano nesta empreitada de construir um novo campo reside em fomentar uma crítica em direção a uma corrente positivista

---

Fonte: Queer. Dicionário de gênero. Disponível em: https://queer.ig.com.br/2021-03-03/dicionario-de-genero-conheca-todos-os-termos-e-saiba-quando-usa-los.html.

e ensimesmada que engessava as práticas de produção de conhecimento; no entanto, não é de interesse de Pêcheux deixar um vazio, ou apenas as cinzas dessas teorias, mas como ele pontuou o trabalho é de acender um fogo que não incinera, mas provoca mudanças (Pêcheux, 1983/2014). Assim, o discurso como objeto científico foi constituído, como vimos nesta seção, no entremeio de três campos do saber, o qual Pêcheux nomeou tríplice aliança, sendo elas a Linguística e seu cunho estruturalista como estabeleceu dada leitura de Saussure, o Materialismo Histórico de Marx e a noção de Ideologia desdobrada por Althusser, e por fim, a Psicanálise fundada por Sigmund Freud e avançada por Lacan.

Através desses campos, foi essa trilogia alicerçada pela língua, história e sujeito que "serviu de andaime para projetar o que viria ser, ainda, a AD tal qual como temos acesso hoje" (Patti, 2014, p. 78), esse é o chão sobre o qual se edificou a AD. Portanto, a AD é a região teórica que situamos para analisar nosso objeto de investigação, ou seja, o corpo nas transidentidades. Com isso, destacando nosso lugar de analistas do discurso, intentamos na movência da língua, nos fios históricos, nas tramas entre ideologia e inconsciente compreender os sujeitos e produção de sentidos (Orlandi, 2007a), inclusive para/sobre seu corpo.

2.2. De novo (mais de outro modo) o sujeito: na captura da ideologia

"Ideologia. Ideias deles. Querem me invadir. Resisto!
No corpo e na mente. Sou parte de algo muito maior" (Virgínia Guitzel)[34]

Intenta-se neste subcapítulo continuar nossa caminhada pelas estradas da AD pêcheutiana para apresentarmos uma outra (e próxima) noção de sujeito estabelecido pela psicanálise, uma outra porque não se refere a um sujeito escutado na clínica, no divã de um psicanalista, em um tratamento psicanalítico de um sofrimento particular, mas sim um sujeito que é convocado a se apresentar por via de uma interpelação. Assim, um sujeito distante e ao mesmo tempo próximo do que foi visto no capítulo 2, haja vista que se trata de um sujeito na/da linguagem, faltoso e interpelado em sujeito pela ideologia para que assim se inscreva o seu dizer. Nas palavras de Orlandi (2005):

> Não é vigente, na Análise de discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito

[34] Disponivel em: < http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=23410 >. Vírginia Guitzel, travesti, poeta, militante feminista e colunista no Esquerda Diário.

> à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (p. 50)

Pêcheux, assim como a psicanálise, também não sustentava a concepção de um sujeito substância, portador de características, evidente, que circula ainda hoje nas Ciências Humanas; diante disso, trazer a psicanálise para o campo epistemológico da AD significava, então, entrar com força uma outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado e submetido ao discurso inconsciente (Leandro Ferreira, 2005a). Falar de sujeito, é de algum modo, falar da falta que lhe é inerente e que o constitui, o que implica necessariamente as concepções de inconsciente, linguagem e ideologia. E, devido a isso, colocamos que Pêcheux anuncia uma teoria não-subjetivista da subjetividade, pois, partindo de uma teoria materialista do discurso, estamos lidando com uma teoria que não fica cega à exterioridade do discurso, à história, que empresta olhos e escuta aos processos de imposição e dissimulação que constituem o sujeito.

Em outro trabalho, Leandro Ferreira (2003) destaca que Pêcheux, em seu percurso de forjar o conceito de sujeito na AD, um conceito elo que irá amarrar discurso e ideologia, caminhou pelas alamedas teóricas da psicanálise freudiana desdobrada por Lacan. Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux pontua:

> [...] não se trata aqui de evocar, em geral, "o papel da linguagem" nem mesmo "o poder das palavras" deixando incerta a questão de saber se se trata do *signo, que designa alguma coisa para alguém*, como diz J. Lacan, ou se trata do *significante*, isto é, daquilo que representa o sujeito para um outro significante, (ainda J. Lacan). É claro que, para nossos propósitos, é a segunda hipótese que é boa, porque nela é que está a questão do *sujeito como processo (de representação) interior ao não-sujeito constituído pela rede de significantes, no sentido que lhe dá J. Lacan: o sujeito é o "preso" nessa rede"*. (Pechêux, 1975/2014, p. 143 [*itálicos do autor*]).

Assim, no campo teórico da psicanálise, Pêcheux apanhou uma parte do sujeito discursivo, pois, através das elaborações de Freud e Lacan, o analista do discurso topou com um sujeito descentrado, efeito de linguagem, "afetado pela ferida narcísica" (Leandro Ferreira, 2003, p. 40) de não assenhorar sua morada. O outro pedaço, Pêcheux o encontrou no materialismo histórico fundado por Marx e relido por Althusser: trata-se do sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia. Como descreve Leandro Ferreira (2003) "a outra parte desse sujeito desejante, sujeito do inconsciente, a AD vai encontrar no materialismo histórico, na ideologia althusseriana, o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia" (p. 40). Então, de um lado tem-se um sujeito assujeitado ao desejo inconsciente, e, doutro, um sujeito assujeitado à ideologia. Como frisa Henry (2013), "o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo,

sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação" (pp. 182-183).

Se inconsciente e ideologia se materializam na linguagem, por outro lado, eles não se confundem (Pêcheux, 1975/2014), pois, como lembra Pêcheux, ao tomar a ideologia e seu processo de assujeitamento e a psicanálise com seu processo operado pelo recalque, podemos afirmar que esses duas estruturas-funcionamentos estão materialmente ligados, porém "sem estar confundidos" (Pêcheux, 1975/2014, pp. 124-125). No entanto, ambos têm como objetivo "dissimular sua própria existência no interior mesmo do funcionamento, produzindo um tecido de *evidências 'subjetivas'*" (Pêcheux, 1975/2014, pp. 152-153 – [*itálicos do autor*]), ou seja, o sujeito no processo de interpelação é afetado tanto pelo inconsciente como pela ideologia, e neste ínterim ocorre o processo de identificação, fazendo dos sentidos evidentes e criando um apagamento da interpelação.

Em vista disso, em AD situamos o sujeito do discurso entre o sujeito da ideologia e o sujeito do inconsciente, banhados pela materialidade da linguagem. Leandro Ferreira (2003) pontua que a categoria de sujeito na AD confere um caráter singular, pois o sujeito discursivo "não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes" (p. 40), mas refere-se a um sujeito que sinaliza uma diferença na intervenção deste na linguagem, enquanto uma materialidade linguística e histórica, assim concebida pela AD.

> O sujeito não pode ser controlado em generalizações nem pode ser engaiolado em tipologias, mas é afetado pela ideologia e pelo inconsciente, o que o torna um efeito de/da linguagem e o que obriga o analista a levar em conta, no mínimo, três máximas: a de que sempre existe a possibilidade de um dizer outro se instalar, furando o previsível e esperado; a de que o sujeito é heterogêneo e cindido como suas palavras e a de que os sujeitos podem migrar de uma posição para outra. (Sousa, 2020, p. 364)

Sousa (2020) coloca que a AD de filiação francesa, estabelecida por Pêcheux, pensa uma noção de sujeito que se refere não a uma empiria do indivíduo, mas sim a uma posição no discurso; ele, capturado pela interpelação da ideologia que determina quais e como os sentidos podem e devem ser ditos, torna-se ilusoriamente da propriedade do sujeito. Em vista disso, a ideologia tece a trama dos dizeres, ora autorizando, ora silenciando; ela, a ideologia, assalta o sujeito, interpelando-o em um lugar e não noutro (Sousa, 2020). Nas palavras de Pêcheux (1975/2014), "o sujeito é chamado à existência" (p. 141). Dado que, por se tratar de uma operação de interpelação, trata-se de uma interpelação da ideologia para que um determinado dizer seja evidente.

> O indivíduo foi escolhido ou fisgado pelos signos e, desta forma, está forçado a dizer de um jeito e não de outro. O sistema da língua preexiste, impõe-se ao indivíduo. "Diz-se à língua: 'Escolhe!'; mas acrescenta-se: 'O signo será este, não outro.'" (SAUSSURE, id, ibid). A liberdade de escolha do signo ("Escolhe!") é "limitada", não se restringindo à soma das vontades individuais que se encontram na coletividade. Assim, o signo, e, porque não dizer, o significante é imposto, e o engano está justamente em supor que um é escolhido livremente em relação ao sistema, e que o outro seria escolhido livremente em relação à ideia que o representa. (Mariani, 2016, p. 6)

Um sujeito fisgado pelo anzol da ideologia. Deste modo, a noção de ideologia é medular para pensar o sujeito discursivo, tendo em conta que a ideologia não é aquilo que afeta o sujeito, mas aquilo que o constitui (Pêcheux, 1975/2014), considerando que, antes de falar, o sujeito é falado; com isso, ele é sempre um já sujeito, pois no 'já-lá', isto é, no interdiscurso, esse sujeito já existe, e, quando este se reconhece nesses dizeres e diz "Eu sou", ocorre a interpelação deste indivíduo concreto em sujeito concreto (Althusser, 1970/1980).

Posto isso, a ideologia tem como função fornecer evidências e sentidos para os sujeitos, proporcionando a transparência da linguagem e a obviedade dos sentidos (Pêcheux, 1975/2014), pois "o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe 'em si mesmo'" (Pêcheux, 1975/2014, p. 146), ou seja, as palavras constituem outros sentidos a partir da posição-sujeito nas quais elas são ditas. Ocorre que a feitura da ideologia consiste em uma operação – necessária – que permite ao sujeito enunciar (a partir de uma posição) e acreditar que a palavra saltada da boca diz o que realmente quis dizer, isso significa que, como afirma Sousa (2020), palavra e representação não são coladas, e o resultado deste processo é um desbotamento de outros modos possíveis de se nomear e de se dizer.

> E tais posições não são estáticas, permanentes ou fixadas a priori, mas enrodilhadas por movimentos de giros e deslocamentos; daí ser possível dizer – pela teoria discursiva – que o sujeito não controla todos os sentidos que produz, pois está sempre atravessado por palavras que não são suas e tropeça no que considera mais evidente. Dessa maneira, o sujeito esquece-se de que não é a fonte dos seus sentidos para poder dizer, construindo apenas a ilusão de um colamento entre a realidade do seu pensamento, do mundo e das palavras. No movimento basculante de lembrar e esquecer (e de dizer e calar) dá-se o jogo da ideologia que faz parecer evidente ao sujeito um único dizer, sinalizando certas tramas da memória como naturais e soterrando outros sentidos tidos como indesejáveis. A captura ideológica corre solta à revelia do que o sujeito julga dominar, instalando a não-garantia de que o sentido esperado se concretize e também de que controle da língua se absoluto; é ainda movediço o modo como a língua captura, afeta e fisga o próprio sujeito. (Romão, 2011, s/p.)

Aqui, torna-se necessário trazer os dois esquecimentos (ou ilusões) trabalhados por Pêcheux (1975/2014), em *Semântica e Discurso,* ao pensar a constituição do sujeito discursivo. Em outro escrito (Amorim et. al., 2020), trabalhamos as noções de esquecimentos, e ressaltamos que o sujeito do discurso é composto por dois modos de encapamento da causa do sujeito, qual seja: o esquecimento nº1, que se refere à condição de que o sujeito não é fonte de seu dizer; e o

esquecimento nº 2, consistindo na condição de que o sujeito não controla o seu dizer. Deste modo, "o termo esquecimento não está designando aqui a perda de alguma coisa que se tenha um dia sabido, como quando se fala de 'perda de memória', mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito" (Pêcheux, 1975/2014, p.183). Sobre os esquecimentos, Pêcheux diz que:

> Concordamos em chamar *esquecimento nº 2* ao "esquecimento" pelo qual todo sujeito-falante "seleciona" no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.* Por outro lado, apelamos para a noção de "sistema inconsciente" para caracterizar um outro "esquecimento", o *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão. (Pêcheux, 1975/2014, p. 161-162 – [*itálicos do autor*]).

Deste modo, no esquecimento nº 1, onde o sujeito não pode encontrar-se no exterior da FD pela qual é dominado, revela-se que o sujeito tem a impressão de que seu dizer inicia-se em si próprio, e, no entanto, o discurso não é parido pelo sujeito e, menos ainda, o sujeito é livre para dizer o que quer, já que, é sempre bom retomar, uma FD determina o que pode e deve ser dito. Com isso, o sujeito diz como se suas palavras fossem suas e como se suas palavras fossem uma espécie de fotografia de seu pensamento (Amorim, et al., 2020). O esquecimento nº 2, por sua vez, está inscrito na ordem da enunciação, pois o sujeito seleciona dentro da FD em que se posiciona os seus possíveis dizeres que estão de acordo com esta.

Ou seja, o sujeito se esquece que seu dizer poderia ser outro, ele acredita que só há um jeito de se dizer aquilo que tem que ser dito, e isso ocorre devido à interpelação ideológica, que o convoca a se identificar em determinada FD, que designa uma determinada interpretação e significação da realidade. O que o esquecimento nº 2 nos revela é que, interpelado ideologicamente, o sujeito opta por uma forma de dizer e não outra, e isso significa, no entanto, o sujeito não é consciente dessa operação. E o importante a destacar aqui é que esses dois esquecimentos/ilusões são constitutivos dos sujeitos: é preciso esquecer para se dizer (Amorim, et. al., 2020).

Isso posto, Sousa (2020) dirá que, "visto como efeito de linguagem, o sujeito é atravessado pelas palavras alheias sob a ilusão de que são suas, entremeando sentidos de redes de filiações já-ditas", e, continua a autora, "crendo controlar tudo o que diz, quando apenas entretece, nos fios de sua tessitura discursiva, os fragmentos da memória discursiva que a ideologia lhe autoriza mobilizar" (p. 365). Incompleto e faltante, o sujeito faz movência em

constante relação com os sentidos já falados antes; o sujeito do discurso opera como forma-sujeito do discurso, não tendo uma essência em si mesmo, mas ocupando posições nas FD, com as quais o sujeito identifica-se.

Nas palavras de Pêcheux (1975/2014) “Descentrado, o sujeito cinde-se, torna-se uma posição-sujeito entre outras que decompõem a forma-sujeito, o sujeito-histórico que organiza o saber de uma Formação Discursiva, fazendo soar em seu discurso o já-dito em outro lugar” (p. 99). Assim, o sujeito do discurso é efeito e não causa, ele sempre fala de um lugar já-dado, uma vez que, no ir e vir do aqui e do acolá, do que está sendo dito e do que foi dito em outro lugar, em outro tempo, surgem um passado e uma memória que atravessam o presente e fazem furo, uma vez que esse sujeito não é soberano em suas escolhas. Nas palavras de Cassana (2018), o sujeito “inscreve-se aos sentidos dessa formação, na articulação entre a língua e a história” (p. 37). Os sentidos dependem, portanto, da configuração (imediata e sócio-histórica) em que o sujeito que fala se encontra, isto é, condições de produção do discurso.

Assim sendo, Pêcheux (1975/2014), tomando a ideia de FD, irá formular que todo sujeito se posiciona em uma FD, e por isso os sentidos mudam conforme a FD à qual o sujeito se filia e posiciona.

> Na teoria do discurso, abandona-se a categoria do sujeito empírico, do indivíduo, e trabalha-se com um sujeito dividido, com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito em determinadas condições circunscritas pelas formações discursivas. Nem a hipertrofia do sujeito cheio de vontades e intenções, nem o total assujeitamento e a determinação de mão única. O sujeito assim como é afetado pela formação discursiva onde se inscreve, também a afeta e determina em seu dizer. O efeito-sujeito seria o resultante desse processo de assujeitamento produzido pelo sujeito em sua movimentação dentro de uma formação discursiva. (Leandro Ferreira, 2003, p. 43)

Como mencionado em outro lugar deste trabalho, as FD estão inseridas nas FI e, diante disso, torna-se necessário que haja uma estrutura social dada, com suas respectivas. Estas condições de produção do discurso (CP) dão rumo ao contexto das classes sociais dessa estrutura e à relação dessas classes entre si, do mesmo modo que a posição ocupada em determinada classe social, que não deixa de estar em relação com outras, dá origem às FI. Conforme adverte Orlandi (2005):

> As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (Orlandi, 2005, p. 43)

Orlandi (2005) pontua que os sentidos e os sujeitos se constituem ao mesmo tempo pela ideologia. Pela perspectiva da AD, o sentido se produz em três momentos indissociáveis e equivalentes hierarquicamente; trata-se dos processos de constituição, formulação e circulação. Esses processos são organizados pelos esquecimentos acima referidos e pelo funcionamento da memória discursiva. Assim, dispomos o nível da constituição dos sentidos que opera a partir da memória, inscrevendo no contexto sócio-histórico mais amplo. Implicada no processo de constituição está a formulação, que se refere ao lugar em que a linguagem é vivificada, a memória é atualizada e nessa movência o sujeito se faz presente e se faz ausente e, por último, a circulação diz respeito ao modo como os sentidos irão circular em determinado contexto.

Diante disso, no decorrer deste trabalho iremos trabalhar com as noções de posição sujeito, enquanto uma posição que afeta a maneira como os sentidos são produzidos e interpretados, isto é, como avisa Orlandi (2005), ao se inscrever em determinada posição no discurso o sujeito realiza leituras do ponto de localização discursiva, ou seja, dependendo de onde se pisa, se vê, se fala, se interpreta. Assim, iremos *a priori* mobilizar duas posições sujeitos, quais sejam: posição sujeito-trans e posição sujeito-cistema. A primeira diz de sujeitos que se identificam nas FD referentes às transidentidades (FD-T), as transidentidades, enquanto a segunda diz de uma FD contrária, e aqui utilizamos a noção de "cistema" trabalhada brilhantemente por Vergueiro (2015), para nomear uma FD que se opõe aos corpos paradoxais presentes nas transidentidades.

Com relação à noção de "cistema", iremos trabalhá-la detidamente nos capítulos 4 e 5, porém adiantamos que se trata de um processo de colonização de um "cistema-mundo" que funciona pelos dispositivos ocidentais, eurocêntricos, cristãos, capitalistas e patriarcais, produzindo hierarquias epistêmicas que promovem exclusões de gêneros dissidentes da norma cisheterossexual (Vergueiro, 2015). Nas palavras da pesquisadora, os "cistemas", "normatizam corpos e gêneros, particularmente aqueles situados em interseções de marginalizações socioculturais, políticas e existenciais" (Vergueiro, 2015, p. 15). Esse "cistema-mundo", por um gesto de leitura deste trabalho, configura uma FD, estabelecendo o que pode e dever ser tido sobre o sexo, o gênero e o corpo. Assim, a formação discursiva do "cistema-mundo" (FD-CM) diz de um cissexismo enquanto uma norma silenciosa, sutil, não nomeada, instituindo práticas de controles de corpos (Vergueiro, 2015).

Discursivamente, portanto, intentamos neste escrito desdobrar a noção de "cistema" enquanto uma FD que determina o jogo imaginário da binariedade dos sexos, uma lógica semanticamente estabilizada (Pêcheux, 1983/2015); assim, uma FD-CM que determina, por

exemplo, os sentidos que podem, ou não, significar o corpo. Vejamos a seguinte SD 4, colocada abaixo:

SD 4[35]

A *charge* acima, SD 4, coloca em circulação sentidos médico-científicos; assim, o significante "mania" presente do diálogo entre os interlocutores da *charge* nos remete ao campo médico da psiquiatria com relação aos episódios elevados de extrema excitação, que geralmente são associados ao Transtorno de Personalidade Bipolar. Destarte, tais sentidos retomam uma memória discursiva de dispositivos de psicopatologização das dissidências de gênero, inclusive das subjetividades trans, pois partem de uma FD-CM, isto é, de um corpo biológico binariamente constituído. Essa lógica binária pode ser vista na imagem do primeiro quadrinho, onde o personagem Hugo, deitado em um divã, é representado imaginariamente como um homem, fumando, segurando possivelmente uma lata de cerveja e segurando sua genitália, estereotipias localizadas em um certo tipo de masculinidade viril, isto é, do que se espera de um homem.

Outros sentidos são mobilizados na SD 4, como "é preciso ficar atento" e "a psiquiatria diz que pode voltar", sentidos de uma posição sujeito-cistema lendo um possível manual de diagnósticos e normativas "que diz" sobre o comportamento normal ou doentio dos sujeitos. Ficar atento desloca para uma autoperícia de um corpo ou de um dado comportamento de que não se deve desviar, para que os episódios de mania não retornem. No terceiro quadrinho, Hugo não está mais lá, agora é Muriel, uma posição sujeito-trans, no lugar de paciente que enuncia após voltar a vestir-se de mulher "Louco, né?", um adjetivo que não raramente acaba por substancializar sujeitos localizados nas transidentidades. Em vista disso, podemos interpretar que a posição sujeito-médico, na materialidade analisada, encontra-se em um FD-CM.

[35] Fonte: Facebook (2012) - (https://www.facebook.com/Muriel-Total-105426406276818/)

O sujeito que transita entre o binarismo dos sexos (homem-mulher) é taxado, diagnosticado, adjetivado como louco, doido, doente, sentidos que são legitimados pelo discurso médico-científico. Assim, no terceiro quadrinho, temos Muriel representada com dadas características do que vem a ser uma mulher, salto alto, unhas pintadas, maquiada, joias, saia, decote etc. Vejamos, que ao ilustrar os corpos com tais signos que caracterizam o "mundo masculino" e o "mundo feminino", revela-se o funcionamento da ideologia que não tem outro objetivo senão produzir evidências. Portanto a FD-CM determina, por exemplo, a posição sujeito-cistema, que através do discurso médico-científico acaba por formular e pôr em circulação sentidos de controle do corpo e do par sexo-gênero.

SD 5[36]

Na sequência discursiva acima (SD 5), mais uma vez toma-se um manual diagnóstico, agora de uma outra área psi, a psicologia, para determinar o que é um homem e o que é uma mulher, bem como descrever que "homem que se veste de mulher não passa de um tremendo neurótico". Ou seja, neste enunciado colhemos alguns efeitos de sentidos em relação ao vestir-se, determinando que há roupa de homem e roupa de mulher, ao modo da fala da ministra do Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que, ao assumir o cargo de ministra, disse que o Brasil estava adentrando "uma nova era" em que meninos vestem azul e meninas vestem rosa.

[36] Fonte: Facebook (2012). Disponível em: https://facebook.com/Muriel-Total-1054264062766818/.

A personagem tenta convencer Hugo de que algo não vai bem, de que seu comportamento é neurótico, terminologia que tem origem no léxico médico, que é inscrito na trilogia psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise), a qual por muitas vezes legitima uma ideia patologizante do sujeito-trans, haja vista que os saberes localizados da FD-CM acabam por respingar em outras discursividades, como a que chamamos de trilogia psi. Outros sentidos mobilizados neste recorte se notam quando se diz que livro/manual será muito útil para Hugo em sua "fase ridícula"; aqui podemos destacar dois pontos: é como se as identidades de gênero fossem fases, fases confusas, ridículas, como crises de identidade; assim como também fase no sentido de um adoecimento, uma fase que, submetendo-se a tratamentos diversos, poderá ser revertida, curada. No entanto, Hugo, em uma posição sujeito-trans, faz um giro nesses sentidos engessados, faz do manual um ponto de equilíbrio para equilibrar-se como uma mulher. Se o sujeito é efeito de uma interpelação ideológica, esta última não ocorre sem falhas (Pêcheux, 1983/2014).

Nesta toada, Romão (2011, s/p), assinala: "falta, excesso, repetido, parecido, absurdo, nonsense iconizam algumas possibilidades de ruptura do fio discursivo que são dadas a conhecer quando o sujeito tropeça na língua, produzindo o inesperado, fazendo giros e torções nos sentidos estabilizados". E o que faz Hugo, na SD 5, senão torcer e girar esses sentidos cristalizados? Um manual de classificações universais que descrevem uma sintomatologia e arrebatam o sujeito com um diagnóstico, dizendo os distúrbios, síndromes e transtornos que justificam seus comportamentos, escolhas e desejos; Hugo pega o Manual e faz dele um ponto de equilíbrio para andar, caminhar, dar existência para si mesma, enquanto mulher.

> Visto assim, o sujeito corporifica um efeito de/da memória, significando-se em lugares que já foram ocupados discursivamente por outros sujeitos em outros contextos sociais e/ou foram silenciados como impossíveis de dizer. [...] o sujeito funda-se constantemente em movimentos de repetir ou romper com o discurso-outro, traçando percursos de significação e produção de sentidos em deslocamentos, equívocos, deslizes, filiações e rupturas; por fim, ele persegue a ilusão do efeito de unidade e de cola entre as palavras de tantos outros e as suas próprias palavras. (Sousa, 2020, p. 366)

Portanto, ao falar do sujeito tanto na psicanálise quando na AD, estamos revelando que nos dois solos teóricos o sujeito é determinado estruturalmente, marcando sua condição de não fechamento e não-homogeneidade, destacando assim sua alteridade (Leandro Ferreira, 2005). Assim como vale ressaltar que ambas as disciplinas trabalham com a incompletude estrutural do sujeito, que o inscrevem no simbólico e o salvam da relação imaginária com o Outro, possibilitando que o sujeito entre no jogo das trocas simbólicas, nas reformulações dos discursos e dos sentidos. À vista disso, vemos que a AD acolhe essa noção de sujeito que recebe a incidência do recalque, que o divide na/pela equivocidade da linguagem: "aí está a clivagem

do sujeito: não dicotômica, mas dialética; não ambígua, mas contraditória; não causa, mas efeito" (Vinhas, 2011, p. 1). Isso nos revela que entre a subjetividade e a consciência há um desencontro, pois não são equivalentes, funcionam pela lógica inconsciente e pela inscrição ideológica (Vinhas, 2011).

O assujeitamento exprime, então, a "ficção de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas, para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete" (Haroche, 1992, p. 178). Ainda, para Haroche (1992), a forma-sujeito, compreendida como princípio geral que representa a forma de existência histórica de todo indivíduo, se transforma ao longo da história, isto é, não há um modo homogêneo e invariável da noção de sujeito e dos modos de expressão da subjetividade. Assim, Pêcheux (1975/2014) coloca os três modos de funcionamento subjetivo, isto é, as formas de inscrição dos sujeitos nas FD, quais sejam:

a. Identificação plena (bom sujeito): processo de identificação que consiste em um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal (da ideologia). Nesta modalidade, a tomada de posição do sujeito realiza um assujeitamento "livremente consentido". Nesta modalidade não há a necessidade de uma perícia do sujeito, dado que ele está plenamente identificado com o sujeito universal; não há dúvidas, trata-se de um sujeito petrificado na ilusão de unidade.
b. Não identificação ou contra-identificação (mau sujeito): modalidade que opera um funcionamento em que o sujeito da enunciação se posiciona contra o sujeito universal, isto é, uma tomada de posição que diz de um lugar de separação, de questionamento, de dúvida perante as evidências impostas pelos processos ideológicos. Ou seja, configura um ligeiro deslocamento discursivo, dado que não se trata de uma ruptura completa, mas de brechas que possibilita que o ritual ideológico não se concretize totalmente.
c. Desindentificação: funcionamento subjetivo que diz de uma tomada de posição não-subjetiva, em que o sujeito deixa de se identificar com a FD em que estava inscrito, passando a se identificar com outra FD e sua forma-sujeito correspondente. Aqui o sujeito não apenas recua diante das evidências ideológicas, mas sobretudo empreende uma desintegração delas.

Sendo assim, se o sujeito é efeito discursivo, sócio-histórico, interpelado ideologicamente e determinado pelo inconsciente, ele não deixa de fazer furo, pois a linguagem também é esburacada, não há sentido ou palavra que consiga envelopar o tudo e o todo. É nessa

abertura que a ideologia funciona e será nessa mesma fresta que apontará o lugar do possível de um advir, atestando a existência do simbólico. Diante disso, o sujeito consegue atualizar o já-dito, utilizando-se, porém, da paráfrase e da polissemia, ou seja, na paráfrase há a repetição do já-dito e a manutenção do já-lá, da memória, e no caso da polissemia, jogando com o equívoco, o que ocorre é um deslocamento, uma ruptura com o já-estabelecido (Orlandi, 2007b).

Será nesse jogo discursivo, onde se inscreve o efeito metafórico, o equívoco, o furo, o inacabado, que pretendemos trabalhar com nosso objeto de pesquisa, partindo da hipótese de que o corpo nas transidentidades tem um funcionamento discursivo, pois se apresenta como efeito de sentido, que se localiza lá onde a fala/língua se estatela, se equivoca, inscreve um desencontro do sujeito com o corpo.

2.3. Um corpo semanticamente (tido como) normal

"Pudermos ou nos dispusermos a ser. O que pode o seu corpo?" (Jup do Bairro, 2020)[37]

O corpo é linguagem e também um modo de subjetivação e, devido a isso, possui uma relação íntima com o discurso, assim avisa Leandro Ferreira (2013). Deste modo, nesta seção iremos tomar o corpo pela perspectiva discursiva, ou seja, um objeto discursivo que está submetido na trama de conceitos que opera essa disciplina de entremeio, ou seja, língua, história e inconsciente. Pêcheux não formalizou o corpo enquanto um conceito teórico, no entanto o analista do discurso traçou importantes comentários sobre o tema (Leandro Ferreira, 2013). Em um primeiro momento, Pêcheux trouxe sobre um mundo com uma "necessidade universal" de um funcionamento semanticamente normal, processo que tem como ponto de partida a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos.

Em outro momento, o fundador da AD, postulará sobre o real da língua, dizendo que é um "corpo atravessado por falhas", isto é, há algo no percurso linguístico que não se completa, que manca, claudica (Leandro Ferreira, 2013). Neste real da língua, Pêcheux parece estar dialogando com o real lacaniano, com o axioma de que "o real é o mistério do corpo falante". Com relação ao mundo semanticamente normal e corpo, trazemos o recorte em que Pêcheux faz essas associações.

---

[37] Música: O que pode um corpo sem juízo?, Jup do Bairro, 2020.

> De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um "mundo semanticamente normal", isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento). (Pêcheux, 1983/2015, p. 34)

Assim, ao descrever a necessidade de um mundo semanticamente normal, o analista do discurso vai pontuar que o corpo é o lugar inicial em que tal necessidade irá se instalar; deste modo, pode-se colocar que o corpo é interpelado pela ideologia, ou seja, há uma forma social e histórica do corpo (Orlandi, 2012) que visa uma normalidade. Deste modo, pela perspectiva discursiva, compreendemos o corpo como uma materialidade significante onde práticas discursivas se instalam, e falar de práticas discursivas é fazer ressoar as questões ideológicas que nelas se inscrevem e as determinam, pois, uma vez que o corpo é tomado como uma produção, um efeito, decorrente da interpelação ideológica e do inconsciente, podemos considerar que sujeito e corpo estão materialmente ligados (Orlandi, 2012). Com isso, podemos começar a pensar o corpo nas transidentidades enquanto materialidade privilegiada na contemporaneidade em que o funcionamento da língua, da ideologia, do discurso se hospeda.

Vejamos a *charge* abaixo (SD 6). No processo de produção de sentidos que são legitimados na figura, podemos observar o funcionamento ideológico que interpela o sujeito-cisgênero a ocupar uma posição de normal, de identificar-se com uma FD-CM onde é dita uma normalidade; qual normalidade, porém? Como vemos no primeiro quadrinho o enunciado "você não pode impor seu modo de vida a nós normais", onde a personagem Hugo/Muriel, questiona: "Ué! Eu não sou normal?" e os demais respondem "Não!". Aqui podemos ver essa chuva do Outro, da ideologia, de uma memória (administrada) caindo sobre o corpo dos sujeitos, um já-lá que retorna e diz o que seria um sujeito normal e um anormal.

Pensar essa cisgeneridade compulsória, enquanto uma normativa para os sexos e gêneros é engessar sentidos para os sexos e gêneros, como se não fosse possível ser outra coisa além de cisgênero e heterossexual (Bagagli, 2017). A cartunista Laerte faz uma revelação com o último quadrinho, onde a personagem Hugo/Muriel retira sua máscara de humana e enuncia "Já nos descobriram, pessoal...": descobriram o que estava coberto, isto é, uma memória de que nem sempre houve essa diferença binária dos sexos, fazendo circular pelo discurso humorístico e irônico sentidos outros, o que funciona como uma retomada de um já-lá, uma forma de denúncia – o sujeito-trans não é humano, é um extraterrestre, um alienígena. Se um alienígena é um ser que se origina fora da terra, uma pessoa trans é um sujeito que se origina fora de um corpo? Um corpo marcado por uma memória da diferença sexual, um corpo grifado por uma

ideologia normativa sobre o sexo e sobre a identidade de gênero? Um sujeito-trans é um extracorpo, um "alémcisnígena".

SD 6[38]

As transidentidades, como ressalta Bento (2017), são emergências subjetivas que não se localizam como pertencentes ao gênero que seus órgãos genitais lhes designam. Deste modo, em uma grande maioria, podemos notar nas dissidências de gênero que homens trans incomodam-se principalmente com os seios e mulheres trans incomodam-se consideravelmente com o pênis. No entanto, Bento (2017) revela que "não há uma rejeição linear ao corpo entre os/as transexuais" (p. 179), muitos sujeitos-trans estabelecem uma relação "positiva" com o próprio corpo; apesar disso, devido às discursividades e práticas que produzem uma verdade/normativa sobre o sexo e gênero, muitos sujeitos que se encontram nas cartografias da diversidade de identidades de gênero e orientação sexual não se permitem viver com essa "ambiguidade" do sexo (Bento, 2017).

Bocchi (2017) irá colocar que existe um movimento discursivo que dita e controla "sentidos para o sexo, o gênero e a sexualidade" (p. 16), que contesta a existência de um corpo que carrega uma ambiguidade sexual, ou seja, o "bom sexo" (ou o bom sujeito) consistiria naquele que possui uma complementariedade entre o aparelho genital (pênis/vagina) com o comportamento (masculino/feminino), ou seja, um corpo "semanticamente" normal. Conforme Leandro-Ferreira (2013), tanto a língua quanto a ideologia não são rituais sem falhas, e tampouco o corpo o é. O corpo também é o lugar do equívoco, lugar que faz morada para a língua, para a história e para o sujeito, materialidade que se constitui no/pelo discurso e que está fadado a falhar.

---

[38] Fonte: Itaú Cultural (2016) – Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/personagens/?content_link=46.

Com isso, o corpo tomado pela/na perspectiva discursiva não se equivale ao corpo da medicina que segue uma bio(lógica) anatomicamente funcional, tampouco trata-se do corpo em sua realidade empírica e muito menos do corpo naturalizado. Nas palavras de Azevedo (2013), "tomar o corpo como forma material implica afastar qualquer concepção que o trata como realidade empiricamente compreensível e biologicamente funcional, comuns em áreas como a da saúde, por exemplo, em que o corpo é natural, segmentável, controlável e transparente" (p. 33). Assim, a partir do momento que o sujeito é interpelado ideologicamente, seu corpo também o é, ou seja, constituindo um corpo feito e efeito de linguagem, atravessado por sentidos e determinado ideologicamente. É o caráter material do sujeito que nos permite refletir sobre o corpo enquanto corpo do sujeito; ambos se sujeitam à determinação histórica e são atravessados por um já-lá do discurso, isso é, uma memória. De acordo com Orlandi (2012):

> Os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora de lugar. O comum, o normatizado, o hegemônico. O corpo do rico e o do pobre. Temos observado as distintas formas como o corpo significa, se textualiza, circula pela existência de significantes distintos, sendo o homem um sujeito que interpreta e é interpretado. (p. 87)

Isso posto, o corpo é, portanto, construído no (e pelo) discurso e, deste modo, podemos declará-lo também um efeito do discurso (Garcia, 2017). Um corpo onde práticas discursivas se materializam, (de)(s)formando-o. O corpo é discursivizado, atropelado por sentidos (que sempre podem ser) outros, que em sua materialidade estabelecem uma relação entre corpo e ideologia. Assim, ao "considerar o corpo como discurso, estaremos investigando-o pela lente do mesmo observatório que nos faz analisar as materialidades significantes que desafiam a nossa compreensão" (Leandro Ferreira, 2015, p. 12). À vista disso, o corpo para a AD, como nos descreve Santos (2018), é um "corpo aberto à textualização. O corpo como textualização. O corpo como suporte do sentido" (p. 201).

O sujeito, então, relaciona-se com seu corpo através da forma com que linguagem, ideologia e inconsciente o atravessam. "O corpo, lido discursivamente, é lugar material em que a significação acontece, lugar de inscrição, manifestação de dizeres. Lugar também de falhas, furos, faltas" (Garcia, 2017, p. 338). Deste modo, pensar os efeitos de corpos nas transidentidades diz de uma proposta que versa sobre como o inconsciente e a ideologia se topam na materialidade do corpo, isto é, quais sentidos são colocados em um processo, como chamou Souza (2010), de discursivização da carne? Um processo que faz da carne "corpodiscurso" (Leonel, 2010), apontando para a operação interpelativa da ideologia sobre o corpo.

> Falar do corpo no campo do discurso implica envolver o sujeito, em seu aspecto inconsciente e ideológico, com a devida mediação da linguagem. Ora, por si só esse investimento teórico vai nos fazer pensar a arquitetura do corpo, enquanto modo de organização, de regulação e de funcionamento. Por que uma arquitetura do corpo? Porque aí vamos visualizar formas e gestos do corpo reclamando sentidos, como estrutura em movimento. (Leandro Ferreira, 2015, p. 13)

Orlandi (2012) dá notícias de que a relação entre o sujeito e seu corpo não é transparente, porém, devido aos esquecimentos – ilusões – nº 1 (de que não é origem de seu dizer) e nº 2 (que não controla o que diz), o sujeito toma o seu corpo (e os sentidos nele presentes) como evidentes, como algo do tipo: meu corpo "é" e "diz" o que ele tem que "ser" e "dizer". É óbvio que um corpo com um pênis, com pelos e sem seios *é* um homem, do mesmo que é evidente que um corpo liso, sem pelos, com curvas, uma voz suave e aguda, que possui vagina e seios *é* uma mulher. Ou seja, estamos diante da engrenagem da ideologia que discursiviza a "carne"; como enfatiza Leonel (2010), trata-se de um trabalho "realizado ciosamente pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, esperá-la, erguê-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em corpodiscurso" (p. 1). Aqui retomamos a tese apresenta por Eidelsztein (2020), no capítulo 2, em sua rigorosa leitura da obra lacaniana que diz que, após a linguagem e o Outro, ou seja, após a inscrição do sujeito do campo significante, o organismo (carne) é esquecido, dado que o organismo afetado pelo significante se torna corpo.

De acordo com Hashiguti (2008), tomar o corpo enquanto uma materialidade simbólica é compreendê-lo enquanto um objeto que é atravessado por diferentes discursividades. Assim, o corpo é atingido por discursos midiáticos, estéticos, higienistas, médico-biológicos, políticos, religiosos, psicanalítico e outros. Discursos estes que não são estanques, pois movimentam-se pela história, constituindo, formulando e pondo em circulação outros sentidos. Em vista disso, intentamos, ao capturar o corpo enquanto objeto de análise na AD, flagrar o corpo no funcionamento do discurso, fisgá-lo em discursividades *sobre* e *do* sujeito-trans, tocando em atravessamentos que o corpo sofre nas experiências de dissidências de gênero. Assim, as investigações sobre os discursos sobre o corpo consistem em um processo de reflexão, de pensar como o corpo significa e é significado (Hashiguti, 2008). Com isso, devemos ter em mente que existem diversos saberes que estabelecem sentidos para o corpo, ou seja, em acordo com cada FD onde o corpo é situado emergem sentidos distintos e/ou atravessados.

Leandro Ferreira (2015) irá pontuar, então, que o corpo enquanto uma categoria de análise e objeto teórico encontra-se determinado pelo processo de assujeitamento, estando ligado à interpelação pela ideologia. Nas palavras da autora, mais "do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de

produção, sua historicidade e a cultura que o constituem" (Leandro Ferreira, 2015, p. 22). Desse modo, o corpo é atribuído de uma materialidade discursiva e significante que impõe um olhar e uma escuta (Santos, 2018), um corpo simbólico que atravessa a carne e faz palavra.

> Então o simbólico faz irrupção diretamente no corpo, as palavras tornam-se peças de órgãos, pedaços do corpo esfacelado que o "logófilo" vai desmontar e transformar para tentar reconstruir ao mesmo tempo a história de seu corpo e a da língua que nele se inscreve: essa "loucura das palavras", que pode desembocar na escrita (Rabellais, Joyce, Artaud ou Beckett), na poesia (Mallarmé) ou na teoria linguística, persegue sem trégua o laço umbilical que liga o significante ao significado, para rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo. (Pêcheux, 1981/2004, p. 45)

Além de um mundo semanticamente normal, que captura um corpo que também deve seguir essa normativa semântica, Pêcheux, fala de outro corpo quando abordou o real da língua: trata-se de "um corpo atravessado de falhas", isto é, um corpo submetido à irrupção da falta (Leandro Ferreira, 2015). Pela leitura pêcheutiana, tomamos que empreender um tamponamento dessas falhas do corpo é um movimento que tende ao fracasso, haja vista que pensamos o corpo enquanto materialidade onde práticas discursivas (e ideológicas) se instalam, e compreendemos que a língua e a ideologia (e não esqueçamos do inconsciente) são processos que não se completam, o corpo também não se fecha, ele sempre mantém um rasgo aberto para o acolhimento dos sentidos.

Assim, se a língua é um corpo atravessado de falhas, e o corpo é efeito e feito de linguagem (e de discurso), podemos tomar que será por via desses equívocos, dessas falhas, que outros sentidos poderão emergir, pois, na AD, se "língua não é um instrumento de comunicação, o corpo também não pode ser pensado como uma máquina. Para produzir gestos, ele entra desde sempre no funcionamento da linguagem, sendo ele também é opaco, contraditório" (Hashiguti, 2008, p. 44). Como veremos com a noção de performatividade em Butler (1990/2020), o gênero é um compilado de atos performativos, e como veremos com a AD, performar um determinado gênero pode ser compreendido como efeitos de sentidos entre interlocutores; intentamos, nesse viés, estabelecer a mesma ótica de leitura em nosso percurso analítico, dado que estimamos pensar o corpo nas transidentidades como efeito de sentidos, um corpo que não escapa dessa operação discursiva.

Pensar o corpo enquanto uma materialidade significante é, pois, compreendê-lo na medida em que está submetido à equivocidade, isto é, ao equívoco da língua e ao equívoco da história que se materializam em/no corpo, como lugar de simbolização (Leandro Ferreira, 2013). Assim, a autora, que compreende o corpo enquanto um acontecimento, aproximando-se da leitura lacaniana, pontua que neste acontecimento se presentificam movimentos paradoxais

que são inapreensíveis, ou seja, há algo no corpo que resiste à simbolização (Leandro Ferreira, 2013), o que nos lança ao tropeço com o real; porém, nas palavras de Leandro Ferreira (2013), trata-se "de uma outra ordem de real, não mais o da língua, ou da história ou do inconsciente, mas o real do corpo. Por meio dele o sujeito se inscreve na dimensão do impossível" (p. 78). Aqui a autora está no campo lacaniano, isto é, no campo do gozo, uma vez que Leandro Ferreira (2013), se a leio bem, intenta teorizar o corpo para além da linguagem, ou seja, a autora se aproxima da proposta de Lacan no tocante ao corpo que se goza, substância gozante, o mistério de um corpo que se submete à falha.

Como vimos no decorrer deste trabalho, trata-se de um Lacan por quem Pêcheux irá se interessar para elaborar seu dispositivo teórico-metodológico para pensar o funcionamento do discurso e suas consequências nas práticas sociais. A psicanálise pela qual Pêcheux se importa é aquela que se situa na "ordem de uma incompletude, onde há sempre a inscrição de um furo, de uma falta constitutiva" (Leandro Ferreira, 2013, p. 79). E o corpo não fica ileso a essa condição de incompletude, ele também, assim como a ideologia, não é um ritual sem falhas: o corpo denuncia sua falta, seu estatuto de uma materialidade que fal(h)a.

Portanto o corpo na AD não é indiferente à história e à ideologia, dado que a interpelação do indivíduo em sujeito produz uma forma sujeito histórica, e nesse processo não é possível deixar o corpo fora (Orlandi, 2012), ou seja, o corpo tomado em sua discursividade não é apático à exterioridade do dizer, ele significa e é significado. O corpo é produzido pelo discurso e produz discurso, ele é afetado e afeta, tendo em vista que sua base é a língua. Estamos diante de um corpo que insiste em não se enquadrar na moldura biológica, um corpo que é acompanhado por um dizer, corpo discursivizado, movente, pulsional. Assim, consoante a Giorgenon (2016), o corpo não é o "domingo do pensamento", dado que ele não é uma máquina, um amontando de órgãos, ossos, músculos, pele que funciona e produz na esteira da formação social capitalista, mas o humor e o poético põem em jogo um corpo que falha, fala, derrapa, tropeça, não se realiza, se equivoca. Retomando: o corpo também merece que se lute por ele.

2.4. Da língua-concha ao mar do discurso: o método discursivo

> *"O encontro com esse corpo sem juízo passou pelo que eu já fui e pelas possibilidades do que eu ainda posso ser. É um vômito, uma catarse, um pedido de ajuda ou uma mão que ajuda* (Jup do Bairro, 2018).

Neste subcapítulo apresentaremos as entradas discursivas para análises e o método utilizado na análise de discurso, pois trata-se de um método próprio. Diante disso, já colocamos

em pauta a não localização da metodologia discursiva nos âmbitos das pesquisas quantitativas e qualitativas, principalmente em relação ao sujeito-pesquisador, que para a teoria discursiva não é neutro. Há uma aproximação desse sujeito com seu objeto discursivo, ou seja, o pesquisador não está colocado de fora, considerando que o histórico e o ideológico, bem como o inconsciente, afetam o sujeito-pesquisador.

Assim, com o intuito de pensar nosso método, tomamos a metáfora realizada por Sousa, Garcia e Faria (2014), ao comparar a língua como uma concha, uma língua-concha onde o analista do discurso irá escutar os sons do mar discursivo, para que possamos começar a delimitar o lugar metodológico da AD e, também, nessa língua-concha, escutar os efeitos de corpo nas transidentidades. Nos dizeres das autoras, "a língua como concha que manifesta marcas de rolamentos, de navegação, de rachaduras e de trincados que o analista do discurso precisa escutar" (Sousa et al., 2014, p. 94).

Com isso, na ossatura dessa língua-concha, poderemos fisgar no mar do discurso sua materialidade linguística, ou seja, ao colocar essa concha no ouvido, o analista escuta "desdecifra (e devora); entre ruídos e silêncio se constituem pistas e indícios do discurso. Silêncio que ecoa, que é efeito e que não pode ser apreendido, se não por seus ecos" (Sousa et al., 2014, p. 94). Ecos de um corpo em trânsito, que resiste em colar-se a uma lógica binária dos sexos, um corpo que irrompe um real impossível de se capturar pela língua, um corpo discursivo, "curso de sentidos em movimentos, o ausente que presentifica um modo de sustentar o dizer" (Sousa et al., 2014, p. 97), um corpo que resiste ao modo como nos coloca Pêcheux (1983/2015):

> As resistências: não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (p.17).

Com isso, a fim de escutar na língua-concha o mar do discurso que banha o corpo nas transidentidades de sentidos, visamos delimitar o método discursivo partindo primeiramente da distinção entre método e metodologia. Método tem sua origem nas palavras *méta* e *hodós*, sendo que a primeira significa 'seguir' e a segunda significa 'caminho', deste modo, método, literalmente, quer dizer: 'caminho a seguir'. Portanto, podemos compreender o método como um caminho a ser percorrido em um processo de investigação, de pesquisa. De acordo com Alvarenga (2003, p. 16, citado por D. Faria, 2016) o método pode ser entendido como uma "forma ordenada de proceder ao longo de um caminho. Conjunto de processos ou fases empregadas na investigação e busca do conhecimento" (p. 83). Em relação à metodologia, pode-se compreendê-la como a

área de conhecimento que estuda os métodos, isto é, envolve regras para realizações de pesquisas científicas, métodos lógicos para validarem os resultados das pesquisas, em síntese, uma ciência que estuda, reflete e fundamenta sobre os métodos (Bastos, 2018).

O lugar teórico-metodológico da AD, tendo como mobilização o discurso enquanto objeto de investigação, possui um método próprio de pesquisa, pois este campo do saber considera que tanto o histórico quanto o ideológico afetam o sujeito-pesquisador e o seu objeto de análise (Bastos, 2018). Assim sendo, o alicerce teórico e a prática de análise são um ponto nodal e inseparáveis no percurso de trabalho do sujeito-pesquisador, sendo que uma dá suporte a outra, pois será através do delineamento teórico que irá balizar-se a escolha dos dispositivos metodológicos para o processo analítico, isto é, investigativo. A metodologia da AD pode ser localizada no âmbito da natureza interpretativa da linguagem, que visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos e, nessa compreensão dos processos de significação, busca-se escutar outros sentidos produzidos e silenciados. Esse é o gesto de interpretação do analista de discurso, relacionando sujeito e sentido, produzindo novas práticas de leitura.

Torna-se necessário descrever algumas palavras referente ao sujeito-pesquisador, ou seja, sobre o analista do discurso. Frisamos que o trabalho realizado pelo analista do discurso não se pauta no entendimento de neutralidade, pois compreende-se a neutralidade como "uma ilusão que afeta o sujeito que ocupa a posição de pesquisador" (Bastos, 2018, p. 37). Uma vez que, como todo sujeito, o pesquisador também é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, de maneira alguma o pesquisador estaria isento do processo de interpelação ideológica, ou seja, a neutralidade consistiria em um efeito da ideologia. E, ao contrapor essa noção de um fazer científico neutro, não se recai sobre uma noção de invalidade da pesquisa científica, mas sim de reconhecer que o sujeito-pesquisador não resiste ao processo interpelativo (Bastos, 2018).

Como apresenta Romão (2011, p. 170), "é assim na teoria discursiva, o sujeito-analista não ocupa o lugar de mero decodificador de questões ou respostas, mas submete-se à opacidade de suas próprias palavras, de seus obscuros movimentos de dizer e seus impedimentos em não poder fazê-lo de outra forma". Deste modo, como pontuam Sousa et al. (2014), o analista do discurso se posiciona diante de seu objeto de estudo, diante dos dados, pois, ao escolher determinados recortes para apreender seu objeto de estudo (no caso desta pesquisa, o corpo nas transidentidades), o sujeito-pesquisador revela um envolvimento, uma implicação com tal objeto; assim, "a defesa da análise do discurso como prática interpretativa não se dá sem que se coloque como condição indispensável a explicitação do lugar de onde o analista fala" (Teixeira, 2005, p. 196-197, citado por Sousa et al., 2014, p. 103).

Em vista disso, como visto anteriormente, trabalhamos no entremeio das disciplinas que constituem a AD, tendo em vista que entendemos pela linguística, pelo materialismo histórico e pela psicanálise que a língua, a história e o sujeito não são transparentes; e, por mais que a AD estabeleça um espaço de interlocução com as disciplinas que a constituem, de acordo com Bastos (2018), ela "possui uma constituição que é particular, com método, objetos e objetivos próprios" (p. 30). Deste modo, o trabalho de um analista de discurso não se reduz a interpretar o conteúdo de um texto, mas consiste, antes, em compreender o seu funcionamento e como este produz sentidos (Orlandi, 2005).

A proposta metodológica da AD se funda sobre a elaboração de conceitos teóricos que procuram interpretar os processos discursivos que estão na base da produção do sentido e do sujeito, considerando a exterioridade do dizer, isto é, as condições de produção do discurso (CP) específicas e históricas, atravessadas pela relação com o já-lá do discurso, com a memória discursiva. Veremos que as CP dizem de uma imbricação entre sujeito e situação, de sentido estrito e lato, funcionando simultaneamente, ou seja, um contexto imediato, aqui-agora, e um contexto sócio-histórico mais amplo que atravessa esse aqui-agora (Sousa et al., 2014).

Destarte, analisar as discursividades e observar o funcionamento e o papel da memória para a constituição do discurso torna-se necessário para esboçar gestos de interpretação que levem em conta a opacidade e a incompletude constitutivas da linguagem. Portanto "a língua é concebida enquanto lugar material em que se realizam os efeitos de sentidos, dá as condições materiais de base do processo discursivo" (Sousa et al., 2014, p. 100). Diante disso, a língua é condição para uma metodologia discursiva.

> Desse modo, ao estudar o discurso, é necessário pensar a contradição e o sujeito, mantendo os ouvidos sempre colados na língua-concha, tratando-a não como unidade revestida de informação, como superfície precisa a ser decodificada, como transparência e completude, mas considerando que ela funda uma superfície furada e opaca, a qual chamamos texto. (Sousa et al., 2014, p. 102)

O texto compreendido como um todo em que se organizam os recortes, sendo que este último confere um fragmento da situação discursiva, um pedaço de um discursividade que está sendo investigado pelo analista do discurso, haja vista que, ao promover um recorte, o analista do discurso funda um gesto a fim de analisar o funcionamento discursivo de uma determinada textualidade, "buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre os elementos significantes da língua-concha" (Sousa et al., 2014, p. 103).

> Porque a partir deste olhar, não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização sobre o discurso, ou seja, tomamos o texto como unidade lingüística para análise do funcionamento do discurso

> e de suas condições históricas de produção/leitura. E porque, nesta teorização, não efetuamos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes. (Mittmann, 2020, p. 1)

Rastrear, na materialidade da língua, no material selecionado, os vestígios da ideologia, as pegadas do sujeito e os rastros da historicidade que o marca: esse é o trabalho-método do analista do discurso. Nas palavras de Sousa et al. (2014):

> Do texto ao recorte, da polissemia a um sentido possível, da sequência discursiva ao processo discursivo sustentado pelas condições de produção, da (e na) língua-concha ao mar do discurso: nosso trabalho insistente e cheio de dobras e frestas, nossa peleja por estar (e teimar em continuar) nas margens, no sem-categoria que nos lança a navegar com uma cartografia que é construída a cada passo dado (e também a cada aborto de passo). (p. 104)

O trabalho metodológico na AD toca com algo sempre escapante, que está de dentro e de fora, com o real da língua, um impossível de apalavrar, um vazio que constitui uma falta para sempre presente, porém um furo que gesto e faz parir sentidos outros na língua-concha que o analista, também em sua condição de concha (Sousa et al., 2014), sempre poderá emprestar ouvidos aos sons do mar discursivo.

Podemos dizer que, tendo como base teórico-metodológico a AD, temos como principal característica o movimento. De acordo com Petri (2013), em se tratando da AD, o método convoca o estabelecimento de algumas etapas de pesquisa, e essas etapas se dão em uma movência pendular, isto é, um movimento de báscula entre teoria e análise. Esse pêndulo que vai da teoria a análise torna-se necessário, ao pensarmos que a teoria funciona como um ponto de corte entre o analista e seu objeto de análise, para que a análise não recaia em um jogo de achismos (Lagazzi, 1998), o que demonstra que a AD possui uma estrutura em seu método com instrumentos teóricos-metodológicos que permitam a validade e solidificação na realização da pesquisa.

Sublinhamos, a respeito das etapas aqui tomadas como percurso, que se trata de uma estrutura para esta pesquisa e não para outra, pois, no batimento teoria e método, lançamos mão de algumas categorias metodológicas que estão em relação com o nosso objeto de análise. Assim, na perspectiva da AD, considera-se que "o mesmo tema de pesquisa pode ser pensado de outras maneiras, por outros analistas do discurso, levando em conta que teremos o mesmo dispositivo teórico, mas o trabalho com outro arquivo, conceitos e com dispositivos analíticos diferente.". (Bastos, 2018, p. 68). Ainda, ressaltamos que as etapas de investigação não ocorrem de modo linear ou hierárquico, mas sim em movimento pendular, ou seja, por mais que aqui descrevamos

as etapas de forma sequencial, no caminho de pesquisa essas etapas podem ocorrer de maneira simultânea, ou entre idas e vindas, visto que uma etapa clama a outra.

Diante disso, apresentamos seis etapas consolidadas na AD, para nosso percurso investigativo, com o nosso objeto de análise, sendo elas: (1) especificação de uma questão; (2) delimitação do espaço de observação - arquivo; (3) composição do *corpus* de análise; (4) composição dos recortes discursivos; (5) operacionalização da rede conceitual; e (6) análise dos recortes discursivos selecionados.

Sobre a primeira etapa, que consiste em especificar uma questão, isto é, delimitar quais perguntas irão movimentar a investigação e que tenham relação com o objeto de pesquisa. Assim, tendo como objeto de nossa pesquisa o corpo nas transidentidades, lançamos algumas questões: quais os efeitos de sentidos de/sobre o corpo nas transidentidades? Como os corpos de sujeitos-trans são discursivizados em materiais que circulam em plataformas de *streaming*, na *web* e em obras autobiográficas? Como os sujeitos-trans falam e significam seus corpos?

No que tange à segunda etapa, a delimitação do espaço de observação, trata-se de onde iremos olhar nosso objeto de análise, compreendemos isso em AD com o conceito de arquivo, que segundo Pêcheux (1982/2010) consistiria em um "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão" (p. 51). Nele opera a tensão entre o que pode ou não ser dito, o que é permitido ressoar e o que é imposto silenciar. Sobre o conceito de arquivo para a AD, Nunes (2005) escreve:

> O arquivo não é visto como um conjunto de "dados" objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos. O material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de "comprovação", onde se suporia uma interpretação unívoca. (p. 2)

Segundo Romão, Leandro Ferreira e Dela-Silva (2011), o arquivo "inscreve efeitos de saturação de certos sentidos a partir de certas instâncias de poder, quais sejam, poder dizer, poder ordenar, poder fazer circular e poder produzir ressonâncias" (p. 11). Para as autoras, essa definição permite apreender a inscrição do político no e pelo arquivo, já que o campo de documentos dos quais dispomos, considerando o que diz Pêcheux (1982/2010), deve ser abarcado em sua espessura histórica. O que equivale a dizer que o gesto de fundação de arquivos é caracterizado pelo controle e pelo político. Nesta direção, tomá-lo como lugar de observatório mostra-se pertinente na medida em que permite uma reflexão que abarca o modo com que o analista de discurso se instala no arquivo e, pelo gesto de leitura, funda um lugar de interpretação.

Gesto performativo, portanto, pois envolve uma tomada de posição política frente à quantidade e dispersão que estruturam os discursos. Observatório que possibilita a análise de distintas materialidades a partir de um dispositivo analítico. Isso quer dizer que o arquivo não é dado *a priori*, "mas constituído como lugar o qual permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes" (Guilhaumou & Maldidier, 2010, p. 162). O arquivo relacionado ao corpo nas transidentidades é extremamente vasto, sendo preciso promover um recorte para delimitação do *corpus*, como veremos na etapa três.

Na terceira etapa, a composição do *corpus* discursivo, destacamos que delimitar um *corpus*, para a AD, não se confunde com uma mera colagem de textos e/ou imagens, pois visa "construir um dispositivo de observação apto a revelar, a permitir apreender o objeto discurso" (Mazière, 2007, p.15) que temos por tarefa interpretar; ou seja, são gestos de interpretação que transitam do arquivo para o *corpus*.

> O *corpus* é marcado pela necessidade da realização dos recortes discursivos (Orlandi, 1984), par que haja condições de trabalhar com os processos discursivos passíveis de serem observados no material, para tanto, são considerados alguns elementos, como os objetivos postos e a temática escolhida pelo analista em sua pesquisa. (Bastos, 2018, p. 67)

Assim, compreende-se o *corpus* como condição de produção do discurso que será trabalhado pelo sujeito-pesquisador (Courtine & Marandin, 1982/2016). Em vista disso, ocorre um processo de delimitação em relação ao foco da pesquisa, isto é, a escolha de compreendermos o discurso do sujeito-trans sobre o seu corpo e não do sujeito-*gay* ou sujeito-cisgênero, por exemplo. A escolha do material de análise para a constituição do *corpus* se dará através de um trajeto temático, que é "aquele que se realiza em um ou mais arquivos para a composição de um corpus de análise" (Nunes, 2008, citado por Garcia & Sousa, 2014, p. 89).

Para compor nosso *corpus*, decidimos trabalhar com um documentário brasileiro e dois livros que abordam o tema "trans"; assim sendo, optamos por trabalhar com o documentário "*Laerte-se*" e com os livros, "*Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*", escrito por João W. Nery, e "*Vidas trans: a coragem de existir*", escrito por Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant (2017). Além dos documentários e dos livros, extraímos algumas *charges* da *fanpage* Muriel Total, produzidas pela cartunista Laerte Coutinho e algumas reportagens e entrevistas da *web* para compor algumas análises no percurso dos capítulos. Em vista disso, o *corpus* consiste num processo de selecionar, de recortar o arquivo, e, através desses recortes, vai se compondo uma discursividade.

Nesse processo de compor uma discursividade, entramos na quarta etapa, que é a composição do recorte discursivo, isto é, "um fragmento da situação discursiva" (Orlandi, 1984,

p. 14). Os recortes discursivos são resultados de um processo de segmentação do *corpus* e que consiste em um gesto de ler do sujeito-pesquisador, que, lançando mão do dispositivo teórico-analítico em correlação com os objetivos de pesquisa, vai desvelando como um discurso funciona, isto é, como ele produz sentidos. Assim, nos recortes discursivos temos uma materialidade significante, onde se abre para o simbólico, isto é, marca que os sentidos sempre podem ser outros e o sujeito sempre pode vir a ocupar outra posição nos discursos, viabilizando um trabalho interpretativo. Na AD não atuamos com algum número pré-estabelecido de recortes, pois em nenhuma esfera pretende-se encerrar e/ou concluir as discussões sobre algum tema e/ou alguma dada questão (Bastos, 2018).

Em nossa quinta etapa estipulada, qual seja, a operacionalização da rede conceitual, visa-se, diante dos recortes discursivos selecionados, observar quais categorias de análise de que podemos lançar mão para investigar os efeitos de sentidos sobre/do corpo nas transidentidades, em outras palavras, quais conceitos teóricos-metodológicos da AD irão viabilizar uma análise de acordo com os objetivos da pesquisa. Como categorias de análise destacamos os conceitos de: (i) formação ideológica, (ii) formação discursiva, (iii) formação imaginária (iv) memória discursiva, (v) posição-sujeito e (vi) condições de produção. Conceitos já descritos/conceituados anteriormente. Nesta etapa, portanto, iremos observar como esse dispositivo analítico opera nos recortes discursivos do nosso *corpus*.

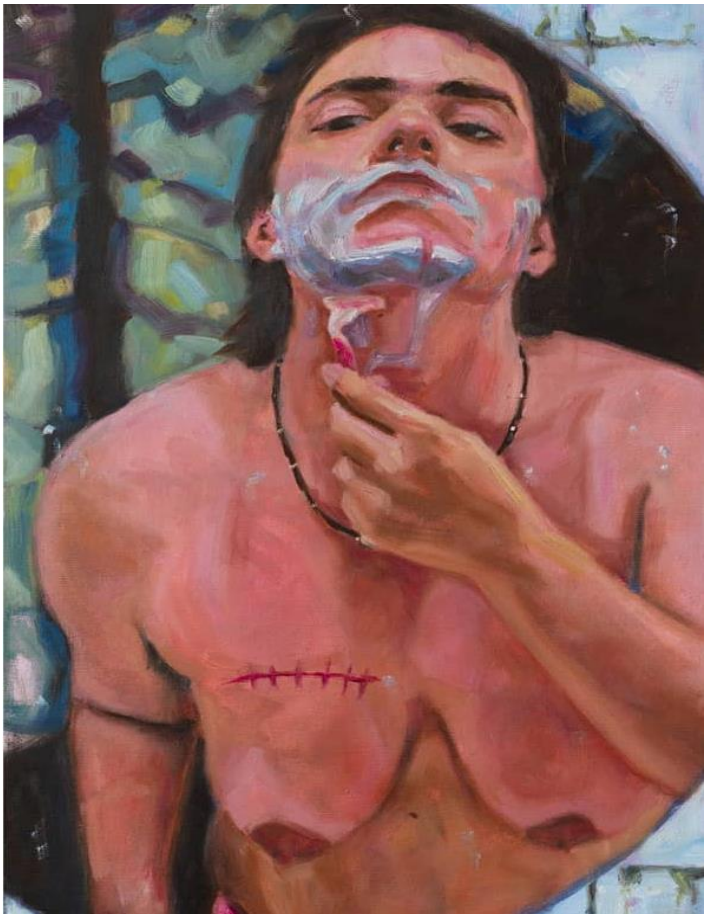
E, por fim, temos a sexta etapa, que é a análise dos recortes discursivos selecionados. Assim, tendo identificado os conceitos teórico-metodológicos que são essenciais para o trabalho de análise dos recortes, inicia-se um trabalho de interpretação. De acordo com Orlandi (2010), a interpretação não deve ser considerada transparente, já que a própria linguagem não o é. Interpretar não é, pois, um processo de atribuição de sentido, mas consiste em demonstrar a opacidade do discurso, do texto, ou seja, apontar como um objeto simbólico produz sentidos. Nesta etapa, tem-se um trabalho de descrição dos acontecimentos analisados, traçando a sistematização da análise, que consiste não em uma descrição de texto, mas em uma teorização discursiva. Assim, o gesto de ler do analista irá buscar a historicidade no texto (as condições de produção, memória discursiva, formações ideológicas e discursivas), investigando o ponto de encontro entre ideologia e língua, atravessado pelo inconsciente, ou seja, apontando que este encontro que não é transparente (D. Faria, 2016; Mittman, 2007).

Nesta sexta etapa chegamos a quatro entradas discursivas. São elas: 1. Não fossem seus pelos vários; 2. Uma viagem solitária de um corpo-transtornado; 3. O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha; e, 4. Corpo, uma negociação complicada. Tais entradas foram concebidas de acordo com a noção do discurso *sobre* e do discurso *do* sujeito-trans, recolhido

do trabalho de Cassana (2018), que diz que o discurso *do* sujeito-trans é atravessado pelo discurso *sobre* o sujeito-trans, ou seja, pelos fios da memória discursiva, dos pré-construídos, que sustentam o dizer do sujeito-trans sobre seu corpo. Assim, o sujeito irá ancorar-se em determinadas FD que legitimam ou silenciam os sentidos para significar o seu corpo, ora repetindo o já-dito, ora rompendo e viabilizando o novo. Como pontua a autora, "isso significa que o sujeito transexual tenta encontrar um lugar para falar de si em meio à profusão de discursos que falam dele" (Cassana, 2016, p. 40).

Deste modo, no percurso destas etapas, o que ocorre é um deslocamento da superfície linguística, isto é, o arquivo, o *corpus*, o texto, para o objeto discursivo e o processo discursivo (Orlandi, 2007b). Por consequência, o trabalho do analista do discurso é, através de um dispositivo teórico e analítico, mostrar o funcionamento da interpelação ideológica na língua. Um analista do discurso é aquele que "critique aquilo que parece evidente, questione o que é apresentado como certo, atue com o político que afeta a forma e a fôrma dos sentidos postos como possíveis" (Bastos, 2018, p. 38). Ao modo pêcheutiano de estabelecer uma crítica à afirmação do óbvio, daquilo que é posto como evidente. Nas palavras de Romão (2011, p. 171): "cavoucar a língua, tocar a sua respiração e estranhar o que (a)parece natural sinalizam o trabalho do analista com o torvelinho do discurso, inevitavelmente incompleto e opaco visto que foi o que pude enunciar da posição que ocupo".

3. TRANSIDENTIDADES E(M) DISCURSO: O CORPO EM MOVIMENTO



"A partir do momento em que comecei a obter informação a respeito disso, tudo o que descobri bateu no meu corpo. Comecei a pensar que eu talvez fosse aquilo, embora nunca soubesse. Essa chama, que antes estava escondida e duvidosa, começou a ficar um pouco mais clara. São descobertas que têm acontecido no meu dia a dia, o fato de que sou uma mulher trans, uma bixa trans. Mulher trans neste corpo que está em (trans)formação" (Liniker, 2018).[39]

"Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, inadequar-se, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo. Aliás, fracassar é algo que pessoas queer fazem e sempre fizeram excepcionalmente bem" (Jack Halberstam, 2020).[40]

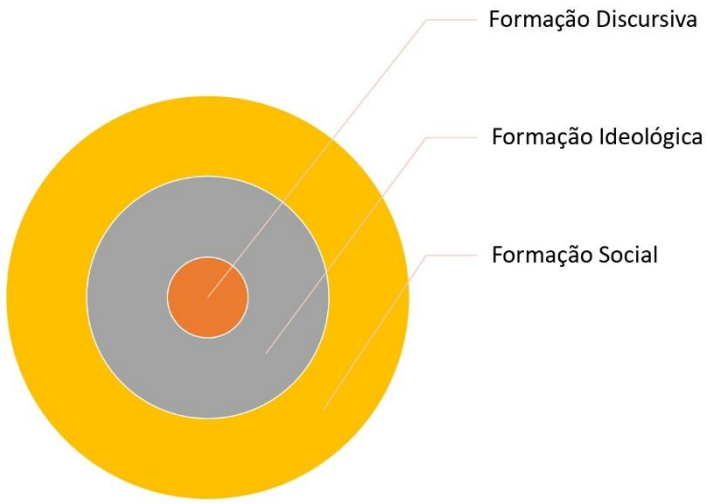
[39] Liniker, pessoa não binária, é uma cantora, compositora e atriz brasileira.

[40] Jack Halberstam, professor titular do Departamento de Inglês e Literatura Comparada e do Instituto de Pesquisa sobre Mulheres, Gênero e Sexualidade na Universidade de Columbia. Designado como mulher ao nascer, o professor aceita pronomes masculinos e femininos, como também ser chamado de Judith ou Jack.

Neste capítulo iremos trabalhar sobre as condições de produção discursivas (CP) na contemporaneidade onde os debates sobre gênero, sexualidade e corpo acontecem. Assim, compreende-se que um discurso só pode ser pronunciado a partir de CP dadas (Pêcheux, 1969/2014). Deste modo, a noção teórica-metodológica de CP é um conceito axial para Pêcheux na sua construção da teoria do discurso.

Pêcheux, em AAD69, descreve que as CP não dizem daquilo que está posto como uma base que venha a sustentar o discurso, mas que está no cerne dos processos discursivos (Pêcheux, 1969/2014). Em vista disso, as CP evocam as circunstâncias em que determinado discurso é produzido, descortinando as relações de força presentes no imo do discurso, haja vista que será pelas CP dadas que determinados sentidos poderão ou não ser ditos. Como aponta Pêcheux (1969/2014), as CP dizem de um "mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso" (p. 78 – [*itálicos do autor*); ou, melhor dizendo, os protagonistas referem-se aos sujeitos que se situam na geografia do discurso, um lugar determinado por uma formação social que, por sua vez, estabelece formações ideológicas e que, por fim, define as formações discursivas. Como na figura abaixo:

Figura 10 – As Formações



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Sobre as CP, Pêcheux (1969/2014) adverte que se trata do "conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em 'circunstâncias' dadas" (p. 76), viabilizando que um enunciado seja inserido nos campos sociais e históricos. Nas palavras do analista do discurso:

> Consideramos a hipótese de que, a um estado dado das condições de produção, corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção em jogo. Isto supõe que é *impensável analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção (Pêcheux, 1975/2014, p. 78 [*itálicos do autor*]).

Orlandi (2015) pontua que as CP do discurso envolvem os sujeitos e a situação, sendo que esta última comporta dois sentidos, o estrito e o lato. O primeiro versa as circunstâncias da enunciação, ou seja, o aqui e o agora em que o dizer está sendo colocado, e condiz, portanto, com o contexto imediato. O segundo, no que lhe diz respeito, consiste em uma situação que compreende o contexto social, histórico e ideológico, o que implica tratar-se de uma situação extensa. Destacamos, consoante a Orlandi (2015), que essa separação das situações estrito e lato se faz por pura expressão didática, já que na prática as duas situações se entrelaçam no funcionamento da linguagem.

> Por exemplo, em uma situação de sala de aula, a situação imediata, as circunstâncias de enunciação compreendem o contexto o contexto sócio-histórico, ideológico, isto é, o fato de que em uma sociedade como a nossa o saber é distribuído por uma rede institucional, hierarquizada em que o saber relaciona-se ao poder. Assim, o que acontece na sala de aula não está desvinculado do contexto mais amplo e é assim que adquire sentido. Faz ainda parte das condições de produção a memória discursiva, o interdiscurso (Orlandi, 2015, p. 17).

Nas CP contemporâneas, onde a posição sujeito-trans enunciam um dizer, podendo assim colocar em circulação sentidos de gravidez para um corpo biologicamente designado como “homem”, estamos diante de um discurso que só é possível dadas as CP que incluem uma situação estrito e lato ao mesmo tempo. Deste modo, na situação lato pelo fio da memória chega-se aos sentidos legitimados de que, para gestar, estar grávida e dar à luz a uma criança, demanda-se um corpo biologicamente feminino, no entanto, no sentido estrito retoma-se que é necessário um corpo para gestar, não de uma mulher nem de um homem. Dado que, pela ótica biologicista, não é o gênero que gesta, mas um corpo biológico, XX e XY, ou seja, para gestar um bebê, o corpo, ou melhor, o organismo carece de uma bio-lógica, de aparelhos (e tecnologias) reprodutores designados biologicamente, não de um homem e de uma mulher para que se legitime uma gestação.

Em acordo com o que foi colocado, tomamos o caso de Thomas Beatie[41], homem trans civilmente reconhecido pelo Estado norte-americano do Oregon e considerado o primeiro homem grávido em 2007; hoje, também é possível ver vários outros casos de homens trans que engravidam.

Figura 11 – O primeiro homem grávido

Fonte: Blastingnews (2017).

Podemos, portanto, problematizar corpos que gestam, categoria que também confere um crivo da diferença sexual, pois, se temos o pênis como o principal fator que determina essa diferença (inclusive na construção clínica-teórica da psicanálise), ou seja, corpos que têm pênis e os que não têm, temos também corpos que gestam e corpos que não gestam. Sendo que os corpos que gestam foram historicamente decretados para os corpos ditos "femininos", criando-se o "mito da maternidade" como um sentido evidente e natural, próprio apenas do ser mulher (Bento, 2017); em nossa contemporaneidade, entretanto, cada vez mais nos deparamos com corpos ditos "masculinos" gestando, amamentando. Como podemos ver nas figuras abaixo:

[41] Thomas Beatie foi considerado o primeiro homem grávido do mundo. Casado com Nancy Gillepsie – que não poderia gerar um bebê devido a problemas de infertilidade – Thomas juntamente com a esposa decidem que ele geraria o filho do casal. Thomas é um homem trans.

Figura 12 – Corpos que gestam

Fonte: Universa (2020). Fonte: delas (2019). Fonte: Chumbo Grosso (2020).

Deste modo, partindo do *locus* teórico-metodológico da AD, as CP são abordadas de duas formas por Pêcheux. A primeira refere-se a possibilidades de posições nas quais os sujeitos irão se posicionar e como irão ‘se comportar’, isto é, quais sentidos determinam como A se relaciona com B; por exemplo, se A é o pai e B é o filho, então B tem que respeitar A. Todavia, quais são as evidências que sustentam esse tipo de relação? Esse funcionamento, Pêcheux o nomeou de formações imaginárias, estabelecendo que há um jogo de imagens nas relações imaginárias no discurso. Será na fonte de Lacan, em relação com o registro imaginário, que Pêcheux irá beber para discorrer sobre as formações imaginárias que se sucedem de processos discursivos anteriores, o que convoca uma antecipação das relações de força e de sentido (Leandro Ferreira, 2001). De acordo com Pêcheux (1969/2014), nos processos discursivos, supõe-se a existência das formações imaginárias abaixo:

Figura 13 – Formações Imaginárias

IA(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	Quem sou eu para lhe falar assim?
IA(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	Quem é ele para que eu lhe fale assim?
IB(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	Quem sou eu para que ele me fale assim?
IB(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	Quem é ele para que me fale assim?

Fonte: Produzido pelo próprio autor. Baseado em Pêcheux (2014 [1969]). Legendas: I (imagem). A (locutor). B (interlocutor).

Aqui vale uma retomada na noção de sujeito discursivo, dado que sua condição de posição no discurso não se refere ao sujeito empírico, físico, que possui nome próprio, endereço etc., mas sim a uma posição sujeito projetada no discurso. Nas palavras de Orlandi (2015), isto diz que "há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso" (p. 17). Portanto, nessa malha discursiva, locutor e interlocutor, ou enunciador e destinatário ajustam posições sujeitos que estabelecem uma relação de interlocução, o que tem como efeito diferentes posicionamentos do sujeito no discurso (Orlandi, 2015), e, lembremos, o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores que compõem um jogo das formações imaginárias. Como descreve Sousa (2020):

> Pêcheux (1997) propõe pensar o jogo de antecipação das representações imaginárias do sujeito, ou seja, ao enunciar, o sujeito constrói uma teia de representações (e é tomado por ela) atribuindo uma posição a si mesmo, ao objeto do discurso e ao seu interlocutor, construindo-a a partir do que imaginariza ser a posição que o outro lhe confere; nesse entremeio, tece o fio do discurso a partir do que supõe poder, saber e dizer ao outro. (p. 366)

Tendo isso em vista, Sousa (2020) ressalta que, na movência do discurso, os sujeitos se posicionam nessa via de mão dupla que é dizer de si e dizer do(ao) outro. Assim, os dizeres dos sujeitos são balizados por várias vozes outras e se direcionam para um outro imaginário que lhe é antecipado, uma vez que "em análise do discurso o imaginário não é ficção, como sabemos, mas ilusão necessária, e passamos a uma outra forma de analisar o estabilizado (ou estabilizados)" (Orlandi, 2004, p. 47, citado por Sousa, 2020, p. 366). O que nos leva a descrever que esse jogo das relações imaginárias diz de um processo em que os modos pelos quais as posições dos sujeitos do discurso interferem nas CP.

Na segunda abordagem de Pêcheux em relação às CP teremos um fortalecimento de que, para que haja produção do discurso, é necessário um conjunto de posições que se relacionam e um contexto, que guiará essa artesania do discurso, bem como um funcionamento

que irá estabelecer uma limitação do que se pode e do que se deve, ou seja, o modo de A e B se relacionarem se assenta em uma evidência, pois os sujeitos estão posicionados em determinada FD e em CP dadas. Como estamos falando sobre homens trans e paternidade, trazemos um recorte de uma fala de Thammy Miranda[42] em relação aos inúmeros comentários transfóbicos que recebeu após anunciar a gravidez de sua esposa Andressa Ferreira. O enunciado que mais apareceu foi "*Quem é o pai da criança?*", e em um vídeo publicado em 1º de julho de 2019 Thammy respondeu tais comentários em sua conta na rede social *Instagram*, como podemos ver abaixo:

> SD 7[43]
>
> O pai do meu filho sou eu, *que jamais abandonei minha esposa grávida*. O pai do meu filho sou eu, *que a todo momento que ela estava passando mal com enjoo estava de mão dada com ela quando ela estava vomitando*. Que acordo de madrugada para buscar um copo de água para a minha esposa.
> [...]
> O pai do meu filho sou eu, *que jamais vai abandoná-lo ou exigir teste de DNA para saber se ele é meu filho ou não*. O pai do meu filho sou eu, *que já amo incondicionalmente esse ser, independente da forma que veio. Poderia nem ter vindo da barriga da Andressa*.

Os sentidos presentes na SD 7 revelam no jogo das formações imaginárias posições sujeito que estão em interlocução em determinada FD e condições dadas de produção do discurso; assim, a questão "*Quem é o pai da criança?*", destinada a Thammy, posição sujeito-trans, retoma uma FD-CM das diferenças sexuais biologicamente concebidas, pois diz de um funcionamento que prescreve que para ser pai é preciso ser um homem, o que Thammy não é, pois nasceu biologicamente "mulher", essa é sua condição. O jogo das formações imaginárias entre a posição sujeito-trans (A – locutor) e os sujeitos que criticam a paternidade assumida por um homem trans (B – interlocutor), que aqui nomeamos como posição sujeito-cistema dizem de um funcionamento de uma FD que determina o que deve e pode ser dito; neste caso, uma pessoa nascida biologicamente "mulher" não poderia ser homem, não poderia ser pai e não poderia falar deste lugar, ou seja: quem é o pai da criança? Pois, evidentemente, Thammy não é.

No entanto, em sua resposta, inscrevem-se sentidos de que ele, Thammy, é o pai da criança e, para ele afirmar sua posição sujeito pai, resgata pela memória discursiva o que é ser

---

[42] Thammy Miranda é um homem trans brasileiro, ator, repórter e político brasileiro filiado ao Partido Liberal.

[43] Fonte: Instagram, perfil Thammy Miranda. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/BzX_wiWnTnc/?utm_source=ig_embed&ig_rid=a16caade-f937-4996-ac43-c5fae0246878.

pai. Assim, pelo interdiscurso, ou seja, pela memória afetada pelos esquecimentos n.1 e n.2, a posição sujeito trans responde seu interlocutor recuperando tanto os sentidos que legitimam uma paternidade de cuidados, parceria e compromisso com a mãe (esposa) e com a criança, ao mesmo tempo que denuncia a ausência da figura paterna no núcleo familiar brasileiro, haja vista que se estima haver mais de 11 milhões de mães solos, segundo os dados IBGE de 2018. O que podemos concluir que a família tradicional brasileira é composta por uma mãe preta e seus filhos.

Desta forma, frisando sobre as CP, Carvalho (2008) afirma que as CP são o que torna possível um enunciado, ou seja, Thammy, só pode dizer que é pai, pois há condições para se dizer, há no discurso sentidos em que o sujeito toma para si para dizer sobre si e para dizer sobre o outro. Com isso, o sujeito assume um lugar no discurso, apanhando regiões discursivas para garantir uma imagem de si e ofertando um lugar para o seu interlocutor, o que compõe um funcionamento imaginário em que se estabelece o que dizer ao outro, antecipadamente, como aceito e esperado.

Nas palavras de Patti (2014), a CP "implica em reconhecer o discurso em um contexto de sua atualidade, rememorando seus fios de historicidade que o colocam em relação com outros discursos [...] na tessitura dos sentidos" (pp. 172-173). A autora retoma a noção de Outro da psicanálise enquanto tesouro dos significantes para pontuar que as CP funcionam como esse Outro, lugar onde o sujeito se aloja nos intervalos significantes a fim de acessá-los para representá-lo (Patti, 2014). Com isso, as CP irão determinar alguns sentidos possíveis que vêm pelo fio da história, de um já-lá da memória, sentidos já-ditos que retornam pelo eixo do interdiscurso, porém também possibilitam um dizer outro, abrem uma fresta para que tanto os sujeitos quanto os sentidos deslizem e signifiquem pelas trilhas da linguagem.

3.1. A memória do corpo: a sexuação dos corpos e o "cistema-mundo"

> *"E a vida segue dentro de um corpo proibido. Meu desejo é político. Ímpar em plurais de falta de satisfação. Coração dilacerado com ritmo incansável de ferir-se, com fome de aqui e agora. E a vida segue? Segue"* (Virgínia Guitzel, 2018).[44]

Como já vimos em outro momento deste escrito, os discursos são matéria prima do sentido e do sujeito. E insistimos: não podemos descartar a exterioridade do dizer. Como visto

[44] Disponíve em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-II>.

sobre as CP, é a situação imediata e sócio-histórica que afeta e que sustenta a circulação dos dizeres, ora mantendo ora rompendo com o já-dito, é indispensável que abordemos a noção de memória discursiva, isto é, o já-lá do discurso, o que foi dito antes, em outro lugar, independentemente (Orlandi, 2007a). A noção de memória em AD, como nos coloca Pêcheux, não consiste diretamente na memória individual como concebe a psicologia, mas sim em uma memória discursiva, memória social que vem restabelecer os implícitos, os pré-construídos, aquilo que se foi construído na/pela história (Pêcheux, 1983/2020).

Um passado que ressoa em nós, que faz presença em sua repetição, que "vem nos visitar sem que o saibamos" (Robin, 2016, p. 21). A memória é a condição do dizível que nos atravessa sem pedir licença, fazendo presença nos discursos atuais, por conseguinte, a memória discursiva confere uma filiação de dizeres pela/na história, com a qual o sujeito irá esbarrar ao retomar sentidos que sustentam o seu dizer. Pêcheux (1983/2020) afirma que a memória discursiva possui cunho social, é do coletivo e não do indivíduo, pois é na esfera coletiva que verificamos as condições necessárias de um funcionamento discursivo, argumentando que a memória deve ser entendida nos sentidos entrecruzados da memória social.

> A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1983/2020, p. 48)

Por meio do funcionamento da memória retomamos discursos já-ditos dentro de uma atualização da história, dentro do acontecimento discursivo que reflete a materialidade de uma memória discursiva que foi determinada historicamente e que se atualiza em uma nova forma de dizer, gerando sentidos que ainda são atravessados pelo/no discurso outro, o já-dado. Em vista disso, a memória discursiva funciona por meio de repetição de enunciados que, por sua vez, retomarão aquilo que foi dito em outro lugar, pois "nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior" (Pêcheux, 1983/2020, p. 53).

Com relação ao corpo dissidente, hegemônico, que segue uma bio-lógica, um corpo produzido por uma ideologia que tece mecanismo de naturalização e ordenamento dos sentidos do que venha a ser um corpo-homem e um corpo-mulher, filiando-se a FD-CM do binarismo dos sexos, podemos, através de um gesto de interpretação, compreender tal corpo como uma tentativa de saturar uma memória (Robin, 2016), referente à existência, inclusive pela história, pela memória, de outros corpos possíveis. Conforme o pensamento de Robin (2016), o passado não é deixado à deriva, ele é "regido, gerido, preservado, explicado, contado, comemorado ou

odiado"; a memória de um corpo biológico como portador de uma verdade traz pelos fios de um já-lá, um passado que, sendo ele "celebrado ou ocultado, permanece uma questão fundamental do presente" (Robin, 2016, p. 31). Nas palavras de Robin (2016):

> Em resumo, há apenas encontros perdidos com a história. A memória baliza, precisamente, a história desses encontros perdidos, a história dos fracassos do trabalho do luto, e inscreve novas configurações, rearranjos das narrativas que as sociedades contam ou se contam sobre seu passado. (Robin, 2016, p. 38)

Ao tomar o corpo enquanto objeto de investigação, fazendo dele um observatório discursivo, não devemos nos colocar em uma posição cega a essa memória dita acima, pois, como veremos, o corpo, ao modo da ideologia e da linguagem, não é transparente, ele é opaco, turvo, uma vez que traz em sua materialidade um subsolo, uma memória (não tão) adormecida. Por isso, para começarmos a pensar esse corpo material, onde sentidos e sujeito são imbricados nesta urdidura de um tecido de linguagem, remetemos a Eduardo Galeano (1984), escritor uruguaio, que, em seu livro *"As palavras andantes"*, afirma: "a Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa" (p. 138). É esse corpo mergulhado em diversas discursividades que nos interessará neste capítulo.

Courtine (2013) mostra que, enquanto uma invenção teórica, o corpo aparece de modo recente em nossa história, já que, antes do século XX, o corpo se reduzia a um papel coadjuvante na cena do teatro filosófico. De acordo com o autor, "desde Descartes, a alma parecia exercer o papel principal" (Courtine, 2013, p. 12). Assim o autor irá pontuar que, para muitos pensadores, o corpo não passava de um pedaço de matéria, e será só no século XX que esse corpo ganhou um aprofundamento sobre a carne, ou seja, o corpo passa para um estado de animado. No entanto, Courtine (2013) ressalta que essa perspectiva de um corpo em um lugar secundário aloja-se nas correntes racionalistas e espiritualistas que dominavam a cena do teatro filosófico, principalmente na França, porém isso não ocorre no campo da medicina e das ciências naturais.

> O momento de seu acontecimento teórico, no entanto, ainda não era chegado. Por duas espécies de razões: primeiramente porque os avanços de um pensamento do corpo na primeira metade do século se defrontam com a existência de um fundo normativo antigo que vinha lembrar as exigências disciplinares às quais o corpo devia ser submetido, e àquelas de instituições que velavam para que ele se mantivesse como tal. Se, por um lado, começou-se a perceber os murmúrios da carne nas ciências do homem, por outro sempre houve grandes aplicações em silenciá-los no ordinário das rotinas familiares, escolares ou militares. (Courtine, 2013, p. 14)

Deste modo, a irrupção do corpo enquanto objeto de investigação e estudo nas ciências humanas se dá através das transformações políticas, nos movimentos e mudanças sociais dos anos 60 e 70. Courtine (2013) descreve: "'Nosso corpo nos pertence!': nesta palavra de ordem na qual se reconheceram então aquelas que denominaríamos hoje minorias de gênero, de orientação sexual ou de origem, o corpo começou a exercer suas primeiríssimas funções" (p. 15). Pela contribuição de Leandro Ferreira (2015), destacamos o nome de Marcel Mauss, que escreve sobre as técnicas do corpo, nos anos 30, um escrito que abordou o corpo enquanto uma matéria-prima que é moldado pela cultura, estabelecendo assim jogos de força que inscrevem diferenças sociais. Deste modo, o corpo não será entendido como um estado natural, mas sim enquanto um objeto cultural. Pelas palavras da autora, temos: "e as 'técnicas corporais' correspondiam a mapeamentos socioculturais do tempo e do espaço de que valiam os homens, em suas respectivas sociedades, para se servir de seus corpos" (Leandro Ferreira, 2015, p. 16).

Porém, será sob a pena de Foucault (1975/1987) que o corpo tomará um lugar de objeto de plenos direitos, principalmente em sua obra "*Vigiar e Punir*". O filósofo e crítico francês apresenta um amplo estudo sobre a disciplina na sociedade moderna, que acaba por desenvolver tecnologias precisas para uma técnica de produção de corpos dóceis. Nesta obra, Foucault (1975/1987) analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, onde as punições eram praticadas nos corpos. Partindo disso, o autor construiu um dispositivo crítico em relação às práticas de punição e controle dos corpos dos indivíduos que, no entanto, reverberavam em um corpo social. Ou seja, o controle não poderia ser estabelecido apenas no individual, mas também no coletivo, avultando na vigia dos corpos em situações de relação de poder e sociedade. A partir desse trabalho, explicitou-se a noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição (Foucault, 1975/1987).

> O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só por instrumentos de violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continua a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um "saber" do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme. Além disso seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. Estes recorrem a ela; utilizam-na, valorizam-na ou impõe algumas maneiras de agir. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa num nível completamente diferente. Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. (Foucault, 1975/1987, pp. 29-30)

À vista disso, o autor coloca que há uma necessidade social em controlar o outro, uma vigilância para que esse controle estabeleça a marcação do corpo disciplinado. Corpo esse que se faz dentro do discurso médico entre outros discursos, assim sendo, (de)marcado através de gestos de castrações, categorizações de (a)normalidades, pautados na dicotomia saudável e adoecido. Nesse sentido, Foucault (1975/1987) coloca que o corpo dócil é um produto que está em todas as prateleiras de nossa sociedade, vem nas mais diversas embalagens e pode ser encontrado em praticamente todas as instituições. Trata-se, enfim, do efeito esperado pelo poder disciplinar, o que faz com que os corpos deixem de ser apenas punidos e passem a sofrer de uma vigília constante do Outro, para aqui retomar uma noção lacaniana, para que os corpos dóceis correspondam a demandas sociais de disciplinarização dos sujeitos e dos seus corpos.

Courtine (2013) descreve que é, "portanto, em grande parte à obra foucaultiana que se deve o enraizamento inicial do corpo no discurso das ciências humanas" (p. 17). De acordo com Leandro Ferreira (2015), Foucault também irá massivamente trabalhar e problematizar o corpo no campo biomédico, uma vez que ele irá pontuar sobre "o controle do corpo na história moderna do ocidente e o papel da Medicina e seus avanços nessas intervenções" (p. 20). A autora enfatiza a questão da medicina enquanto uma espécie de religião, como uma ciência messiana e "salvadora", que irá produzir todo tipo de medicalização e tecnologias cada vez mais invasivas (e controladoras) sobre a vida dos sujeitos; assim, nasce o conceito de biopoder foucaultiano (Leandro Ferreira, 2015). Nas palavras do filósofo:

> O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (Foucault, 1979/2017, p. 82)

Laufer (2010) em seu escrito "*La fabrique du corps sexué*" retoma a obra foucaultiana para pensar o nascimento da clínica moderna que ocorre como a introdução de um olhar, isto é, o olhar médico, e afirma que o olhar que vê é um olhar que domina. Desta forma, a psicanalista francesa descreve que o paciente é o objeto do olhar do médico, "cabendo à instituição legitimar socialmente o dispositivo e a relação entre o sujeito que olha e o objeto olhado." (Laufer, 2010, p. 233 – *tradução livre*). É interessante a proposta de Laufer (2010) ao pontuar que Foucault em "*O nascimento da clínica*" critica a medicina e a psicanálise enquanto lugar de atualização de práticas médicas, que sobrepõe um saber instituído ao sujeito, no ponto em que exercem práticas de violência de instituições de poderes que insistem em estabelecer uma verdade sobre o sexo e sobre o corpo. Com isso, para Foucault

> o corpo supera e desequilibra a verdade pelo prazer, irredutível a qualquer determinação ou categorização. Corpos e prazeres [...] são responsáveis por relembrar o caráter precário, questionável e potencialmente violento de qualquer caracterização do corpo na verdade. Corpos e prazeres devem ser preservados, defendidos e afirmados contra qualquer pretensão de determinar definitivamente o que está envolvido com o corpo. (Laufer, 2010, pp. 238-239 – *tradução livre*)

Deste modo, falar sobre transidentidades e o corpo no caleidoscópio dos gêneros acaba nos levando de roldão para o campo médico e o lugar privilegiado que este assume em relação a uma definição de verdade por detrás das identidades ("transtornadas") de gênero. Assim, a escuta terapêutica substitui a confissão com o padre, e por sua vez as psicopatologias (anomalia, psicose, distúrbio, transtornos) assumem o fraudulento e o pecaminoso (Bento, 2017). Em vista disso, o discurso médico exerce um poder na disputa dos sentidos sobre as transidentidades, determinando que as questões relacionadas a identidades de gênero referem-se apenas ao âmbito individual, onde o sujeito que tem que se haver sozinho (ou com tratamentos psis, hormonais e cirúrgicos) com suas questões que gravitam os aspectos de identidade. Assim, como descreve Bento:

> Os conflitos com as normas de gênero são vivenciados como problemas individuais, como enfermidades ou anomalias, e será nas filas dos hospitais e Centros de Identidade de Gênero que estes sujeitos buscarão respostas para os seus conflitos, silenciados pelo medo de serem considerados doentes. O hospital põe em movimento a construção de corpos individualizados. (Bento, 2017, p. 108)

O discurso médico durante todo o século XIX intentou provar que os comportamentos de todos os tipos tinham como origem a biologia, principalmente as questões sexuais. Assim, uma proposta de uma busca do sexo de verdade e da correção dos desvios que se furtavam a essa verdade médico-biológica estava em curso. No século XX inicia-se o desenvolvimento de tecnologias cirúrgicas para reparar, consertar e curar os desvios do sexo, principalmente no tocante a casos de pessoas interssexuais (hermafroditismo na época) (Bento, 2017). Neste ínterim, ressaltava que "a identificação das perversões e do verdadeiro sexo dos hermafroditas seria uma tarefa para o olhar dos especialistas, que conseguiria pôr um fim às dúvidas sobre as ambiguidades das genitálias, apontando o sexo predominante" (Bento, 2017, p. 110).

Bento (2017) diz que a história do corpo no entrelaçamento com as transidentidades assenta-se em um ponto em que/no qual existem dois corpos diferentes e que as explicações para os comportamentos nas identidades de gênero estão nesses corpos, ou seja, os corpos marcados por uma diferença anatômica dos sexos irão balizar as manobras dos gêneros. Esses corpos, marcados pela diferença sexual, portam uma verdade sobre o gênero, uma verdade hegemônica que teve como principal inimigo o isomorfismo (sexo único). Assim, não devemos

ficar cegos em relação a uma história dos corpos sexuados, ou melhor, da sexuação dos corpos, dado que legitima um processo histórico em que ocorreu uma naturalização dos gêneros e dos sexos.

Assim, temos que, até por volta da segunda metade do século XVIII, as diferenças anatômicas dos sexos (pênis – vagina) não eram consideradas, e será através do discurso científico que essa diferenciação se tornará politicamente importante. Então, nesta época o isomorfismo era prevalente e nele existia um único corpo (Bento, 2017). Thomas Laqueur (2001), em sua importante obra *"Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud"*, trabalhou a produção dos sexos, do binarismo sexual e as ideias às voltas da noção de identidade de gênero. Assim, o historiador afirma que o sexo é uma invenção em que se determina na encruzilhada entre gênero e poder. O autor traça enquanto objetivo principal de sua obra:

> Este livro, portanto, versa sobre a criação, não do gênero, mas do sexo. Eu não tenho interesse em negar a realidade do sexo ou do dimorfismo sexual como um processo evolucional. Porém desejo mostrar, com base em evidência histórica, que quase tudo que se queira *dizer* sobre sexo - de qualquer forma que o sexo seja compreendido - já contém em si uma reivindicação sobre o gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder (Laqueur, 2001, p. 23 [*itálicos do autor*])

Para o autor, o ser humano, bem como o sexo, é histórico, estando atrelado aos discursos de sua época; em vista disso, Laqueur, na obra supracitada, pretende problematizar a biologia implicando-a nos modos de interpretação e estudos sobre o gênero. Portanto, a irrupção dos dois sexos biológicos distintos surge por volta dos séculos XVII e XVIII, contradizendo as formulações da antiga Grécia de que haveria apenas um sexo e dois gêneros, homem e mulher, em que o gênero era diferenciado por um certo crivo de perfeição. Antes disso, nos escritos medievais e renascentistas, o historiador conta sobre como era confusa a diferença dos sexos traçados por um corpo biológico, apontando que os "corpos nesses textos faziam coisas estranhas, incríveis e, para os leitores modernos, coisas impossíveis" (Laqueur, 2001, p. 18). Como descreve o autor:

> Há inúmeros relatos de homens que amamentavam, e imagens do menino Jesus com seios. As meninas podiam tornar-se meninos, e os homens que se associavam intensamente com mulheres podiam perder a rigidez e definição de seus corpos perfeitos, e regredir para a efeminazação. Em suma, a cultura difundiu-se e mudou o corpo que para a sensibilidade moderna parece tão fechado, autárquico e fora do reinado do significado. (Laqueur, 2001, p. 19)

Nestes textos pré-iluministas, Laqueur (2001) relata que encontrávamos apenas um sexo, que servia de suporte para dois gêneros, o que acaba sendo quase incognoscível para nossa

época. Pensar que o gênero viria antes do sexo é ininteligível para nós que já somos contagiados pelas discursividades racionais e cientificas do Iluminismo, porém, como descreve o historiador, "o sexo, ou o corpo, deve ser compreendido como o epifenômeno, enquanto que o *gênero*, que nós consideraríamos uma categoria cultural, era primário" (Laqueur, 2001, p. 19 – [*itálicos do autor*]). À vista disso, ser homem ou ser mulher diziam mais de papéis sociais do que exatamente de um corpo anatômico. Nas palavras de Laqueur (2001), "o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica" (p. 19).

Assim, o corpo feminino era igual ao do homem, e a vagina era interpretada como um órgão masculino, só que invertido; deste modo, o útero é compreendido como o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva era o prepúcio, e a vagina era um pênis, só que pelo avesso (Laqueur, 2001). O útero, por milênios de anos, não tinha um nome, era chamado de *orcheis*, mesma terminologia dos testículos; no isomorfismo, o ventre era um falo negativo. Laqueur afirma que um dos modos de identificar os corpos nessa época para definir a certa diferença entre os corpos, que consistia na temperatura corporal dos mesmos; assim, os corpos dos homens eram mais quentes, ao ponto de desenvolver o órgão genital externamente, já os corpos das mulheres eram mais frios, viabilizando um desenvolvimento deficitário e imperfeito dos órgãos genitais femininos, ao ponto de ficarem internalizados (Laqueur, 2001). Essa quentura dos corpos estabelecia o corpo feminino, por ser frio, inferior ao masculino, e este último, por sua vez, era tomado como perfeito. Isso posto, reforçava-se uma perspectiva que considerava "o corpo masculino a forma humana canônica" (Laqueur, 2001, p. 120). De acordo com o historiador, esse modelo isomórfico do corpo comparece até o renascentismo.

Será por volta de 1759 que um esboço de uma anatomia feminina foi desenhado. Assim, começando a diferenciar uma anatomia do corpo da mulher e do homem surge o dimorfismo, ou seja, o modelo binário dos sexos (Laqueur, 2001). Esse processo está em relação com o advento do Iluminismo entre os séculos XVII e XVIII, que rompe com a epistemologia da "grande cadeia do ser", ou seja, movimento que se funda no discurso da ciência, recusando os dogmas religiosos, iniciando-se o empreendimento de diferenciação dos sexos. O que poderia tecer uma resposta à construção da diferença sexual devido à evolução da ciência que, anteriormente, não tinha recursos para descrever tais características que distinguem os sexos e os corpos.

Assim, essa linguagem dicotômica dos sexos adentra os discursos (e práticas) médicos e científicos, uma linguagem que começa a administrar os corpos femininos e masculinos. Como revela Bento (2017), essa linguagem acabou por determinar uma inteligibilidade aos sexos, haja vista que no caso do "corpo feminino" a vagina era descrita como um órgão

desenvolvido anatomicamente para receber um pênis, além de ser o canal por onde os bebês nascem, ou seja, determinam atributos como heterossexualidade e maternidade para o sujeito considerado feminino na época. Laqueur (2001) pontuou que, quando o discurso dimórfico começou a alastrar-se, isto é, um corpo-macho e um corpo-fêmea, iniciou-se um jogo de poderes políticos onde, ao surgir o outro sexo, começa-se uma montagem de um sexo mais potente, padronizado, referência; assim o masculino é o detentor do poder, enquanto ao feminino restaria um lugar de subalternidade: o jogo político de gêneros estava colocado.

Antes dessa linguagem dimórfica, o corpo era um só, isomórfico. O dimorfismo empregado pelo discurso médico, nas palavras de Bento sobre a linguagem médico-científica, "é uma das mais refinadas tecnologia de produção de corpos-sexuados, à medida que realiza o ato de nomear, de batizar, de dar vida, como se estivesse realizando uma tarefa descritiva, neutra, naturalizando-se" (Bento, 2017, p. 113). Sabemos, pela AD, que essa neutralidade é um mito, ou melhor, um efeito de uma ideologia produzindo evidências, pois toda fala é ideológica, todo posicionamento é político, todo dizer inscreve-se em determinadas FI e em determinadas FD e em determinas CP. Nesta toada, a prática médico-científica e biomédica não apenas estuda a diferença sexual, mas constitui sentidos para tal diferença.

Laqueur (2001), em relação a Freud, diz que o criador da psicanálise era um homem do seu tempo, um iluminista, isto é, herdeiro do paradigma da diferença sexual, onde a vagina é o oposto do pênis, uma anatomia da falta, onde a mulher não possui aquilo que o homem carrega, estabelecendo assim que a heterossexualidade é o estado natural da arquitetura dos dois sexos. Assim, para Freud, a anatomia é o destino. Porém, aponta o historiador:

> Mas Freud, mais que qualquer outro pensador, também se afasta do modelo. A libido desconhece o sexo. O clitóris é uma versão do órgão masculino - por que não o oposto? - e somente postulando uma espécie de histeria feminina generalizada, uma doença na qual a cultura assume o papel causal dos órgãos, é que Freud explica como o clitóris supostamente abre mão do seu papel na vida sexual da mulher em favor de um "órgão oposto", a vagina. Isso, em outras palavras, é uma versão da narrativa moderna central de sexo único em guerra com dois sexos. (Laqueur, 2001, p. 278)

De acordo com o autor, Freud promove uma reinvenção do clitóris, incitando que a ideia isomórfica do único sexo ainda é presente, uma vez que, tomando o clitóris como o pênis feminino, reatualiza-se o isomorfismo presente até o início do século XVIII sob a pena freudiana (Laqueur, 2001). O interessante, aqui, é toparmos com uma ótica de Laqueur, que diz de uma ruptura e uma recolocação, ou seja, aquilo dito antes, em outro lugar, independentemente, se atualiza, materializando, em outra época de outro modo, uma memória viva que se faz presente nos discursos produzidos de cada época.

Assim, Freud promove um corte epistemológico, mas também uma continuidade de um discurso outro, um já-lá, em outras CP, pois a "memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir de condições de produção específicas [...] mantendo-se, sendo atualizada ou esquecida. [...] A memória é algo que fala sempre, antes, em outro lugar (Soares & Zanella, 2020, p. 17). Deste modo, a investigação freudiana sobre o inconsciente e a sexualidade aponta para uma leitura antinaturalista, ou seja, aquilo que é tomado como natural está sujeito (e pelo sujeito) a ser apropriado e deslocado para os movimentos da cultura. Isso posto:

> Os estudos históricos de Laqueur tiveram como objetivo apontar que o sexo no isomorfismo era um fundamento inseguro para posicionar os sujeitos na ordem social e que as mudanças corpóreas poderiam fazer o corpo passar facilmente de uma categoria jurídica (feminina) para outra (masculina). (Bento, 2017, p. 114)

Pois bem, estabelecido o regime da diferença dos sexos, Bento (2017) revela pela história da medicina que o corpo em trânsito não é algo atual, uma vez que os corpos já transitavam pelo dispositivo do binarismo sexual. Assim, em um apanhado geral ela nos apresenta: o médico francês Ambroise Paré (1509-1590), que julgava que não havia nada de extraordinário no trânsito entre os sexos, da menina virar menino, relatando vários casos. Os médicos da renascença falavam de um sexo único e dois sexos sociais com direitos e deveres específicos. Nesta época, o sexo biológico que hoje se toma como referência ao gênero era inexistente. No século XVIII, há o exemplo de vários casos de meninas que se passavam por meninos como resistência, o que já estava sendo posto como papéis sociais femininos, casamento e maternidade, por exemplo. Antes no século XVIII falava-se em "tornar-se", "virar"; após este tempo, começa-se a utilizar termos como "passar por", já denunciando uma inscrição de um sexo verdadeiro, e que, após o século XIX, o "passar por" já não é possível, pois está claramente determinada a "existência natural" da diferença sexual. A partir do século XVIII, os seios lactantes tornaram-se signos de feminilidade atrelado à maternidade (órgão que já foi sinônimo de beleza feminina e luxúria das bruxas), conferindo um discurso com efeito protético, onde através dos seios-maternos produz-se a fabricação dos corpos sexuados (corpo de homem – corpo de mulher).

> Os efeitos dessas verdades interiorizadas fazem com que se tente agir de acordo com aquilo que se supõe natural. É a pressuposição de uma natureza agindo sobre as condutas que irá organizar as subjetividades, de forma que se tenta reproduzir ações sejam as mais "naturais". No entanto, a existência de sujeitos que não agem de acordo com as expectativas do dimorfismo nos leva a pensar nas fissuras das normas de gênero e que suas verdades não conseguem uma eficácia total. (Bento, 2017, p. 119-120)

Em vista disso, o corpo em trânsito na/pela história marcado pelo binarismo do sexo reflete (e refrata) um corpo localizado em uma polaridade naturalizada dos gêneros, atravessadas principalmente pela FD-CM. Desta forma, essa perspectiva acaba por desembocar em identidades de gêneros e sexuais que divergem de uma cisgeneridade e heterossexualidade compulsória (Butler, 1990/2020), que pela binariedade dos sexos e gêneros normatizam determinados discursos que se materializam em práticas médicas que designam o sexo no nascimento do bebê – é homem, é mulher. Essas subjetividades dissidentes das normas de gênero acabam, como nos mostra Bento (2017), sendo recuperadas por essas mesmas normas ao patologizarem tais subjetividades e localizarem que tal "problemática" dos gêneros, ou seja, a falta de identificação das pessoas trans na binariedade dos sexos e gêneros, encontra-se nos próprios sujeitos e não das normas de gênero.

Em vista do que foi mencionado, propomos pensar que o corpo manifesto nas transidentidades em determinadas particularidades acaba por corresponder, ao modo foucaultiano, à docilidade e disciplinarização dos corpos. A sociedade contemporânea vigia os corpos pelas lentes de uma norma cisheterossexual, ou seja, existem apenas dois corpos, o corpo-macho e o corpo-fêmea, o que acaba delineando a junção dos corpos pela diferença anatômica. Ou seja, os efeitos disso podem ser colhidos no controle das transidentidades para que interfiram no corpo, assumindo uma "transexualidade" verdadeira, a fim de corresponder a uma lógica binária dos sexos. Não à toa que muitos sujeitos trans utilizam significantes como corpo errado, erro de corpo, deficiente, algo sobra, algo falta, um corpo que não é meu, este corpo não sou eu, entre outros, para significarem experiências subjetivas em relação ao corpo. A solução consiste em intervir nesse corpo para que ele se adeque à lógica dócil do corpo cis, ou ao "cistema-mundo", a uma sociedade que é regida pela cisgeneridade e o cissexismo.

No capítulo 3, descrevemos algumas breves palavras sobre a noção de "cistema-mundo" de Vergueiro (2015), no intuito de iniciar um gesto de análise que compreende o "cistema-mundo" enquanto uma formação discursiva que baliza os dizeres dos sujeitos, logo, seus lugares de posicionamento no discurso. Vergueiro (2015), em sua pesquisa intitulada "*Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*", propõe refletir sobre as categorias de cisgeneridade e cisnormatividade, enquanto dispositivos de poder que exerceriam uma colonização sobre os corpos e as identidades de gênero.

Assim, partindo da noção de "cistema-mundo" que confere esse processo colonizador das dissidências de gênero, excluindo, silenciando e violentando existências não cisgêneras, a autora desenvolve a importância de posicionamentos de corpos e gritos que destoam desse

mundo "*cis*tematizado". Não que não houvesse esses posicionamentos anteriormente, mas que determinadas vozes não são escutadas pelos ouvidos moucos do "cistema"; assim, o "cistema-mundo" pode até "escutar" e conceder a vida a esses corpos dissidentes, no entanto não deixam de subalternizar, controlar e (psico)patologizar tais subjetividades (Vergueiro, 2015).

Então, Vergueiro (2015) se mune dos estudos decoloniais, isto é, de um conceito analítico que oferece um dispositivo adequado para criticar, refletir e analisar questões políticas que tocam as temáticas de raça, classe e gênero, enquanto categorias que sofreram um processo de colonização, em outras palavras, uma apropriação do outro que envolve saber, poder e ser. Com isso, os estudos decoloniais configuram um movimento latino-americano que busca estabelecer epistemologias do Sul, ou seja, uma construção de saberes que visam uma emancipação dos pensamentos colonizados pelo eurocentrismo. Neste ínterim, a proposta decolonial pretende estabelecer uma crítica a uma ideia universalizante do conhecimento e da cultura, ou seja, falar, nomear e produzir conhecimentos sobre determinados corpos, sexualidade, raça e gênero (Vergueiro, 2015).

> Ao tomar a (de)colonização como conceito analítico para uma reflexão sobre as diversidades corporais e de identidades de gênero, pretende-se denunciar o caráter colonizatório dos obstáculos institucionais e não institucionais a uma existência digna a essas pessoas, incluindo-se aqui sua exclusão cistemática de espaços de decisão e produção de conhecimento, bem como explicitar o etnocentrismo que permeia as definições dominantes de gênero, desestabilizando cronologias que privilegiam instituições médicas para analisar inconformidades de gênero – respeitando, pois, a existência histórica de perspectivas outras sobre gênero que não a 'ocidental'. (Vergueiro, 2015, p. 42)

Como visto, a autora irá defender a existência de um processo colonizador de corpos dissidentes de gênero "*cis*tematicamente" definido, o que acaba por estabelecer a cisgeneridade como norma, regra e ordem. Consequentemente, a cisgeneridade não configura uma identidade gênero como outra qualquer, mas sim enquanto um regime de violência, de institucionalização de saberes sobre corpo, sexo e gênero. Ou seja, o que podemos compreender da proposta de Vergueiro (2015) é que o "cistema" sexo/gênero, materializado no corpo, prescreve uma normalidade que naturaliza uma binariedade para os corpos "especialmente quando se notam as conveniências de se encontrar tal origem em fatores 'biológicos' e 'naturais' produzidos para a sustentação de cistemas colonialistas de gênero" (Vergueiro, 2015, p. 46), determinando uma realidade pré-discursiva e ontologizada.

> O momento a partir do qual uma definição sobre as 'materialidades sexuadas/generificadas' se torna pré-discursivamente factível é, enfim, o momento em que se compreende (a partir de critérios normativos) que estes corpos trazem certos sinais fisiológicos que o possam definir inequivocamente entre 'macho' 'ou' 'fêmea'. Tais definições são tidas como necessárias por uma variedade de razões sociais, ainda que, como aponta Greenberg (2006) em um artigo sobre as limitações e problemas oriundos de um cistema de

> gênero binário, estas definições não somente são muito mais complexas e menos objetivas do que o senso comum talvez possa imaginar, mas também que elas se alinham a compreensões normativas sobre possibilidades corporais, desejos e práticas sexuais e reprodutivas. (Vergueiro, 2015, p. 62)

Assim, ao tomarmos de empréstimo a noção de "cistema-mundo" rigorosamente trabalhada por Vergueiro (2015), intenta-se pensar tal categoria enquanto uma FD-CM, que nas tramas do discurso age determinando o que pode e deve ser dito sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, na medida em que inscrevem sentidos que bifurcam o corpo em apenas dois sexos: homem e mulher. Em vista disso, discursos médico-científicos, religiosos, mercadológicos, psis (psiquiátrica, psicologia e psicanálise), jurídicos, por exemplo, participam da FD-CM. Assim, tomaremos esses discursos alojados em uma FD, que configura o lugar provisório da metáfora (deslizamento de sentidos entre diferentes FD), local de constituição dos sentidos e de identificação do sujeito.

Como vimos com Laqueur (2001), o sexo é uma invenção que emerge juntamente com as ciências biológicas; como vimos com Lacan (1973-74/2018), não existe realidade pré-discursiva, e o sujeito está sempre em relação com o Outro; e, como vimos com Pêcheux (1983/2020), o discurso não está apático à sua exterioridade, à sua memória, aos pré-construídos. Diante disso, Vergueiro (2015), ao apontar para um "cistema-mundo" que cria epistemologias eurocêntricas, cissexistas e heterocentradas, moldando um modelo cisnormativo que está imbricado a uma engenharia colonizadora de corpos e gêneros dissidentes, a autora propõe que devemos traçar um posicionamento de "desobediências epistêmicas" (Vergueiro, 2015, p. 63). Encontramos, em Pêcheux (1983/2014), que é preciso ousar revoltar-se, e é preciso ousar pensar por si mesmo. Uma ousadia possível já que toda ideologia, inclusive a que sustenta o "cistema-mundo", é passível de falhas, desmaios, rachaduras (Pêcheux, 1983/2014). Partindo disso, o tecido que urde os fios de uma memória discursiva do corpo sexuado, que denuncia a existência de corpos em trânsito, de corpos para além do controle binário dos sexos, o sujeito comparece como um pespontador, furando o duro tecido "cistema-mundo", ora bordando por meio da repetição, ora bordando o novo.

3.2. Condições de produção discursivas: (trans)feminismos, gênero e estudos *queers*

> *"Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinadas, enquanto pessoas, a categorias que não funcionam para nós" (Judith Butler, 2016, p. 24.24).*

Os estudos sobre gênero, feminismo e mais recentemente os estudos *queer* constituem uma região de investigação e de produção de conhecimento científico indispensável para pensarmos a questão do corpo nas transidentidades. Esses estudos viabilizam pensarmos, questionarmos e produzirmos conhecimentos e territorialidades acerca das novas cartografias de gênero, de sexualidade e de corpos (Vergueiro, 2015). Como aponta Stona (2018), os movimentos LGBTQ, os feminismos, as masculinidades, a destituição da monogamia e o surgimento do poliamor, a "desordem" e as novas montagens de certas configurações familiares, as biotecnologias, a reprodução *in vitro*, os avanços cirúrgicos em modificações corporais, entre outras questões, temáticas e movimentos políticos, constituem uma produção de sentidos de evidencia de que no contemporâneo tudo seria possível.

Diante disso, intentamos nesta seção traçar um gesto de um percurso em relação à noção de gênero, que, em um primeiro ato, comparece no campo médico, em 1955, com John Money, psicólogo que se dispõe a estudar e pesquisar sobre casos de pessoas intersexuais, principalmente crianças, no Hospital Johns Hopkins. Money irá utilizar o termo gênero, mais especificamente "papel de gênero", pela primeira vez em relação às diferenças sexuais (Leite Jr., 2008). De acordo com Leite Jr. (2008), o que Money propõe refere-se a pensar que o comportamento de gênero (para ele, uma lógica binária, ou seja, homem e mulher) não era algo natural, isto é, inato ao funcionamento orgânico.

Diante disso, além do utilitarismo do conceito de gênero na esfera da medicina, podemos estabelecer que os estudos de gêneros atualmente foram precedidos, principalmente, pelo movimento histórico da luta dos direitos das mulheres, um movimento que se deu de modo gradativo da esfera social para o campo acadêmico. Pois, como vimos na fundação da diferença sexual com Laqueur (2001), após o estabelecimento da diferenciação entre homens e mulheres, o jogo de disputas políticas diante desses dois modos de estar na pólis, emergiram diversas questões relacionadas à subalternidade das mulheres em relação ao poder, principalmente na esfera pública. Nas palavras de Bento (2017):

> Os estudos sobre os gêneros, inicialmente, elaboraram construtos para explicar a subordinação da mulher calcados na tradição do pensamento moderno que, por sua vez, opera sua interpretação sobre as posições dos gêneros na sociedade a partir de uma perspectiva oposicional/binária e de caráter universal. (Bento, 2017, p. 66)

Será nos anos 80 e 90, como pontua Scott (1986), que a noção de gênero deixará de ser uma faculdade do conceito de identidade (homem e mulher) em seu caráter essencialista e substancializante; assim, os estudos sobre gênero deslocam-se para uma categoria que não é

apática à história, ou seja, as noções de homem e mulher, por exemplo, passam a ser vistas enquanto noções que carregam uma historicidade. Em vista disso, partindo do pressuposto de que gênero e identidade são correlatos, mas que não se confundem, os estudos de gênero e de relação de gênero passam a investigar como a diferença sexual dos sujeitos foram imbricados em uma política de desigualdade e dissonâncias, a fim de produzir um sistema opressivo e de exclusão de mulheres (e demais subjetividades minoritárias) em relação a um suposto sexo dominante, isso é, o homem (Scott, 1986).

No que diz respeito ao movimento feminista é importante negritar que o movimento passou por algumas fases ou ondas. Assim, brevemente pontuamos que a primeira onda, que correu no final do século XIX, abordou questões de classe e de gênero, consistindo na luta por direitos sociais e políticos principalmente nos espaços públicos e pelo direito ao voto. A segunda, que se deu por volta dos anos 60 até os anos 90, por sua vez, abarcou temáticas como classe, gênero e raça, além de reivindicar o direito pelo próprio corpo (direitos sexuais e reprodutivos), delimitando o corpo entre o público e o privado. Neste ínterim a questão que permeava a 2ª onda era "a quem pertence o corpo?". Na terceira onda, estabelecida após os anos 90, o movimento feminista estava às voltas das questões relacionadas a classe, gênero, raça e as provocações *queer*, discutindo, portanto, as recolocações de estereótipos corporais e de gênero, além de questionar a ontologia binária da repartição dos sexos. E, por fim, a quarta onda, situada atualmente, condiz na cibermilitância, isto é, além de debater temas como classe, gênero, raça e *queer*, acrescentam-se também as mudanças tecnológicas e a globalização. A quarta onda insere-se, à vista disso, em um movimento que compreende o espaço digital enquanto um lugar material para a militância (Bocchi, Herculino & Lozano, 2018).

De acordo com Bagagli (2019), a aproximação entre os movimentos feministas e as questões das transidentidades não é sem consequências, tanto no quesito de uma recusa, principalmente das correntes do feminismo radical, que acabam por designar ao "ser mulher" uma ontologia e uma biologia determinada, quanto na oportunidade que as experiências transidentitárias possam oferecer à teoria feminista, principalmente em levantar questões acerca dos pressupostos sobre corporeidade e do "ser" de um ou de outro gênero. Assim, de acordo com Bagagli (2019), o transfeminismo é "um projeto capaz de tornar o presumidamente natural em não-natural, o essencial em contingente, pois questiona a convicção que o corpo por si só seria um significante natural capaz de garantir a certeza sobre a identidade sexual" (p. 17). No Blog *"Transfeminismo: feminismo intersecional relacionado às questões trans"*, capitaneada por Bia Bagagli e Hailey Kaas, o transfeminismo é definido como:

> uma corrente feminista voltada às questões das pessoas trans. Frustradxs com a falta de visibilidade e até mesmo exclusão dentro do próprio movimento feminista, as pessoas trans se organizam para lutar em prol de sua emancipação e autonomia, frente uma estrutura que mantém essas pessoas à margem. Tal estrutura pode ser definida através do que se convencionou chamar de *cissexismo*. (Kaas, 2015, s/p.)

Ainda sobre as discussões em relação a gênero, Bento (2017) irá recorrer à obra *"O segundo sexo"*, de Simone de Beauvoir, pois, ao enunciar que não se nasceria mulher, mas sim que se trata de um processo de tornar-se mulher, Beauvoir intenta em um movimento teórico desnaturalizar a identidade feminina, mostrar os mecanismos que sustentam o processo de tornar-se mulher, ou seja, se de um lado ocorre um processo de desnaturalização da mulher recolocando-a em uma posição inferior, do outro sobrevém uma processo de essencialização dos gêneros, desembocando em uma cristalização das identidades em duas posições fixas, homem e mulher.

> Dois corpos diferentes. Dois gêneros e subjetividades diferentes. Esta concepção binária dos gêneros reproduz o pensamento moderno para os sujeitos universais, atribuindo-lhes determinadas características que se supõe sejam compartilhadas por todos. O corpo aqui é pensado como naturalmente dimórfico, como uma folha em branco, esperando o carimbo da cultura que, através de uma série de significados culturais, assume o gênero. (Bento, 2017, p. 67)

Nesse paradigma essencialista sexo e gênero estão fundidos, são uma mesma e única coisa, "assim como todo o complexo dispositivo binário de gênero, que dispõe os seres humanos em dois grupos opostos e irreconciliáveis, resulta puramente de 'determinantes biológicos', como pressupõe a 'sexologia'" (Lanz, 2014, p. 43). Essa ideia universalizante dos sexos e, portanto, um essencialismo inerente a cada um deles, já foi desbancado por estudos pioneiros na antropologia como exposto por Lanz (2014), que menciona os estudos da antropóloga cultural norte-americana Margaret Mead, que em seu estudo *"Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas"*, de 1935, trouxe que a diferença biológica não era fator determinante das diferenças entre os sexos 'masculino' e 'feminino' no que se refere ao temperamento ou trato, mas sim que as esferas sociais e culturais eram fatores consideráveis na constituição dessas características temperamentais (Lanz, 2014). Alguns resultados dos estudos de Mead são apresentados pela autora:

> Entre os Arapesh, tanto machos quanto fêmeas apresentavam o que poderíamos considerar como temperamento 'feminino' (passivo, cooperativo e expressivo). Entre os Mundugamor, tanto machos quanto fêmeas mostravam o que nós consideraríamos ser um temperamento 'masculino' (ativo, competitivo e instrumental). Finalmente, entre os Tchambuli, homens e mulheres apresentavam temperamentos diferentes entre si, mas opostos aos nossos próprios padrões. Nessa sociedade, os homens eram emocionais e expressivos, enquanto as mulheres eram ativas e instrumentais. O estudo de Margareth Mead leva-nos a repensar a natureza da feminilidade/masculinidade. Tratos, temperamentos, papéis e identidades não podem estar inextricavelmente associados ao sexo biológico. (Lanz, 2014, p. 44)

Diante disso, Bento (2017) ressalta que os estudos sobre gênero na década de 90 irão debruçar-se sobre essa desnaturalização da mulher, um movimento que promoveu uma ruptura com uma corrente onde a mulher era um sujeito universalmente subordinado, deslocando-a para outro lugar, o de mulher-vítima e, por sua vez, o homem sendo situado no lugar de homem-inimigo: "dois lados da mesma moeda: o patriarcalismo" (Bento, 2017, p. 70). Um dos efeitos desses estudos relacionais entre os gêneros foram os estudos sobre as masculinidades, os quais também tinham como propósito essa desnaturalização do masculino, enquanto um homem universal, que seria naturalmente viril, competitivo e violento (Bento, 2017).

Com isso, é de fundamental importância sair de um paradigma de uma relação binária que se assenta no referente biológico-anatômico dos sexos, promovendo debates onde se questiona uma compulsoriedade de relações heterossexuais e cisgênero, pois como compreender sujeitos que não se identificam dentro dessas categorias? Deste modo, sair de uma lógica universal de homem e mulher, e de uma lógica relacional, onde esses dois gêneros se relacionam, estabelece uma crítica em que ambas sustentam uma proposta binária de leitura sobre os gêneros, orientações sexuais e corporeidades.

Em vista disso, um terceiro momento dos estudos sobre gênero será marcado por uma leitura além dos paradigmas universal e relacional. Estes estudos promovem uma problematização da vinculação entre gênero, sexualidade e corpo. Será com Judith Butler (1990/2020), em *"Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade"*, que iremos intentar construir leituras que versam em apontar um processo de colonização e de estruturação acerca da naturalização do sexo biológico como um rochedo imutável e o gênero apenas como um constructo cultural desenvolvido acima da biologia dos sexos, deslocando a binariedade presente no sexo anatômico para o campo do gênero.

Destarte, a filósofa feminista, considerada um dos nomes mais importantes dos estudos *queer* no mundo e principalmente no Brasil, estabelece debates interessantes sobre o paradigma da diferença dos sexos, que acabam por promover uma "coisificação do gênero", ou seja, uma substancialização, além de traçar dispositivos de regulação de gêneros, sexualidades e corpos, por meio do dispositivo cis-hetero-norma. Como pontua Stona (2018):

> A cis-hetero-norma é um dispositivo colonial que organiza o alicerce de uma maioria de epistemologias sobre a cisgeneridade e a heterossexualidade serem os modelos supostamente naturais e normais para a compreensão dos processos de subjetivação e, consequentemente, do humano. (p. 14)

Com relação aos estudos *queer*, trata-se de um campo heterogêneo de investigação que busca problematizar e questionar diversos campos de construção de saberes, principalmente os que abordam questões relativas ao gênero, sexualidade e corpo. Como aponta Lima (2021), as multidões *queer* surgiram enquanto rebotalho de determinados movimentos identitários, ou seja, existências que não eram abarcados pela comunidade gay da época e muito menos pelo grupo de pessoas cisgêneras e heterossexuais, o que acabava por deixar uma sobra, um resto; dito de outro modo, corpos que não se adequavam às normas cisheterossexuais e "outras tantas formas de vida que não se encaixavam nesse ideal gay, eram relegadas ao lugar de resíduo abjeto, objeto-dejeto do social" (Lima, 2021, p. 19).

> As multidões queer surgiram nos Estados Unidos, ao longo da década de 1980, como uma aposta política que se organizavam em pelo menos duas vertentes. Por um lado, elas denunciavam a sociedade cis-heteronormativa, que, em meio à epidemia da aids, considerava descartáveis as vidas que não se adequavam às normas sexuais hegemônicas. Por outro lado, criticavam também uma parcela da comunidade gay que teria se incorporado aos ideais do capitalismo estadunidense, deixando de lado outros dissidentes de gênero e sexualidade em favor da ilusão de assimilação que marcadores sociais como a branquitude e o poder de consumo lhes forneciam. (Lima, 2021, p. 19)

Será nesse ínterim que Butler irá edificar sua proposta teórica no tocante ao gênero, que será definido pela filósofa na urdidura da linguagem enquanto atos de fala, isto é, quando se diz algo, se faz algo; e, através da noção de performance, que consiste em uma repetição de determinadas discursividades, dado que, para a teórica feminista, a performatividade organiza-se como uma prática discursiva que produz uma realidade através da nomeação do que determina o ser homem e o ser mulher (Butler, 1990/2020). Nas palavras da autora:

> Nesse sentido, o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um "eu" generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a platéia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença. (Butler, 1990/2018, p. 3)

Desta forma, Butler propõe que o que entendemos como identidade de gênero diz de uma realização performativa constante de papéis de gênero que é coagida por sanções sociais e tabus (Butler, 1990/2020). Bento (2017) diz que, para Butler, gênero e corpo não estão imbricados, mas que através de um gênero heteronormativo fabrica-se um corpo, corpos-homens e corpos-mulheres. Portanto, ao modo em que esses corpos são designados e afirmados

como corpos-sexuados, os corpos adquirem sua aparência de gênero, e é isso que configura a performatividade de gênero, pois, se para ser menino tem que jogar futebol, não chorar, sentar com as pernas abertas, urinar de pé, o sujeito começa a performar essas práticas para se legitimar enquanto homem.

Assim, ao nascer os sujeitos sofrem uma determinada inscrição linguageira que codifica enunciados que impõem ao corpo modos expressivos dos papéis de gênero, ou seja, por meio de uma repetição de atos discursivos constroem-se corpos masculinos e corpos femininos. Com relação aos atos performativos Porchat (2014) escreve que:

> o ato performativo torna real e produz aquilo que nomeia ou atua (enquanto gesto e comportamento) [...] este ato é sempre uma citação de algo, é referido a um código e, por isso mesmo, é efeito[...] gênero é um ato, requer uma performance que, ao se repetir, mantém o gênero em sua estrutura binária. É uma ação pública, encena significações já estabelecidas socialmente e desse modo funda e consolida o sujeito [...] como um efeito performativo de atos repetidos, sem um original ou uma essência. (Porchat, 2014, p. 86)

Ainda com Butler (1990/2020), compreende-se que as relações de poder tramadas socialmente inscrevem no corpo sentidos igualmente disputados por essas relações, ou seja, o dispositivo cis-hetero-norma, a cisnormatividade, como escreve Butler, promove uma prática de naturalização de alguns corpos e desprezo por outros. Em outras palavras, trata-se de dispositivos que gerenciam aos corpos cis sentidos de natural e normalidade, enquanto os corpos nas transidentidades como criminoso, pecaminoso, anormal, viabilizando práticas de patologização e violência aos corpos dissidentes. O que Butler (1990/2020) propõe não é exatamente uma aniquilação dos gêneros, ou uma extinção das ditas perfomatividades, mas o que ela empreende em sua obra é uma crítica à compulsoriedade de determinados gêneros tomados como naturais e normais em detrimento de outros que não condizem com o "esperado".

Ou seja, em "*Problemas de Gênero*", Butler objetiva desconstruir a noção de gênero e de identidade, dado que ambos são compreendidos como um processo contextual e contingencial, na medida em que comparecem na sua formalização questões sociais, históricas e culturais (Butler, 1990/2020). Sendo assim, a autora defende que tanto o sexo como o gênero são noções inventadas enlaçadas a um ser ontologizado e substancializado. O sistema cis-hetero-norma determina uma prescrição do gênero aos sujeitos, inviabilizando subjetividades outras, o que alcança nos estudos *queer* um lugar para refletir sobre uma não identidade. Porém, ocorre que acaba por prescrever uma inteligibilidade aos gêneros dissidentes da cisheteronormatividade.

Neste sentido, como afirma Santos (2019), nos trabalhos de Butler "a temática da diferença estabelecida entre sujeitos passa, no mais das vezes, mais pela oposição entre o viável (ou legítimo) e o não vivível do que pela diferença dos sexos" (p. 32). Ora, o que Butler visa ao pensar uma subversão a identidade de gênero, consiste em traçar uma realidade em que alguns humanos não são conhecidos como humanos, e essa falta de reconhecimento deságua em práticas de violência a vidas que não podem ser vividas. Será através desses questionamentos de quais corpos merecem viver que Butler chegará à noção dos corpos abjetos, isto é, corpos passíveis de serem submetidos à violência, exclusão e assassinato.

Em *"Problemas de gênero"*, Butler retoma o conceito de abjeção de Julia Kristeva para pensar sobre o corpo abjeto, tornando-se um paradigma para pensar gênero. Na obra *"Poderes do horror: um ensaio sobre a abjeção"* de Kristeva (Butler, 1990/2020), o abjeto é denominado como os excessos do corpo, expelido e descartado: fezes, urina, vômito, lágrimas, saliva. O corpo abjeto é aquilo que não queremos ver em nós mesmos: nossos excrementos, nossos excessos e, em última instância, nosso cadáver. O nosso corpo abjeto é nossa doença, nossa morte. Butler diz que encontrou, na violência contra as minorias sexuais ou nas minorias de gênero, pessoas cuja forma como apresentavam seu gênero não se conforma a padrões ideais de masculinidade ou feminilidade. A violência se dirigiu contra a forma como caminhavam, como usavam seus quadris, e o que faziam com partes do seu corpo, como sua boca e seu ânus (Butler, 1990/2020).

Baldini (2017) pontua que de modo geral a noção de gênero está associada com os estudos de Butler, que fundamenta uma teoria onde se propõe uma desconstrução da dicotomia sexo e gênero ou, dito de outro modo, da dicotomia natureza e cultura, estabelecendo uma releitura da performatividade da linguagem, onde o sujeito que recebe uma designação sexual irá performar o sexo e o gênero. Ou seja, quando o recém-nascido recebe uma designação "é homem", no decorrer de seu desenvolvimento ele irá performar o que é ser homem em determinada cultura.

> O trabalho de Butler nos permite repensar o gênero não como um dado, mas como "efeito" de práticas de linguagem imersas na política, e que talvez a distinção entre sexo e gênero seja, verdadeiramente, nenhuma. O que me parece importante marcar aqui são, basicamente, dois aspectos: primeiro, o fato de que o pensamento de Butler é radicalmente anti-humanista e antiessencialista, e que esse anti-humanismo e esse antiessencialismo a aproximam da AD na medida em que o gênero passa a ser pensado como uma operação discursiva que produz gêneros inteligíveis. (Baldini, 2017, p. 17)

Assim, são indispensáveis as contribuições de Butler em relação a noção de gênero, porém, mesmo que exista uma ligação íntima entre gênero e linguagem, pela perspectiva de

AD, hão de ser consideradas algumas diferenciações importantes, principalmente em relação aos atravessamentos da ideologia e do inconsciente na constituição do sujeito, principalmente ao tomarmos um sujeito que não possui o total controle dos efeitos dessa incidência na linguagem em seu percurso subjetivo. Posto isso, o gênero pela perspectiva discursiva pode ser compreendido como:

> Uma construção discursiva, efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório. Assim, pensamos as identificações de gênero articuladas com outras identificações nos processos de subjetivação, quando vozes/corpos historicamente silenciados ou interditados entram em cena. Pensamos aqui na emergência de discursos nos quais os indivíduos são tomados como alvo de um processo de subjetivação gerando, ao mesmo tempo, um saber e um modo de falar sobre si. [...] Interpelação ideológica como um processo sempre-já-gendrado, ou seja, que sofre a sobredeterminação de identificações simbólicas de gênero e sexualidade. Em termos discursivos, esta compreensão nos leva a discutir teoricamente a complexidade dos processos de identificação que configuram as posições-sujeito no discurso, na sua relação constitutiva com as condições de produção, a memória discursiva, a enunciação e o corpo. (Zoppi-Fontana, 2017, p. 64)

A autora propõe, portanto, que o gênero na AD não pode ser pensado sem a exterioridade do dizer, ou seja, que se trata de um processo de identificação complexo e contraditório dado que é afetado pelo inconsciente, pela ideologia, pela história. À vista disso, pelos processos discursivos como concebe Pêcheux, o gênero é um efeito de sentido entre interlocutores, como pontua Guimarães (2018), ao dizer que gênero é discurso e porta seu caráter significante, disputas de sentidos estão em jogo em campos contraditórios e paradoxais como a medicina, psicanálise, antropologia, filosofia, religião entre outros.

3.3. Das transexualidades às transidentidades: efeitos de diagnóstico entre interlocutores

> *"A pior dor é a dor biológica. A dor de saber que o seu eu é naturalizado pelo seu corpo, algo que você não pôde escolher. O que eu vejo no espelho não sou eu. Se um desavisado perguntar 'O que é que você está vendo?', respondo: 'Um espelho'"* (Assucena Assucena, 2018)[45]

Feito esse apanhado sobre algumas formas de compreensão acerca de gênero, sexualidade e corpo, iremos adiante pensar um percurso que parte da noção de "transexualidade", noção que emerge das práticas e discursos médicos, até chegarmos à noção de "transidentidades", termo empregado nesta pesquisa para designar as dissidências de gênero

[45] Assucena Assucena (1987), mulher trans, cantora e militante brasileira. Vocalista na banda As Bahias e a Cozinha Mineira.

inconformes com o "cistema-mundo". Assim, tomaremos o processo de diagnósticos como efeitos de sentidos entre interlocutores, ou seja, como discurso que diz de uma FD médico-científico que instala uma engenharia de controle sobre os corpos desviantes de uma determinada normatividade.

Como denuncia Foucault (1974/2010) em sua conferência "*Crise da medicina ou crise da antimedicina*", a prática da medicina é sempre social e não privada, na medida em que, a partir do século XVIII, o campo da medicina e do político se misturam, deslocando a figura do médico da esfera individual para o campo coletivo, uma imisção a partir da qual não conseguimos mais separar o discurso médico de outros campos, como descreve o autor:

> De fato, não se deve pensar que a medicina permaneceu, até nossa época, como atividade de tipo individual, contratual, entre o doente e seu médico, e que só recentemente essa atividade individualista da medicina se defrontou com tarefas sociais. Procurarei demonstrar, pelo contrário, que a medicina é, pelo menos desde o século XVIII, uma atividade social. Em certo sentido, a "medicina social" não existe, porque toda a medicina já é social. A medicina foi sempre uma prática social e o que não existe é a medicina "não-social", a medicina individualista, clínica, do colóquio singular, apenas um mito mediante o qual se defendeu e justificou certa forma de prática social da medicina: o exercício privado da profissão. (Foucault, 1974/2010, p. 172)

Em vista disso, a medicina assume um poder sobre o saber nessa imisção entre o individual e o social, reverberando uma imposição do saber médico sobre o indivíduo, seja ele doente ou não, e também sobre a sociedade. Foucault (1974/2010), portanto, afirma que a medicina intervém no indivíduo e na sociedade, mesmo que esses não demandem, estabelecendo um processo que o autor irá chamar de medicalização indefinida, que não diz exatamente de uma doença, mas sim da medicalização de um determinado fenômeno. Aqui, o filósofo revela os casos dos chamados "desvios sexuais", em que um comportamento ou um desvio sexual não vai ser lido por um médico como uma doença, mas, não obstante, isso não o impede de promover uma medicalização de tais experiências sexuais (Foucault, 1974/2010). O que oferece um lugar privilegiado para a medicina no jogo de poderes.

> De fato, a medicina de intervenção autoritária em um campo cada vez mais amplo da existência individual ou coletiva é um fato absolutamente característico. Hoje a medicina está dotada de um poder autoritário com funções normalizadoras que vão bem além da existência das doenças e da demanda do doente. (Foucault, 1974/2010, p. 181)

A medicina condecorada como lugar de saber sobre o que venha ser saúde e doença instaura um deslocamento de uma sociedade da lei para uma sociedade da norma, ou seja, por mais que sejam duas noções que tendem a entrar em confusão, sublinhamos, junto com Foucault (1974/2010), que apesar de a lei instituir norma, nem toda norma é uma lei, e, apesar disso, se

a norma não é a lei, ela não deixa de funcionar como dispositivos de controle. Como já vimos sobre a noção de biopoder de Foucault, será nessa medicalização da sociedade que tal conceito ficará mais evidente, pois, tendo em vista o poder que o discurso médico exerce na pólis, o biopoder emerge no contexto do eugenismo do século XIX, além de inscrever o higienismo mental ao higienismo somático. Nesse período, da ocupação da medicina como saber supremo sobre a vida, não qualquer vida, mas a saudável e a doente, a psiquiatria também estende o domínio de sua prática e surge os saberes farmacêuticos e a produção de medicamentos para as doenças somáticas e mentais.

Canguilhem (1943/1982), que influenciou fortemente as construções teóricas de Foucault, no seu livro "*O Normal e o Patológico*" avisa que as esferas de normal e patológico não são determinadas pela realidade biológica, pois o conceito de normalidade está associado a um conjunto de normas constituídas socialmente, pela quantidade e pelo comum, o que delimita uma fronteira entre o normal e o patológico. Nesta obra, o autor irá debater uma visão idealista de uma norma que constituiria o que venha a ser saudável ou doente, compreendendo que o patológico seria uma variável quantitativa de uma suposta normalidade (Canguilhem, 1943/1982). Com isso, o doente só surge a partir do momento em que se normativiza o que venha a ser saudável; em suas palavras, a "doença é ainda uma norma de vida, mas uma norma inferior, no sentido que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, por ser incapaz de se transformar em outra norma" (Canguilhem, 1943/1982, p. 72). O que delimita uma impressão do venha a ser doente ou saudável.

> A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente. Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado. (Canguilhem, 1943/1982, p. 71).

É importante retomar um pouco sobre esse debate entre o normal e patológico, com as ricas contribuições de Foucault e Canguilhem, para pensar o saber médico em nossa sociedade, dado que as transidentidades irão emergir desse lugar discursivo. Vale aqui destacar que o sentido de desvio dentro das dicotomias saúde/doença e normalidade/anormalidade, já falado antes em outros contextos sobre as homossexualidades, retornam agora em relação às subjetividades e corpos trans, ou seja, a normatização do corpo segue na mira da medicina a diagnosticar o diferente como fora dos padrões tomados como aceitos para o que venha a ser saúde.

Deste modo, Bento (2017) apresenta que em 1910 o médico e sexólogo Magnus Hirschfeld utilizou o termo "transexualpsíquico" referindo-se a travestis fetichistas; até este momento, não se tinham especificado diferenças entre homossexuais, travestis e transexuais. Hirschfeld foi responsável pelo caso de Dora Richter, considerada a primeira pessoa conhecida a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual e de gênero. Outro caso famoso é o de Lili Elbe, que foi retratado no filme "*A Garota Dinamarquesa*" de 2015, que namorou a artista plástica Gerda Wegener, que ao pedir ao então namorado "Einar Wegener" para que posasse com vestimentas femininas para que Gerda o pintasse, inicia-se um processo em Einar de identificação com o gênero feminino, assumindo uma identidade enquanto mulher e passando a se chamar Lili. Elbe também foi uma das primeiras mulheres a se submeter à adequação sexual e de gênero, no seu caso, o médico responsável foi o ginecologista Kurt Warnerkros.

Como pontua Leite Jr. (2008), foi em 1952 que a noção de transexualidade ganhou destaque mundial com o caso de George William Jorgensen Jr., que ao escolher "mudar de sexo" torna-se Christine Jorgensen, em homenagem ao seu médico o Dr. Christian Hamburguer, endocrinologista que iniciou o tratamento hormonal em Christine. Na época, Christine dizia que era "uma mulher presa em um corpo de homem". Para os conservadores da época, Christine era uma *freak*, isto é, aberração, monstro (Leite Jr., 2008). As questões transidentitárias surgem, pois, em um âmbito médico e de tratamento; assim, na década de 60 e 70, essas questões se estabelecem através de associações internacionais que produziram conhecimentos específicos sobre a transexualidade – termo utilizado no campo médico –, principalmente no tocante ao desenvolvimento de crivos e balizas diagnósticas em relação aos *gays*, lésbicas e travestis, visando fundamentar uma prática de tratamento dos sujeitos trans (Bento, 2017).

O termo "fenômeno transexual" foi cunhado por Harry Benjamim, endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos, e, de acordo com Leite Jr. (2008), Benjamim também foi médico de Christine Jorgensen. Em 1953, Harry Benjamin utilizou o termo "transexualpsíquico", apontando como tratamento terapêutico as cirurgias de "readequação" corporal, ou seja, uma harmonização entre mente e corpo. Em grande maioria, os profissionais psis (psicanalistas, psicólogos e psiquiatras) eram prontamente contra intervenções cirúrgicas como tratativas terapêuticas nos casos das transidentidades; muitos psicanalistas argumentavam que se tratava de mutilações (Ayouch, 2015; Bento, 2017; Cunha, 2021). Assim, como vimos, as FD-CM que se debruçam sobre o corpo, configurando um controle das dissidências de gênero, neste ínterim eram organizados pelos dispositivos de diagnósticos no campo biológico, médico e psicológicos.

Através da teoria de papéis sociais do sociólogo Talcott Parsons, em relação à diferença sexual o psicólogo e sexólogo John Money desenvolveu suas primeiras teses em referência ao conceito de gênero, onde o psicólogo irá postular que a identidade sexual poderia ser modificada até os 18 meses, uma tese revolucionária para época, haja vista que Money empreende um pensamento segundo o qual a "identidade sexual" não era inata, podendo sofrer alterações do social (Bento, 2017). No entanto, as "teses de Money [...] não eram da determinação do social sobre o natural, mas de como o social, mediante o uso da ciência e das instituições, poderia fazer com que a diferença dos sexos, que Money considerava natural, fosse assegurada" (Bento, 2017, p. 37). Assim, com um empuxo a heterossexualidade mantinha-se intacta nessa perspectiva de Money, que chagava a cogitar hipóteses de que a transexualidade conferiria um estado de anomalia cerebral que distorcia a imagem corporal dos sujeitos.

Bento (2017) descreve que existiam duas importantes correntes de produção de conhecimento acerca das transidentidades. São elas: teoria sobre o funcionamento endocrinológico e as teorias educacionais em relação à identidade de gênero. Estes dois campos irão trabalhar juntos na elaboração de protocolos para os centros de transgenitalização, para que as pessoas que se autodeclaravam dissidentes de gênero pudessem entrar no processo "transexualizador". Nesta produção de conhecimentos, em 1973 Money define a transexualidade como uma disforia de gênero.

Em 1964, surge um expoente importante no debate sobre gênero. Trata-se do médico psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, que, de acordo com Leite Jr. (2008), é uma das pessoas que mais influenciaram os estudos e compreensões acerca da "transexualidade". Será Stoller que irá elaborar o conceito de "identidade de gênero", e, como demonstra Knudsen (2007), gênero e psicanálise têm seu encontro marcado na obra stolleriana. Assim, o psicanalista americano revelou que "o sexo, no sentido anatômico, diferencia-se da identidade, no sentido social ou psíquico, e que não necessariamente são correspondentes" (Cossi, 2010, pp. 9-10). No entanto, assim como para boa parte da classe médica da época, essa não correspondência entre sexo e identidade de gênero refere-se a uma patologia.

Como apresenta Cossi (2016), Stoller é um psiquiatra norte-americano que se dedicou em investigar as problemáticas sobre as "transexualidades", quadros clínicos tomados por ele como distúrbios de identidade de gênero. O psicanalista e psiquiatra norte-americano estabeleceu campos de diálogos com o campo da medicina e com a psicanálise kleiniana e a chamada psicologia do ego.

> Apesar de Freud já em muitos textos ter se dedicado ao tema da identidade sexual e suas condições de constituição, Stoller foi o primeiro a abordar esse assunto em psicanálise recorrendo ao termo "gênero", em 1968. Para Stoller, faltava ao freudismo clássico uma categoria que permitisse diferenciar radicalmente o sexo, como determinação orgânica do homem e da mulher, do sentimento social de identidade, o "sexo social" masculino ou feminino, a ser contemplado por "gênero" (ROUDINESCO; PLON, 1998, pp. 291-1). Cabe esclarecermos: *sexo* nos termos de Stoller, refere-se a estados biológicos: genética, caracteres primários e secundários do sexo, aparato anatomofisiológico, endócrino e cerebral; *gênero* diz respeito a um conjunto de fenômenos como sentimentos, e não apresentam, comportamentos e fantasias relacionados à masculinidade e à feminilidade, e não apresentam nenhuma ancoragem biológica – é determinado culturalmente, adquirido na vida pós-natal. Sexo e gênero não andam necessariamente lado a lado e um pode se desenvolver a despeito do outro (Cossi, 2016, p. 96 [*itálicos do autor*]).

Stoller publicou em 1968 seu livro "*Sex and gender*", onde seu objetivo consistia em distinguir o sexo (no sentido anatômico) e identidade de gênero (no sentido social/psíquico). Nesta obra, Stoller, descreveu três casos de meninos entre 4 e 5 anos que foram diagnosticados como transexuais (Knudsen, 2007). Ao trazer sobre a obra stolleriana, Knudsen (2007) mostra que, nos casos desses meninos transexuais, não havia anomalias anatômicas nem alterações genéticas, e eles apresentavam um fenótipo condizente com o sexo (biológico) masculino, mas, como notou Stoller, os meninos apresentavam uma forte identificação com o feminino.

> Quando estavam brincando, esses meninos agiam como se fossem meninas, assumiam apenas papéis femininos. Embora soubessem que biologicamente pertenciam ao sexo masculino, esses meninos se acreditavam meninas. O uso do termo "gênero" deveu-se à necessidade de trazer para o campo da psicanálise freudiana uma ferramenta que permitisse a diferenciação entre sexo anatômico e identidade sexual. Nos estudos de distúrbios de gênero, como no transexualismo ou no travestismo, Stoller se dizia insatisfeito com a explicação da psicanálise clássica em termos apenas de "ansiedade de castração". Considerava este conceito "...excessivamente anatômico, excessivamente despojado de conotações de identidade" (Stoller, 1993, p. 38). (Knudsen, 2007, p. 32)

Destacamos que a noção de gênero tem sua entrada na psicanálise pela porta psicopatológica (e questionamos se isso não se mantem até os dias atuais), pois, de acordo com Stoller, as transidentidades (transexualismo na época) eram vistas enquanto uma problemática desviante e patológica da identidade sexual (Cossi, 2010). Como ressalta Cossi (2010), as manifestações transidentitárias podem ser estudadas e observadas desde a primeira infância, e na vida adulta a "transexualidade" é compreendida pela ótica stolleriana como irreversível, porém na infância pode ser revertida, pois, de acordo com Stoller, as experiências transidentitárias podem ser compreendidas enquanto um distúrbio de masculinidade/feminilidade.

> É crucial, para acompanharmos as hipóteses levantadas por Stoller, atermo-nos à distinção que faz entre *sexo* e *gênero*. Sexo diz respeito à anatomia, ao corpo biológico, e gênero designa o sentimento, social ou psíquico, de identidade sexual. Embora a masculinidade combine com a qualidade de ser homem e a feminilidade com a de ser mulher, elas não estão necessariamente relacionadas. O que se espera é que

> sexo e gênero combinem: corpo de homem com gênero masculino, por exemplo. Mas nem sempre é assim, com atesta o transexualismo. Cabe salientar que a não-coerência entre sexo anatômico e gênero é considerada por Stoller como patologia (Cossi, 2010, p. 59-60 [*itálicos do autor*]).

Knudsen (2007) ressalta que não podemos ficar cegos a essa visão (psico)patologizante das dissidências de gênero na psicanálise stolleriana, uma vez que é necessário vermos os deslocamentos do conceito de identidade de gênero pelas histórias dos estudos de gênero e pela psicanálise. Assim, no caso da psicanálise, a autora pontua que ela embarcou no movimento feminista, no sentido de um movimento que proporciona debates acerca das desigualdades e valorizações nas noções de homem e mulher, bem como se caracterizam por uma corrente que defende a diversidade sexual. Como apresenta a autora, Stoller é coetâneo de teóricas feministas importantes que trabalham com o conceito de gênero, no entanto o psicanalista americano não estabeleceu um diálogo com as mesmas (Knudsen, 2007).

Assim, as questões relacionadas às experiências de gêneros dissidentes serão lidas social, histórica e ideologicamente, e não mais como "problemas" individuais, o que acaba por configurar uma (psico)patologização, já que, como nos dizeres de Lanz (2014), a heteronormatividade reforça a impossibilidade de "qualquer prática que não seja exclusivamente heterossexual. Trata-se, assim, de uma linha de argumentação que rejeita, desautoriza ou, pior ainda, patologiza a existência de pessoas transgêneras" (p. 45). Butler no texto "*Diagnosticando o gênero*" (2009) analisa a despatologização das transexualidades; neste escrito, a filósofa articula que, por mais que o diagnóstico seja importante para validar o processo de mudanças corporais, devemos também estabelecer uma oposição a esses diagnósticos, haja vista que tal prática mantém o estatuto de doença mental às dissidências de gênero.

Com relação à prática de diagnósticos e psicopatologização das dissidências de gênero, principalmente as subjetividades trans, Cassana (2018) pontua que:

> Para compor essa condição como patologia, as ciências médicas classificaram a transexualidade como desordem, como disforia, como transtorno. Novamente, noto a presença dos prefixos *des*-, *dis*-, *trans*-, que permitem entender como alguns elementos da língua se constroem. Ao escandir esses termos, percebo os sentidos que são desvelados: des/ordem, aquilo que foge à ordem; dis/foria, aquilo que foge à forma; e trans/torno, aquilo que está além de tornar-se, além do que se é, ou aquilo que foge à identidade. (Cassana, 2018, p. 19)

A APA (Associação Americana de Psiquiatria), em 1980, passou a incluir a "transexualidade" no repertório de "Transtornos de Identidade de Gênero" em sua terceira edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III). Interessantemente, as transidentidades (transexualidade no DSM) entram nesse manual de

diagnósticos no mesmo ano em que a homossexualidade é retirada (Bento, 2017). Na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), as homossexualidades deixaram de compor o documento em 1990. Esses dois documentos oficiais, CID e DSM, conferem um manual descritivo e sem fundamentação teórica, o que acaba por estabelecer uma listagem de códigos que visam descrever sintomatologias que caracterizariam um diagnóstico clínico. Sublinhamos que, por mais que se trate de documentos que são amplamente utilizados no campo médico, inclusive na psiquiatria, os manuais acabam por compor as práticas da psicologia e até mesmo da psicanálise.

Assim, no DSM-III, as experiências subjetivas das transidentidades são situadas no manual descritivamente na FD-CM, onde o discurso médico-científico reverbera sentidos binários para o sexo e para o gênero. Deste modo, encontramos na descrição de Transtorno de identidade e Gênero (TIG) enunciados como: uma menina que recebe o diagnóstico de TIG apresenta grandes interesses em esportes e jogos agressivos e grosseiros, enquanto, em contrapartida, revela uma apatia em brincadeiras como boneca e casinha; e o menino, por sua vez, ao ser diagnosticado com TIG prefere brincar de boneca e se vestir com roupas femininas. Ou seja, diante disso, estamos no jogo das formações imaginárias dos gêneros e dos sexos, onde o DSM atua como um dispositivo de categorização, nomeação e formalização de controle dos corpos dissidentes do "cistema-mundo".

De acordo com Bento (2017), "o diagnóstico de transexualidade é realizado a partir de uma exaustiva avaliação, que inclui um histórico completo do caso, testes psicológicos e sessões de terapia" (p. 44). Em relação a este processo para reconhecer que o sujeito "candidato a transexual" realmente é um(a) "transexual verdadeiro(a)" e que, assim sendo, poderá ser submetido ao processo "transexualizador", composto pela cirurgia de redesignação do sexo genital, o sujeito terá quer passar por um longo e vagaroso percurso que engloba psicoterapia, hormonioterapia, teste de vida real[46], testes de personalidade, exames ambulatoriais de rotina e, por fim, a cirurgia de transgenitalização (ou redesignação sexual) (Bento, 2017). Lembrando que esse sujeito poderá ser aceito ou não como um(a) "transexual verdadeiro". Como diz Cassana (2018):

> Não basta que esse sujeito mostre desconforto com a sua sexualidade. É preciso que o outro o nomeie, permita-o, designe-o. Esse outro é, em um primeiro momento, materializado no saber médico-

[46] "Este teste consiste na obrigatoriedade de o/a 'candidato/a' usar, durante todo dia, as roupas comuns ao gênero identificado. O teste de vida real começa já na admissão do/a 'candidado/a' no Programa" (Bento, 2017, p. 45).

> científico, por meio dos diagnósticos, das declarações do CID (Código Internacional de Doenças). (Cassana, 2018, p. 25)

Deste modo, a FD-CM promove uma construção de uma discursividade que provoca efeitos de legitimidade de um corpo errado, desviante, passando a um corpo negado, que deve ser consertado, organizado, desmontado e remontado a fim de atender a uma normatividade (Cassana, 2018), ou melhor, a uma cisnorma (Vergueiro, 2015), haja visa que, enquanto as transidentidades são tomadas como objeto de estudo discursivo, por exemplo, pensadas enquanto objeto de discurso, portanto, em sua opacidade, isso dificilmente ocorre com a cisgeneridade.

> Os estudos cisgêneros jamais conseguiram problematizar a cisgeneridade enquanto categoria com sua espessura semântica própria, ou seja, enquanto opacidade significante. A transgeneridade ainda é um tabu, visto que a própria cisgeneridade é foracluída do discurso. A alteridade encontra-se até hoje barrada pela cadeia de significantes que simboliza o (sexo do) humano. [...] A materialização do sexo se dá justamente aí, num vão de significantes no qual a cisgeneridade é produzida como evidência (a partir de uma epistemologia espontânea do gênero, diria). (Bagagli, 2014, s/p.)

E aqui não podemos nos esquecer de que as CP do dizer, presentes na FD-CM, não são alheias à sua exterioridade, ou seja, o discurso médico carece de uma observação do contexto histórico em que os sentidos dos diagnósticos circulam e do contexto amplo, isto é, o interdiscurso (sócio-histórico-ideológico) (Monte-Serrat & Chiaretti, 2011). Em vista disso, Monte-Serrat e Chiaretti (2011), ao refletir sobre os diagnósticos de saúde mental pela ótica discursiva, descrevem que, como ensinou Pêcheux (1975/2014), os sentidos decorrem de relações de poderes entre sujeitos, dado que essa relação de poder se exerce sobre o lugar (FD) discursivo que o sujeito enuncia.

Diante disso, ao pensar os diagnósticos como efeitos de sentidos entre interlocutores, estamos propondo que há nessa relação um jogo de poderes tramados socialmente pela ideologia, isto é, entre os diagnósticos biomédicos, psiquiátricos e psicanalíticos, opera-se um arrebatamento do sujeito-trans, uma disputa de qual campo do saber carrega a verdade sobre o sexo. Destarte, o sujeito-trans para falar de si precisa se hospedar em determinadas FD, sejam elas médicas, biológicas, psicológicas e/ou psicanalíticas. Com isso, é comum que os discursos médico-científicos e psis produzem sentidos de saúde e doença, via uma operação ideológica que acaba por instalar evidências que silenciam o sofrimento do sujeito e o transforma em categorias descritivas de manuais de classificação de doenças. Afinal, do que sofre o sujeito-trans? De uma não conformidade do seu "ser" com seu corpo, ou de um não reconhecimento

do seu desejo? As FD mencionadas comparecem, por vezes, para nomear o sofrimento enquanto doença: trata-se de nomear para controlar (Bocchi, 2017).

Portanto, as autoras defendem que os efeitos de evidência no diagnóstico apagam o sofrimento (Monte-Serrat & Chiaretti, 2011), silenciam o mal-estar como ensinou Freud, substancializando-o com significantes como distúrbio, síndrome, transtorno, doença. Evidenciam a doença para evidenciar a cura, medicalizando o sofrimento humano, sem escuta, sem convocar para que o sujeito apalavreie sua angústia. Ao entender que os sentidos não são estanques, mas sim moventes, as instituições funcionam impondo um sentido único e dominante, um sentido que balize um sujeito inquieto, materialmente constituído pelas inscrições da ideologia e do inconsciente. Com isso, o discurso médico não quer saber do doente, mas sim da doença, onde os diagnósticos são lançados aos sujeitos, mesmo que estes não estejam doentes (Monte-Serrat & Chiaretti, 2011). É a medicalização indefinida que comentamos com Foucault.

Se a vida é uma experiência que se tem com o corpo, como viver tal experiência quando não se reconhece no próprio corpo? Essa é a questão levantada por Munin (2018), e, em suas palavras, "é a grande questão da transexualidade" (p. 12), pois os relatos de pessoas trans giram em torno de uma não identificação, desde a tenra infância, com o sexo designado na infância, o que acaba também tocando o corpo orgânico, uma vez que este corpo recebe a incidência da linguagem, mais precisamente do discurso, como dito tornando-se corpodiscurso (Leonel, 2010): o órgão, a pele, a voz, os pelos, as curvas, são envernizadas de sentidos.

Munin (2018) discute que o trânsito entre os gêneros ocorreu em diversos momentos da história, no entanto será no século XX, ou seja, recentemente, que a transexualidade irá ser localizada enquanto categoria médica. Em vista disso, podemos afirmar que as experiências de dissidências de gênero mantêm uma ligação com os avanços da ciência, principalmente no que se refere aos campos médicos e psis, que irão proporcionar tratamentos medicamentosos, hormonoterápicos, bem como procedimentos cirúrgicos que viabilizam uma readequação de um corpo com a identidade de gênero (Munin, 2018). A identidade sexual, diz Munin (2018), se desenvolveu na seara do discurso médico, entretanto o mesmo discurso traz um movimento de patologização das identidades trans, convocando assim uma luta para a despatologização das transidentidades.

À vista disso, o movimento LGBT torna-se fundamental nesta luta, já que este "compreende a transexualidade como uma variabilidade natural e, portanto, não patológica da norma sexual binária (pênis = homem e vagina = mulher)" (Munin, 2018, p. 13). Com isso, o movimento LGBT irá defender que o indivíduo deva portar uma livre determinação sobre seu

próprio corpo, que as transidentidades não são uma patologia e, não menos importante, visam o fim da tutela médica e psi nos casos de realização das cirurgias de redesignação sexual, em vista de que "é da equipe multidisciplinar a palavra final para o encaminhamento, ou não, para o procedimento" (Munin, 2018, p. 13). A autora irá trazer uma outra corrente discursiva que movimenta (ou paralisa) os debates atuais acerca das identidades trans. Em suas palavras:

> Além dessas duas vertentes discursivas sobre a transexualidade, pode-se perceber pelo menos uma terceira, que não concebe a transexualidade nem como patologia nem como variável da norma sexual binária, mas como uma opção, modismo, aberração, defeito de caráter, uma questão espiritual ou um pecado, entre tantas outras "explicações" que o senso comum costuma oferecer para as questões que envolvem as pessoas transexuais. (Munin, 2018, p. 13)

Atualmente, algumas definições despatologizantes são necessárias, ética e politicamente. Jesus (2012) descreve que as pessoas transgêneras ou transexuais são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. Deste modo, a transexualidade consiste numa questão de identidade, não tendo nenhuma relação predeterminada ou natural com a orientação sexual. Em vista disso, uma mulher-trans é aquela pessoa que reivindica um reconhecimento social e legal como mulher, e um homem-trans consiste em uma pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem (Jesus, 2012). Em Moira et. al. (2017), vemos que a identidade de gênero consiste no modo "como as pessoas se entendem, independentemente da genitália. É como se a genitália não dissesse mais quem a pessoa é, como ela deve viver sua vida, imaginar seu corpo. [...] como se ela abandonasse a personagem que a obrigaram a ser para assumir seu verdadeiro eu" (p. 10).

> A pessoa não precisa de cirurgias, tratamento hormonal, laser, *binder*[47], *packer*[48], cabelo curto ou comprido, gostar do gênero oposto, odiar a genitália para ser trans "de verdade". Se quiser se valer de alguns desses elementos, bem, mas, se quiser pensar outras formas, não previstas nessa lista, bem também. (Moira, et. al., 2017, p. 11)

De acordo com Lanz (2014), a transgeneridade[49] é um fenômeno diverso, amplo, que se manifesta das mais diversas maneiras; assim, quando se diz transgênero, não se configura um processo de sair de um lado e ir para o outro, mas sair de uma perspectiva binária e ir além. A transgeneridade, portanto, consiste em uma pessoa que está localizada em um campo de ideias,

---

[47] *Binder* refere-se a uma peça de roupa, como uma faixa, que é utilizada para minimizar, esconder, alterar a aparência dos seios. De modo geral, essa peça é utilizada para apresentar uma aparência mais masculina ou andrógina e é usada principalmente por homens-trans.

[48] *Packer* consiste em um acessório, utilizado principalmente por homens-trans, que consiste num pênis flácido feito de silicone, usado para aparentar volume e urinar em pé, no dia a dia dessas pessoas.

[49] Termo cunhado pela autora.

sentimentos, comportamentos e ações que transgridem as normas estabelecidas pelos dispositivos dimórficos, isto é, binários, dos sexos e das identidades de gênero (Lanz, 2014). Nas palavras de Marinho (2019):

> Descobri que ser trans não era apenas ser mulher ou homem, mas também uma coisa entre ou além disso. Conforme avançava, descobri que não necessariamente eu teria que fazer uma cirurgia, ainda que não me relacionasse bem com determinada parte do meu corpo. Eu pude entender que muito do que eu via no meu corpo era na verdade fruto da lente que outras pessoas me deram. Se antes eu achava que mulher trans era uma pessoa presa no corpo de um homem, eu passei a entender mulher trans enquanto alguém que fora designada homem, fora definida assim, mas que não necessariamente se identificaria assim. (Marinho, 2019, p. 11)

A Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou, em 2018, a transexualidade da nova edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) enquanto doença mental, porém, manteve a transexualidade como incongruência de gênero na categoria de condições relativas à saúde sexual, com o intuito de proporcionar tratamentos relativos à identidade de gênero, ou seja, a porta de entrada para pessoas trans no sistema (ou "cistema") de tratamento de saúde ainda é pela da (psico)patologia. Com isso, compreendemos que as pessoas trans "não encontram muitas brechas por onde possam mostrar o seu desejo, tendo seu discurso, a todo momento, silenciado por dizeres outros, que abafam a causa pela qual lutam e abafam o seu discurso" (Cassana, 2018, p. 72).

Se descrevemos brevemente sobre a patologização das transidentidades no campo médico, não podemos esquecer que vez ou outra a psicanálise se inscreve em uma FD-CM e acaba prescrevendo compulsoriamente os diagnósticos de psicose ou perversão para os corpos dissidentes. Já soltamos algumas palavras sobre essa questão no capítulo 2, porém é necessário mais alguns dizeres sobre a prática de diagnósticos exercida pelos psicanalistas. Assim, Ayouch (2015) retoma a questão das homossexualidades na psicanálise, que por vezes foi enquadrada no diagnóstico de perversão ou que estaria umbilicalmente atrelado a uma patologia narcisista, já que o sujeito homossexual buscaria no outro o seu semelhante, além de revelar um funcionamento infantil. No entanto, o autor traz uma interessante pontuação, que diz que a psicanálise não se isenta de outros discursos que a atravessam (Ayouch, 2015), criticando, como fizemos, um simbólico enquanto uma entidade imutável (sem história e jogos políticos) e o perigo da literalização da teoria psicanalítica, esquecendo o valor da metaforização.

Assim, não podemos deixar cair no esquecimento o movimento de psicanalistas que se posicionaram publicamente contrariando questões como divórcio, aborto, legalização da união estável entre pessoas de qualquer sexo ou identidade de gênero, além da reinvindicação dos casais homoeróticos pela parentalidade, adoção. Diante disso, prontamente os psicanalistas se

posicionaram contra a desordem familiar que assombrava a universalização do Édipo e o rochedo da diferença sexual, já trabalhado no capítulo 2 deste escrito. Ayouch (2015) levanta o mando que encobria um momento da história da psicanálise em que se proibia qualquer pessoa homossexual a se candidatar à formação analítica, privando que essas pessoas se tornassem psicanalistas. O autor ainda ressalta que Freud se opôs a Ernest Jones e a sua própria filha Ana Freud, que proibia o exercício da psicanálise a pessoas homossexuais, além de participar da militância política na descriminalização e patologização da homossexualidade (Ayouch, 2015). Nas palavras do criador da psicanálise:

> A homossexualidade não é algo que deve ser abordado nos tribunais. [...] Eu tenho a firme convicção de que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois essa orientação não é uma doença. Isso nos obrigaria a qualificar como doente um grande número de pensadores que admiramos justamente por sua saúde mental. (Freud, como citado por Ayouch, 2015, p. 56)

Como podemos ver, Freud se posicionou firmemente contra qualquer movimento de patologização da sexualidade. Lacan, por sua vez, foi pioneiro em aceitar pessoas homossexuais para que se candidatatassem à formação em psicanálise. É importante retomar a questão das homossexualidades na história do movimento psicanalítico, dado que defendemos que vem ocorrendo uma repetição, em nossa época, com as transidentidades. Psicanalistas armam-se de etiologias e diagnósticos estruturais para, antecipadamente, firmar um saber sobre as experiências transidentitárias. Com isso, o discurso psicanalítico acaba pondo à luz do dia seu flerte inconfesso pelo discurso psiquiátrico, localizando-se em um lugar de poder e de saber, assim como a medicina. Como aponta Cunha (2021):

> O elemento mais dramático pode ser localizado no modo como muitos psicanalistas reivindicam para si a função de proteger as pessoas delas mesmas. Assim, a experiência transidentitária é vista como um conjunto de erros, com os quais o sujeito corre o risco de se perder completamente, pois a pessoa trans erra: ao tentar corrigir seu corpo algo que se passa na cabeça, ao mutilar seu corpo de modo irreversível, ao se submeter ao discurso médico, com a ilusão de que este irá salvá-la, ao se deixar levar pelo discurso do capitalista e pela ilusão de um gozo sem limites. (Cunha, 2021, p. 27)

Não é difícil toparmos com opiniões e até mesmo construções teóricas de alguns psicanalistas que alegam as transidentidade enquanto resultado de uma perversão social (Roudinesco, 2008), de pessoas que negam a diferença dita sexual e que buscam um prazer sem limites (Lebrun, 2008), ou enquanto uma epidemia trans referente a novas manifestações da histeria (Jorge & Travassos, 2018). Mas como é possível dar uma leitura teórico-clínico dessas às pessoas que possuem em seu horizonte o desemprego, os subempregos, a violência psicológica e a morte? Como já destacado, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no

mundo: só no primeiro semestre de 2021 o Brasil registrou 89 mortes de pessoas dissidentes de gênero, sendo 80 assassinatos e 9 suicídios, além das 33 tentativas de assassinatos e 27 violações de direitos humanos (Antra, 2021). Afinal, a quem serve o saber psicanalítico? Ou, como pontuou Cunha (2016), por que psicanalistas têm medo de travestis?

> Parece-me inevitável comentar o quanto é curiosa esta acusação à mídia por supostamente *glamourizar* pessoas trans, quando, na verdade, elas continuam a aparecer predominantemente nas páginas policiais dos jornais como vítimas de violência, ou em programas mundo cão da televisão, como marginais ou motivo de escárnio, vendo seus direitos serem repetidamente desrespeitados; o que incomoda é o transexual feliz, que contradiz sua teoria e recusa sua caridosa ajuda e compreensão. (Cunha, 2021, p. 35 [*itálicos do autor*])

Cunha (2021) irá firmemente defender que nós, psicanalistas, temos mais a aprender com as transidentidades do que ensinar algo sobre essas experiências subjetivas. A psicanálise possui uma teoria que direciona o tratamento, no entanto até que ponto esses conceitos teóricos-metodológicos caminham para a construção de um desejo particular (e emancipatório) do analisante ou para uma clínica psicanalítica que só tem a servir a uma moral civilizada? Ou seja, como vimos na citação de Cunha (2021) acima, alguns psicanalistas não contestam o saber médico para destituir um saber universal e absoluto das experiências humanas, mas para tomar o trono de poder-saber da medicina; assim, criticamos "os médicos por pretender um poder absoluto sobre a experiência transidentitária, mas, ao mesmo tempo, nos colocamos em um lugar de poder ainda mais alto, ao qual até os médicos deveriam estar submetidos" (Cunha, 2021, p. 29).

O que podemos pensar é que as transidentidades interrogam os saberes pré-estabelecidos, seja o saber médico, jurídico, antropológico, filosófico, biológico, teológico, psicológico e, enfim, também o saber psicanalítico. Se a psicanálise perdeu seu lugar privilegiado sobre o saber em relação à sexualidade, que abeira o corpo e o gênero, ela mesma foi responsável por essa perda. O próprio Lacan (1971/2009), ao estabelecer uma leitura da obra de Stoller, irá dizer que o erro do psicanalista americano foi esquecer do mecanismo de defesa da foraclusão do significante do Nome-do-pai, o que determina a "transexualidade" como uma estrutura psicótica. Tomar o conceito de foraclusão e universalizá-lo nos casos das transidentidades é ensurdecer qualquer possibilidade de escuta das diferenças, de um corpo pulsional, isto é, como pontua Cunha (2021), o que alguns psicanalistas oferecem às pessoas trans não é uma escuta ou um reconhecimento, "mas teorias etiológicas *prêt-à-porter*" (p. 28), o eterno par diagnóstico-etiologia, o CID ou DSM psicanalítico. Como reforça Brasil (2018):

> Se a psicanálise abrir mão de sua subversão, de se manter no espaço topológico de uma banda de Moebius, sem frente e verso [...] ela cederá à demanda coletiva de utilitarismo e de conservadorismo. A psicanálise tem que se manter como espaço de controle – controle de uma ética – de um discurso universalizante que propaga preconceitos seja em nome da ciência, seja em nome de um bem estar social. Ciência e bem estar social podem ser sinônimos, por exemplo, dos manuais de diagnóstico médico. A Classificação Internacional de Doenças (CID), pelo menos em sua sessão psiquiátrica, poderia muito bem se chamar Classificação Internacional de Discriminações, uma classificação de preconceitos terapêuticos. (p. 708)

Com isso, estamos de acordo com a autora, segundo a qual nós devemos enfrentar posturas reacionárias de alguns psicanalistas, como também retomar o caráter subversivo da psicanálise. Cunha (2021) acrescenta que a psicanálise e psicanalistas abertos à escuta das dissidências de gênero devem se preocupar em viabilizar espaços de enunciação, um ouvido buraco, vazio, curioso, dado que se há escuta há fala. Assim, o sujeito que ali depositar suas palavras poderá no processo analítico construir elaborações acerca das suas questões, sejam elas referentes ao corpo, identidade, sexualidade ou não. Falasseres que, como vimos, podem inventar um dizer, não qualquer dizer, mas aquele que carece de corpo.

> Sujeitos que usam o corpo para falar, para fazer falar seu desejo de ser outro. O corpo dos transexuais, transformado por terapias hormonais ou por intervenções cirúrgicas, é o corpo que fala, que diz algo para o outro, que nos permite pensar sobre a heterogeneidade de saberes que constituem esse corpo. Através daquilo que falta no sujeito – a identificação com um gênero outro –, seu discurso significa, e seu corpo nos remete a pensar no que é desejo. (Cassana, 2018, p. 68).

Faz falar e ressoar um desejo que irrompe as contenções ideológicas e imaginárias. Um corpo que significa e é significado, um sujeito que é efeito entre significantes, um desejo que aponta para um horizonte jamais alcançado, pois desejo é desejo de desejar, não tem objeto que faça o desejo ancorar por muito tempo, desejo se lança à deriva, não é acostumado com terra firme. Com isso, pensar as subjetividades trans pela ótica da AD e da psicanálise nos possibilita compreender através do discurso, seja por uma escuta social ou por uma escuta clínica do desejo movente do sujeito.

4. GESTOS DE ANÁLISE: EFEITOS DE (NÃO) SENTIDO NO CORPO OU DO QUE SE COLHE DO REAL

"Se corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. Detrimento do bem-estar de ser quem quiser. Da liberdade de poder habitar. Eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. Utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. Ser só se tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam suas próprias subjetividades e vivem também na cidade" (Matheusa Passarelli, 2018)[50]

"E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição (Michel Pêcheux, 1982).

[50] Matheus Passarelli, foi ume estudante de artes visuais, mortx em 2019. A estudante se identificava como pessoa não-binária.

No decorrer deste trabalho, já realizamos alguns gestos de análise de alguns dos recortes do nosso *corpus*; distribuídos pelos capítulos anteriores, dando preferência para as *charges*, além de algumas reportagens e fotos que circulam na *web*, colhidas em um trajeto temático. Agora, daremos continuidade em nosso percurso, realizando alguns outros gestos de análise do documentário "*Laerte-se*" e dos livros "*Vidas Trans: a coragem de existir*" e "*Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*". Com isso, pretendemos garimpar no nosso *corpus* de análise algumas regularidades discursivas; assim, no batimento entre descrição e interpretação, intenta-se tomar o corpo em sua opacidade e não em sua transparência, ou seja, questionar aquilo que ganha o estatuto de evidência, de fato e de verdade.

Deste modo, em nosso trajeto discursivo, demos preferência para as discursividades inseridas em documentário e livros autobiográficos brasileiros que colocam para circular um "*discurso do*" sujeito-trans, isto é, um lugar de dizer de si e do seu corpo, e o "*discurso sobre*" que atravessa o "*discurso do*" (Cassana, 2016). Destarte, construímos quatro entradas de análise, quatro discursividades de posições sujeito-trans; assim, temos: 1. Não fossem seus pelos vários; 2. Uma viagem solitária de um corpo transtornado; 3. O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha; e, por último, 4. Um corpo não resolvido para todo sempre. Em cada entrada discursiva, recortamos discursos do sujeito-trans mirando os efeitos de corpo nas transidentidades.

Assim, nosso objeto discursivo destaca-se como o corpo nas transidentidades, e, visando-o em nossos materiais escolhidos, pretendemos ressoar as regularidades, repetições, contradições, paradoxos, cortes, fatos falhos, lapsos, equívocos, metáforas e metonímias, de uma materialidade significante que é o corpo. Isso posto, cada entrada refere-se a uma posição sujeito-trans que se posiciona nas tramas discursivas para falar de si e significar o seu corpo. Desta forma, compõe nossos recortes Amara Moira (2017), que, no capítulo "*Destino amargo*" (pp. 15 - 55) do livro "*Vidas Trans: a coragem de existir*", textualiza um corpo em embate com um organismo imposto para definir quem era, um trajeto que revela um processo de nomeação apresentado na entrada discursiva "*Não fossem seus pelos vários*".

Na entrada "*Uma viagem solitária de um corpo trans-tornado*", iremos nos aproximar dos sentidos que circulam a escrita do psicólogo João W. Nery, falecido em 2018, considerado o primeiro homem trans a fazer uma cirurgia de readequação sexual no Brasil. Para tanto, iremos apresentar recortes discursivos retirados do livro "*Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*" (Nery, 2011). Nesta entrada iremos nos debruçar sobre a solidão

de uma posição sujeito-trans na empreitada de ser reconhecido com tal, uma viagem em que ecoam sentidos de um corpo imerso em discursividades hegemônicas, um corpo que sofre de uma bio-lógica. Na terceira entrada discursiva intitulada "*O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha*", descrevemos sobre o percurso de Márcia Rocha, travesti, advogada e empresária, que põe para circular sentidos de um corpo completo, mas constituído de forma paradoxal. Para esta análise retiramos recortes também do livro "Vidas trans" (Moira et al., 2017) no capítulo escrito por Márcia Rocha, nomeado como "*A luta pela aceitação*" (pp. 99-133).

E, findando nosso conjunto de entradas discursivas, iremos com Laerte Coutinho, mulher trans, cartunista e chargista, que discursiviza seu corpo em seu processo de identificação de gênero no documentário "*Laerte-se*" (2017) da Netflix. Nesta entrada denominada "*Um corpo não resolvido para todo sempre*", iremos refletir sobre uma posição sujeito-trans que não busca uma completude do corpo, que se indaga, se questiona, que faz do corpo um ponto de interrogação e uma materialidade sempre aberta.

É importante sublinharmos que não se trata de uma análise de pessoas, empiricamente situadas, muito menos de uma análise como realizamos na clínica, mas sim da posição sujeito no discurso sobre o corpo experienciado das subjetividades trans. Pretendemos, através do nosso *corpus* de análise, capturar determinadas discursividades, partindo da superfície do texto rumo ao objeto discursivo, ou seja, o corpo nas transidentidades. Para tal feito, nas análises que se seguem, tomamos como baliza o corpo que sofre a irrupção do real e que se localiza em um mundo ideal que se organiza semanticamente como normal, que sofre, assim como o sujeito, uma interpelação ideológica que determina sentidos para o corpo. Intentamos, também, pensar as noções de sujeito mobilizados nesta pesquisa e sua relação com o corpo que se dá em uma realidade RSI.

Em vista disso, o *corpus* apresenta um material diversificado que proporcione tomar o corpo enquanto uma materialidade significante, onde poderemos, em um gesto de leitura, fisgar o funcionamento do discurso no que tange ao processo ideológico e o atravessamento do inconsciente. O documentário e os livros funcionam para nós, pesquisadores da AD, como uma textualidade, que interpretamos como uma representatividade de uma parte de um todo; dado que o todo é da ordem do impossível de se trabalhar, não conseguimos (e muito menos é nossa pretensão) abarcar todas as materialidades que cerceiam o corpo nas transidentidades, findando todas as possibilidades de leituras e interpretações que podem surgir por meio de um objeto simbólico.

Orlandi (2005) avisa que os discursos são trabalhados enquanto objetos simbólicos que reclamam interpretação, que não se reduzem a uma colagem de textos, mas que denunciam práticas simbólicas que edificam a sociedade na história. Desse modo, nosso propósito em relação às análises discursivas aqui empreendidas consiste em deslocar-se da superfície linguística para um objeto simbólico, para que possamos compreender como este objeto produz sentidos (Orlandi, 2005).

Com isso, iremos puxar os fios discursivos que tramam na urdidura do discurso sentidos do e para o sujeito-trans, como também pensar como ocorrem práticas de resistência e a noção de Real como o impossível e o contingente que faz furo em toda tentativa de fechamento, conclusão, saturação do corpo. Assim, em um gesto de tomada de partido, constituímos um *corpus* para análise que possibilita um olhar para a teoria que versa sobre um dispositivo de análise que não fica cego à exterioridade dos discursos, de determinadas CP que perduram uma formação social e ideológica de um "cistema-mundo" que regulamenta e prescreve sentidos para o sujeito e o corpo.

4.1. Não fossem seus pelos vários

Nesta primeira entrada discursiva, trazemos alguns recortes retirados do livro "*Vidas trans: a coragem de existir*", em especial o capítulo escrito pela colunista e pesquisadora de crítica literária Amara Moira, que se autodeclara travesti, bissexual e feminista. No capítulo intitulado "*Destino amargo*" (Moira et al., 2017), Amara discorre sobre suas questões relacionadas a identidade de gênero, sexualidade, corpo e reconhecimento social. A nomeação desta entrada discursiva é efeito de um garimpo da poesia Amara Moira, descrita no capítulo mencionado.

> amara moira
>
> não fossem seus pelos vários,
> pelos pelas pernas, pelos
> seios, rosto, seus cabelos
> curtos, não teria páreo,
> nem pra lhe conter armário...
> não fosse e de saias curtas,
> decote e salto *à la* puta,
> ia atrás de machos, mãos
> brutas, a forçar-lhe o vão
> virgem, como quem a estupra.
>
> (Amara Moira, 2018, p. 37).

Dando prosseguimento em nossos gestos de análise, através da materialidade escolhida iremos pensar o corpo, como descreve Orlandi (2012), enquanto uma materialidade que significa, o que não ocorre sem a materialidade do sujeito. Assim, partindo da posição sujeito-trans no discurso, iremos no nosso *corpus* tomar esse sujeito imbricado na materialidade da ideologia e do inconsciente, que tem como operação criar evidências subjetivas para os sujeitos. Nas análises aqui empreendidas não deixaremos de lado a noção de "cistema-mundo" como uma FD-CM que abrange os discursos médico-científico (aqui entra a biologia) e psis (psicologia, psiquiatria e psicanálise), que estão às voltas das questões relacionadas às transidentidades e também as mercadológicas. Como vimos sobre as CP, os discursos que aqui nos curvamos para analisar são produzidos nessas determinadas condições, o que nos leva a concluir que o sujeito, os sentidos, bem como o corpo também são efeitos dessas condições, mesmo que pela intervenção cirúrgica da ideologia que secciona o sujeito e o faz esquecer os processos que lhe causam.

Dado que estamos em uma dada formação social e ideológica que determina apenas dois sexos e dois gêneros, isto é, dois únicos modos de subjetivação (homem e mulher), dois lugares onde os sujeitos são recrutados a ocupar para significar a si e o seu corpo, dois lugares recuperados por uma memória, por um interdiscurso enquanto um conjunto de discursividades possíveis (Cassana, 2018). Consequentemente o corpo não escapa desses processos, dado que ele está submetido a essas condições de produção, mantidos, como vimos, pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

O corpo do sujeito enquanto uma materialidade significativa é discursivizado no nosso *corpus* de análise enquanto um corpo que é significado, mas que também reclama uma significação, pois trata-se de um corpo constantemente manobrado nas balizas impostas pelo Outro, pelas formações sociais, ideológicas, imaginárias e discursivas. Um corpo não reconhecido pelas lentes de contato de uma sociedade que funciona através de um "cistema" que lança sentidos polarizados sobre o corpo, isto é, um corpo recortado pela linguagem, e mais ainda pelos discursos, sulcando na sua materialidade uma lógica binária para o sexo e para o gênero.

A posição sujeito-trans revelado nesta entrada discursiva diz de um sujeito que questiona os dizeres outros que insistem em definir seu corpo e também sua identidade. Um sujeito-trans que se nomeia como travesti, que no imaginário social é compreendido como um ato de vestir-se como o gênero oposto, uma imitação, algo falso, porém, como vimos em Butler (1990/2020), todo gênero é uma imitação, uma repetição de gestos performativos que caracterizam determinada identidade sexuada. Travesti é um termo que carrega sentidos

negativos em nossa sociedade, um grupo de pessoas que são cotidianamente atacadas, desprezadas e assassinadas, o que convoca as contribuições de Butler, já trabalhadas anteriormente, de corpos matáveis e corpos que merecem viver, o corpo desejo, abjeto, um corpo descartável.

Para pensarmos o significante "travesti" enquanto um lugar enunciativo, convocamos as contribuições de Zoppi-Fontana (2017) para refletirmos a noção de travesti como lugar de enunciação, na complexidade dos processos de identificação, configurando posições sujeito no discurso. Zoppi-Fontana (2017) pontua que os processos de identificação se caracterizam como um movimento contraditório de reconhecimento e desconhecimento, em que o sujeito se vê inserido em uma arena de determinações ideológicas e inconscientes, e que a identificação de um sujeito a determinado gênero diz de um processo de constituição discursiva do próprio sujeito. Assim, um simbólico que irrompe diretamente no corpo engendra um indivíduo que é interpelado em sujeito ideológico sexuado, que em um segundo momento, pelos processos de individuação e pelas relações de poderes tramadas socialmente, ora acolhe a forma sujeito esperada pela FS e FI, ora não reconhece determinados modos de o sujeito se posicionar no discurso (Zoppi-Fontana, 2017). Ou seja, essas relações imaginárias que determinam posições de enunciação para os sujeitos só ocorrem devido às FI que controlam esses lugares colocados na cena discursiva.

> É nessa relação com a alteridade que se instauram as lutas por reconhecimento de formas outras de existência histórica, produzidas por processos de subjetivação nos quais identificações de gênero e sexualidade participam tanto para a reprodução de normas quanto para sua ruptura e deslocamento. No jogo especular das formações imaginárias, das projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades, em toda sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso. (Zoppi-Fontana, 2017, p. 65)

Assim, instala-se uma operação de presença e ausência que determina os lugares de enunciação, compreendidos como um modo de dizer que é afetado pela história em processos de silenciamento (Zoppi-Fontana, 2017). Nas palavras da autora:

> Esses modos de dizer mobilizam as formas discursivas de um *eu* ou um *nós*, de cuja representação imaginária a enunciação retira sua legitimidade e força performativa. É a partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência. (Zoppi-Fontana, 2017, p. 66 [*itálicos da autora*]).

Ou seja, por mais que o sujeito seja interpelado pela ideologia para que ele se torne servo de determinado discurso dominante, não podemos esquecer que o ritual ideológico é passível

de falhas. O que insere nesse jogo dos processos discursivos uma tomada de reconhecimento do sujeito, no entanto, não tem garantias de que o sujeito irá aí se reconhecer plenamente, dado que, pelas modalidades subjetivas, o sujeito pode identificar, contraidentificar e desindentificar. Como afirma Pêcheux sobre o ritual passível de falhas:

> E acrescentaremos que levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como *ritual* supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio, rachadura: "uma palavra por outro" é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho. (Pêcheux, 1982/1990, p. 17).

No caso da posição sujeito-trans encontradas nessa entrada discursiva, deparamos com um sujeito que se autodeclara travesti, como também ecoa sentidos de uma sujeito travesti que, ao contrário da realidade de muitas travestis brasileiras que lidam com a condição da prostituição para sobreviverem, fala de um lugar universitário, de formação superior, que ocupa lugares que "não deveriam ser ocupados por travestis", e isso já é uma resistência. Vejamos a SD 8 que se segue, para mobilizarmos alguns sentidos inscritos no discurso de uma posição sujeito-trans (que inclui o significante travesti).

> SD 8
>
> *Não à toa hoje é tão difícil a relação com meu genital*. Não sinto nessecidade da cirurgia de redesignação sexual (a famosa "mudança de sexo"), tenho medo de cirurgias, de prejudicar para sempre a libido, a capacidade de viver prazer, *mas olhar para ele, saber que ele me habita é me lembrar também do que me ensinaram a ver ali, prova irrefutável de que sou homem, de que era preciso eu ser homem, o que desinfelizmente nunca se concretizou.* E nisso se percebe que *a criação para ser homem não só foi incapaz de me fazer homem como ainda me ensinou, desde cedo, a responsabilizar meu corpo por não poder ser quem sou e, nisso, a odiar meu corpo,* começando pela genitália. (Moira, 2018, pp. 18-19 [*itálicos nossos*]).

Os sentidos discursivizados na SD 8 dizem de uma posição sujeito-trans em relação às manobras de gênero que determinam dois sexos estanques e únicos, isto é, homem e mulher; mais ainda, da existência de apenas dois corpos: o do macho e o da fêmea. Diante disso, quando uma pessoa não se reconhece em determinado corpo, desejando possuir um outro corpo, de um outro gênero, instala-se uma produção de sentidos sobre o corpo com que ora o sujeito ali se reconhece, ora não. Assim, podemos dizer que estamos diante de uma FD-CM onde o discurso médico-científico participa, que pela história sempre portou uma verdade sobre o corpo, instituindo enquanto uma prática de cura, uma resolução para esses "corpos errados", as cirurgias de transgenitalização ou redesignação sexual.

Em vista disso, chama a atenção esse órgão que habita o sujeito-trans pois, podemos deslocar a anatomia para o sentido desse pedaço de carne, ou seja, há um sentido que esse órgão

carrega, um sentido que a ensinaram a ver ali “uma prova irrefutável” do que vem a ser homem, porém aquilo que outorgaria sua condição de homem “desinfelizmente” não se concretizou, uma palavra que brinca com outra: “infelizmente”; “infelizmente é trans”, “desinfelizmente trans” ou seja, “felizmente trans”, o sujeito pode ser uma mulher com aquele “órgão que a habita”, por mais que a “criação para ser homem”, isto é, uma interpelação ideológica do indivíduo para ser sujeito de um discurso binário dos sexos, a convoque a se posicionar em determinadas FD que formulam sentidos de ódio ao corpo próprio.

Esse órgão que representa o “ser homem” funciona como um efeito metonímico, “uma vez que cada pedaço do corpo, assim como cada pedaço da palavra, sustenta os sentidos que podem deslizar e escapar” (Cassana, 2018, p. 97), esse pedaço de corpo, investido de sentidos, acaba por representar um todo “o ser homem”. Entretanto, o sujeito-trans não é um homem, dado que se identifica enquanto mulher, o que marca o corpo como um objeto paradoxal, conforme Pêcheux (1982/2011), que diz que a ideologia não consiste em um aprisionamento perpétuo, mas sim em um campo paradoxal; em outras palavras, o corpo enquanto um objeto ideológico não é homogêneo, unificado, pelo contrário, trata-se de objetos contraditórios, partidos, segmentados. Na SD 8, topamos com uma posição sujeito-trans que, mesmo que enuncie uma “difícil relação com meu genital” na pedagogia de uma FD-CM que coaduna “órgão pênis” com uma prova irrefutável de ser homem, nos conta em uma posição enunciativa que o que ensinaram fracassou, desinfelizmente.

Partindo de uma posição materialista do discurso e, portanto, do corpo e do sujeito, podemos, na SD 8, dizer que os sentidos atribuídos ao corpo pelo biológico conferem a farsa ideológica de edificar um corpo universal e homogêneo. No entanto, como descreve Azevedo (2013), o corpo é fresta aberta, uma materialidade que denuncia sua rachadura, seu não fechamento, o que possibilita que “o irrealizado advenha, construindo sentido no não-sentido de um corpo incompreendido” (p. 2), o que revela uma criação falha e incapaz de se fazer um “homem”, porém uma inscrição ideológica no corpo que não é sem consequências, dado que determina sentidos de ódio, repulsa, incômodo e recusa do corpo, responsabilizando o corpo pela falha que, no entanto, é uma falha de um ritual ideológico capenga, mas que insiste em encapar o corpo com os tecidos de uma formação social binária, que funciona pela lógica disjuntiva (Pêcheux, 1983/2014).

Estamos diante de um rito ideológico compulsivo, que não cansa de atribuir sentidos para o corpo, determinando um sexo e um gênero binário. A posição sujeito-trans, com seu corpo, inaugura sentidos outros que questionam tais prescrições de corpo, sexualidade e gênero.

Vejamos na SD 9 um corpo em repetição que engenha uma discursividade que carrega uma verdade sobre os gêneros.

SD 9

> tudo aquilo se tratava de *teatro, jogo de espelhos, personagem, bastando parecer,* e aí, pronto, era como se desde sempre eu já fosse, *aparência refletindo uma suposta essência, eu só precisando repetir e repetir as mesmas ações até ir internalizando as regras e nem precisar mais pensar.* (Moira, 2018, p. 18)

Teatro, personagem, um jogo de espelho, que se basta em parecer, ou seja, uma cena de evidências que coloca o parecer homem ou o parecer mulher enquanto uma afirmativa óbvia de gênero e sexo. Encontramos em Pêcheux (1981/2009), no seu texto "*O estranho espelho da análise do discurso*"[51], uma crítica aos analistas do discurso que não percebem que estão em um quarto de espelhos, que inviabilizaria saber sobre o real. Trago este escrito pêcheutiano, para debatermos essa "suposta essência" que encobriria um real. Em vista disso, Pêcheux (1981), no texto mencionado, nos convida a quebrar esses espelhos. Isso posto, como vimos com Butler (1990/2020) que o gênero consiste em um ato performativo, que pela repetição se concretiza numa identidade de gênero, e, com a AD, compreendemos gênero como um corolário de sentidos entre interlocutores, na SD 9 encontramos essa repetição que acaba por forjar uma aparência de gênero.

Internalizando normas e regras, nesse ato compulsivo de repetição, desempenha-se uma função de provocar uma assepsia do sujeito; nas palavras do enunciado colocado na SD 9, "nem precisar pensar", ou seja, um bom sujeito que se identifica com determina FD-CM que funde o sujeito da enunciação com o sujeito universal (Pêcheux, 1975/2014). Porém, como podemos ver, não é o que ocorre na SD 9, na medida em que o sujeito não se identifica totalmente – há um sujeito que resiste, que quebra os espelhos ideológicos, questionando esse "como se desde sempre eu já fosse", ou seja, um sempre já-sujeito no discurso, revelando uma memória discursiva administrada que faz esquecer o real, que coloca sentidos de um já-lá, do interdiscurso onde encontram as FD sobre o corpo. À vista disso, chegamos a outra SD (SD 10), que diz de um sujeito que se identifica, até certo momento, com a FD-CM.

SD 10

---

[51] A bússola que direciona o texto de Pêcheux são as questões referentes à institucionalização da AD, instrumentalizando a teoria discursiva como uma disciplina universitária. Aqui tomamos a proposta do escrito de Pêcheux, a fim de pensar um quarto de espelhos que instala jogos de formações imaginárias, correspondentes a determinas FI, encobrindo que há um real da história, um real da língua e um real do sujeito.

> Em algum momento da adolescência, sabe-se lá exatamente como, mas *acabei me tornando esse tipo de homem do mais padrãozinho possível, voz grave jeitos masculinos, a máscara de pelos faciais servindo de proteção* ante qualquer suspeita que pudessem ter de mim, franzino, mas *com passabilidade cishétero total*. (p. 24)

Nesta SD 10, deparamo-nos com um efeito de sentido do tornar-se homem, "acabei me tornando esse tipo de homem", um tornar-se que, como vimos pela psicanálise, configura um processo de identificação, ou seja, o que interessa é o processual e não exatamente uma identidade. Assim, como postulado, o que convoca uma leitura psicanalítica que não ontologiza o sujeito, mas que o toma como efeito, criação, inscrição de um corte. No enunciado "sabe-se lá exatamente como", confessa-se o funcionamento ideológico que promove um apagamento do que causa o sujeito, e sem saber como, onde e quando, vai se confeccionando uma corporeidade padrão, voz grave, jeitos masculinos, os pelos faciais que funcionam como uma máscara que protege. Protege o que? De um impossível? Um impossível de existir? Protege de qualquer suspeita, como enunciado na SD 10, o que nos leva pelos fios da memória em que corpos dissidentes ficavam entre o crime e a loucura (Foucault, 1975/1987). Um corpo suspeito, mas "com passabilidade cishétero total", sentidos de um corpo completo, homogêneo, sem escapes, findando em uma identidade de gênero aceita socialmente pelo FD-CM.

Vergueiro (2015) descreve que a passabilidade é uma categoria útil exigida pela matriz cisheteronormativa, o que configura uma estratégia política de sujeitos dissidentes de gênero como lugar de reconhecimento e resistência. Assim, a passabilidade cishétero determina um lugar de invisibilidade, no sentido de que outros modos de expressar sua identidade de gênero não encontram lugares de enunciação. Com a AD, podemos pensar a noção de silêncio de Orlandi (2007c), que retira o silêncio de seu estatuto de negativo e o situa no campo discursivo, atribuindo que o silêncio não é o nada ou o vazio, mas que ele significa, pois, o silêncio possui uma materialidade – ele não é sem história, mas possui "significância própria" (Orlandi, 2007c, p. 55).

É importante trazer aqui os dois modos de funcionamento do silêncio trabalhados por Orlandi (2007c), quais sejam: o silêncio fundador e a política do silêncio. Enquanto o primeiro diz de uma determinação de que não existe significação possível sem silêncio, dado que é o que dá significação ao não dito, com o segundo, a política do silêncio, temos uma repartição entre o silêncio constitutivo e o silêncio enquanto censura. O primeiro mostra que é preciso silenciar para falar, ou seja, para falar "acabei me tornando esse tipo de homem", não posso dizer "acabei me tornando esse tipo de mulher", para falar "homem", preciso silenciar outros sentidos possíveis; e o segundo, da censura, confere uma interdição do dizer, isto é, o que é proibido

dizer em determinada conjuntura (Orlandi, 2007c). Assim, a "passabilidade cishétero total" funciona nos meandros do silêncio, pois para possuir essa passabilidade eu tenho que falar algo em detrimento de outros dizeres possíveis, silenciando outros modos subjetivos de estar no mundo e outros sentidos para se significar.

Aqui, parafraseando Pêcheux (1982/1990), podemos dizer que as transidentidades, experimentando progressivamente, sob determinada democracia sexual, o irrealizado do movimento de resistência, vão descobrindo a conta gotas que a cisgeneridade (o "cistema-mundo") tem necessidade vital de que o irrealizado permaneça, ou seja, a dominação de uma ideologia binária dos sexos e dos gêneros introduz, por meio de certo universalismo, uma barreira política invisível[52]. Diante disso, a passabilidade cishétero confere uma manutenção das CP, determinando a continuidade de uma FD-CM, o que encontramos em ditos que circulam na vida citadina, como "pode até ser gay, mas não seja afeminado", "não tenho nada contra lésbicas, mas virar homem já é demais", entre outros enunciados. Ou seja, há uma "aceitação" das dissidências, porém existe uma barreira política invisível que determina fronteiras do que venha ser "aceitável", o que torna a passabilidade, como colocou Vergueiro (2015), uma estratégia de sobrevivência em uma dada formação social.

Vejamos a SD 11, onde encontramos as consequências dessa passabilidade cishétero, que é um possível, mas não "total", dado que algo escapa, irrompe, um sujeito que não se identifica plenamente com a forma sujeito universal.

SD 11

O armário, voltei a perceber seus limites estreitos, a falta de ar, de Sol, a necessidade de fazer movimentos cuidadosos para não ameaçar sua estrutura frágil (abrir aquelas portas enferrujadas, *o ranger das portas*, a dificuldade de fechá-las sem que ninguém se desse conta de que foram abertas, do que havia dentro), *daí começo a me sentir ali, não mais contente, mas contida*, e segurança vai deixando de ser motivo capaz de me manter presa por livre e espontânea vontade. (p. 37)

Na SD acima, o armário da FD-CM traça limites estreitos, causando falta de ar, de sol, de sentidos que significam um corpo para além do "cistema" binário que engessam as pluralidades do par sexo/gênero que tocam o corpo. A necessidade de um mundo semanticamente normal caminha ao lado de uma necessidade de sair desse armário

[52] Original: "por seu lado, o proletariado experimenta progressivamente, sob a democracia burguesa, o irrealizado do movimento popular, a descobre pouco a pouco que a burguesia tem necessidade vital de que esse ponto permaneça irrealizado: a dominação da ideologia jurídica introduz assim, por meio de seu universalismo, uma barreira política invisível, que se entrelaça sutilmente com as fronteiras econômicas visíveis engendradas pela exploração capitalista" (Pêcheux, 1990 [1982], p. 11).

"*cis*tematicamente" montado, no entanto os movimentos ainda têm que ser cuidadosos, para não ameaçar sua estrutura, uma estrutura frágil, que no ranger das portas denuncia o movimento de uma FS, que faz ranger a luta de classes. Um armário que possui uma arquitetura que retoma, pelo interdiscurso, a condição dos corpos dissidentes, isto é, o confinamento, seja nos presídios, seja nos hospitais psiquiátricos. No entanto, trata-se de uma estrutura frágil, uma barreira possível de atravessar, de se quebrar.

> E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entre em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição. (Pêcheux, 1982/1990, p. 17 [*itálicos do autor*]).

Isso posto, o movimento das transidentidades comparece como um "frágil questionamento de uma ordem", irrompendo um real que inscreve um acontecimento, dado que costura uma memória com uma atualidade (Pêcheux, 1983/2015). Um armário que foi aberto, revelando "o que havia dentro", ou seja, o que havia dentro do armário é um corpo que questiona uma lógica binária, que não é universal, não para todos, não sem falhas. Com isso, a posição sujeito-trans da SD 11 coloca uma modalidade de funcionamento subjetivo que se refere à não identificação, a um sujeito que se posiciona contra o sujeito universal, a uma tomada de posição que se desencontra com as evidências impostas pela ideologia dominante. Assim, o corpo sofre um efeito metonímico, uma vez que antes um corpo que se sentia "contente" se desloca para um corpo "contido", de um corpo-sujeito que se identificava com a FD-CM, mas que começa a tremer o chão de uma estrutura social onde tais formações se instalam.

Ainda com relação ao "armário", podemos problematizar que se trata de um lugar simbólico, determinado ideologicamente, onde os sujeitos e corpos dissidentes devem permanecer, o que nos leva novamente à noção de silêncio enquanto censura de Orlandi (2007c), na medida em que o armário funciona como um dispositivo de silenciamento, de interdição de alguns sentidos. O armário que produz sentidos de onde se fecha, trancafia algo íntimo como documentos, roupas, objetos, etc., corresponde ao lugar social em que as transidentidades são realocadas, um enquadramento, como pontuam Baldini e Chaves (2018). Lançando mão da obra "*Quadros de Guerra*", de Butler (2009), os autores discorrem sobre vidas não vivíveis, vidas precárias em um contexto de Guerra, em que o Brasil é um campo minado, região de guerra no tocante aos povos indígenas, à população negra, e às violências e intolerâncias com os LGBTQ (Baldini & Chaves, 2018).

A vida no armário constitui sentidos de um lugar de proteção, de segurança, de como essas vidas precárias continuam vivas, um modo de gestão ideológica, feita pelas AIE, de controlar e regulamentar uma contenção aos sujeitos que resistem, que provocam uma rachadura aos dizeres sedimentados. O armário é um efeito metafórico dos confessionários das igrejas, do encarceramento, da camisa de força, modos de contenção de todo sujeito que destoa de um "cistema-mundo" que reclama sentidos. Como afirmam Baldini e Chaves (2018), essas "práticas são antigas, perpassam a relação do Estado com todos aqueles que são construídos como sujeitos ameaçadores, logo, devem ser retirados de circulação" (p. 806). Corpos gestados em uma ininteligibilidade, confusos, errados, estranhos, que devem ser escondidos, apagados, trancados em um armário.

No entanto, é um "cistema" que já está com as portas enferrujadas, deixando sempre uma fresta aberta, permitindo que uma luz adentre o obscuro armário, como também um vão que conceda a circulação de outros sentidos sobre o sexo, o gênero, a sexualidade e o corpo, um armário antigo, velho, empoeirado, mas que ainda não foi descartado, jogado fora, restaurado. Esse armário, que ilusoriamente é lugar protegido, revela-se como ferramenta de contenção, lugar donde irrompe um corpo não todo, um corpo que reclama seu caráter aberto, faltoso, sua hiância, um corpo que sofre a incidência de uma linguagem aerada, falhante, integrada por equívocos (Gadet & Pêcheux, 1981/2004). Um corpo que pela sua condição manca convoca um dizer, uma resposta ao real, uma invenção diante de um impossível. Como podemos capturar na SD 12:

> SD 12
>
> *O que escrevi aqui não é tudo, nunca é tudo*, mas creio que o suficiente para que sintam o *gostinho das verdades que trazemos no corpo*, na forma nova de existir, *não mais pautada pelo genital*. Não foi aquela coisa bonita começo-meio-e-fim do vestibular, nem puro entretenimento, espero, ou sensacionalismo grosseiro.
> *Minha história. Não a que deveria existir, ditada pelas leis e pelos manuais de psiquiatria, mas a que de fato existe, minha tão minha que de mais ninguém.*
> *E se eu fosse Amara? Bom, agora eu era*. (pp. 54-55)

Na SD acima, temos uma posição sujeito-trans que utiliza das palavras para dizer de si e de seu corpo, porém, como ela afirma, "O que escrevi aqui não é tudo, nunca é tudo". Talvez essa impotência da palavra, do simbólico, seja uma prova, um provar do "gostinho das verdades que trazemos no corpo". Qual a verdade que se traz no corpo? De que ele é faltante? De um corpo que não se pauta em um genital? Um corpo que só é corpo devido ao seu padecimento do significante, um corpo que se faz pela discursivização da carne, um corpodiscurso que só se é pelo esquecimento de um organismo? O sujeito-trans na SD 12 denuncia uma história que

não deveria ser a dela, uma história "ditada pelas leis e pelos manuais de psiquiatria", descortinando uma FD-CM que determina sentidos para um corpo que deve seguir uma biológica. O sujeito na SD 12 inscreve uma modalidade subjetiva de desindentificação, em que o sujeito deixa de se identificar com a FD-CM, passando a se identificar com uma FD trans (FD-T), que se opõe às identificações plenas, uma FD de transição, trânsito, movimento, fluido. Como na proposta pecheutiana, na modalidade de desindentificação, o sujeito não apenas nega as evidências ideológicas, mas sobretudo promove uma desintegração delas, apontando o dedo para uma ideologia que se estilhaça.

Pela memória discursiva de um corpo isomórfico para um dimórfico, é a história que também existe, a do corpo em trânsito, movente, que foi controlado pela invenção do sexo com os discursos médicos e científicos do século XVIII (Laqueur, 2001). Aqui, ao enunciar de uma história que de "fato existe" uma história "minha tão minha", diz novamente da operação ideológica, em que o sujeito se crê ponto de origem, mas cujos dizeres estão inscritos nos fios de uma memória do corpo que transitava, que resistia. Assim, nesse encontro entre uma atualidade e uma memória temos um acontecimento, o corpo que também é um dizer, "E seu eu fosse Amara? Bom, agora eu era", funda um acontecimento de corpo. Pelo berço da psicanálise, podemos traçar uma leitura de um corpo enodado, que carrega sua dimensão RSI, um corpo pulsional que não se cola a nenhum objeto, deslizando, para sempre um corpo desejante.

4.2. Uma viagem solitária de um corpo-transtornado

Nesta entrada discursiva, iremos debruçar-nos sobre os recortes extraídos do livro autobiográfico "*Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*", escrito por João W. Nery, psicólogo, escritor e homem trans, sendo considerado o primeiro homem trans brasileiro submetido à cirurgia de "readequação sexual". O livro é um testemunho de uma vida de luta, resistência e busca por um lugar de existência, legitimidade e construção de um corpo que, como bem revela o livro, não possui nada de natural. Não que a "natureza" não insista em comparecer, sublinhando um tecido de evidências, sempre questionado pelo mau sujeito. Uma posição discursiva de um sujeito-trans que não cessa de inscrever sentidos outros para si e para o seu corpo.

Nesta entrada discursiva um corpo dito biológico se revela bastante presente, delimitando as fronteiras do sexo e do gênero. O sujeito-trans na SD 13 questiona o que há de errado consigo. Sua única certeza era de que um erro havia, um corpo que está colocado entre

a FD-CM e o desejo de um corpo pulsional, uma resistência, mostrando um sujeito fraturado, sem muitas palavras para envelopar os afetos, fazendo-o se embebedar em angústia.

SD 13

> *Algo errado havia. Se fosse uma doença, onde e como?* Não inspirava pena ou compaixão. *E como explicar minha refinada sensibilidade, que me fazia ter uma doída lucidez, a ponto de viver minhas fantasias tão intensamente sem perder o senso de realidade? Por essa incompatibilidade da minha mente com as partes do meu corpo, numa inversão total de imagem, tornei-me, cada vez mais, um ser angustiado.* Além de tudo, cônscio de que argumento algum poderia me justificar. *Bebi angústia pura*. (Nery, p. 45 [*itálicos nossos*]).

Os sentidos legitimados na SD 13 colocam em cena uma posição sujeito-trans que parte de questionamentos sobre sua identidade e seu corpo. Na sua "doída lucidez" e "sem perder o senso de realidade" duvidando se o que vivia "fosse uma doença", configura-se um campo em que as experiências transidentitárias são, por vezes, de modo compulsório, situadas nos diagnósticos de adoecimento mental, como também inseridos na estruturação psicótica, como trabalhado no capítulo 4. Aqui o discurso *do* sujeito-trans é atravessado pelos discursos *sobre* o sujeito-trans, o que mostra que o sujeito-trans da SD 13 se inscreve em FD-CM para significar o seu corpo, que se encontra em incompatibilidade com sua mente, e que, alojado em uma solidão de sentidos para significar seu corpo, o sujeito se vê cada vez mais angustiado, dado que, mesmo inserido em um FD-CM que poderia dizer (e dizem) o que se passava com ele, o sujeito de certo modo recusa tais sentidos. Nesse limbo, "bebi angústia pura", já que a angústia denuncia uma ausência de palavras.

Lacan (1962-63/2005) postulará que a angústia é o afeto que não engana, que não se representa e se localiza no registro do real, não sendo capturado na cadeia significante. Em seu seminário, livro 10, intitulado "*A angústia*" (Lacan, 1962-63/2005, o psicanalista francês estará às voltas desse afeto norteador da clínica psicanalítica e formulará o seu conceito de objeto *a* enquanto signo do real. A angústia, portanto, diz de um afeto, não de um sintoma, e se torna presente de modo avassalador no corpo, um dos seus modos de se presentificar. Ainda neste seminário Lacan, descreve que a angústia é um sinal, mais especificamente um sinal que aponta para a relação do sujeito com determinado objeto (*a*). Em suas palavras, "a manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia" (Lacan, 1962-1963/2005, p. 98).

Destarte, diante de que "argumento algum poderia me justificar", o sujeito-trans da SD acima, revela uma angústia avassaladora, pois, lembremos, o objeto *a* não é o objeto do desejo, sendo que este último não possui objeto, mas sim o *a* é o objeto que causa desejo no sujeito. Ou

seja, não estamos diante de um objeto fenomenológico, empírico, mas sim de um objeto enquanto resto, uma sobra, inapreensível e impossível de ser categorizado pela imagem e pela palavra. Assim, a angústia é um dedo apontando para tal acontecimento de corpo, dado que a angústia é esse afeto que afeta o corpo portando uma verdade (Lacan, 1962-63/2005). Esse tropeço com o real, isto é, com o objeto *a* sem seu verniz de fantasia – que funciona como um véu que protege o sujeito de uma queda ao deparar-se com a falta primordial, isto é, a inconsistência do Outro –, remete a uma forte presença de uma ausência: o que se ausenta é a possibilidade de representação.

De um Outro que diz sobre o meu desejo, sobre o que ocorre comigo mesmo, ao topar com a verdade de um Outro incompleto, instala-se, por exemplo, uma experiência de um corpo despedaçado, uma "incompatibilidade da minha mente com as partes do meu corpo, numa inversão total de imagem", fazendo o sujeito beber angústia pura. Trago essa contribuição de Lacan sobre a angústia e o objeto *a* para mobilizarmos a noção de real e dos sentidos (ou a falta deles) presentes na SD 13, pois, em Pêcheux, ao se pensar sobre o conceito de real, define-se o real da língua enquanto um impossível que lhe é próprio (Gadet & Pêcheux, 1981/2004), um impossível que marca que a língua não abrange todos os significantes, uma língua inatingível.

Essa língua na sua dimensão de real se inscreve na história, o que faz pensarmos o real da história, um ponto de impossível, onde nessa inscrição da língua na história algo falha, ou seja, o não-logicamente-estável, aquilo que não faz sentido, que escapa, diz indícios de um real, enquanto impossível lógico, aquilo que é impossível de ser dito (Pêcheux, 1983/2015). Como descreve Carnevale (2012), o real "já é colocado de saída para o sujeito, é anterior a ele e o invade, produz efeitos" (pp. 45-46), na medida em que com o real nada se sabe, mas sim topamos com ele (Pêcheux, 1983/2015), surtindo efeito de uma embriaguez pela angústia. Deste modo, não se fala, não se pega, não se imagina o real, o máximo que conseguimos alcançar são os seus efeitos, seus rastros.

Na sua versão de furo na história, ou seja, de um real da história, deparamos com uma impossibilidade de negociação simbólica, uma vez que há, pela luta de classes, um desacordo estrutural que perpetua um buraco na sociedade (Carnevale, 2012). Não há sentido para o corpo do sujeito-trans da SD 13: trata-se de um corpo que padece de uma ausência, de um real, de um furo.

Vejamos a SD 14:

SD 14

> Quando completei o 12º aniversário, não quis nem acordar. Seria o meu último dia de Peter Pan. No outro, já deveria ser uma moça. Que massacre!
> Não me lembro do que aconteceu depois. Só sei que vivi numa angustiante expectativa de quando isso iria realmente acontecer.
> *A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira "monstruação". A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver.*
> A dose foi cavalar. *Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiram em nascer.* Aí foi demais! Como se já não bastasse todos me tratarem no feminino, não entenderem minhas vontades, não poder fazer nada do que os outros meninos faziam, *ainda tinha de aguentar o que me brotava do corpo, à revelia.*
> *As evidências no meu próprio corpo me obrigavam a ser visto como uma mulher* (pp. 46-47).

Um corpo que brotava à revelia, sentidos que orbitam um corpo, sentidos de um organismo que insiste em comparecer no corpo, um organismo que insiste e um corpo que resiste. Como revela Baldini (2010), "é justamente porque se trata de um corpo, e não de um organismo, que há resistência" (p. 60). Na SD 14, deparamos, novamente com um corpo enquanto um acontecimento, de um sujeito que tenta contornar o real colocado acima, um contorno que revela uma tentativa fracassada, mas ainda uma resposta ao real, pois, se "não podemos dar conta desse real, temos ao menos a possibilidade de criação" (Carnevale, 2012, p. 44). Ou seja, mesmo que as palavras fracassem, elas não cansam de tentar, o que podemos colher no enunciado da SD 14 com o significante "monstruação", uma condensação das palavras "monstro" e "menstruação", e aqui que tomo o corpo como acontecimento, uma junção que retoma a memória discursiva de um corpo monstruoso e do monstro outorgado à feminilidade, um corpo que sangra, estranho, um corpo que gesta outro ser, e uma atualidade.

Como pontua Cassana (2018), os discursos presentes nas transidentidades devem ser pensados na tensão entre corpo e língua, em uma estrutura que une esses dois elementos, ou seja, de um corpo que recebe a incidência da língua determinando os sentidos que devem e podem ser ditos. Assim, o sujeito-trans presente na SD 14 coloca em circulação um significante que emerge para além do estabilizado, "monstruação" comparece como um efeito metonímico, ou seja, uma parte do corpo "menstruação" que o coloca em evidência: é um corpo feminino. No entanto, o sujeito subverte, dando outro sentido para aquilo que emana do corpo orgânico; assim, o efeito metonímico "se produz ao construir um sentido para o todo, que não está destituído de suas partes também significantes" (Cassana, 2018, p. 97).

O encontro entre a língua e o corpo produz um sujeito, e será na e pela língua que o sujeito também poderá ousar se revoltar e ousar pensar por si mesmo. Inscrevendo o significante "monstruação" para definir o que acontece em seu corpo, o sujeito-trans diz de um giro discursivo que pelo equívoco de uma palavra faz topar o real do corpo e o real da língua, dado que, como descreve Cassana (2018), esse encontro com o real demanda o simbólico, ou seja, o

corpo encontra um ponto de ancoragem para significar seu corpo. Isso significa que "monstruação" é "uma tentativa de formular – no plano do discurso – o que não pode ser compreendido quando se fala no corpo" (Cassana, 2018, p. 104).

Monstruação diz de um fenômeno perturbador para o sujeito-trans da SD 14, não exatamente pelas manifestações somáticas, mas pela manifestação de um organismo que determinaria não só um corpo, mas também uma identidade. "A ideia de aquilo ter vindo dentro de mim me repugnava" – o que vem dentro de um corpo? Qual ideia é essa que repugna o sujeito? Quais os sentidos que envolvem a menstruação? A que "deveria" ser moça? Uma operação ideológica que inscreve no organismo sentidos legitimados de um "cistema" que compreende o corpo em duas polaridades, o ser homem e o ser mulher. Outra vez o real da língua encontra o real do corpo, numa não correspondência entre o corpo determinado pela língua e o sujeito.

No enunciado "Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver.", podemos fisgar o funcionamento da ideologia na interpelação do sujeito e do corpo. A menstruação ecoava a voz de um sistema reprodutor, com órgãos e hormônios específicos, que evidencia um corpo de moça, o que o sujeito-trans não era, mas que deveria ser. Em contraponto, o corpo pulsional ecoava o fato que havia um dizer (Lacan, 1975-76/2007), ou seja, um dizer desejante que não se fixa nos sentidos legitimados para o corpo, um corpo pulsional que desnaturaliza o orgânico. Não ver tal evidência coloca o sujeito em um estado de felicidade, pois o mesmo desconhece aquilo que o constitui.

Ao promover uma escritura para isso que acontecia em seu corpo, a "monstruação" surge como uma tentativa de bordejar um real. Diferente da SD 13, o sujeito ainda às voltas da angústia conseguiu oferecer uma tratativa para aquilo que brotava em seu corpo. Os seios que insistiam em nascer, a monstruação, os órgãos e hormônios – tratava-se de "evidências no meu próprio corpo me obrigavam a ser visto como uma mulher", evidências forjadas pela ideologia e inscritas na FD-CM, que atribui ao corpo uma arquitetura anatômica que contém o sujeito em um armário biológico. Na SD 15, deparamos com um sujeito-trans em revolta, em guerra com seu corpo, uma batalha acirrada entre o sujeito e o Outro.

SD 15

Olhei-me nu no espelho do quarto. Analisei-me em todos os ângulos. *E tudo, absolutamente tudo, estava fora do lugar. O que sobrava em cima faltava embaixo e vice-versa. Minha alma não se conformava de ter de se expressar por meio daquele monte de carne, sobre o qual não tinha podido decidir nada. Foi-me imposto sem pedir licença, para a forma, para o conteúdo e todos os papéis que, obrigatoriamente,*

> *carregava junto.* Não conseguiria me submeter a esta sociedade pronta e chauvinista. *Não sou isto!* Esmurrei a parede até não aguentar a dor. Agora estava irremediavelmente perdido. Que mulher vai se excitar com um homem que tem uma excrescência dessas? *E pegava nos peitos, amassando-os, como se fossem um excremento podre para se jogar fora. Cadê o pau para ter relações sexuais? E puxava o clitóris com toda força, como querendo agigantá-lo, arrancá-lo da terrível escuridão.* Merda de vida! Cocô de existência! Tudo é tremendamente estúpido e grotesco! Seu aleijão, só lhe resta mesmo chorar pelos cantos... *Ensandecido de revolta, tomado de autocomiseração e mais um turbilhão de emoções mutiladoras, escarrei então no espelho, como se fosse no mundo.* E escorregando com as mãos espalmadas na própria gosma, fui desmoronando lentamente, até me prostrar no chão. (p. 47).

"Foi me imposto sem pedir licença" uma imposição que decretava uma forma, conteúdo e papéis, um corpo fragmentado, cubista, recortado, montado e desmontado, já que "tudo, absolutamente tudo, estava fora do lugar", o que nos remete que há um lugar *a priori*. Que lugar é esse? A que lugar o corpo deveria corresponder? Em qual imagem esse corpo deveria se alienar? Podemos nesta SD convidar para o nosso gesto de análise o corpo no estádio do espelho, complexo em que o sujeito ganha um corpo, uma unidade corporal, um Eu, que ocorre através do Outro. E quando o Outro não legitima um corpo? Ele se despedaça! A experiência corporal do sujeito-trans aponta para a falta de reconhecimento do Outro, de um corpo que vive tropeçando com o real, dada a impossibilidade de dizê-lo, dado que o real, às vezes, é mais presente na vida de alguns do que de outros. Uma "alma" que não é representada por aquele "monte de carne", que não faz unidade, dado que para isso é necessário o Outro.

> É o olhar para o corpo do outro que *o* identifica. Mas, também, é o olhar para o corpo do outro que *nos* identifica, que permite saber quem somos, que nos leva à ilusão da completude, da plenitude do corpo e da satisfação do desejo. É a partir do olhar para o corpo do outro que também compreendemos e interpretamos a nós mesmos como sujeitos. (Cassana, 2018, p. 23 [*itálicos da autora*])

Baldini (2010) esclarece que o amontado de carne é atravessado pelo significante, e, ao depararmos com isso, ocorre uma estranheza, dado que a unidade ofertada pelo corpo imaginário se desfaz. Os seios são atribuídos de sentidos de podridão, de excrementos que têm que ser jogados fora, excesso que não deveria estar ali. Um corpo com excessos de sentidos que montam uma ortopedia, um corpo forma, corpo de mulher; no entanto o sujeito-trans da SD 14 não se identifica aí onde foi recrutado, instalando uma guerra contra o corpo, despedaçando-o, amassando os seios, puxando o clitóris. Um gesto que podemos interpretar como um "grito de resistência perante os sentidos dados como evidentes" (Cassana, 2018, p. 105), e acrescentamos, um grito frente ao real, pedaço em que os sentidos não alcançam, um grito que possui uma força de denúncia, um grito que não deixa de ser um dizer, que faz ressoar na estrutura social um rasgo que irrompe um silêncio, clamando outros lugares para subjetivação (Santos, 2018).

Na SD analisada, surpreende como o sujeito-trans lida com seu corpo: uma revolta que o faz escarrar no mundo, no espelho da ideologia, que como vimos tem que ser quebrado. Como pontua Pêcheux (1982/1990), nas revoluções o real vem se afrontar com o imaginário, apontando a existência do simbólico, o que configura na SD 14 um corpo revolucionário, que luta por reconhecimento, buscando espaços para estar e viver com seu corpo. Assim, as experiências transidentitárias revelam um corpo que está a todo momento nos lembrando de um corpo possível para além do estabilizado, um corpo passível de transformações, porém não sem uma memória que retorna e envolve as cicatrizes de sentidos (Cassana, 2018). Como podemos ver na SD 15:

SD 15

O fortalecimento da autoimagem me proporcionou uma reintegração maior com todo o meu corpo. Com o tempo, *deixei Mercedes tocar nos meus genitais, mas só se fosse com um trato masculino. Fui desenvolvendo comportamentos adaptativos para suprir as deficiências como macho. Notei que, na hora do coito, a minha mão esquerda adquiria um formato e uma maleabilidade específicos, como se fosse um pênis.*
Conseguimos desenvolver uma técnica que nos permitia ter satisfação conjunta. [...] o peculiar é que, normalmente, os indivíduos têm uma tendência a proteger seus genitais em qualquer eventualidade em que possam correr risco de dano ou perda. Essa mesma preocupação se apresentava em relação à minha mão esquerda. Danificá-la significaria entrar em abstinência sexual. *[...] Antes de penetrá-la, umedecia meus "dedos peniais" no meu pseudoesperma, como uma forma de colocar algo meu dentro dela. Dava-me uma maior sensação de aproximação. Sem o lúdico, não podia haver sexo.* Não duvidava mais de como ela me via. *Restava saber se me queria mesmo assim, como um homem mutilado*. (p. 94-95)

Já com um fortalecimento da autoimagem ocorreu uma reintegração com o corpo, o que podemos compreender devido à união erótica afetiva com uma mulher, Mercedes olhou e desejou o corpo "deficiente como macho", ou seja, um Outro que faz leito no corpo do sujeito-trans. No entanto, destacamos como o sujeito-trans da SD 15, mesmo revoltado, revolucionário e resistente a determinadas coordenadas, ainda se mantém em uma FD-CM, atribuindo sentidos de "adaptação" de um corpo deficiente, um corpo roto em sua "macheza". Nesta SD, é interessante pensarmos dois processos discursivos, o efeito metonímico, que já vimos, e o efeito metafórico.

A metonímia do corpo comparece na relação sexual, pois a falta do pênis e dos sentidos atribuídos a esse pedaço de corpo deslizam para a "mão esquerda", que irá cumprir a função de um corpo deficiente. Assim, uma parte que passa a significar um todo, em outras palavras a mão-esquerda-pênis do sujeito-trans produz sentidos de macheza, de virilidade, de homem. No tocante ao efeito metafórico, que está relacionado com o interdiscurso, o que determina que a metáfora não pode ser pensada sem a heterogeneidade dos sentidos, presentes nas diversas FDs. De acordo com Mariani (2007), a metáfora deve ser pensada como um processo de transferência

de sentidos, ou seja, um deslizamento de sentidos entre diferentes FDs, campo contraditório que abriga uma pluralização de sentidos, mas ainda que a linguagem seja metafórica, dado que não podemos pensá-la sem seu caráter de metáfora.

Assim, de modo restrito, como disse Pêcheux (1982/1990), a metáfora diz de "uma palavra por outra", uma substituição significante. Pêcheux irá beber da fonte da linguística e da psicanálise para forjar uma própria noção de metáfora na AD; assim, com a linguística compreende-se a metáfora e a metonímia como figuras de linguagem que se manifestam em todo processo simbólico, inclusive subjetivo (Jakobson, 1969), e com a psicanálise lacaniana toma-se a metáfora como substituição de um significante por outro, produzindo um efeito de significação que é de poesia ou de criação (Lacan, 1955-56/1985). Assim, nesse processo de substituir um significante por outro, chega-se a algo inédito, mas sempre em relação com uma memória (Mariani, 2007). Isso posto, na SD 15, sentidos como a "mão esquerda" como se fosse um pênis, os "dedos peniais" e esses dedos umedecidos como um "pseudoesperma" dizem desse efeito metafórico, de uma substituição que inaugura um novo que, no entanto, se filia a uma rede de memória.

> Não há dizer que para fazer sentido não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada e esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação. (Orlandi, 2012, p. 173)

Assim, no ritual ideológico, determina-se que o encontro sexual acontece por coordenadas cisgêneras e heterossexuais, uma vez que é preciso um pênis, mesmo que esse seja uma "mão esquerda", é preciso haver penetração, com seus "dedos peniais", seu pseudoesperma, para colocar algo de si dentro do outro e do Outro. Uma invenção do sujeito-trans frente ao real, frente à falta, à incompletude. Ou seja, a ideologia estabelece sentidos para o ato sexual, nomeando, categorizando, descrevendo, por um lado, e silenciando, apagando, desbotando outros sentidos e práticas possíveis, do outro. Assim, esse feito da ideologia faz com que os sujeitos recorram a um sempre-já-aí, pelos pré-construídos, uma memória de um "cistema-mundo" que determina um manual cisheterossexual para o desejo. Butler (1990/2020) aponta que as categorias sexo, gênero e desejo dizem de uma formação específica de poder, ou melhor, essas categorias sofrem uma "heterossexualização" que demanda (impõe) o par oposto: masculino e feminino.

> A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. (Butler, 1990/2020, p. 41)

Se Lacan (1971-72/2012) postulou que não há relação sexual, no sentido da impossibilidade de se tornar Um, será só por via da fantasia e do amor que algo dessa não relação (enquanto impossível lógico) poderá ser realizado. Assim, diante de um real frente à não proporção sexual, é pela via do imaginário e do simbólico que pode se chegar a "uma maior sensação de aproximação". Mas com todas as tentativas de completude, restava um "homem mutilado", uma dúvida lançada ao campo do Outro, buscando um reconhecimento? E, neste enunciado, não podemos cair em uma interpretação de um sujeito que nega a falta, que busca uma potência do ser e do corpo, dado que esses sujeitos são inscritos em uma realidade onde a falta não diz apenas daquela que constitui o sujeito do inconsciente e o do discurso, mas uma falta que é produto de relações de poderes administradas por uma formação social e ideológica.

Importante sublinhar isso para não cairmos em mais uma prática de violência, pois o "homem mutilado" diz de um efeito de sentido para um corpo dirigido por uma "língua ideal toda poderosa" (Pêcheux, 1981/2004), uma captura imaginária realizada pelo anzol da ideologia. Neste caso, a falta comparece como falta de direitos, falta de segurança, falta de reconhecimento, falta de um nome (social), falta de um lugar enunciativo, falta de empregos, falta de vida. Configurando uma vida precária que diz de "uma certa distribuição desigual no estatuto de 'pessoa'; trata-se de saber em que condições uma *vida precária* é tida como merecedora de cuidado e proteção" (Baldini & Chaves, 2018, p. 801 – [*itálicos dos autores*]). O que demanda um reconhecimento de uma vida que se é permitido viver.

> Isso envolve pensar o campo do reconhecível e do apreensível, na medida em que um age sobre o outro, desestabilizando as normas de inteligibilidade que organizam a experiência visual e uma certa ontologia do sujeito. O reconhecimento é uma prática ou cena entre sujeitos, moldando um ser vivo em um sujeito reconhecível. (Baldini & Chaves, 2018, p. 802)

Safatle (2020), no livro "*Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*", irá propor uma tese dos quatro conceitos fundamentais da política em psicanálise, definindo-os como: identificação, gozo, transferência e ato. O autor acrescenta um quinto conceito, o de reconhecimento. Nesta obra, Safatle percorre alguns pontos medulares no ensino de Lacan, a fim de delinear o lugar da política na psicanálise e o lugar da psicanálise na política. Assim, o autor desenvolve um itinerário teórico perpassando esses conceitos fundamentais, construindo um gesto de leitura que busque pensar o conceito de emancipação enquanto uma destituição de poderes e de não identificação com eles. Pois bem, o que trago da

obra de Safatle (2020) é principalmente o conceito de reconhecimento, que nas palavras do autor:

> Haveria também um quinto conceito fundamental para esse debate, a saber, reconhecimento. [...] Ou seja, para Lacan, a especificidade do sofrimento psíquico vem do fato de ele mobilizar sintomas, inibições, angústias e reações corporais para expressar impossibilidades sociais de reconhecimento. (Safatle, 2020, p. 14)

Ou seja, o não reconhecimento produz efeitos de sofrimento psíquico, como bem podemos notar na SD 15, onde o sujeito-trans, enquanto posição discursiva, reclama ao Outro um lugar enunciativo e de reconhecimento. Não sendo recebido em sua alteridade, o sujeito da SD analisada escarra no Outro e se revolta. Importante destacar que problemas políticos exigem soluções políticas, o que não se resolveria em um divã, uma proposta do próprio Lacan, apresentada por Safatle (2020). Ou seja, não se trata de modo algum de promover uma psicologização do campo político; diante disso, o que um processo de análise pode oferecer é deixar os dramas menos confusos. Em outras palavras, o que Lacan nos deixou foi uma fidelidade a um drama e essa é sua maior contribuição política (Safatle, 2020).

> Se o ideal de análise é que o Eu não seja fortalecido, reconstruído, adaptado, mas decomposto até o limite do possível, então, o que resta da ideia reguladora de "si próprio"? De toda forma, isso implica uma emancipação que não será pensada sob a forma da possessão de si e do exercício próprio. Esse talvez seja o "drama" a respeito do qual Lacan espera que sejamos "menos confusos". O drama de uma era histórica que enfim compreendeu as ilusões de dominação e de disciplina que alimentam os usos que fazemos da categoria do "si próprio", de indivíduo. Uma era histórica que, por isso, precisa inventar, de forma completamente nova, o que devemos entender por emancipação. (Safatle, 2020, p. 12)

Uma emancipação que só é possível na destituição de um lugar de poder a quem direcionamos nossas identificações, ou seja, uma identificação não a um Eu, já que este é "incapaz de operar mediações com a alteridade e a diferença, como caracterizado pela rigidez, pela estaticidade, por uma concepção defensiva de identidade" (Safatle, 2020, p. 22), mas sim um processo de identificação rumo a uma experiência com o vazio no lugar do poder, é nesse sentido que o autor defende a busca por uma emancipação. Assim, o reconhecimento não ocorreria por uma identidade engessada em um eu, mas sim por um reconhecimento que não produza identidade, baseado em uma teoria do desejo, este com toda sua potência de negatividade, sendo assim movente e particular (Safatle, 2020).

Pela AD, partindo de uma teoria da ideologia em que se inclina para um sujeito universal, bem como para uma estrutura social fundada em um imaginário de completude, Pêcheux (1983/2014), ao debater sobre o ritual ideológico enquanto uma operação claudicante,

determinará que o sujeito é efeito de linguagem, de uma interpelação ideológica, mas também um sujeito que faz furo nessa trama linguageira. Como descreve Romão (2011):

> É essa a traição constitutiva da própria língua, algo sempre escapa, fura, erra no jogo de (não) dizer, possibilitando ao sujeito apenas a ilusão de controle dos sentidos e, também, assegurando-lhe que continue a dizer mais, girando na teia da língua para, de novo, dizer, fal(h)ar, não poder dizer e deparar-se com o impossível. Assim sucessivamente. Se a teoria discursiva abre espaço para o impossível, é ela também que sinaliza, pelo não-acabamento dos sentidos, a chance de que algo pode mudar, deslizar e fazer o sujeito falar de outro modo, ou seja, estar em movimentos sempre outros. Ou seja, o que barra a completude é também o que permite o rodopio no trabalho espiralado do sujeito entre as palavras que o representam, enfim, entre os dizeres que produz, sujeito este capturado em uma posição pela ideologia e sujeito exposto à não-garantia de nela ficar petrificado. (Romão, 2011, s/p)

Assim, o reconhecimento no campo discursivo consiste em promover essas rachaduras nos sentidos legitimados por dada estrutura social e ideológica, a fim de constituir, formular e pôr para circular outros sentidos, e "assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido" (Pêcheux, 1982/1990, p. 17). Como colocado na SD 15, restava "saber se me queria mesmo assim, como um homem mutilado", propomos que resta saber que um mundo semanticamente normal e estabilizado está disposto a reconhecer os "homens mutilados", os discursos outros, os sentidos ainda não vistos, que ainda não se inscreveram. No entanto, sem cair em um romantismo da língua, dado que esta se inscreve em uma história para tomar sentido, e que a história é operada pelas lutas de classes, podemos minimamente não deixar cair no esquecimento que "não há dominação sem resistência" (Pêcheux, 1983/2014, p. 281) e, acrescentamos, não há resistência sem reconhecimento.

4.3. O corpo e o espelho: ou o que se vê quando se olha

Nesta entrada discursiva, propomos um olhar de alguns recortes retirados do capítulo "*A luta pela aceitação*", do livro "*Vidas Trans: a coragem de existir*", escrito por Márcia Rocha, travesti, advogada e empresária (Moira et al., 2017). Aqui nos deparamos com sentidos de uma completude do corpo, onde, em um percurso de reconhecimento, legitimação e aceitação, o sujeito-trans se inscreve numa FD de completude do corpo. Na SD 16, podemos ver que a relação do sujeito-trans está além de um imaginário do "universo feminino", como vestimentas, comportamentos, maquiagens, mas sim dos sentidos que se colam aos objetos.

SD 16

> No guarda-roupas, era uma sensação gostosa deslizar as mãos pelos tecidos e atentar-se aos detalhes das peças, percebendo que havia ali uma atração que ele mesmo não sabia dizer qual era. *Na verdade, não eram as roupas, os sapatos nem as maquiagens que o atraíam, mas todo o universo feminino que representavam. Tudo o que revestia as mulheres e que ele via no dia a dia, assim como trejeitos, o andar, o falar, o jeito de ser, refletiam algo que havia dentro de si. Nunca foram os objetos que o atraíram, mas aquilo que revestiam em um simbólico que só podia ser plenamente satisfeito se revestissem e fossem expressos em seu próprio corpo* (p. 102).

Iniciando um trabalho de análise da SD acima, retomamos nosso ofício como "loucos por nossa língua", onde perseguimos, sem trégua, questionar, romper, destruir, reconstruir e transformar o "laço umbilical que liga significante e significado" (Pêcheux, 1981/2004, p. 45), ou seja, que o significante não possui um traço próprio, mas sim uma materialidade cavada, oca e vazia, e por essa condição a ideologia trabalha no preenchimento do buraco com os sentidos determinando o que pode e deve ser dito sobre o corpo, o gênero, o sexo, a roupa, o sapato e etc. O que comparece no enunciado da SD 16 como "Na verdade, não eram as roupas, os sapatos nem as maquiagens que o atraíam, mas todo o universo feminino que representavam", isso significa que esse universo feminino consiste numa discursividade que adere à FD-CM, que regulamenta uma lógica disjuntiva estabelecendo o que é roupa de homem e roupa de mulher. Sentidos que pululam dos objetos e vão confeccionando uma corporeidade, pois marcam "trejeitos, o andar, o falar, o jeito de ser", sentidos que "refletiam algo que havia dentro de si", uma operação ideológica do sempre-já-aí da interpelação ideológica, um interdiscurso que situa a FD-CM que impele uma dada realidade acompanhada por determinados sentidos.

Ainda sobre a SD 16, encontramos, no enunciado "Nunca foram os objetos que o atraíram, mas aquilo que revestiam em um simbólico que só podia ser plenamente satisfeito se revestissem e fossem expressos em seu próprio corpo", um imaginário revestido de simbólico, uma vez que inscreve sentidos de uma satisfação plena com o corpo, determinando evidências de que, se o sujeito se revestir com os objetos envernizados de sentidos pelo universo feminino, o sujeito alcançaria uma plenitude, inclusive com o eu corpo. À vista disso, podemos colher na SD 16 sentidos que representam um processo ideológico que dissimula a falta do simbólico fornecendo uma ilusão de evidências dos sentidos que completaria um corpo. Deste modo, trata-se de uma posição sujeito-trans que se filia à FD-CM para poder falar e significar a si e seu corpo. Sentidos que podemos ver ressoando na SD 17:

SD 17

> Deu início a uma hormonização definitiva, dessa vez mais controlada e séria do que a primeira vez. *Começou a passar por uma série de mudanças corporais e até comportamentais bastantes intensas, que foram deixando seu corpo e seus trejeitos cada vez mais femininos.* Os cabelos cresceram, furou as orelhas, fez aplicações de laser para eliminar pelos do rosto e do corpo. *Começou a se tornar bem nítida*

> *a transição pela qual estava passando, não só pelas mudanças físicas que estavam acontecendo, mas também pela forma como passou a se aceitar, a se liberar, a se sentir mais leve e mais inteiro*. (p. 111)

Na SD 17, relatando o seu processo de "hormonização definitiva" (o que já coloca indícios de uma completude, dado que é definitivo, sem mudanças futuras), o sujeito-trans "começou a passar por uma série de mudanças corporais ... que foram deixando seu corpo e seus trejeitos cada vez mais femininos". Aqui vemos como o discurso médico-científico comparece à guisa de uma FD-CM, que determina apenas dois lugares subjetivos de gênero e sexo para o sujeito se identificar. Ou seja, se o sujeito não é homem, logo ele deve ser mulher; mais ainda: para ali se reconhecer e ser reconhecido o sujeito deve performar o gênero feminino (Butler, 1990/2020). De modo algum estamos atribuindo um juízo de valor; como vimos no capítulo 2, as intervenções cirúrgicas podem sim ser uma forma de organização subjetiva em alguns casos de transidentidade. O que propomos aqui é pensar o sujeito do discurso, sem empiria. Estamos diante de um sujeito que não escolhe a FD que o determina, mas é escolhido para se submeter "livremente", filiando-se aos sentidos de dada FD que articula língua e história, sendo atravessados pelo inconsciente.

Na SD 17, o significante "aceitar" está atrelado a uma sensação de se "sentir mais leve e mais inteiro", uma aceitação possível pela sensação de completude para se "libertar". Isso posto, podemos dizer que estamos diante de um mau sujeito já que, por mais que diga de um lugar de completude com o universo feminino, ou seja, de um "cistema-mundo", o fato de ter "nascido homem" e depois se identificar como travesti inscreve um efeito-sujeito que se identifica com a FD-CM, não rompendo com ela; ele comparece, porém, com um corpo paradoxal, abrindo uma margem para contradição, para questionamentos, "mostrando-se em processos que se desenvolvem entre a univocidade e o equívoco, processos que, sendo coextensivos, permitem pensar a prática de resistência no interior mesmo da ideologia dominante" (Azevedo, 2013, p. 3). Passamos para a SD 18:

SD 18

> *Quantas vezes ele não perdera a noção do tempo olhando-se em frente ao espelho e imaginando como seria se seu corpo fosse diferente daquele? Quantas vezes* ele não colocou enchimentos nos sutiãs imaginando seios que não existiam? *Quantas vezes* não desejou nádegas mais salientes, curvas mais pronunciadas, uma sensação completamente diferente da que sentia quando deslizava seus dedos sobre a pele? *Marcos sabia que, ainda que por dentro já se enxergasse como uma mulher em muitos aspectos, a questão física ainda o incomodava muito. Ele queria se ver mulher, sentir completamente um feminino que sempre existiu profundamente guardado dentro de si*. (p. 113)

Na SD 18, podemos garimpar os sentidos de completude para o corpo, um corpo que tem como objetivo alcançar uma inteireza através do feminino. Aqui, consoante a Lacan (1953-

54/1986), que diz que a vista de uma totalidade do corpo dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, antes despedaçado pelo domínio real, ou seja, no "Quantas vezes..." diante do espelho diz de uma posição sujeito que sofre a irrupção do real, ou melhor, "um corpo atravessado de falhas" (Pêcheux, 1981/2004, p. 28), haja vista que "ainda que por dentro já se enxergasse como uma mulher em muitos aspectos, a questão física ainda o incomoda muito" ou seja, colhemos um real que marca o encontro falhoso da língua com o corpo, isto é, Marcos sabia-se mulher, mas o corpo ainda não.

O espelho enquanto uma metáfora do Outro monta um campo (estádio) onde se têm o Outro que vê e determina um eu corporal e um outro que é olhado, inscrevendo a dimensão do sujeito, oferecendo "uma primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu" (Lacan, 1953-54/1986, p. 96). Mas o que é esse olho? Lacan dirá que é o sujeito, o olho é o símbolo do sujeito:

> Quer dizer que, na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito – vocês devem sabê-lo desde que lhes repito – é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra. É nesse lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar *Pedro*. (Lacan, 1953-54/2009, p. 111)

O Outro como campo simbólico determina um lugar ao sujeito, e este enquanto efeito pode acolher ou recusar esse lugar, um nome, um gênero e um sexo. Orlandi (2012) pontua a incompletude do simbólico, uma incompletude que é um lugar do possível, do vir a ser, de emergir outros sentidos possíveis, ou seja, trata-se de uma abertura do simbólico. É o que faz o sujeito do discurso na SD 18, recusando Marcos e se nomeando Márcia. Na SD 19, o espelho continua presente no processo de identificação do sujeito-trans, funcionando como uma baliza para os processos de modificações corporais.

> SD 19
>
> Dentre as modificações cirúrgicas que decidiu fazer estavam a lipoescultura, a operação no nariz e também a prótese de silicone, que finalmente lhe proporcionou os seios que havia desejado por tantos anos. *Uma maratona intensa de transformações que, ao fim, lhe rendera o melhor presente de todos: olhar-se no espelho e enxergar-se completo, enxergar-se da forma que ele desejava se ver desde a infância.* Era um sonho realizado e mais *um passo para uma nova vida que finalmente parecia ganhar contornos mais reais.* O mundo lhe impediria de ser com ignorância, mas agora ele decidiria vencer o mundo com conhecimento. *Pagaria o preço e estava disposto a isso. Assumidamente e com cabeça erguida, passou a assinar Márcia Rocha, travesti com muito orgulho!* (p. 114)

Podemos ver como os sentidos do discurso médico-científico são presentes nesta entrada discursiva, "lipoescultura", "operação no nariz", "prótese de silicone", que proporcionaram

uma realização de um desejo de tantos anos. Aqui podemos ver uma posição sujeito-trans que se filia à FD-CM e a uma FS capitalista, pois, como descreve Cassana (2018), na FS capitalista, marcada pelas relações de produção, o corpo será tomado como mercadoria, ou seja, um produto que está submetido à ideologia do mercado.

> Na formação que toma o corpo como mercadoria, percebo que o corpo passa a ser visto como um produto que será consumido, ao qual é atribuído valor de mercado. Muitos sujeitos recorrem a hospitais e clínicas privadas para terem seus corpos operados, uma vez que as cirurgias são oferecidas em poucos hospitais públicos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, o corpo passa a ser visto como objeto, que pode ser transformado, podendo, ainda, ser acessível economicamente apenas a determinados sujeitos. (Cassana, 2018, p. 36)

Uma "maratona intensa de transformações", o significante "maratona" indica sentidos de uma corrida, de competição, de uma exigência ao corpo, sentidos muito bem acomodados em uma FS capitalista neoliberal que recruta os sujeitos a sempre competir, ganhar, vencer, lucrar, um fluxo massivo e constante de produção, para que no fim o sujeito seja premiado, tenha sucesso: "ao fim, lhe rendera o melhor presente de todos: olhar-se no espelho e enxergar-se completo, enxergar-se da forma que ele desejava se ver desde a infância". A SD 19 põe em circulação sentidos de um sujeito e seu corpo, superpotente, performático, um empreendimento com sentidos de produção e eficácia que, capturado pela FD mercadológica, é reduzido a objeto a ser consumido e comercializado.

O sujeito-trans da SD 19 revela que através das intervenções hormonocirúrgicas ele deu "um passo para uma nova vida que finalmente parecia ganhar contornos mais reais", ao que podemos traçar a seguinte questão: antes o sujeito não tinha uma vida real? Podemos pensar como resposta nas condições de vida de milhares de pessoas trans em nosso país, situados em um Estado precário nas políticas públicas para a população LGBTQ+, mais ainda o grupo T (transgêneros, transexuais e travestis); como já mencionado, estamos em um país que mais mata a população trans e com péssimas condições de emprego: estima-se que apenas 10% da população trans estão inseridos no mercado de trabalho (Antra, 2020).

Diante disso, uma vida com contornos mais reais diz de uma vida mais vivível? Mais digna? Não que as transformações realizadas em um corpo biológico atribuam ao sujeito um lugar protegido, uma fuga do horizonte da morte, mas não deixa de ser um passo a mais para uma vida mais possível, pois, diante de um "mundo que impediria de ser", o sujeito-trans poderia vencer esse obstáculo com conhecimento; ou, em outras palavras, mesmo se situando no mesmo terreno da FD-CM, o sujeito da SD 19 diz de uma tomada de posição que marca uma

separação, uma luta contra as evidências ideológicas, um mau sujeito que "Assumidamente e com cabeça erguida, passou a assinar Márcia Rocha, travesti com muito orgulho!".

4.4. Um corpo não resolvido para todo sempre

Nesta última entrada discursiva, iremos compor nosso *corpus* com um documentário. Trata-se de "*Laerte-se*", produzido e veiculado pela plataforma de *streaming* Netflix em 2017 e dirigido por Lygia Barbosa e Eliane Brum. O documentário apresenta o processo de construção da identidade de gênero de Laerte Coutinho, cartunista e chargista brasileira, que se descobriu mulher trans. Laerte (e seu corpo) vai sendo discursivizado no documentário de modo comum, uma pessoa como outra qualquer, que narra seu dia a dia, suas relações familiares (como amigos e a família estavam lidando com sua identidade) e principalmente suas questões, dúvidas, perguntas e dilemas que abrangiam sua sexualidade, sua identidade e seu corpo. Em paralelo, o documentário é gravado juntamente com uma obra em sua casa, móveis dispersos, livros encostados em um canto, objetos ainda encaixotados, uma bela metáfora discursiva que diz também de um sujeito e de um corpo em construção e em reforma.

Como colocamos anteriormente, o documentário pela ótica da AD funciona como um texto, ou seja, um texto que constitui discurso, que é opaco, dado que possui uma materialidade e uma discursividade que produz sentidos (Orlandi, 2015). Em vista disso, o documentário concentra-se como uma materialidade significante, objeto simbólico que viabiliza um trabalho interpretativo. Orlandi (2012) pontua que o documentário é um objeto memorial, na medida em que faz movimentar uma memória, demarcando um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória discursiva. A autora afirma que o documentário inscreve um acontecimento discursivo político "para além da "intenção" declarada se seus participantes" (Orlandi, 2012, p. 55), pois nesse encontro entre uma já-lá e um aqui-agora o documentário intervém no real do sentido, confeccionando um gesto interpretativo.

Com Santos (2018) temos uma descrição do documentário como uma denúncia: assim, ele não deve ser reduzido a um canal de comunicação ou transmissão autobiográfica que porta uma verdade, mas o documentário consistiria em uma forma de dizer a verdade, uma materialidade que permanece uma possibilidade de resistência. Assim, o autor discorre sobre as diferenças do documentário e da ficção, dado que esta última é declaradamente uma ficção, enquanto o primeiro, ao seu modo, produz sentidos de verdade, isto é, os corpos presentes do documentário passam uma garantia de verdade (Santos, 2018). Em vista disso, o documentário é um porta-voz de um efeito de verdade, que "põe em circulação sentidos que estavam ocultos

e precisam circular" (Santos, 2018, p. 194). Diante disso, podemos agora nos debruçar sobre os recortes realizados no documentário mencionado, a fim de dar continuidade à composição de nosso corpus analítico. Assim, vejamos a SD 20.

SD 20

Tem alguma coisa na simplicidade do peito, que a transformação genital não tem. *A transformação genital pra mim é um pouco assustadora, porque envolve uma revolução, quase uma batalha travada em uma região,* tanto de homem para mulher quanto de mulher para homem.

Uma batalha travada, eis o que nos coloca o sujeito-trans na SD 20, onde, ao tomar o peito enquanto uma coisa que significa uma simplicidade, aponta para uma complexidade na transformação genital, que para o sujeito é uma experiência "um pouco assustadora", pois que "envolve uma revolução", uma batalha travada em uma região, um território em que sentidos estão sedimentados. Não seria aqui uma batalha travada contra o patriarcalismo? Um "cistema" patriarcal que marca uma sociedade e as relações por um falocentrismo? Uma batalha travada entre uma estrutura e um acontecimento?

Como pontuado na seção de uma memória sobre o corpo, em que o que passou a decretar quem é homem e quem é mulher, é a ascensão do discurso médico-científico no século XVIII, decretando aos corpos uma lógica binária para o sexo e o gênero, que aqui sustentamos como uma FD-CM, podemos refletir que trazer à tona essas questões até então estanques é uma batalha travada entre uma FD-CM e uma FD-T, onde o assustador esteja em promover uma revolução trans que subverte um "cistema-mundo". Um corpo revolucionário que denuncia o equívoco da língua que, ao tentar domesticar um corpo, fracassa. Um corpo político que faz movimentar a ciranda de pedra dos sentidos, de uma compulsória cisgeneridade e heterossexualidade que regem uma sociedade semanticamente normal, um bom sujeito é aquele cujo corpo e identidade de gênero estão em harmonia. Não obstante, na SD 20 estamos diante de um mau sujeito, que não rompe com a FD-CM dado que "tanto de homem para mulher quanto de mulher para homem" ressoam sentidos de uma "cistema" binário, mas que questiona, separa, se revolta contra a FD que o constitui e onde se subjetiva.

Na SD 21, tocamos alguns sentidos que revelam uma posição sujeito contraidentificado com a FD-CM. Nessa SD identificamos o sujeito entrevistador como S.E. e o sujeito-trans como S.T.

SD 21

S.E: E como está essa questão contigo, com a questão do teu corpo, do peito?

> S.T: Nossa, tá *uma confusão cada vez pior*. Em relação ao peito, *eu estou me debatendo com quatro verbos.* (risos). *O querer, o poder, o precisar e o dever*.
> S.E: Conta como é cada um.
> S.T: *Eu sei que eu não preciso.* Eu não preciso, *eu existo sem peito.* Agora, eu quero. Mais recentemente, eu posso. Eu tenho meios para isso. Muito bem. E o devo? *O devo é uma questão muito perturbadora porque diz respeito ao olhar dos outros.* Eu sempre ouço, quando eu penso nesse verbo, eu sempre ouço a filha da puta da fascistoide lá, enfiando o dedo na minha cara e perguntando: "E o seu peito, quando você vai pôr?". Por quê? *Porque isso é um documento, né? E é mesmo. É mesmo.* [...] É perturbadora o suficiente. Eu não tenho uma resposta: "Vou fazer porque as pessoas querem". Não tenho esse tipo de resposta. Mas é um verbinho insidioso. Fica ali... *Então eu sei que eu quero. Eu sei que eu não preciso. Eu sei que eu posso. Não sei se devo.* É isso.

Na SD 21, podemos verificar o funcionamento ideológico que interpela o indivíduo em sujeito, como também o seu corpo. O sujeito-trans enuncia que, em relação ao implante de próteses de silicone no peito, está se debatendo com quatro verbos: "o querer, o poder, o precisar e o dever". Diz estar mais resolvida com os três primeiros, ainda se vê perturbada com o dever, pois "diz respeito ao olhar do outro", ou seja, aí está o efeito ideológico, tornar-se mulher, evidentemente, é portar um par de seios, um corpo que só é legitimado pelo olhar do Outro. Como colocamos anteriormente, o olho é o ponto do sujeito no campo simbólico, um olhar que marca uma fronteira invisível entre o sujeito e o Outro, já que o sujeito está sempre em imisção de Outridade. Ou seja, esse "olhar do outro" atravessa o olhar de si; em outras palavras, o discurso *sobre* o sujeito-trans comparece no discurso *do* sujeito-trans. Como coloca Cavalcante (2021)[53]:

> Quando se pensa nas pessoas trans, a medicina, o jurídico, a religião, a mídia, eram/são os lugares institucionalizados que produziam o discurso sobre essa população, determinando o que era ser transexual, travesti, transgênero. Até pouco tempo, só tínhamos acesso a essa modalidade de discurso, porém, com a democratização de mídias alternativas e algumas aberturas na mídia tradicional, pode-se ter acesso também ao *discurso de*, isto é, essa população tem um pequeno espaço de dizer e para produzir sentidos outros sobre a transgeneridade, através da resistência e luta diária. Importa dizer que essas duas modalidades de discurso podem estar imbricadas. O *discurso de* é atravessado pelo *discurso sobre*. Ao dizer de si, os sujeitos-trans, pelo jogo de formações imaginárias, trazem à tona o *discurso sobre* a transgeneridade. Assim, também, no *discurso sobre*, pode trazer consigo marcas do *discurso de* (Cavalcante, 2020, p. 82 [*itálicos do autor*]).

Ou seja, a posição sujeito-trans da SD 21, em relação ao verbo "dever", coloca para circular sentidos do discurso *sobre* os sujeitos trans que devem pela FD-CM adequar o seu corpo com sua identidade de gênero. Sabendo que não precisa, mas que quer e que pode colocar as próteses de silicone do peito, ou seja, um sujeito se filia à FD-CM, da qual participam o discurso médico-científico que determina as cirurgias de "readequação corporal" e o discurso

---

[53] O autor, sobre o discurso *do* sujeito-trans, escreve "o discurso *de*", ou seja, substituindo do "*do*" pelo "*de*".

mercadológico-tecnológico que oferta um produto, a prótese de silicone, a ser consumido pelo sujeito-trans ou também pelo sujeito-cis[54]. O rochedo que impede tal realização é o verbo "dever", uma vez que o sujeito se vê uma "confusão cada vez pior" entre os discursos *sobre* e o discurso *do* sujeito-trans, ou seja, um lugar enunciativo (Zoppi-Fontana, 2017).

Ainda sobre o verbo "dever", que coloca o significante seios enquanto "um documento", podemos retomar as práticas médicas em que o sujeito "candidato" a transexual, para ser definido como uma "transexual verdadeiro" ou um "transexual falso", como vimos com Bento (2017). Nesse jogo discursivo do "para ser considerado verdadeiro", o sujeito-trans se depara com o verbo insidioso "dever"; assim, devem ser realizado procedimentos médicos-cirúrgicos no corpo para que este seja um testemunho de uma verdade "sou mulher". Porém, na SD aqui analisada, o sujeito enuncia que "eu existo sem peito", torcendo os sentidos de um corpo normatizado pela FD-CM.

Existe sem peito, não precisa colocá-los, porém diz querer e poder realizar tal feito; o que determina, no entanto, esse querer? Pois sabemos que todo indivíduo é interpelado em sujeito para que este se assujeite em determinado discurso. Quais discursividades sustentam esse querer do sujeito-trans? O sujeito-trans da SD 21 revela uma contradição, uma vez que o sujeito-trans se reconhece enquanto mulher e diz que existe sem peito, logo existe mulher sem peito, no entanto ela pontua que a prótese de silicone é um documento e afirma "e é mesmo. É mesmo", um efeito de evidência que estrutura imaginariamente uma posição para ocupação do sujeito, ou seja, na arena das formações imaginárias, o sujeito, ao se posicionar no discurso enquanto uma mulher, deve ter determinado corpo e não outro, caso contrário "a filha da puta da fascistoide", ou seja, o Outro vem questionar (controlar) o sujeito para que este seja de determinada maneira e não outra, algo do tipo "Ok, escolheu ser mulher? Então seja uma mulher de verdade!".

No final, com o enunciado "Então eu sei que eu quero. Eu sei que eu não preciso. Eu sei que eu posso. Não sei se devo", questionamos: o que impediria o sujeito de realizar aquilo que quer? Seria uma ideologia que determina uma verdade para o sexo e o gênero? Um funcionamento ideológico que determina uma discursividade para o sujeito e o seu corpo,

---

[54] De acordo com o Jornal da USP (2021), os números de procedimentos estéticos em jovens cresceram em 140% nos últimos anos, sendo o Brasil líder mundial no ranking. Disponível em: https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/. O que revela uma busca por diversas pessoas, independentemente da sua identidade de gênero, porém podemos definir que a maioria dessa porcentagem é composta por pessoas cisgêneras, dado que a marginalização da população trans, a falta de emprego ou o subemprego são obstáculos para que essas pessoas realizem o desejo das cirurgias de adequação de corpo ao gênero.

legitimando que não é possível um corpo de mulher sem seios, ou ainda, carregar um pênis ou uma voz muito grave. Portanto, podemos, como temos dito, pensar que existe uma FD-CM que determina a diferença sexual em apenas dois polos que se completariam, mas que também se excluem. Com Ambra (2017), vimos que sim, existe a diferença sexual, mas, ainda, que o sexual é a diferença, demarcando a pluralização perversa e polimorfa da manifestação da sexualidade na subjetividade humana.

Trata-se de uma FD-CM que não permite uma ambiguidade sexual no mesmo corpo, um corpo paradoxal, que sofre insistemente uma formatação que visa uma suposta harmonização do gênero com o corpo (orgânico), pois há dois, somente dois corpos possíveis. Entretanto, se o sujeito-trans da SD 21 inscreve-se em uma FD-CM, não é sem causar uma desorganização, sustentando uma falha no ritual ideológico, onde o real irrompe e revela o fiasco da ideologia em tentar tamponar um corpo que carrega em sua materialidade um rasgo aberto para a recepção dos sentidos legitimados, como também de sentidos que ainda estão a advir. Podemos ver esse funcionamento na SD 22:

SD 22

S.E.: tu tiraria algo?
S.T.: é, talvez. O testículo.
S.E.: tu tiraria?
S.T.: Acho que sim.
S.E. por quê?
S.T. *eu tenho um certo desconforto com a minha bolsa escrotal.* (risos). O nome bolsa escrotal é muito bom. [...] eu tenho um certo desconforto, assim. *É algo que eu não gosto muito de usar e nem de me deparar com. O pênis, nem tanto, francamente.*

Na SD 22, nos deparamos com um corpo paradoxal, que faz conviver os "dois sexos" legitimados socialmente, um corpo de mulher (des)montado, com peitos, com pênis, mas sem a bolsa escrotal, sem testísculos, que, como define o sujeito-trans, "é algo que eu não gosto muito de usar e nem de me deparar com". Sobre isso, podemos refletir: com o que se depara o sujeito ao se deparar com o órgão? Esse desconforto apontaria para onde? Quais seriam os setidos que envolvem a "bolsa escrotal" para que o sujeito o tirasse do seu corpo? Uma vez que descrevemos no decorrer desta pesquisa que o corpo é uma materialidade linguageira e discursiva, que o corpo é, assim como o sujeito, um efeito significante, os efeitos de corpo nas transidentidades pode ser pensado também enquanto um (e)feito, onde o sujeito define sentidos para o seu corpo e define um corpo. Ou seja, efeito de corpo e corpo efeito. Partimos agora para a análise da SD 23.

SD 23

> Quando eu comecei *a fazer essa passagem, eu sabia que eu não iria virar mulher, no sentido de mudar a minha genitália e nascer de novo,* né? Essa ideia de nascer de novo não me passou pela cabeça nunca. Então, *o que me passou é uma alegria muito grande por poder exercer essa liberdade*, poder trazer pra mim uma possibilidade de *fazer essa viagem e ampliar a minha fronteira* a tal ponto em que eu não preciso mais, *eu não preciso mais estar no país dos outros*, não no meu. (risos). [...] *Você se sente em outro país, você se sente aprendendo uma língua.* [...] "Aí, *você quer ser mulher*, mas você não sabe nem... *você não depilou o sovaco*." [risos]. Aí tá, *depila o sovaco*. "Ah, *você quer ser mulher, mas você não sabe se sentar*." Aí, *toma aprender a sentar*. [...] São, de certa forma, *são uma língua*.

Na SD 23, podemos verificar os sentidos produzidos sobre o ser mulher. O sujeito-trans ressoa sentidos de uma passagem, de um ponto a outro, do homem para a mulher, e que essa passagem não se daria ao modo de um "nascer de novo", mas sim de uma liberdade, o que nos parece tratar-se de um transitar entre os sexos, ou melhor, transitar entre FD distintas, o que nos leva até a noção de efeito metafórico que funciona nessa transferência de sentidos entre FD. Assim, colhemos no enunciado acima significantes como "passagem", "nascer de novo", "viagem", "fronteira", "eu não preciso mais estar no país dos outros", "aprendendo uma língua", ou seja, uma SD prenhe de metaforizações de que o sujeito lança mão para significar o seu processo de identificação a determinado gênero.

Lembremos com Lacan (1955-56/1985) que, no processo de substituição significante, inscreve-se o funcionamento da metáfora, produzindo efeitos de significação que tocam a poesia e a criação. Com Pêcheux, sabe-se que a poesia não é o excepcional da língua, mas o seu próprio, em suas palavras "nada da poesia é estranho à língua – nenhuma língua pode ser pensada completamente se aí não se integra a possibilidade de sua poesia" (Pêcheux, 1983/2015, p. 51). Diante disso, podemos compreender na SD 23 um deslizamento do poético que incide no corpo da língua, isso é, em uma materialidade significante (Mariani, 2007), dado que inscreve sentidos de um corpo fronteira, um corpo país, que possui uma língua própria, o sujeito, por sua vez, ao mesmo tempo que habita o corpo, é um estrangeiro desse corpoterra. Um sujeito que traça um itinerário de uma viagem, que tem como ponto de partida um corpo homem e o corpo mulher como ponto de chegada, com todas as prescrições performativas do que venha a ser mulher (Butler, 1990/2020): "depilar o sovaco", "sentar" passam pelo crivo de uma FD-CM que determina o ser mulher em dada FS. Assim, o sujeito se equilibrando em uma corda bamba da binariedade do sexo, definido pela FD-CM, só tem dois lados para cair, quais sejam: homem ou mulher.

Ainda sobre o poético na materialidade da língua, Lacan (1976/1977 – seminário inédito) pontua que a astúcia do sujeito é enfrentar sua condição de falta-a-ser, ou seja, de faltante, com a poesia, que é efeito de sentido, mas também de furo. Um furo que nas tramas da

linguagem e do simbólico permite que o sujeito encontre brechas para encontrar (ou ser encontrado) por sentidos outros. O sujeito-trans na SD 23, um corpo-sujeito, efeito de corpo e corpo-efeito, sempre dançando com sua incompletude, encontra no simbólico significantes para nomear sua falta, efeito de sentido que faz corpo, não se tratando de um "nascer de novo", mas sim de aprender uma nova língua. Pois, como já afirmado, será na língua que o sujeito será forjado, bem como será através da língua que o sujeito encontrará materialidade para se rebelar.

O que podemos extrair de consequências da SD 23 é um funcionamento da política dos sentidos, ou seja, um processo em que é inscrito o que é imposto falar e o que é imposto silenciar, ou seja, quais sentidos são possíveis para o sujeito falar de si e de seu corpo? Na fala do sujeito-trans, da SD 23, em que ele diz "eu sabia que eu não iria virar mulher, no sentido de mudar a minha genitália e nascer de novo", podemos pensar a disputa dos sentidos sobre o corpo e a identidade de gênero, pois o sujeito-trans anuncia que mudar a sua genitália não exatamente lhe faria mulher não é o órgão genital que faz virar homem ou mulher, mas depilar o sovaco e sentar de determinado jeito, parece que sim.

Dessa maneira, a posição sujeito-trans inscrito na FD-CM revela um lugar em trânsito, ora aqui ora lá, aqui e acolá, homem e mulher, de outro modo, um sujeito que, ao mesmo tempo em que é determinado, também resiste ao "cistema", pois, mesmo que performar a identidade de gênero mulher consista em uma ritualização ideológica, o sujeito enuncia que mudar sua genitália não a faria mulher, ou seja, há uma disputa de sentidos historicamente engendrados. Vejamos a SD 24:

> SD 24
>
> S.E.: como é possível ser uma mulher fora da questão do corpo, é possível ou não?
> S.T.: *De jeito nenhum pode deixar o corpo de lado*, né. *Mas também não pode se resumir ao corpo. A questão do corpo é central, mas não pode ser tudo, senão a gente aceita a biologia como um único norte*, né? *Teu útero é teu destino,* esse tipo de coisa. E não é assim. Então... *O corpo é uma parte de uma negociação complicada*.

Podemos perceber essa disputa política de sentidos para o corpo, onde o sujeito-trans diz que "O corpo é uma parte de uma negociação complicada", uma negociação complicada, pois o corpo é discursivizado, um corpo atravessado por sentidos, sentidos que sempre podem vir-a-ser-outros, já que são determinados sócio-históricamente pelas posições ocupadas, estabelecendo assim uma contradição, um conflito e disputa desses sentidos. Essa é a política dos sentidos, do discurso, uma política onde o corpo torna-se território de disputa. Nos efeitos de sentidos da SD 24, podemos perceber o funcionamento político do corpo, no enunciado "De jeito nenhum pode deixar o corpo de lado", ou seja, o corpo é fundamental para pensarmos a

constituição subjetiva do sujeito; vimos anteriormente que o corpo para a psicanálise é situado em uma realidade RSI, um corpo imaginário que dá consistência, um corpo simbólico que dá sentidos e um corpo real dirigido pela pulsão. Portanto, não dá para deixar o corpo fora, uma vez que ele é uma matéria que dá forma, consistência, imagem e identidade ao sujeito (mesmo que esse não se cole nesses processos); entretanto, o sujeito-trans adverte que "não pode se resumir ao corpo", ou seja, há um para além do corpo tomado em sua biológica anatomia, "senão a gente aceita a biologia como um único norte, né? Teu útero é teu destino", não podemos deixar de retomar a célebre frase freudiana, inclusive trabalhada nessa pesquisa, qual seja: "a anatomia é o destino", ora, a anatomia existe e insiste, porém, como vimos, entre anatomia e destino está o significante, apontando que o que se faz destino é o discurso. Um discurso que não é sem consequências, pois diz de uma negociação complicada, uma negociação de disputa por sentidos que legitimam uma verdade para o sexo e para o gênero.

Nesta entrada discursiva, estamos diante um corpo que não se fecha, há sempre uma materialidade aberta. Na SD 25 abaixo, podemos pensar o corpo submetido à equivocidade, ou seja, um equívoco da língua e um equívoco da história que se materializam no corpo enquanto lugar simbólico, mas também uma fenda que resiste ao processo de simbolização (Leandro Ferreira, 2013), o que inscreve sentidos ao modo lacaniano de um "mistério do corpo falante".

SD 25

S.E: Tu acha que um corpo fica resolvido?
S.T: *Eu acho que dificilmente um corpo está resolvido para todo sempre*. Mas eu gosto de sair e *levar o meu corpo para passear com serenidade*. Como eu consigo isso? Quer dizer, *estar no mundo fisicamente exige da gente uma certa segurança*, não? Me parece.
S.E: E tu acha que um corpo pode ficar completo?
S.T: *Não.* [...] *A gente está sempre em processos de mudança*.

O sujeito-trans na SD acima diz de "Um corpo não resolvido", mas um corpo, um corpo-chão, sulcado pela língua, pela história e pelo sujeito, corpo onde práticas discursivas se materializam. À vista disso, será que em algum dia, de algum modo, haverá solução para corpo? O sujeito-trans responde: "Não [...] A gente está sempre em processos de mudança"; assim, na movência da língua, o corpo vai se discursivizando, objeto *a* para sempre deslizante e evanescente, marcando uma descontinuidade no corpo. O que também nos chama atenção, nos sentidos produzidos pela SD 25, é que há um desejo de uma serenidade ao passear com seu corpo, reclamando uma segurança para esse corpo que circula pelo/no social, um corpo que se mostra e que é espiado pelo outro/Outro. Com isso, podemos pensar que não há sujeito que não esteja inserido na linguagem, não há sujeito sem discurso; dito de outro modo, que este corpo

não esteja resolvido para um todo sempre não quer dizer que não há uma demanda de reconhecimento deste corpo, um corpo que por vezes, não satisfaz a demanda do Outro, não encontra significantes para se alojar, mesmo que temporariamente. Se o simbólico é o lugar do Outro, determinando um lugar ao sujeito, este funciona como uma estrutura que marca aos modos dos versos da canção que diz que "80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo"[55], ou seja, na SD 25, a posição sujeito-trans revela que, para passear com seu corpo como qualquer outro sujeito, demanda-se segurança e não um corpo passível de receber diversos tipos de violência.

De acordo com Leandro Ferreira (2015) tudo não se diz e todo não se é, onde o corpo também funciona nessa lógica; assim, o enunciado "eu acho que dificilmente um corpo está resolvido para todo sempre" diz de um real do corpo, isto é, a eterna inscrição de que algo sempre falta, algo que não se resolve, não se fecha, buraco que resiste a ser simbolizado. Apesar disso, algo é possível de se simbolizar; como disse Ariano Suassuna, "ao redor do buraco tudo é beira", e será pelas beiradas que algo do real poderá ser (a)bordado, viabilizando que o sujeito e seu corpo resistam a saberes legitimados e façam falar outros sentidos, colocando nesta empreitada o rebento do desejo.

Um corpo atravessado por falhas (Gadet & Pêcheux, 1981/2004), marcado por uma claudicação, uma incompletude, corpo manco que dificilmente estaria resolvido para todo sempre. Se o corpo não está resolvido, ele não deixa de se impor, para todo sempre um real que ressoa um mistério. Um corpo que sofre a irrupção do real que marca o mistério do corpo falante (Lacan, 1972-73/2008), isto é, um corpo que guarda um mistério, não pela palavra muda que se fez corpo, mas pelo corpo que se fez em um dizer, eco no corpo de uma voz inconsciente que teima por um impossível lógico que inscreve uma incompletude, registrando na materialidade do corpo, na pele folha, que recebe a incidência de uma escritura, um dizer particular do falasser. O corpo que "está sempre em processo de mudança", corpo movente, escorregadio, viajante. Assim, fica o convite, laertem-se o corpo.

[55] Música: Ismália. Artista: Emicida, com participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro. (2019).

5. EFEITOS DE CONCLUSÃO (E TAMBÉM DE TRAVESSIA)

"Eu vou ter minha língua de serpente — minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio" (Gloria Anzaldúa, s/d)[56]

"Meu corpo trans existe como realidade material, como trama de desejos e práticas, e sua inexistência existência coloca tudo em xeque: a nação, o júri, o arquivo, o mapa, o documento, a família, a lei, o livro, o centro de internação, a psiquiatria, a fronteira, a ciência, deus. Meu corpo trans existe" (Paul B. Preciado, 2020).[57]

[56] Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004), foi um estudiosa norte-americana da teoria cultural chicana, feminismo e teoria *queer*.
[57] Paul B. Preciado (1970), homem trans, filósofo e pesquisador dos estudos queer, feminismos, transfeminismos, identidade e pornografia.

Se, em nosso arcabouço teórico composto pela psicanálise e pela análise do discurso, lidamos com a incompletude da linguagem, operar um efeito de conclusão não é uma tarefa fácil, pois sempre que tentamos concluir, fechar, completar, nós falhamos. Uma falha constituinte, uma eterna sombra que se projeta diante do clarão da nossa falta. Diante disso, proponho junto com esse efeito-desfecho um efeito-travessia, ao modo de um trajeto pulsional que tem em seu ponto de partida o ponto de chegada.

Isso posto, partimos da nossa questão de pesquisa: quais os efeitos de corpo nas transidentidades? Percorremos um chão que pudesse oferecer uma terra firme, um solo fértil para que, ao plantar sementes de um arcabouço teórico, pudéssemos colher os efeitos do corpo dissidente presente nas subjetividades trans em nosso *corpus* de análise. Para tanto, em nosso primeiro passo, tomamos a psicanálise fundada por Sigmund Freud e edificada por Jacques Lacan, a fim de extrair chaves de leitura do ensino de ambos para traçarmos um percurso na teoria psicanalítica que retome seu caráter subversivo, tendo como signo um corpo pulsional, que não se deixa domesticar por um adestramento normativo.

Assim, a psicanálise nos ofereceu conceitos teóricos para que pudéssemos nos posicionar enquanto pesquisadores, em um lugar ético que só acontece pela presença de um outro. Então, iniciamos com a noção de sujeito, um conceito por si só subversivo, dada a sua condição vazia, intervalar e desejante, conceito caro no ensino lacaniano, pois consiste em sua grande empreitada ao tomar a psicanálise e colocar algo de si na teoria. Nesta toada, também realizamos um gesto de apropriação teórica, dado que, como vimos, não existe neutralidade do sujeito pesquisador ao se debruçar sobre o objeto de pesquisa. Nosso gesto foi de garimpar, nas teorias que enovelam este escrito, posições teóricas que versavam com nossos objetivos de pesquisa, nos quais se situava a proposta de recusar qualquer prática normativa e psicopatologizante das transidentidades. Então, tomar o sujeito do inconsciente em imisção de Outridade nos favoreceu, via lógica moebiana, um sujeito que não é sem o Outro, pondo em queda uma determinada crítica de uma tal sociologização da psicanálise.

Desta forma, o sujeito em imisção de Outridade que diz de uma impossibilidade lógica de definir, delimitar, traçar fronteiras entre o que seria do particular e do coletivo, confere uma escolha política de pensar uma psicanálise que não dá as mãos a correntes segregacionistas e de violências com as dissidências de gênero. É com esse lance inicial que nos deslocamos a pensar as discussões na psicanálise acerca das transidentidades, não nos filiando a uma

descrição etiológica e diagnósticas das experiências transidentitárias, mas sim cuidando de reconhecer uma subjetividade de nossa época, para alcançar, em nosso horizonte, uma escuta que não recaia em um ideal de uma determinada moral civilizada.

Nessa tarefa, não estávamos só. É importante destacar nessas considerações ditas finais que nunca estamos só em uma pesquisa, pois, por mais que ela demande uma escrita por vezes solitária, sempre estamos acompanhados por pesquisadores outros, que vieram antes desta pesquisa e que, por isso, nos oferecem um campo diversificado de estudos para alicerçar nossa entrada como pesquisadores nos solos acadêmicos. Em nosso trajeto nesta discussão entre psicanálise e as transidentidades, topamos com pesquisadores curiosos, desejantes, pulsantes por uma psicanálise inquieta, movente e aberta ao outro. Com eles, conseguimos demonstrar a necessidade de uma retomada a um Freud pulsional e subversivo, a um Lacan curioso e preciso em suas formulações; com eles, conseguimos elaborar uma rota da pulsão ao nó RSI, para que pudéssemos pensar leituras psicanalíticas que não se inclinassem ao "cistema-mundo".

Para isso foi preciso estar com Freud em suas elaborações acerca da sexualidade humana e os modos de subjetivação que desaguassem em uma identidade sexuada, como também tomar a noção de simbólico para Lacan. Com isso, e juntamente com propostas de outros teóricos, estabelecemos que uma clínica aberta a escutar as transidentidades, ou seja, de pessoas que se identificam com uma identidade de gênero oposta ao que lhes foi prescrito ao nascer, deve historicizar o simbólico e tomar o Édipo em sua lógica, jamais em sua literalidade, bem como compreender o real da diferença sexual não como um rochedo de uma diferença binária dos sexos, pautados em um imaginário da anatomia, mas sim compreender que o sexual é a diferença e esse é sua condição real. Assim, finalmente, tomamos as transidentidades como um enodamento entre os registros real, simbólico e imaginário, um nó que efetiva um dizer e que proporciona dizeres inventados mais inteligentemente.

Feito isso, adentramos o corpo na psicanálise, em um curso que vai do sintoma, considerado o embaixador do corpo na psicanálise, ao nó borromeano, enquanto medida topológica para os registros RSI. Partindo do sintoma histérico presente na carne das mulheres internadas em hospitais psiquiátricos, que denunciava que havia algo a dizer, mas que não existiam ouvidos para escutar, o que faz com que Freud funde um saber fruto de uma questão, ou seja, afinal o que se passava com o corpo das histéricas? Fundando o saber psicanalítico. Nesse ínterim, partimos da mesma questão, mas dessa vez com as transidentidades, ou seja, o que o corpo nessas experiências subjetivas nos ensinam? O que nos desloca do sintoma até chegarmos à pulsão, conceito revolucionário de Freud, que diz de um corpo pulsional que sofre os ecos do fato de que existe um dizer, demandando, para além de um objeto nunca fixo, uma

escuta. Assim, pela pulsão freudiana sabemos que não há objeto que faça a pulsão ancorar, demandando sempre uma outra coisa, algo a mais, colocando o corpo (e o sujeito) em uma eterna movência.

Da pulsão, chegamos a um corpo enquanto uma materialidade linguageira, pensada em uma realidade RSI, ou seja, um corpo que se aloja em enodamento em três registros diferentes e equivalentes. Destarte, com o corpo imaginário temos o corpo unidade, o eu corporal, em que o sujeito se aliena para se dizer um, isto é, eu tenho um corpo e o aprecio ou não, no campo simbólico e o estatuto do Outro, lugar dos significantes, temos um corpo de palavras, dos sentidos, das trocas de sentidos, um corpo em que é dado um lugar para que ele posso ocupar e, por fim, um corpo real, substância gozante e pulsional, que está sempre em relação com o objeto perdido, a Coisa freudiana, o que Lacan nomeou objeto pequeno *a*.

Agora, com o intuito de apresentar os pressupostos da teoria discursiva, mais especificamente, a Análise do Discurso, lançamos mão da proposta do francês Michel Pêcheux, que defini seu objeto de investigação, o discurso, como efeito de sentidos entre interlocutores. Aqui, descrevemos os caminhos que Pêcheux percorreu para fundar uma disciplina de interpretação que é forjada em uma tríplice aliança, qual seja: o materialismo histórico, a linguística e a psicanálise. Delimitamos então que a AD não consiste em uma bricolagem de saberes outros, mas que constituiu sua própria teoria que a princípio toma a linguagem em sua opacidade e que o discurso não é um objeto sem exterior, dado que mantém em seu funcionamento uma relação com uma memória discursiva que sustenta toda possibilidade de dizer. Então, pensar sujeito e corpo por esta perspectiva nos favoreceu no ponto em que não podemos separar o Outro do sujeito.

Pelos fios de uma memória discursiva, chegamos a construções de saberes sobre o corpo, encontrando com Foucault o corpo disciplinado, os corpos dóceis, o biopoder que controla e regulamenta dispositivos para os corpos. Com Courtine, encontramos uma historicidade do corpo, como ele emergiu enquanto objeto de interesse das pesquisas e investigações. Com Laqueur, topamos com a invenção do sexo, fenômeno que ocorreu no final do século XVIII, com a ascensão do saber médico-científico, que determinou a lógica binária para o corpo, que antes disso correspondia a um único corpo (isomorfismo) e agora funciona como dois corpos (dimorfismo). Tecemos também o percurso da transexualidade até a noção de transidentidade, dado que o primeiro foi um termo criado no berço médico, enquanto o segundo diz de uma noção cunhada para desvincular as experiências transidentitárias do sexo, do anatômico, do discurso médico e do discurso jurídico.

Para pensar o lugar de onde os sujeito falam, como eles atribuem sentidos para seus corpos e para suas identificações de gênero, pois, tendo em mente que estamos lidando tanto com a psicanálise quanto com a AD, com uma noção de sujeito que não se assenhora, ou seja, que na psicanálise o sujeito é efeito de uma operação significante e na AD o sujeito é efeito de uma interpelação ideológica, não lidamos nesta pequisa de modo algum com pessoas, indivíduos, sujeitos de carne, osso e certidão civil. Visto isso, pensando o sujeito enquanto efeito de operações de linguagem, tivemos que pensar de onde ele fala, onde se inscreve para que seus dizeres ressoassem com sentidos, na medida em que tomamos o sujeito e o corpo enquanto efeitos de uma interpelação ideológica que acaba fornecendo um tecido de evidências subjetivas que determinam, pelos sentidos, o que é um homem, o que é uma mulher, o que é um corpo masculino e um corpo feminino.

Deste modo, discorremos sobre as condições de produção do discurso, onde trabalhamos, condições de produção, isto é, onde os discursos são produzidos, formação social, formações imaginárias e formações discursivas enquanto conceitos mobilizadores para nosso percurso de pesquisa. Com a noção de formação discursiva, que determina o que pode e deve ser dito em determinadas condições dadas, tomamos de empréstimo a noção de "cistema-mundo" para confeccionar a "formação discursiva cistema mundo" (FD-CM), isto é, campo discursivo em que os sujeitos-trans se inscrevem para significar a si mesmos e seus corpos.

Assim, a AD, que possui uma metodologia que lhe é própria, favoreceu nossa escolha por um arquivo heterogêneo que pode funcionar como um observatório de investigação, que, composto por materialidades significantes, permitiu que um trabalho analítico fosse realizado. O *corpus* de análise, composto por recortes discursivos referentes a discursividades sobre o corpo nas transidentidades, foi escolhido em um gesto político em favorecer um discurso do sujeito-trans, mesmo que, como foi possível capturar, o discurso *do* é atravessado pelo discurso *sobre*, lançando luzes ao fato de diversas discursividades como a médico-científica, a mercadológica, a jurídica, participassem do discurso do sujeito-trans.

Nas análises efetuadas nesta pesquisa, pudemos através do nosso material colhido identificar algumas regularidades discursivas que inscrevem sentidos de um corpo errado, faltante, monstruoso, incompleto, movente, desejante e o corpo enquanto uma materialidade fundamental que sustenta os processos de identidade de gênero. Separamos, em um gesto de pesquisa, quatro entradas discursivas, cada uma composta por uma determinada pessoa, transformada, com nossos objetivos de pesquisa e nosso escopo teórico, em sujeito do discurso. Assim sendo, Amara Moira, João W. Ney, Márcia Rocha e Laerte Coutinho, pessoas que se autodeclaram travesti, homem trans, travesti e mulher trans, respectivamente, que ao

discursivizar-se em objetos simbólicos como livros autobiográficos e documentário, foi possível capturar no texto, na materialidade da língua, posições sujeitos no discurso, a fim de traçar uma análise que nos possibilitou responder à nossa questão inicial, ou seja, os efeitos de corpo nas transidentidades.

Logo, deparamos com corpos (e sujeitos) inscritos na FD-CM, pois, por mais que se reconheçam fora de uma matriz cisheterossexual, o sujeito lança mão da FD-CM para falar sobre si e de seus corpos. Diante disso, deparamo-nos com discursos que determinam um lugar em trânsito desses sujeitos, ou seja, esse é o lugar ocupado pelos sujeitos-trans analisados em nosso corpus, de sujeito que não estão exatamente nem de um lado nem do outro, mas estão entre lugares, fundando, por vezes, um lugar subjetivo. Essa posição sujeito-trans em trânsito diz de uma modalidade subjetiva de contraidentificação, isto é, o sujeito não rompe, escapa, descola totalmente da FD-CM que o determina, porém ele não deixa de provocar uma torção nos sentidos sedimentados.

Acentuamos, portanto, que esta pesquisa jamais pretendeu abarcar uma totalidade sobre o corpo, seja nas transidentidades ou demais formas de subjetivar uma identidade de gênero, dado que, por mais que a população LGBTQ+, principalmente o grupo T, sofram diversos modos e práticas de violência em um mundo "*cis*tematicamente" administrado, destacamos que as transidentidades não são um caso especial, que demandam um estudo especial, uma vez que tomá-las assim, é estar a um passo de psicopatologizar essas experiências. Em vista disso, sublinhamos que demais subjetividades e identidades de gênero também têm questões com o corpo, também são efeitos de um enodamento, também carregam no corpo de linguagem uma formação de um sintoma.

O que propusemos nesta pesquisa de mestrado foi que, ao pensar os efeitos de corpo nas transidentidades, desse corpo-efeito, pudéssemos com a psicanálise promover leituras não normativas, excludentes e psicopatologizantes das dissidências de gênero, e com a AD pudéssemos traçar gestos de leituras que não excluíssem a exterioridade do discurso, ou seja, intentamos colocar em cena que o sujeito discursivamente compreendido é afetado por jogos de poderes tramados socialmente que visam manter a qualquer custo determinadas práticas ideológicas de uma determinada formação social.

Deste modo, conforme a teoria pecheutiana, estamos diante de maus sujeitos, que fazem tremer o campo ideológico e discursivo de um "cistema-mundo", pois, com seus corpos desviantes, dissidentes, corpos errados, transtornados e não resolvidos, os sujeitos-trans em seu funcionamento transitante e intervalar colocam um corpo paradoxal, e fazem conviver na mesma materialidade corpórea os dois sexos, homem e mulher, duas identidades de gênero

aceitas e impostas pela ideologia. Neste percurso de pesquisa, se partimos da questão de quais eram os efeitos de corpos nas transidentidades, chegamos também ao seu avesso, isto é, que o corpo é um efeito, mas também é um corpo-efeito, corpo mistério, falante, que aponta sua condição pulsante.

Deste modo, por sua condição pulsional, esse efeito de conclusão também é um efeito de travessia de ir além, de atravessar. Talvez esse seja o saber que as transidentidades nos ensinam: o de traçar travessias com um corpo e no corpo, um corpo não resolvido, mas um corpo para todo sempre...

Que corpo é esse?
Que pulsa, escuta, expulsa, abraça
Comporta, contem
O corpo ocupa, o corpo não é culpa

O corpo, a culpa, o espaço
Que corpo é esse? Que corpo é esse?
Que protege, reage
Que é origem e passagem

Que corpo é esse que já não se aguenta?
Que se esgota e não se resgata
Aqui por enquanto é tudo ainda

(O corpo, a culpa, o espaço – O Teatro Mágico)

REFERÊNCIAS

"Meu corpo trans é uma instituição insurgente sem constituição. Um paradoxo epistemológico e administrativo. Devir sem teologia nem referente, sua existência inexistente é a destituição ao mesmo tempo da diferença sexual e da oposição homossexual-heterossexual. Meu corpo trans volta-se contra a língua daqueles que o nomeiam para negá-lo" (Paul B. Preciado, 2020, p. 255).

"O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer" (Espinosa, 2005, p. 140).

Althusser, L. (1980). *Ideologia e Aparelhos de Estado*. Lisboa: Presença. (Trabalho Original publicado em 1970).

Althusser, L. (1985). *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítico-histórica* (W. J. Evangelista, trad., 2ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.

Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Periódicus, 5* (1), 101.

Ambra, P. E. S. (2017). *Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan* (Tese de Doutorado). Psychology, Université Sorbonne Paris Cité, Paris, França; Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ambra, P. (2018). Gênero e identificação. *Stylus: revista de psicanálise (Sexuação e Identidades)*, (35), 43-50.

Ambra, P. (2019). Por uma outra sexuação: coletividade, júbilo e autorização. In R. K. Cossi (Org.), *Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente*. São Paulo, SP: Aller.

Amorim, A. O. et. al. (2020). O mais profundo é a pele: o sujeito-mulher in(e)scrito no corpo masculino. In E. Daróz, K. Poltronieri, M. Lozano, & L. M. A. Sousa (Orgs.), *Tramas, linhas e bordados: o feminino em discurso – Volume 2*, (pp. 33 – 52). Campinas, SP: Pontes Editores.

Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, *9*(1), 49 – 63.

Arán, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Estudos feministas*, *17*(3), 312.

Assis, M. (2009). *Dom Casmurro.* Barueri, SP: Nobel. (Trabalho Original Publicado em 1899).

Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA). (2019). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019.* G. B. Benevides & S. N. B. Nogueira (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA. Recuperado de https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf. Acesso em: 12/04/2020.

Ayouch, T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, 23-32.

Azevedo, A. F. (2013). *Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270661/1/Azevedo_AlineFernandes de_D.pdf

Bagagli, B. P. (2014). Foraclusão do nome cisgênero e a política do significante. Recuperado de https://transfeminismo.com/foraclusao-do-nome-cisgenero-e-a-politica-do-significante/. Acesso em: 12/08/2020.

Bagagli, B. P. (2017). Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. *Letras Escreve*, *7*, (1), 137 – 64. https://doi.org/10.18468/letras.2017v7n1.p137-164

Baldini, L. J. S. (2010). “Um pouco de possível senão eu sufoco...”. In L. M. S. Romão, & S. M. R. Pacífico, (Orgs.), *Efeitos de leitura, sujeito e sentidos em movimento.* São Paulo, SP: Alphabeto Editora.

Baldini, L. J. S. (2017). Como desconstruir o que não se constrói? Quando o gênero faz questão. In A. S. F. Soares & D. A. Garcia (Orgs.), *Inquietações de gênero e sexualidade: leituras na contemporaneidade*. Porto Alegre, RS: Evangraf.

Baldini, L. J. S., & Chaves, T. V. (2018). Do visível ao nomeado: enquadramentos do humano. *Trab. Ling. Aplic.*, (57.2), 799-820.

Bastos, G. G. (2018). *Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento* (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia, Ribeirão Preto. Recuperado de https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-25082018-224849/pt-br.php

Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (3ª ed.). Salvador, BA: Devires. (Trabalho Original publicado em 2006).

Benveniste, É. (2005). *Problemas de linguística geral I* (5ª ed.). São Paulo, SP: Pontes.

Blastingnews. (2019). O primeiro homem 'grávido' do mundo teve 3 filhos; veja o que aconteceu depois. Recuperado de https://br.blastingnews.com/curiosidades/2017/08/o-primeiro-homem-gravido-do-mundo-teve-3-filhos-veja-o-que-aconteceu-depois-001938501.html. Acesso em 02/08/2020.

Bocchi, A. F A., Herculino, B. M., & Lozano, M. F. (2018). O corpo inscrito pela arte urbana: militância e autoria entre o público e o privado. In T. M. Campos & L. M. A. Sousa (Orgs.), *Mídias e movimentos sociais.* São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Bocchi, A. F. A. (2017). Corpos contraditores e o inapreensível do sexo, do gênero e da sexualidade. In D. A. Garcia et al. (Orgs.), *Do cárcere à invenção: gênero sexuais na contemporaneidade.* São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Brasil, M. C. M. (2018). Por que a ética da psicanálise? In Sousa et al. (Orgs.), *Resistirmos, a que será que se destina?* (pp. 695-713). São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Butler, J. (2009). *Quadros de guerra.* Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Butler, J. (2016). Corpos que ainda importam. In L. Colling (Org.), *Dissidências sexuais e de gênero* (pp. 19 – 42). Salvador: EDUFBA, p. 19-42.

Butler, J. (2020). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, trad., 19ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. (Trabalho Original Publicado em 1990).

Cabas, A. G. (2010). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Canguilhem, G. (1982). *O normal e o patológico* (6a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho Original Publicado em 1943).

Carnevale, A. M. (2012). *Queridos... Espero que esta vos encontre todos bem de saúde: o silêncio e o real na constituição do sujeito* (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduação em Letras - Estudos de Linguagem, Niterói, Rio de Janeiro.

Carvalho, F. Z. F. (2008). *O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte. Recuperado de https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ARCO-7F2RJQ?locale=en

Cassana, M. F. (2016). *Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre.

Cassana, M. F. (2018). *Corpo (e)m discurso: ressignificando a transexualidade* (1ª ed.). Curitiba, PR: Appris..

Castanet, D. (2010). Os corpos contemporâneos. *Revista Stylus*, (20), 53 – 77.

Cavalcante, A. *O corpo que habito: resistências e produção de sentidos dos/sobre os corpos trans* (Tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem.

Chauí, M. (2002). *Convite à Filosofia* (12ª ed.). São Paulo, SP: Editora Ática.

Chumbo Grosso. (2020). Evan foi o primeiro homem trans grávido e disse que "Não afetou sua masculinidade". Recuperado de https://chumbogrossomanaus.com.br/noticias/evan-foi-o-primeiro-homem-trans-gravido-e-disse-que-nao-afetou-sua-masculinidade/. Acesso em: 02/08/2020.

Coelho, E. P. (Org.). (1968). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Cossi, R. K. (2010). *Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16072010-110202/publico/cossi_me.pdf

Cossi, R. K. (2016). *A diferença dos sexos: Lacan e o Feminismo* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-25072017-090645/pt-br.php

Courtine, J-J. (2013). *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (F. Morás, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Courtine, J-J., & Maradin, J-M. (2016). Que objeto para a análise do discurso? In B. Conein et al. (Orgs.), *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1982).

Cunha, E. L. (2016). A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?). *Periódicus*, 1(5).

Cunha, E. L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Porto Alegre, RS: Criação Humana.

Delas. (2019). Homem trans dá à luz e realiza sonho da família de ter filhos. Recuperado de https://delas.ig.com.br/filhos/2019-09-12/homem-trans-da-a-luz-e-realiza-sonho-da-familia-de-ter-filhos.html. Acesso em 02/08/2020.

Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em psicanálise* (1. ed.). São Paulo, SP: Toro Editora.

Eidelsztein, A. (2017). *O grafo do desejo*. São Paulo, SP: Toro Editora.

El-Jaick, A. P. (2016). Saussure: um [ ] estruturalista. In L. M. A. Sousa, G. Nagem & L. Baldini (Orgs.), *A palavra de Saussure*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores.

Faria, D. O. (2016). *Filtros na rede: das relações entre discurso e tecnologia* (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paul, Departamento de Psicologia, Ribeirão Preto. Recuperado de https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-11052016-105621/pt-br.php

Faria, M. R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. São Paulo, SP: Toro Editora.

Ferreira, M. C. L. (Org.). (2001). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre, RS: UFRGS, Instituto de Letras.

Fiorin, J. L., Flores, V. N., & Barbisan, L. B. (2013). Por que ainda ler Saussure? In _____. (Orgs.), *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo, SP: Contexto.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (L. M. P. Vassalo, trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho Original Publicado em 1975).

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal. (Trabalho Original Publicado em 1976).

Foucault, M. (2010). Crise da medicina ou crise da antimedicina. *Revista Verve*, 18-20102. (Trabalho Original Publicado em 1974),

Foucault. M. (2017). *Microfísica do poder*. (R. Machado, org. e trad., 5ª Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho Original publicado em 1979).

Freud, S. (1996). A psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (1901)* (vol. VI). Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora. (Trabalho Original publicado em 1901).

Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. I, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho Original publicado em 1895 [1950]).

Freud, S. (2010). O inconsciente. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Obras completas, vol.12, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1915).

Freud, S. (2011). A dissolução do Complexo de Édipo. In Freud, S., *O eu e o id, « autobiografia » e outros textos (1923-1925*) (Obras Completas, vol. 16). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1924).

Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (Obras completas, vol. 16, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1923).

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (Obras completas, vol. 16, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1921).

Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (Obras

completas, vol. 11, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1914).

Freud, S. (2015). As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In S. Freud, *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* (Obras completas, vol. 8, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1908).

Freud, S. (2016). *Estudos sobre a histeria* (Obras completas, vol. 2: estudos sobre a histeria, J. Breuer, coaut., 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1895).

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (Obras completas, vol. 6, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1905).

Freud, S. (2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. In S. Freud, *O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)* (Obras completas, vol. 7, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1905).

Freud, S. (2019). A feminilidade. In S. Freud, *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes, trad., Coleção: Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho Original publicado em 1932).

Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos* (Obras completas, vol. 4: a interpretação dos sonhos, 1ª ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho Original publicado em 1900).

Freud, S. (2019). As pulsões e seus destinos. In S. Freud, *Coleção: Obras Incompletas de Sigmund Freud* **(**P. H. Tavares, trad., 1ª ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho Original publicado em 1915).

Freud, S. (2020). O infamiliar e outros escritos. In S. Freud, *Coleção: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., 2ª reimp.). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho Original publicado em 1919).

Gadet, F. (1997). Prefácio. In F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp.

Gadet, F., & Pêcheux, M. (2004). *A língua inatingível.* Campinas, SP: Pontes. (Trabalho Original publicado em 1981).

Gadet, F., Leon, J., Maldidier, D., & Plon, M. (2014). Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (5ª Ed.). Campinas, SP: Editora Unicamp.

Galeano, E. (1994). *As Palavras Andantes* (E. Nepomucemo, trad.). São Paulo, SP: L&PM.

Garcia, D. A. (2017). Uma inscrição no banheiro, um corpo que significa: efeitos de/sobre mulher. In L. M. Abrahão e Souza et al. (Orgs.), *Travessias em Discurso: a língua na história.* São Carlos, SP: Pedro e João Editores.

Garcia, D. A., & Souza, L. M. A. (2014). Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão Letras, 9*(11).

Garcia-Roza, L. A. (1985). *Freud e o inconsciente* (2a.ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Gerbase, J. (2008). *Os paradigmas da psicanálise.* Salvador, BA: Associação Científica Campo Psicanalítico.

Giorgenon, D. (2016). *O corpo (inter)face: sentidos sobre a relação sujeito, corpo e objetos tecnológicos de conexão à rede eletrônica* (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.

Guilhaumou, J., & Maldidier, D. (2010). Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In E. P. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1984).

Guimarães, F. S. (2018). Entre resistências e a submissão à norma: o discurso de e sobre o gênero trans. *Travessias:* 12(3), 129-147.

Harari, R. (2001). *O que acontece no ato analítico? A experiência da psicanálise.* Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.

Haroche, C. (1992). *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo, SP: Editora Haucitec.

Hashiguti, S. T. (2008). *Corpo de memória* (Tese de doutorado). Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269297/1/Hashiguti_SimoneTiemi_D.pdf

Henge, G. S., & Behenck, R. L. (2008). O discurso da Análise do Discurso: quando língua e história se encontram. In *Anais do CELSUL*. Recuperado de http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/lingua_e_historia.pdf. Acesso em 16 de agosto de 2021.

Henry, P. (2013). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso.* Campinas, SP: Editora Unicamp.

Hilton, E. (2021). É gravíssimo, diz Erika Hilton sobre ataques contra parlamentares do PSOL. Recuperado de https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/02/01/e-gravissimo-diz-erika-hilton-sobre-ataques-contra-parlamentares-do-psol.html. Acesso em 13 de agosto de 2021.

Jakobson, R. (1969). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In R. Jakobson, *Lingüística e comunicação* (pp. 34 – 62). São Paulo, SP: Cultrix.

Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* (2ª ed.). Brasília, DF. Disponível em: < http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOSE-TERMOS.pdf>. Acesso em: 02 de out. de 2018.

Jorge, M. A. C. (2005). *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência* (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editor.

Jup do Bairro. (11 de junho de 2020). Corpo sem juízo. In *Corpo sem Juízo.* São Paulo: Gravadora Tratore. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6il3RlZSlgM

Kaas, H. (2015). O Que É Transfeminismo? Uma Breve Introdução. Rcuperado de https://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breve-introducao/ Acesso em: 22 de agosto de 2020.

Knudsen, P. P. P. S. (2007). *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I. Inédito*.

Lacan, J. (1976). Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer. In R. Macksey, & E. Donato (Orgs.), *A controvérsia estruturalista* (pp. 198-229). São Paulo, SP: Cultrix.

Lacan, J. (1985). *Seminário, livro 3: as psicoses* (A. Menezes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1955-56).

Lacan, J. (1987). Conferências caraquenhas. In J-A, *Percurso de Lacan*. Rio: Zahar, (Trabalho Original Publicado em 1980).

Lacan, J. (1992). *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1969-70).

Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original publicado de 1956-57).

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In Lacan, J., *Escritos.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998 (Trabalho Original de 1957).

Lacan, J. (1998). A Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In Lacan, J., *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1960).

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J., *Escritos*, (pp. 238 – 364)**.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Trabalho Original de 1953).

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica". In Lacan, J., *Escritos,* (pp. 96 – 103). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho Original de 1949).

Lacan, J. (1998a). A ciência e a verdade. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho Original de 1966).

Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Lacan, J., *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1958).

Lacan, J. (1998b). A ciência e a verdade. In Lacan, J., *Escritos*, (pp. 869 – 892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 869-892. 1998. (Trabalho Original de 1966).

Lacan, J. (1998c). *Escritos* (V. Ribeiro, trad., 1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original Publicado em 1966).

Lacan, J. (1998b). A significação do falo. In: Lacan, J., *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho Original de 1958).

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original Publicado em 1957-58).

Lacan, J. (2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In Lacan, J., *Outros escritos* (pp. 29 – 90). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1938).

Lacan, J. (2003). Radiofonia. In Lacan, J., *Outros escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1970).

Lacan, J. (2005). *O seminário. Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1962-63).

Lacan, J. (2006). Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: Lacan, J., *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1967).

Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. (Trabalho Original de 1975-76).

Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. (Trabalho Original de 1959-60).

Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1964).

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Recife, PE: Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho Original de 1966-67).

Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 20: mais, ainda* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1972-73).

Lacan, J. (2009). *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan, trad., 2ª Ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1953-54).

Lacan, J. (2009). *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1971).

Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1954-55).

Lacan, J. (2011). *O seminário. Livro 9: A identificação* (I. Corrêa & M. Bagno, trads.). Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos de Recife. (Trabalho Original de 1961-62).

Lacan, J. (2012). *Seminário, livro 19: ... ou pior* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho Original de 1971-72).

Lacan, J. (2018). *O Seminário, livro 21: Os não-tolos erram. Os nomes do pai.* Porto Alegre, RS: Editora Fi. (Trabalho Original de 1973-74).

Lacan, J. (inédito). "*L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*". Seminário inédito. (Trabalho Original de 1976-1977).

Lagazzi, S. (1998). *O desafio de dizer não.* Campinas, SP: Pontes.

Lanz, L. (2014). *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero* (Dissertação de Sociologia). Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

Laufer, L. (2010). La fabrique du corps sexué. *Recherches en psychanalyse*, 10, 231-241.

Laufer, L. (2014). La psychanalyse est-elle un féminisme manqué. *Nouvelle revue de psychosociologie*, 17, 17-29.

Leandro Ferreira, M. C. (2003). O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UFSM,* (27), 39 – 46. https://doi.org/10.5902/2176148511896

Leandro Ferreira, M. C. (2005a). A trama enfática do sujeito. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/MariaCristinaLeandroFerreira.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

Leandro Ferreira, M. C. (2005b). O quadro atual da análise de discurso no Brasil. In F. Indursky, M. C. L. Ferreira, *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 13 – 22). São Carlos, SP: Claraluz.

Leandro Ferreira, M. C. (2013). O corpo como materialidade discursiva. *Redisco*, 2(1), 77-82.

Leandro Ferreira, M. C. (2015). Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo. In A. S. F. Soares et al. (Orgs.), *Discurso, resistência e***...** (pp. 159 – 167). Cascavel, PR: Edunioeste.

Lebrun, J-P. (2008). *A perversão comum: viver juntos sem o outro.* Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.

Leite Jr., J. (2008). *"Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Recuperado de https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3992

Leite, N. V. A. (2017). Padecer do significante: a questão do sujeito. In C. G. Burgarelli (Org.), *Padecer do significante: a questão do sujeito.* Campinas, SP: Mercado de Letras.

Lima, V. M. (2021). A subversão pelos dejetos. *Revista Cult* (Dossiê: Encontros à beira do abismo – psicanálise, gênero e estudos queer), 19-23.

Lima, V. M., & Vorcaro, A. (2019). A solução de Daniela Andrade: a identidade de gênero como assunção de um significante. In M. Lasch & N. V. A. Leite, *Anatomia. Destino. Liberdade.* Campinas, SP: Mercado de Letras.

Machado, B. F. V. (2011). Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. *Alfa*, *55*(1), 271-286.

Machado, R. D. S. (2000). O funcionamento discursivo de charges políticas (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Pelotas, Escola de Educação, Mestrado em Letras, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Machado, Z. (2010). O inconsciente e o corpo. *Revista Stylus*, (20), 107-115.

Maldidier, D. (1993). A inquietude do discurso. Um trajeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. Recuperado de https://www.passeidireto.com/arquivo/4568978/maldidier-denise-a-inquietude-do-discurso-um-trajeto-na-historia-da-analise-do-d. Acesso em 01/05/2019.

Maldidier, D. (2003). *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas, SP: Pontes.

Mariani, B. (2007). Silêncio e metáfora, algo para se pensar. *Revista Trama, 3*(5).

Mariani, B. (2012). Análise do discurso e psicanálise. In B. Mariani & V. Medeiros (Orgs.), *Discurso e... ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, homo(sexualidade)* (pp. 50 – 58). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, FAPERJ.

Mariani, B. (2016). Remendos, derivas ou falhas. Da língua e de lalíngua. *Línguas e Instrumentos Linguítiscos*, (38), 227 – 41. Recuperado de: <http://www.revistalinguas.com/edicao38/cronica1.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

Marinho, M. (2019). (Des)conhecer. In N. Milanez et. al. (Org.), *Transexualidades: o que pode o corpo?* (pp. 9 – 13). João Pessoa, PB: Marca de Fantasia.

Mazière, F. (2007). *A Análise do Discurso: história e práticas* (M. Marciolino, trad.). São Paulo, SP: Parábola Editorial.

Melo, R. B. (2018). O real infantil e a atualidade dos *Três Ensaios*. *Stylus: revista de psicanálise (Sexuação e Identidades)*, (35), 23-31.

Mittmann, S. (2007). Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In M. C. Leandro-Ferreira & F. Indursky (Org.), *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.* São Carlos, SP: Claraluz.

Mittman, S. (2020). Discurso e texto: na pista de uma metodologia em análise. Recuperado de http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf Acesso em: 14 de agosto de 2020.

Moira, A., Rocha, M., Brant, T., & Nery, J. W. (2017). *Vidas trans, a coragem de existir: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social.* Bauru, SP: Astral Cultural.

Monte-Serrat, D. M., & Chiaretti, P. (2011). Uma análise discursiva do diagnóstico em saúde mental. In L. V. Tfouni et al. (Orgs.)., *A Análise do Discurso e suas interfaces*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Munin, P. M. (2018). *Processo transexualizador: discurso, luta e memórias – Hospital das Clínicas de São Paulo (1997-2013)* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, São Paulo. Recuperado de https://leto.pucsp.br/handle/handle/21389

Neto, F. K. Psicanálise e corpo na contemporaneidade. Recuperado de http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii_congresso/temas_livres /psicanalise_e_corpo_na_contemporaneidade.pdf . Acesso em: 02/10/2019.

Nery, J. W. (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo, SP: Leya.

Nominé, B. (2018). *Sobre identidades e identificações: conferências (2014-2015).* São Paulo, SP: Blucher.

Nunes, J. H. (2005). Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In *Anais do SEAD: Seminário de Estudos em Análise de Discurso* (pp. 1 – 7)**.** Porto Alegre: UFRGS. Recuperado de http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/JoseHortaNunes.pdf>. Acesso em: 02/08/2018.

Ons, S. (2018). *Tudo o que você precisa saber sobre Psicanálise*. São Paulo, SP: Planeta Brasil.

Orlandi, E. P. (1984). Segmentar ou recortar. *Estudos*, 10, 9-26.

Orlandi, E. P. (2005). *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.* Campinas, SP: Pontes.

Orlandi, E. P. (2007a). *Análise de Discurso. Princípios e procedimentos.* Campinas, SP: Pontes.

Orlandi, E. P. (2007b). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.* Campinas, SP: Pontes Editores.

Orlandi, E. P. (2007c). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (6a. ed.) Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Orlandi, E. P. (2012). *Discurso e texto. Formulação e circulação de sentidos.* Campinas, SP: Pontes.

Orlandi, E. P. (2015a). Análise de discurso. In E. P. Orlandi & S. Lagazzi-Rodrigues (Orgs.), *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade (3ª ed*.). Campinas, SP: Pontes Editores.

Orlandi, E. P. (2015b). Nota ao leitor. In M. Pêcheux, *O discurso: estrutura ou acontecimento* (E. P. Orlandi, trad., 7ª ed.). Campinas, SP: Pontes Editores.

Patti, A. R. (2014). *O morto feito (de) vivo: silenciamento (d)e-feito maternidade*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia, Ribeirão Preto. Recuperado de https://repositorio.usp.br/item/002658189

Patti, A. R., & Patti, E. A. M. R. (2016). Sexualidade e linguagem: quando (e onde) a palavra encontra o corpo e suas implicações na estruturação psíquica. In M. R. Momesso (Org.), *Sexualidade, psicanálise e discurso na literatura.* Porto Alegre, RS: Cirkula Editora.

Patti, A. R., Garcia, D. A., & Sousa, L. M. A. (2017). Pelos entremeios da Análise do Discurso - nos fios de Michel Pêcheux. *Psicologia Política*, *17*(39), 220-231.

Pêcheux, M. & Fuchs, C. (2014). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (5ª ed.). Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1975).

Pêcheux, M. (1990). Delimitações, inversões, deslocamentos (J. H. Nunes, trad.). *Cadernos de estudos linguísticos,* (19), 7-24. (Trabalho Original Publicado em 1982).

Pêcheux, M. (2009). O estranho espelho da Análise do Discurso (Prefácio). In J-J. Courtine, *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EDUFSCAR. (Trabalho Original Publicado em 1981).

Pêcheux, M. (2010). Ler o arquivo hoje. In E. P. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (3ª ed., pp. 49-60). Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1982).

Pêcheux, M. (2011). Ideologia. Aprisionamento ou campo paradoxal. In E. P. Orlandi (Org.), *Análise de Discurso. Michel Pêcheux.* Campinas, SP: Pontes. (Trabalho Original Publicado em 1982).

Pêcheux, M. (2014). Análise Automática do Discurso. In F. Gadet & T. Hak (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1969).

Pêcheux, M. (2014). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (E. P. Orlandi et al., trads., 5ª ed.). Campinas, SP: Editora Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1975).

Pêcheux, M. (2014). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In M. Pêcheux, *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (5ª ed., pp. 269-281). Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho Original Publicado em 1983).

Pêcheux, M. (2015). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (7ª ed.). Campinas, SP: Pontes Editores. (Trabalho Original Publicado em 1990).

Pêcheux, M. (2020). Papel da Memória. In P. Achard, P et al. (Orgs.), *Papel da memoria* (5ª ed.). Campinas, SP: Pontes Editores. (Trabalho Original Publicado em 1983).

Petri, V. (2013). O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "dispositivo experimental" da Análise de Discurso. In P. Petri & C. Dias (Orgs.), *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise.* Santa Maria: Ed. da UFSM.

Petri, V., & Cervo, L. M. A. (2016). A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua. In L. M. A. Sousa, G. Nagem & L. Baldini, *A palavra de Saussure*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores.

Plon, M. (2012). Lacan-Pêcheux, de um discurso outro, o impossível encontro. In B. Mariani, L. M. S. Romão & V. Medeiros, *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.

Porchat, P. (2013). Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista Faac, 2*(2), 195-202.

Porchat, P. (2014). *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler.* Curitiba, PR: Juruá.

Porchat, P., & Ofsiany, M. C. (2020). Quem habita o corpo trans? *Revista Estudos Feministas, 28*(1), 1 – 12. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n157698

Porge, E. (2017). Um sujeito sem subjetividade. In C. G. Burgarelli (Org.), *Padecer do significante: a questão do sujeito.* Campinas, SP: Mercado de Letras.

Preciado, P. B. (2020). *Um apartamento em Urano* (E. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed..

Projeto de Lei 2731/2015. Altera a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que estabelece o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Câmara dos deputados. Recuperado de

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1672692 . Acesso em: 10/08/2020.

Projeto de Lei 3236/2015. Acrescenta parágrafo único ao artigo 2º da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que "Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências". Câmara dos deputados. Recuperado de https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2016876 Acesso em: 10/08/2020.

Projeto de Lei 620/2015. Câmara dos deputados. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para vedar a adoção conjunta por casal homoafetivo. Recuperado de https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=969166. Acesso em: 10/08/2020.

Projeto de Lei 6583/2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Câmara dos deputados. Recuperado de https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005. Acesso em: 10/08/2020.

Projeto de Lei 7382/2010. Penaliza a discriminação contra heterossexuais e determina que as medidas e políticas públicas antidiscriminatórias atentem para essa possibilidade. Câmara dos deputados. Recuperado de https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=478462. Acesso em: 10/08/2020.

Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Quinet, A. (2006). *Teoria e clínica da psicose* (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

Quinet, A. (2009). Com lalíngua no corpo. *Stylus, revista de psicanálise*, (19), 71-79.

Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Rivera, T. (2020). *Psicanálise antropofágica (identidade, gênero e arte).* Porto Alegre, RS: Artes & Ecos.

Robin, R. (2016). *A memória saturada* (C. Dias & G. Costa, trad.). Campinas, SP: Editora Unicamp.

Romão, L. M. S. (2011). Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In A. Zandwais, A & L. M. S. Romão (Orgs.), *Leituras do político* (pp. 155 – 172). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

Romão, L., Ferreira, M. C. F., & Dela-Silva, S. (2011). “Arquivo”. In B. Mariani, V. G. Medeiros & S. Dela-Silva (Orgs.), *Discurso, arquivo e...* .Rio de Janeiro, RJ: Ed. 7 letras.

Roudinesco, E. (2008). *A Parte Obscura de Nós Mesmos: uma história dos perversos.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Rubin, G. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo.* Recife, PE: S.O.S. Corpo. (Trabalho Original Publicado em 1975).

Ruiz, M. A. A. et al. (2021). No balançar das águas e devaneios da história: (des)encontros entre o discurso e o poético. In L. M. A. Souza, & J. F. A. Almeida, *A*

errância do instante: fotografias de Araquém Alcântara em discurso (1ª Ed.). Campinas, SP: Pontes Editores.

Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação* (1a. ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Santos, R. L. M. (2018). *"Você matou meu filho" e outros gritos: um estudo das formas de denúncia.* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330864

Santos, B. (2019). Sexualidade se traduz? Um diálogo entre a psicanálise e os estudos de gênero. In R. K. Cossi, (Org.), *Faces do Sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente*. São Paulo, SP: Aller.

Santos, B., & Polverel, E. (2016). Procura-se psicanalista segurx. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica. Recuperado de https://revistalacuna.com/2016/05/22/normatividade-e-escuta-analitica/. Acesso em: 20 de julho de 2021.

Santos, T. C., & Mattos, G. (2020). As representações midiáticas da transexualidade na telenovela A força do querer. *Intexto*, (49), 214-232.

Saussure, F. (2002). *Escritos de linguística geral*. São Paulo, SP: Cultrix.

Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral***.** São Paulo: Cultrix. (Trabalho Original Publicado em 1916).

Scott, J. W. (1986). Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*. *91*(5), 1053-1075.

Soares, A. S. F., & Zanella, A. S. (2020). "De manhã sou pedreiro, à noite *drag queen*": sobre a memória que insiste em constituir os sujeitos homossexuais e sobre a ruptura que possibilita novos sentidos. In E. Daróz, K. Poltronieri, M. F. Lozano & L. M. A. Sousa (Orgs.), *Tramas, linhas e bordados: o feminino em discurso – Volume 2* (pp. 17 – 31). Campinas, SP: Pontes Editores.

Soares, R. Porque os pais devem dizer NÃO à ideologia de gênero**.** Recuperado em: http://escolasempartido.org/artigos-top/558-porque-os-pais-devem-dizer-nao-a-ideologia-de-genero. Acesso em: 21/09/2020.

Soler, C. (2010). O "corpo falante". *Caderno de Stylus*, (1).

Soler, C. (2018). *Lacan, leitor de Joyce* (C. Oliveira, trad.). São Paulo: Aller Editora.

Soler, C. (2019). *O Em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002* (G. Pamplona et. al, trad.) Salvador, BA: Ágalma.

Soler, C. (2020). *Homens, Mulheres: seminário 2014-2015* (J. Gerbase, trad.). São Paulo, SP: Aller,

Sousa, L. M. A. (2016). O dizer da gente, vazio, vazios. In L. M. A. Sousa, G. Nagem, & L. A. Baldini, *A palavra de Saussure*. São Carlos, SP: Pedro & João Editore.

Sousa, L. M. A. (2020). Formação discursiva e movimentos do sujeito: de como o cortador de cana é falado na mídia. In Baronas, R. L. (Org.), *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.* Araraquara, SP: Letraria.

Sousa, L. M. A., & Herculino, B. M. (2020). Sujeito e linguagem: um percurso entremeado pelo “idioleto manoelês archaico”. *Analytica: revista de psicanálise*, *9*(16),

Sousa, L. M. A., Garcia, D. A., & Faria, D. O. (2014). Paradigma indiciário, língua-concha, recorte e funcionamento: a metodologia em AD. *Línguas e instrumentos linguísticos*, (33), 93 – 108.

Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (1. Ed.; S. R. G. Almeida, M. P. Feitosa, A. Pereira, trads.). Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG.

Sternick, M. V. C. (2010). A imagem do corpo em Lacan. *Reverso*, (59), 31-38.

Stona, J. (2018). A questão subjetiva na lógica da despatologização das transidentidades: uma perspectiva psicanalítica em diálogo interdisciplinar com perspectivas críticas. *Clínica & Cultura*, *7*(1), 38-51.

Super Interessante. (2018). Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas. Recuperado de https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/.Acesso em 02/04/2020.

Todorov, T. (1995). *Em face do extremo.* Campinas, SP: Papirus.

Turra, B. M. (2018). *Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo.

Transfeminismo. (2015). O que é transfeminismo? Uma breve introdução. Recuperado de https://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breve-introducao/#_ftn6. Acesso em 23/09/2020.

Vergueiro, V. (2015). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador. Recuperado de https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685

Vinhas, L. L. (2001). O sujeito, ainda: o ser falante e a Análise de Discurso. In *V Seminário de Estudos em Análise de Discurso - O acontecimento do discurso: filiações e rupturas*. Recuperado de http://anaisdosead.com.br/5SEAD/SIMPOSIOS/LucianaIostVinhas.pdf. Acesso em 15 de out. de 2018.

Zandwais, A. (2009). *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso.* Santa Maria, RS: UFSM/PPGL

Zizek, S. (2010). *Como ler Lacan.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Zoppi-Fontana, M. (2013). Análises del Discurso em Brasil: Teoría y Práctica. *Signo y Seña*, (24), 3-9.

Zoppi-Fontana, M. (2017). “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. *Conexão Letras*, 12.